

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

Elias C3sta de Oliveira

“PASOS AL COSTADO”: UMA HIST3RIA DO PROCESSO DE
CONSTITUIÇÃO DAS BARRAS E A PLATINIZAÇÃO DO TORCER NO
RIO GRANDE DO SUL (2001-2011)

Santa Maria, RS
2023

Elias C3sta de Oliveira

“PASOS AL COSTADO”: UMA HIST3RIA DO PROCESSO DE CONSTITUI33O DAS
BARRAS E A PLATINIZA33O DO TORCER NO RIO GRANDE DO SUL (2001-2011)

Disserta33o apresentada ao Curso de Mestrado em
Hist3ria do Programa de P3s Gradua33o em Hist3ria
da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS),
como requisito parcial para a obten33o do t3tulo de
Mestre em Hist3ria.

Orientador: Prof. Dr. Jo3o Manuel Casquinha Malaia Santos

Santa Maria, RS
2023

This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Finance Code 001

de Oliveira, Elias C6sta
"PASOS AL COSTADO": UMA HIST6RIA DO PROCESSO DE
CONSTITUIÇÃO DAS BARRAS E A PLATINIZAÇÃO DO TORCER NO
RIO GRANDE DO SUL (2001-2011) / Elias C6sta de Oliveira.-
2023.

158 p.; 30 cm

Orientador: Jo6o Manuel Casquinha Malaia Santos
Dissertaç6o (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Maria, Centro de Ci6ncias Sociais e Humanas, Programa de
P6s-Graduaç6o em Hist6ria, RS, 2023

1. Torcida organizada 2. Barra Brava 3. Formas de
torcer 4. Regi6o Platina I. Santos, Jo6o Manuel
Casquinha Malaia II. T6tulo.

sistema de geraç6o autom6tica de ficha catalogr6fica da usm. dados fornecidos pelo
autor(a). sob supervis6o da direç6o da divis6o de processos t6cnicos da biblioteca
central. bibliotec6ria respons6vel saula schoenfeldt patta cms 10/1726.

Declaro, ELIAS C6STA DE OLIVEIRA, para os devidos fins e sob as penas da lei, que a pesquisa constante neste trabalho de conclus6o de curso (Dissertaç6o) foi por mim elaborada e que as informaç6es necess6rias objeto de consulta em literatura e outras fontes est6o devidamente referenciadas. Declaro, ainda, que este trabalho ou parte dele n6o foi apresentado anteriormente para obtenç6o de qualquer outro grau acad6mico, estando ciente de que a inveracidade da presente declaraç6o poder6 resultar na anulaç6o da titulaç6o pela Universidade, entre outras consequ6ncias legais.

ELIAS CÓSTA DE OLIVEIRA

“PASOS AL COSTADO”: UMA HISTÓRIA DO PROCESSO DE CONSTITUIÇÃO DAS BARRAS E A PLATINIZAÇÃO DO TORCER NO RIO GRANDE DO SUL (2001-2011)

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em História, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para a obtenção do título de **Mestre em História**.

Aprovado em 28 de março de 2023:

João Manuel Casquinha Malaia Santos, Dr. (UFSM)
(Presidente/Orientador)

Gerson Wasen Fraga, Dr. (UFFS)

José Martinho Rodrigues Remedi, Dr. (UFSM)

Luís Augusto Ebling Farinatti, Dr. (UFSM)
(suplente)

Santa Maria, RS
2023

A todos os torcedores organizados que foram ou estão privados de sua liberdade por conta da sociabilidade torcedora;

A todos os torcedores organizados que perderam – ou perderão – bons empregos para viajar pelos seus times;

A todos que perderam a vida “nas pistas”, ocasionadas nas “judarias”;

A todos que priorizam o torcer como prática inquieta de vivência;

A todos que utilizam o torcer como prática epistemológica de combate às trevas do imaginário comum em relação às torcidas organizadas.

AGRADECIMENTOS

Enfim, chegamos neste momento. Iniciei o Mestrado duas semanas antes do isolamento social, decorrente da pandemia da COVID-19. Foi um período marcado por angústias, incertezas e medos, mas também de acolhimento, conversas e companheirismo. Tive a certeza de que não estava sozinho. Dessa forma, dedico este espaço para aqueles e aquelas que estiveram presentes nessa trajetória. Ao longo da dissertação, fiz questão de escrever na primeira pessoa do plural, uma vez que este trabalho perpassou várias ideias e conversas realizadas com sujeitos diferentes, que contribuíram com o produto final. Uma Dissertação não se faz sozinha, mas em conjunto. Igual à vida.

De maneira especial, agradeço:

À Universidade Federal de Santa Maria pelo ensino de qualidade e gratuito. Essa instituição passou por cortes de verbas e tentativas de sucateamento, mas ainda assim se manteve firme, lutando contra as adversidades de um governo genocida.

Ao Programa de Pós Graduação em História (PPGH) da Universidade Federal de Santa Maria, seus professores e funcionários, pela compreensão e a oportunidade de crescimento intelectual e profissional. Da mesma forma, agradeço ao coordenador do curso, o professor Carlos Henrique Armani, que sempre se mostrou disposto e atencioso. Obrigado pelo acolhimento.

À CAPES, pela disponibilização de onze meses de bolsa, contribuindo com o desenvolvimento deste trabalho.

À banca de qualificação e defesa, composta pelos professores Gerson Wasen Fraga e José Martinho Rodrigues Remedi, obrigado pelas sugestões assertivas e pontuais, que certamente contribuíram para a continuidade deste trabalho.

Ao meu amigo e, por sorte, orientador, João Manuel Casquinha Malaia Santos, agradeço pelo companheirismo desses anos de batalha, pelo afeto e disponibilidade do tempo.

Aos meus amigos que leram o trabalho de forma paciente ou ouviram entre copos de cerveja e partidas de futebol minhas angústias sobre o tema e os prazos estourando. Em especial, ao Bruno Traesel, Daniel Pillar, Thaimon Socoloski e Victor De Carli.

Aos companheiros de arquibancada, pelas informações que não estavam nos livros acadêmicos. Agradeço tanto às organizadas do Internacional como às organizadas do Grêmio.

À minha família, especialmente à minha irmã Luana e aos meus afilhados Antonella e Enzo de Oliveira.

De maneira especial, este trabalho é dedicado à minha mãe, Reny Cósta, pelo suporte emocional e motivacional. A base da minha vida e existência partem dessa mulher.

À Émilie, pela leitura da Dissertação, paciência e pelo esforço de buscar compreender o tema de pesquisa. Gracias por dividir bons e não tão bons momentos da vida louca.

Por fim, agradeço à vida e aos meus protetores.

É raro o torcedor que diz: “Meu time joga hoje”. Sempre diz: “Nós jogamos hoje”. Este jogador número doze sabe muito bem que é ele quem sopra os ventos de fervor que empurram a bola quando ela dorme, do mesmo jeito que os outros onze jogadores sabem que jogar sem torcida é como dançar sem música.

(GALEANO, 2015, p. 14-15, grifos meus).

RESUMO

“PASOS AL COSTADO”: UMA HISTÓRIA DO PROCESSO DE CONSTITUIÇÃO DAS BARRAS E A PLATINIZAÇÃO DO TORCER NO RIO GRANDE DO SUL (2001-2011)

AUTOR: Elias Csta de Oliveira

ORIENTADOR: João Manuel Casquinha Malaia Santos

Depois de 60 anos de samba, carnaval e torcida organizada, uma nova forma de torcer foi criada em Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul. Com a entrada dos primeiros *bumbos platillos*, vindos de Buenos Aires, torcidas cantando em espanhol e bandeiras da Argentina e Uruguai nas arquibancadas, um novo movimento se consolidou nos estádios gaúchos. A partir das mudanças na estética da cultura material, de novos estilos musicais – como a *cumbia villera* – e novas formas de cantar, a presente investigação tem como finalidade compreender o processo de identificação com formas de torcer das chamadas *barras* (2001-2011), típicas da região rio platense, e da negação de formas tradicionais das torcidas brasileiras por parte de algumas torcidas no Rio Grande do Sul. Será historicizada a criação da Geral do Grêmio, pelo Grêmio Foot Ball Porto Alegrense e da Guarda Popular, pelo Sport Club Internacional. Nosso recorte temporal compreende a criação, consolidação e o surgimento das primeiras brigas internas, quando foram criados grupos dissidentes. Para tanto, foram utilizados diversos procedimentos metodológicos a partir da História do Tempo Presente, como levantamentos historiográficos, consulta em periódicos, análise de fotografias, utilização de podcasts sobre a cultura torcedora e análise de músicas das torcidas como fonte oral. Nesse sentido, investigamos canais de torcedores organizados e canais das próprias torcidas, cujo material está disponibilizado na plataforma do *youtube*. Dessa forma, foi possível perceber que a criação do estilo *barra* no RS está vinculado a diferentes fatores, que se relacionam no processo da temporalidade, tais como a criação e ampliação dos torneios organizados pela Conmebol, o aumento das transmissões televisivas e a equipe do Grêmio inserida em jogos de todos os torneios internacionais. Além disso, destaca-se a questão geográfica, que facilitou aos torcedores gremistas com a possibilidade de viajar para os países platinos, já que, com a aprovação do Mercosul, os moradores do Cone Sul não precisavam mais utilizar passaporte para transitar entre os países, facilitando as excursões de torcedores. Do mesmo modo, a violência na sociedade da década de 1990 se refletiu nas torcidas gaúchas, as quais foram banidas e/ou criminalizadas nos estádios, deixando um vácuo nas associações torcedoras. A partir disso, iniciou-se as *barras* com a Geral do Grêmio e depois com a Guarda Popular. Essas torcidas reforçam o sentimento de orgulho gaúcho, buscando um pertencimento a uma comunidade imaginada da região platina, procurando uma identidade comum com esses países para se legitimar como *barras*, alterando a dinâmica da forma de torcer das principais equipes do estado.

Palavras- chave: Torcida organizada. Barra Brava. Formas de torcer. Região Platina.

ABSTRACT

“PASOS AL COSTADO”: A HISTORY OF THE PROCESS OF CONSTITUTION OF BARS AND THE PLATINIZATION OF TORCER IN RIO GRANDE DO SUL

AUTHOR: Elias Costa de Oliveira

ADVISOR: Prof. Dr. João Manuel Casquinha Malaia Santos

After 60 years of samba, carnival and organized support, a new form of support was created in Porto Alegre, capital of Rio Grande do Sul. With the entry of the first platillos bass drums, coming from Buenos Aires, fans singing in Spanish and flags from Argentina and Uruguay in the stands, a new movement was consolidated in the gaúcho stadiums. Based on changes in the aesthetics of material culture, new musical styles – such as cumbia villera – and new ways of singing, this investigation aims to understand the process of identification with forms of twisting of the so-called bars (2001-2011), typical of the rio platense region, and the denial of traditional forms of Brazilian supporters by some supporters in Rio Grande do Sul. The creation of Geral do Grêmio, by Grêmio Foot Ball Porto Alegrense and Guarda Popular, by Sport Club Internacional will be historicised. Our temporal cut includes the creation, consolidation and evolution of the first internal fights, when dissident groups were created. For that, several methodological procedures were used from the History of the Present Time, such as historiographical surveys, consultation in periodicals, analysis of photographs, use of podcasts about the fan culture and analysis of songs from the fans as an oral source. In this sense, we investigated channels of organized supporters and channels of the supporters themselves, whose material is available on the YouTube platform. In this way, it was possible to perceive that the creation of the barra style in RS is linked to different factors, which are related in the temporality process, such as the creation and expansion of tournaments organized by Conmebol, the increase in television broadcasts and the Grêmio team inserted in games of all international tournaments. In addition, the geographic issue stands out, which made it easier for Grêmio fans to travel to the Platine countries, since, with the approval of Mercosur, residents of the Southern Cone no longer needed to use a passport to transit between countries, facilitating fan excursions. Likewise, the violence in society in the 1990s was reflected in the gaúcho fans, who were banned and/or criminalized in the stadiums, leaving a vacuum in the fan associations. From that, the bars began with Geral do Grêmio and later with the Popular Guard. These fans reinforce the feeling of gaúcho pride, seeking to belong to an imagined community of the platinum region, seeking a common identity with these countries to legitimize themselves as bars, changing the dynamics of the way of cheering the main teams in the state.

Key-words: Organized fans. Barra Brava. Ways of cheering. Platinum Region.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Festa do DCP com a entrada dos jogadores colorados.....	47
FIGURA 2 – Torcida gremista em excursão para acompanhar o jogo da equipe	50
FIGURA 3 – Bandeirão da Torcida Organizada Camisa 12 do Internacional.....	56
FIGURA 4 – Camisa 12 anos 90.....	57
FIGURA 5 – Super Fico durante a década de 1990.....	58
FIGURA 6 – Nação Independente 2010.....	58
FIGURA 7 – Torcida Jovem do Grêmio, anos 2000.....	60
FIGURA 8 – Super Raça do Grêmio no ano 2000.....	60
FIGURA 9 – Mapa da Região Platina.....	123
FIGURA 10 – Bandeira do Uruguai, Rio Grande do Sul e Argentina no Estádio Olímpico em 2010.....	129
FIGURA 11 – Estética da torcida Geral do Grêmio.....	135
FIGURA 12 – Estética da torcida Guarda Popular.....	135
FIGURA 13 – Da esquerda para a direita. Torcida <i>Barra</i> Amsterdam do Club Atlético Peñarol. Torcida do La Banda del Parque do Club Nacional de Fútbol.....	136
FIGURA 14 – Estética dos Borrachos del Tablón.....	137
FIGURA 15 – Bandeiras referentes a Guerra das Malvinas, das seguintes <i>barras</i> : La Banda Descontrolada, do Club Atlético Los Andes/Peste Blanca do All Boys/La 12 do Club Atlético Boca Juniors.....	137

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – Número de jogos entre 1961-1970.....	69
TABELA 2 – Entre os anos 1971 a 1980.....	71
TABELA 3 – Recorte temporal entre 1981-1990.....	74
TABELA 4 – Recorte temporal entre 1961-1990.....	75
TABELA 5 – Clubes sudeste x argentinos/uruguaios.....	75
TABELA 6 – Jogos da dupla grenal x argentinos/uruguaios.....	76
TABELA 7 – Brasileiros x Argentinos/Uruguaios.....	81
TABELA 8 – Brasileiros x Argentinos/Uruguaios entre 2001-2010.....	84
TABELA 9 – Jogos da dupla Grenal x Argentinos/Uruguaios entre 1991 a 2020.....	86
TABELA 10 – Clubes Sudeste x Argentinos/Uruguaios.....	87
TABELA 11 – Clubes Brasileiros x Argentinos/Uruguaios.....	87
TABELA 12 – Jogos das competições da Conmebol entre 1961 até 2020.....	89
TABELA 13 – Gráfico em linha que ilustra os jogos das competições da Conmebol entre 1961 até 2020.....	90

LISTA DE ABREVIATURAS

AFA	Asociación del Fútbol Argentino
ALADI	Associação Latino-Americana de Integração
ALALC	Associação Latino-Americana de Livre Comércio
ALBA	Aliança Bolivariana para as Américas
ANPUH	Simpósio Nacional de História
APF	Asociación Paraguaya de Fútbol
AUF	Asociación Uruguaya de Fútbol
CAN	Comunidade Andina das Nações
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CBD	Confederação Brasileira de Desportos
CBF	Confederação Brasileira de Futebol
CEPAL	Comissão Econômica para a América Latina e Caribe
CNPJ	Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica
CONCACAF	Confederação de Futebol da América do Norte, Central e Caribe
CONMEBOL	Confederação Sul-Americana de Futebol
DCP	Departamento de Cooperação e Propaganda
DTG	Departamento do Torcedor Gremista
EDT	Estatuto do Torcedor
FBF	Federación Boliviana de Fútbol
FCF	Federação Colombiana de Futebol
FCF	Federação de Futebol do Chile
FEF	Federación Ecuatoriana de Fútbol
FIFA	Federação Internacional de Futebol
FPF	Asociación Peruana de Fútbol
FSM	Fórum Social Mundial
FVF	Federación Venezolana de Fútbol
G.F.P.A	Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense
Gre-Nal	Gremio x Internacional
HTP	História do Tempo Presente
L.A	Taça Libertadores da América
Mercosul	Mercado Comum do Sul
MST	Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
N.I.C.V	Nação Independente Comando Vermelho

OTT	<i>Over The Top</i>
Picab	Programa de Integração e Cooperação Bilateral Argentina-Brasil
PM	Policial Militar
ROTA	Rondas Ostensivas Tobias de Aguiar
S.C.I	Sport Club Internacional
SDT	Som das Torcidas
SRG	Super Raça Gremista
STADIUM	Grupo de Estudo de História do Esporte e das Práticas Lúdicas
SUPER FICO	Força Independente Colorada
TJG	Torcida Jovem do Grêmio
TO's	Torcidas Organizadas
TV	Televisão
UNASUL	Tratado Constitutivo da União de Nações Sul-Americanas

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
1.1 COLOCANDO OS TRAJOS.....	24
2 INÍCIO DAS TORCIDAS ORGANIZADAS NO RIO GRANDE DO SUL	30
2.1 A INFLUÊNCIA DO FUTEBOL PLATINO E O INÍCIO DO ESPORTE NO RIO GRANDE DO SUL.....	30
2.2 O INÍCIO DO TORCER E A VIOLÊNCIA.....	35
2.3 A ORIGEM DA PRÁTICA TORCEDORA.....	40
2.4 O EMBRIÃO DAS TORCIDAS ORGANIZADAS NO RS: AS TORCIDAS CARNAVALIZADAS OU UNIFORMIZADAS.....	42
2.5 A JUVENILIZAÇÃO DO TORCER: AS TORCIDAS JOVENS OU TORCIDAS ORGANIZADAS.....	52
3 O PROCESSO DO NOVO TORCER: A CRIAÇÃO DOS TORNEIOS DA CONMEBOL, AS PRÁTICAS VIOLENTAS E A CRISE DAS TORCIDAS ORGANIZADAS GAÚCHAS	62
3.1 INÍCIO DA CONFEDERAÇÃO SUL-AMERICANA DE FUTEBOL (CONMEBOL) E O MERCADO COMUM DO SUL (MERCOSUL).....	63
3.1.1 Criação dos Torneios da Conmebol e as Transmissões Televisivas: a busca pela relação latino-americana e a dinâmica futebolística	66
3.2 AS EQUIPES GAÚCHAS NOS TORNEIOS SUL-AMERICANOS: O GRÊMIO COMO VIAJANTE PLATINO.....	85
3.3 CRISE DAS TORCIDAS ORGANIZADAS NO RIO GRANDE DO SUL.....	91
3.3.1 O início do fim	99
4 A CRIAÇÃO DO NOVO TORCER: GERAL DO GRÊMIO E GUARDA POPULAR	105
4.1 A PLATINIZAÇÃO DO TORCER NO RIO GRANDE DO SUL.....	107
4.1.1 Geral do Grêmio: O pioneirismo no estilo barra	107
4.1.1.1 Guarda Popular: O pioneirismo das <i>murgas</i> aos instrumentos de sopro.....	111
4.2 A (RE)AFIRMAÇÃO DO SER GAÚCHO EM BUSCA DO PERTENCIMENTO DA REGIÃO PLATINA.....	117
4.3 ANÁLISE DE MÚSICA COMO FONTE HISTÓRICA E O ADVENTO DA INTERNET A PARTIR DO NOVO TORCER.....	124
4.4 A RENOVAÇÃO DA ESTÉTICA NA ARQUIBANCADA: O TORCER NA CULTURA MATERIAL.....	133
5 RECOLHENDO OS TRAJOS	139
REFERÊNCIAS	144

1 INTRODUÇÃO

Antes de apresentar a proposta desta Dissertação, é importante expor o percurso traçado até a chegada no Mestrado, bem como o processo de começar a entender-me como pesquisador, ou mesmo como um pesquisador em construção. Ainda, gostaria de registrar que, apesar de amar e viver o tema, só tive acesso à bibliografia no momento em que ingressei no Grupo de Estudo de História do Esporte e das Práticas Lúdicas, STADIUM, quando escrevi o projeto para o Mestrado, no ano de 2019.

Após a aprovação, iniciei as aulas do Mestrado em março de 2020, quando também emergiu a pandemia da COVID-19. Esse período foi marcado pelo isolamento social, desemprego, insegurança e péssima gestão da saúde pública federal. Infelizmente, tive apenas uma semana de aula presencial, de modo que praticamente toda a pós-graduação ocorreu através de aulas online (no modelo de ensino remoto). Desse modo, todos perdemos o contato com os colegas pesquisadores para “trocaros figurinhas” de pesquisas, o que tornou todo o processo um pouco mais difícil. Além disso, o isolamento social fez com que nos adaptássemos a uma realidade jamais vivenciada no século XXI.

Em março de 2021, fui chamado da lista de suplência para ser bolsista junto à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, o que contribuiu significativamente para que eu me mantivesse no programa. Ser bolsista foi essencial para que eu conseguisse pensar de maneira mais tranquila e me dedicar ao tema de pesquisa.

Então, no processo de refletir sobre a minha Dissertação e sobre as práticas torcedoras, foi necessário voltar alguns anos. Na verdade, décadas. Por que não gerações? Assim, pretendo desenvolver a minha ligação com o torcer. O meu avô paterno, Alécio Nunes, era ferroviário, morador da cidade de Santa Maria. Na região em que a família do meu pai morava, no bairro Perpétuo Socorro, existe um time de futebol chamado de Riograndense Futebol Clube, recebendo a alcunha de Periquito. Trata-se de uma equipe tradicional, que foi vice-campeã do Campeonato Gaúcho de 1921, além de estar entre os dez times mais antigos do estado. O Riograndense carregava em si um sentimento de identificação com os trabalhadores ferroviários, já que existia uma estação de passageiros da viação férrea próxima do seu estádio, O Estádio dos Eucaliptos.

Meu pai (*in memorian*), como segundo homem mais velho da família, tinha a responsabilidade de cuidar dos seus irmãos mais novos, em uma família negra numerosa de oito irmãos. Nesse contexto, o lazer da família era assistir aos jogos do Riograndense dentro de casa e viajar para acompanhar o amado time longe de seus domínios. Minha avó e minhas tias,

mulheres negras, formavam um “conjunto de torcedoras”, durante a década de 1950 e 1960, da equipe do Periquito. Segundo relatou meu tio Jorge, minhas tias ficavam na lateral, gritando o jogo inteiro para apoiar o time ou para “desestabilizar” a equipe visitante.

Ainda em relatos do meu tio Jorge, minha avó Geni de Oliveira levou as filhas e filhos para um jogo do Riograndense contra a equipe do Cachoeira, na cidade de Cachoeira do Sul, em 1959¹. Conforme narrou tio Jorge, a torcida do Periquito fechou dez vagões de torcedores para apoiar o time santa-mariense. Chegando em Cachoeira do Sul, os torcedores ficaram todos juntos, o que ocasionou uma grande confusão. Aproveitando-se dos seus 1,95m de altura, minha avó brigou nas arquibancadas e chegou a dar um soco no rosto de um torcedor do Cachoeira, derrubando-o cerca de seis degraus da arquibancada. Logo após a agressão ao torcedor do time local, minha avó teve uma notícia grave: o homem que acabara de derrubar era o delegado da cidade. Assustada, pegou os filhos e saiu do estádio para se esconder e pegar o trem de volta para Santa Maria.

Entendemos essa prática de lazer como um início de uma cultura torcedora, conhecida como torcida uniformizada (HOLLANDA, 2008). Minhas tias se reuniam com as vizinhas para gritar, cantar e torcer. As linhas desta Dissertação foram escritas com emoção e surpresa, pois apenas recentemente fiquei sabendo da forte identificação torcedora no seio familiar. Encontrando-me como pesquisador em formação, que gostaria de ser especialista nas práticas lúdicas, esse rito familiar torna-se uma coincidência motivadora. Quem diria que eu iria amar e pesquisar o torcer, uma prática que ficou de “herança” da minha avó Geni.

Agora iremos saltar da década de 1960 para 1990, mais precisamente em meados de 1993. Nesse período, a equipe do Riograndense já havia sido fechada e na cidade existia apenas um time, o Esporte Clube Internacional de Santa Maria, conhecido como Alvirrubro. Foi nesse ano, com três anos de idade, que meu pai começou a me levar para os jogos. Não lembro muito daquele período, mas recordo de jogos sempre lotados, até porque a equipe estava na primeira divisão ou, quando não estava, sempre chegava no quadrangular final da segunda divisão. Uma história curiosa, que ainda hoje me recordo, foi quando dormi no jogo e acordei dentro do táxi do meu pai, com um policial militar do lado de fora. Provavelmente meu pai pagou para que o policial cuidasse de mim, já que ele não queria perder o jogo no estádio.

Assim, entendo que minha relação com o torcer é geracional. Acredito que estar numa arquibancada é pensar no meu pai: um trabalhador, negro, taxista e simpatizante de futebol. Digo simpatizante porque, na adolescência, quando comecei a me inserir em torcida organizada,

¹ Por conta da idade, tio Jorge não recorda se o jogo ocorreu entre os anos de 1958, 1959 ou 1960.

ele afirmava que não gostava do “fanatismo”. Contudo, foi um caminho quase automático essa entrada em torcidas organizadas, mesmo que na época eu fosse menor de idade. Primeiro entrei na torcida do time da minha cidade, na torcida Fanáticos da Baixada. Depois, ao atingir a maior idade, ingressei nas torcidas da outra paixão, o Sport Club Internacional. São amores distintos, um pelo clube do bairro e o outro por um time “grande”.

Para finalmente iniciar a apresentação da minha pesquisa de Dissertação, precisamos avançar para o ano de 2019. Nesse momento, eu estava cursando a Especialização em Gestão Educacional, quando realizei uma entrevista com a equipe diretiva de uma escola sobre políticas públicas educacionais. As entrevistas faziam parte dos meus procedimentos metodológicos da monografia de especialização, situação que me conduziu até uma escola localizada na zona norte da cidade de Santa Maria/RS.

Próximo a essa escola, morava um amigo que eu conheci no trabalho durante o ano anterior. Juntos, desenvolvemos um trabalho árduo de instalação de antenas pela cidade, sendo necessário subir em diversas casas para encontrar o melhor sinal de televisão independentemente de clima chuvoso ou ensolarado, mesmo em dias de calor que somente a cidade de Santa Maria pode propiciar. As relações de trabalho, quando são precárias, criam laços de solidariedade entre trabalhadores – conosco não foi diferente.

Esse rapaz, ao ver que eu passava em frente à sua casa, convidou-me para tomar um café. Como gremista, falava sobre seu time, mas também citou que descobrira um podcast que falava sobre futebol. Ele ainda afirmou que, no programa, foram citadas as torcidas organizadas do Internacional, um conteúdo que poderia me interessar. Por coincidência da vida, o nome dele é Diego em homenagem a Diego Maradona.

Quando fui embora, coloquei os fones de ouvido e saí escutando o recomendado podcast, chamado *O Som das Torcidas* (2018), em um episódio que debatia sobre *hooliganismo*². Fiquei instigado pelas pesquisas acadêmicas importantes sobre futebol e torcida que foram narradas, porém, o que mais chamou minha atenção foi a citação de pesquisas sobre os estilos do torcer. Naquele momento, notei que era possível estudar sobre esse sentimento que me atravessa.

Então, ainda no ano de 2019, conheci o professor João Malaia, do curso de História da Universidade Federal de Santa Maria, e fui convidado a participar do grupo de estudo STADIUM. No segundo semestre do ano letivo, resolvi que não iria tentar fazer mestrado na educação, e sim, retornaria para a História. A partir da minha inserção no grupo de estudo, tive

² No episódio 4 do Podcast *Som das Torcidas* (2018) intitulado “*Hooliganismo* na Rússia”, fala-se sobre a cultura *hooligan* no Reino Unido e na Europa Continental.

acesso à historiografia do esporte e apresentei, naquele ano, trabalhos acadêmicos em dois eventos: um sobre futebol e outro sobre torcida, com enfoque no fenômeno das *barras bravas*³.

Assim, as figurações de pesquisador e torcedor não foram separadas durante a escrita desta Dissertação – muito pelo contrário. Os sujeitos possuem múltiplas identidades fragmentadas, ao passo em que eu me considero um pesquisador-torcedor ou um torcedor-pesquisador. Não sei exatamente em qual ordem, depende do momento.

Neste trabalho, iremos nos debruçar em uma investigação cujo tema me constitui enquanto sujeito. Minha identidade é atravessada pela vivência nas arquibancadas, participando de viagens (caravanas) em que a adrenalina nos guiava. Lembro que, quando era menor de idade, fugi de casa para viajar até a cidade de Caxias do Sul/RS para acompanhar um jogo. O Internacional de Santa Maria estava na primeira divisão do Campeonato Gaúcho e estava disputando a semifinal contra o Juventude, no ano de 2008. Nesse ano, eu morava em São Vicente do Sul e tive que “matar” aula, sem avisar a ninguém que estaria na excursão para o jogo. Na ocasião, fomos agraciados com uma “recepção” nada agradável pela torcida local, mas vencemos aquele jogo. Na volta precisei dormir na rua, pois não poderia chegar em casa de madrugada. Tudo isso foi em vão, pois na hora do gol subi no alambrado do estádio Alfredo Jaconi e acabei aparecendo na televisão. Logo minha família foi avisada de que eu estava em outra cidade assistindo ao jogo. Penso que eu poderia ser o sujeito-objeto de qualquer outro (a) pesquisador (a), mas aqui estou no papel de pesquisador.

Com leituras do grupo de estudo e orientações, amadureci a ideia para pesquisar sobre as torcidas organizadas, contudo, o que mais estava chamando a minha atenção eram as *barras bravas*. No Rio Grande do Sul, os dois principais clubes de futebol têm suas *barras* como principais torcidas, a Guarda Popular pelo Sport Club Internacional e a Geral do Grêmio pelo Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense. Diante desse contexto, senti-me provocado a entender melhor esse fenômeno, que iniciou no começo dos anos 2000.

Ao entrar em um estádio no Rio Grande do Sul, fica nítida a influência dos movimentos platinos de *barras bravas*, tanto na capital Porto Alegre/RS quanto em muitas cidades do interior do estado. Esses movimentos reconfiguraram não somente os modos de torcer⁴, mas também a cultura torcedora, seja por meio da estética, músicas, formas de agir e ligações com o clube.

³ No decorrer das próximas páginas, iremos explicar mais sobre esse fenômeno.

⁴ Aqui entendemos os modos de torcer a partir das formas organizadas torcedoras, ou seja, pela maneira como as torcidas organizadas se configuram no tempo e na sua própria autogestão.

Assim, a escrita do passado desses novos movimentos consiste em compreender a sua identificação platina e a negação da cultura brasileira. Significa que essa nova forma de torcer foi uma ruptura, que se converteu em uma continuidade no estilo torcedor. Foi uma ruptura em um sentido burocrático, mas sem perder o caráter de continuação, pois as *barras bravas* se tornaram movimentos hegemônicos nas arquibancadas porto-alegrenses e em muitas cidades do interior do Rio Grande do Sul.

Este trabalho é apenas um pequeno retalho para tecer a grande colcha da historiografia do esporte, das práticas lúdicas e dos modos de torcer, possibilitando compreender melhor esses fenômenos, considerando que, no contexto brasileiro, essas pesquisas científicas estão cada vez mais avançadas. No início do século XXI, foi criado o Simpósio Nacional de História da ANPUH. Após alguns anos, também foi criado um simpósio temático, denominado como História do Esporte e das Práticas Corporais. A partir desse simpósio, foram crescendo pesquisas, discussões e grupos de estudos acerca da temática.

O fenômeno das torcidas em estádios de futebol faz parte de dois campos de estudos: do lazer (como prática dos torcedores) e do esporte (os torcedores acompanham um clube de futebol). As pesquisas sobre o lazer e o esporte são relativamente recentes, remontando à década de 1960. Importa destacar que a História do Lazer surgiu a partir de três campos do conhecimento, a saber: a história do trabalho, estudos do lazer e da sociologia funcionalista (DIAS, 2018). A História do Lazer é um dos fenômenos mais negligenciados dentro das disciplinas das Ciências Humanas, de modo que poucos são os trabalhos encontrados sobre o assunto. Muitas vezes, os estudos sobre o lazer e as práticas lúdicas sofrem com a falta de consciência histórica (DIAS, 2018).

Mesmo considerando a publicação do livro *A Torcida Brasileira*⁵, poucos são os trabalhos que abordam essa temática no campo da pesquisa histórica no Brasil. Autores como os sociólogos inglês Richard Giulianotti, Eric Dunning e o alemão Norbert Elias iniciaram os primeiros estudos sobre torcedores organizados ingleses. Alguns anos depois, no contexto latino-americano, foram realizadas pesquisas por autores como o sociólogo Pablo Alabarces, os antropólogos José Garriga Zucal e Veronica Moreira, em que grande parte dos seus estudos é fomentado através do campo antropológico. Nessa linha, podem ser encontradas pesquisas

⁵ Livro referência sobre torcida e torcida organizada dos autores Bernardo Buarque de Holanda, João C. Malaia, Luiz Henrique de Toledo e Victor Andrade (2012).

etnográficas recentes⁶, como as do antropólogo Nicolás Cabrera, que compõem a terceira geração dos sociólogos argentinos citados.

No Brasil, as obras sobre torcidas organizadas (TO's) são realizadas, majoritariamente, pela área das Ciências Sociais. É o caso de autores como Carlos Pimenta (2003; 2004), Luiz Henrique Toledo (1996; 2012) e Bernardo Borges Buarque de Hollanda (2017) que categorizam estilos de torcedores organizados. Ressaltamos que Bernardo Borges Buarque de Hollanda é um dos autores que se dedica a entender o processo histórico de formação das torcidas organizadas no Brasil, considerando aspectos da memória torcedora.

Na área da Pós-Graduação em História⁷, após uma pesquisa no Portal de Teses e Dissertações, encontramos apenas seis trabalhos referentes à torcida organizada. Esse número reduzido indica a existência de lacunas historiográficas em relação às pesquisas sobre torcidas e formas de torcer, levando em conta que o campo da Antropologia e das Ciências Sociais já possuem pesquisas avançadas em suas áreas, como obras da Rosana da Câmara Teixeira (2004) e Heloisa Helena Baldy dos Reis (2006). Assim, esta Dissertação tem a pretensão de preencher tais lacunas e potencializar o debate em relação a práticas torcedoras.

Partimos da compreensão de que este trabalho pode contribuir com os movimentos organizados, sobretudo, com os milhares de torcedores que tratam a prática torcedora como prioridade em suas vidas. Em outros termos, a nossa contribuição para esses movimentos se dá justamente pela historicização do processo de identificação de parte de torcidas do Rio Grande do Sul, que possuem práticas de torcer típicas de torcedores de clubes da região rioplatense, desenvolvendo uma análise a partir dos aspectos do passado das torcidas Guarda Popular e Geral do Grêmio.

O problema de pesquisa parte da seguinte questão: como se deu o processo de identificação com as formas de torcer das chamadas *barras*, típicas da região rio platense, e de

⁶ O livro *Que la cuenten como quieran: Pelear, viajar y alentar en una barra del fútbol argentino* foi lançado em 2022. A obra foi fruto da Tese de Doutorado de Nicolás Cabrera, no qual aborda a etnografia da barra *Los Piratas de Alberdi*, da equipe Club Atlético Belgrano de Córdoba.

⁷ Entre os trabalhos encontrados, destacamos duas Teses: *Um movimento em muitas cores: O circuito de relações das torcidas organizadas paulistas entre 1968 e 1988 - Uma história da ATOESP (Associação das Torcidas Organizadas do Estado de São Paulo)*, de Vitor dos Santos Canale; *As ondas que (se) movem (n) o mar das torcidas: das charangas à guinada antifascista na Ultras Resistência Coral (1950-2020)*, de Caio Lucas Morais Pinheiro. Já entre as quatro Dissertações, encontram-se: *Entre Charangas e Torcidas Organizadas: Trajetórias e transformações nas torcidas de futebol em Fortaleza (1965-1993)*, de Caio Lucas Morais Pinheiro; *O Mundo Mediterrâneo dos ultras: a politização das torcidas organizadas na Itália (2005 – 2010) e no Egito (2010 – 2015)*, de Lua Araujo Reis; *Amizade, trago e alento - A Torcida Geral do Grêmio (2001 - 2011) da rebeldia à institucionalização: mudanças nas relações entre torcedores e clubes no campo esportivo brasileiro*, de Francisco Carvalho dos Santos Rodrigues e *Futebol e Resistência: O papel dos coletivos de torcedores na ressignificação dos modos de torcer (2013-2018)*, de Guilherme Pontes Silveira.

negação de formas tradicionais das torcidas brasileiras por parte de algumas torcidas no Rio Grande do Sul? Como objetivos específicos, buscamos identificar as diferenças nas formas de torcer entre torcidas rio-platenses e brasileiras; analisar de que maneira este fenômeno se consolidou nas torcidas Guarda Popular e Geral do Grêmio; compreender como elementos culturais da região platina influenciaram no processo de formação das *barras* no RS; além de contribuir para a compreensão de processos históricos contemporâneos que configuram as práticas do torcer em relação às torcidas do RS.

No ano de 2001, houve a criação das *barras bravas* na cidade de Porto Alegre, movimentos que se organizam atrás das goleiras, com diferentes padrões das torcidas tradicionais brasileiras. Diferentes, pois os frequentadores desse tipo de torcer não utilizam camisas uniformizadas e chamam as bandeiras de trapos. Também utilizam tirantes horizontais e verticais, possuem instrumentos musicais, como a *murga*, em vez de instrumentos musicais escolas de samba. No decorrer desta Dissertação, iremos nos aprofundar sobre o assunto. Inicialmente, é necessário estabelecer um recorte temporal entre os anos de 2001 até 2011, considerando que, durante essa década, aconteceu a consolidação das *barras* e se iniciaram brigas internas nas duas torcidas.

O problema de pesquisa aqui analisado é um fenômeno que será compreendido por meio do recorte delimitado como História do Tempo Presente (HTP), ou seja, em uma relação do presente para o passado, que nos apresenta o desafio de como o presente é construído no tempo histórico. Entendemos a HTP como um importante procedimento de pesquisa, pois congrega fenômenos recentes, fazendo recortes cuja temporalidade se dá pelo presente. Esse instrumento de pesquisa tem como marco de nascimento a memória, sobrepondo-se nos marcos e traumas da violência de guerras ou para o uso político do passado (DELGADO; FERREIRA, 2013).

Nós, como historiadores, temos o desafio de refletir de que modo o presente foi construído através do tempo, de modo que a HTP é um instrumento importante para conseguirmos algumas respostas. Podemos apontar que a HTP é considerada um conhecimento provisório, contingente, que pode sofrer alterações no decorrer dos anos, sendo (re)escrito por sujeitos cujos métodos se deslocam no decorrer do tempo (DELGADO; FERREIRA, 2013). Destacamos que esse campo ainda está em disputa para uma possibilidade de interpretação da própria História.

Ainda, podemos entender a HTP como um caminho de diálogo com as diferentes áreas do conhecimento, um aspecto importante para nossa pesquisa, afinal, também iremos explorar a área do Direito, das Ciências Sociais e da Antropologia. Desse modo, considera-se uma vantagem o fato de ser incorporada uma memória viva, que a transforma para além de uma

simples reflexão, transfigurando a memória em um agente. A História do Tempo Presente, além de ser um caminho fértil, nos obriga a refletir, recordar e entender o fenômeno (SCHURSTER, 2015).

Outra vantagem da HTP consiste na pluralidade de fontes, possibilitando que sejam incorporadas as memórias individuais e coletivas, por exemplo, ou ainda considerando escritos literários, programas de rádio/televisão, documentos audiovisuais, fotografias, relatos orais e escritos, música, entre outros (DELGADO; FERREIRA, 2013). Assim, entendemos que a História do Tempo Presente é um importante instrumento para compreender o fenômeno que será analisado nesta Dissertação.

Em relação aos procedimentos metodológicos, partimos do pressuposto de que, a partir da análise das fontes históricas, o historiador tem a função de selecionar as melhores fontes. Significa que, ao compilar os vestígios, torna-se possível produzir documentos e construir histórias (CERTEU, 2011). Nesse sentido, ao ter acesso às fontes, o historiador analisa o contexto para produzir o estudo do passado.

Nesta Dissertação, realizamos o levantamento historiográfico e pesquisamos trabalhos de diferentes áreas das Ciências Humanas, utilizando ainda a Hemeroteca Digital para realizar a análise de jornais. Os periódicos que utilizamos foram: “Diário de Notícias”, “A Federação”, “Correio do Povo”, “O Pioneiro” e dois jornais do estado do Maranhão:⁸ “A Pacotilha” e “O Jornal”. Também utilizamos jornais que estão em circulação, como o paulista “O Estado de São Paulo”, “A Folha de São Paulo”, e a “Zero Hora”, periódico de maior circulação da imprensa gaúcha.

A análise de periódicos é necessária para identificar o contexto do período, entendendo as funções sociais e sua própria materialidade, além da periodicidade, a iconografia e a publicidade. Tânia de Luca (2005) chama atenção sobre a historicização de fontes de jornais, já que temos que estar atentos a alguns aspectos, desde a produções técnicas até o motivo pelo qual elas foram escolhidas. A forma como o conteúdo foi exposto, se na última ou na primeira página, ou até mesmo o local da publicação diz muito sobre a matéria. Nesse sentido, quando discutimos a respeito do grupo de torcida organizada, é necessário ter um senso crítico e um cuidado para analisar as publicações das mídias hegemônicas.

⁸ Foram utilizados os jornais maranhenses por terem sido fruto de uma pesquisa realizada pelo grupo de estudo STADIUM. A pesquisa teve o objetivo de apresentar o futebol brasileiro durante a pandemia da Gripe Espanhola, em 1918, que forçou a paralisação de jogos ou restringindo a jogos sem torcida em diversos torneios metropolitanos pelo país. A partir dessa investigação, podemos ter contato com jornais que informavam sobre a formação dos primeiros torcedores nos estádios e sua relação com os times, com outros torcedores e com casos de violência.

É importante ressaltar que, nesta pesquisa, iremos considerar as fontes periódicas a partir da sua historicidade, a qual entendemos como uma linguagem constitutiva do social, problematizando conjunturas específicas ao longo do seu processo de constituição (CRUZ; PEIXOTO, 2007). Além disso, as autoras reafirmam o que Tânia de Luca (2005) problematizou no que diz respeito aos procedimentos metodológicos, como o cuidado com a identificação do periódico, seu projeto editorial, posicionamento político, diretores do jornal e o período de circulação.

Em outro procedimento metodológico, realizamos a análise de imagens a partir das fotografias das torcidas. Entendemos as imagens como fontes históricas, considerando que é de suma importância o acesso a fontes diversas a fim de ampliar as possibilidades de análise dos historiadores (BURKE, 2003), o que contribui para responder ao problema de pesquisa. Dessa forma, a partir das imagens das associações torcedoras, teremos mais evidências do objeto de pesquisa, uma vez que as imagens são fontes históricas da mesma forma que os testemunhos orais e textos literários (BURKE, 2003).

Também iremos recorrer a fontes digitais (vídeos do YouTube e Podcasts), o que acarreta alguns problemas típicos dos historiadores que trabalham com fontes arquivadas em plataformas digitais. É preciso ter ciência dos nossos percursos metodológicos para não cairmos nos percalços do “nó” do emaranhado das fontes digitais (SANTOS, 2021). Além disso, a partir dos anos 2000, com a popularização da internet e o desenvolvimento de celulares com câmeras, muitos registros começaram a ser publicados por torcedores em arquibancadas, mostrando, sobretudo, a festa das torcidas.

Desse modo, iremos utilizar a plataforma do YouTube para analisar os vídeos e as músicas das torcidas, visando entender a cultura material das *barras* em comparação às torcidas organizadas. Os canais da plataforma que utilizaremos serão canais organizados por membros ou ex-membros de torcidas organizadas, a saber: “Canal Desde 1909”, “O Catimbeiro”, “O Canto das Torcidas”, “Canal Peleja”, “Nabancada” e “Papo Fuleiro”. Também analisaremos as plataformas oficiais da Geral do Grêmio e da Guarda Popular. Além disso, serão analisadas as páginas do Instagram da Geral do Grêmio e Guarda Popular para análise de imagem como fonte histórica.

O canal “Desde 1909” foi criado por um torcedor que frequenta o setor da Guarda Popular, registrando o cotidiano dos jogos do Internacional. Já o canal “O Catimbeiro” é de um frequentador da Geral do Grêmio, mostrando a festa da torcida nos jogos da equipe. O canal “O Canto das Torcidas”, por sua vez, funciona como um repositório de vídeos das torcidas pelo Brasil e pelo mundo. Atualmente, o “Canal Peleja” é um dos principais canais que realizam

matérias sobre o futebol e sobre torcida, enquanto o “Nabancada” é um canal acadêmico, que apresenta um esforço de realizar debates em formatos de *lives* sobre assuntos relacionados à cultura torcedora. Por fim, o “Papo Fuleiro”, é administrado por um ex-torcedor organizado que analisa as festas, mas também as brigas de torcidas, com vídeos postados semanalmente.

No que diz respeito à cultura material, iremos analisar a estética das *barras*, procurando identificar o novo torcer a partir da proximidade visual das *barras* argentinas e uruguaias. Nesse procedimento metodológico, serão utilizadas fotografias para exemplificar as diferenças entre as torcidas brasileiras e as torcidas cujos países compõem o espaço platino.

Em relação aos Podcasts, iremos trabalhar com três, a saber: “O Som das Torcidas” (SDT), o “Podcast de Arquibancada” e o “Futebol Albiceleste”. Todos eles tratam sobre as diferentes formas de torcer, porém, existem diferenças entre os três. “O Som das Torcidas” é produzido pela Central 3⁹, um Podcast caracterizado pela preocupação teórica na produção de conhecimento relacionada com a prática do torcer. O “Podcast de Arquibancada” é composto por membros e ex-membros de torcidas organizadas e/ou de torcedores das *barras* do Internacional, em que são contadas histórias sobre brigas, jogos, viagens, relação com torcidas rivais e/ou amigas, além de fazer avaliação de estádios pelo Brasil. Já o “Futebol Albiceleste” realiza um esforço para compreender a dinâmica do futebol argentino, principalmente no tocante às *barras* argentinas.

Também serão analisadas as músicas cantadas pelas duas torcidas – do Grêmio e do Internacional –, observando fatores como as letras, as formas de expressão, a musicalidade e as expressões corporais. Sabemos que as músicas constituem uma das características da forma do torcer, as quais podem ser acessadas por meio de vídeos na plataforma YouTube, com a data de sua publicação. Assim, essa ferramenta funciona como um suporte para armazenar os registros das tradições orais das torcidas. Logo, compreendemos que a análise de músicas podem ser fonte de história oral, em que são compartilhadas memórias coletivas de vitórias, derrotas, brigas e a história das próprias torcidas e de seus indivíduos.

1. 1 COLOCANDO OS TRAPOS

Porto Alegre. O ano era 2007. No Brasil, quem estava na presidência da República Federativa era Luís Inácio Lula da Silva, em seu segundo mandato consecutivo. O Sport Club

⁹ A Central 3 é uma produtora de Podcasts que possui mais de trinta programas desde 2013, produzindo, roteirizando e editando. É uma das principais produtoras do gênero no Brasil. Disponível em: <https://www.central3.com.br/sobre-nos-2/>. Acesso em: 20 de ago. de 2021.

Internacional já havia vencido o principal torneio da América Latina, a Taça Libertadores da América (L.A) no ano de 2006, sendo o seu primeiro título internacional.

Nesse mesmo ano, as arquibancadas do Rio Grande do Sul e do Brasil conheceram um novo instrumento musical que passou a embalar parte das torcidas no Rio Grande do Sul, a *murga* (também conhecida como *bombo platillo* ou *murga rio-platense*). A primeira torcida a utilizar esse instrumento, no Brasil, foi a Guarda Popular, uma nova torcida do Inter surgida no início dos anos 2000, segundo o que aponta o documentário¹⁰ sobre a torcida.

No Brasil, a forma de torcer é chamada de torcida organizada, cujas características são: bandeiras com mastro de bambu, bandeirões, padronização da vestimenta (uniformes) dos torcedores e músicas com instrumentos de percussão características de escolas de samba. As formas organizadas de torcer dos países que ocupam o espaço platino são conhecidas como *barras bravas*, tendo alguns aspectos que os diferenciam da forma de torcer do Brasil.

A partir deste momento, não utilizaremos mais o termo *barra brava* para nos referir a este tipo de torcer. Reconhecemos que o termo “*brava*” estigmatiza todos os torcedores como uma categoria de violentos, bandidos e transgressores. Da mesma forma que não utilizaremos o livro *La Doce- A explosiva História da Torcida Organizada Mais Temida do Mundo*, de Gustavo Grabia, pois entendemos que são fobias travestidas de análises, resumindo os torcedores somente como mafiosos, violentos e extremamente ricos.

Esse tipo de abordagem é conhecido como “Grabiologia”, cujas “análises” também são realizadas sobre movimentos populares, como grupo de piqueteiros, economias populares e sindicatos. Com uma visão preconceituosa, surge o termo “uma sociedade *barra brava*”, configurando uma representação do pânico moral das classes dominantes perante as classes subalternas (CABRERA, 2022). Da mesma forma que criminalizam o torcer, essas análises também criminalizam os movimentos de luta populares e por direitos humanos, sendo uma ideologia de classe que estereotipa as torcidas. Ademais, sabemos a importância do livro e como ajudou a construir a fama da La 12, torcida do Club Athletico Boca Juniors no sub mundo das torcidas. Porém, enfatizamos uma crítica ao jornalismo sensacionalista e de espetacularização, como a “Grabiologia” nos apresenta, a partir de notícias que estigmatizam o torcer sem observar todas as nuances que esse fenômeno nos apresenta (CABRERA, 2022).

¹⁰ GUARDA POPULAR. *Atrás do gol – Guarda popular, a Barra do Internacional*. [s.n.] 2019. Youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QhGHB5DCprk>. Acesso em 11 out. 2021. Neste documentário, o coordenador da banda torcida fala que a *murga* é de 2006, mas outras fontes afirmam que o ano é 2007.

A forma como a torcida do Internacional buscou se aproximar de uma identificação da forma de torcer dos grupos platinos iniciou com a aquisição da *murga*, comprada em um dos países que mais inspirou os movimentos de *barras* da dupla Gre-Nal, a Argentina.

No ano de 2006, antes que a torcida tivesse as *murgas* rio-platenses, um grupo de torcedores colorados do Rio Grande do Sul construíram suas próprias *murgas*, que eram basicamente um bumbo com um prato acoplado em cima. Esse instrumento foi construído nas viagens realizadas pela torcida durante a Taça Libertadores da América, a partir da observação das torcidas argentinas e uruguaias.¹¹ No ano seguinte, a Guarda Popular começou a levar esse instrumento construído de forma caseira para o estádio. Porém, na gravação do primeiro CD¹² da Guarda Popular – um marco para a torcida – não foi tocada com a *murga*, pois ainda estava sendo criado um padrão de batidas.

As primeiras *murgas* foram compradas quando a torcida do Internacional viajou¹³ para Buenos Aires, capital da Argentina, no jogo entre Boca Juniors X Internacional, válido pela Copa Sul-Americana de 2008¹⁴. A liderança da torcida naquele ano era conhecida como Hierro Martins¹⁵.

A viagem para Argentina nos remete ao título desta Dissertação. O termo *Paso al costado* significa passos ao lado, considerando que a liderança viajou ao país vizinho, localizado ao lado do Rio Grande do Sul, muito mais próximo do que a capital brasileira e as principais cidades econômicas do país. Além disso, *Paso al costado* é uma música do grupo de rock argentino Turf. Essa canção foi adaptada por inúmeras torcidas de futebol da Argentina e pelas *barras* do Internacional e do Grêmio.

As *murgas* vindas da Argentina eram de madeira, com 26 polegadas. Naquele momento, nenhuma *barra* brasileira possuía tantas *murgas* desse tamanho, por isso a torcida argentina era conhecida como “Inferno Murguero”. Desde então, a torcida brasileira passou a seguir esse padrão de *murga*, não mais construída de maneira caseira. Sabe-se que o valor atual de uma

¹¹ UOL ESPORTE. **Internacional empata e avança na Libertadores**. Porto Alegre, RS: 2006. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas/2006/05/03/ult59u101911.jhtm>. Acesso em: 04 de ago. de 2021.

¹² POPULAR DO INTER. **GRAVAÇÃO CD GUARDA POPULAR - Te peço esse campeonato**. Porto Alegre: [s.n], 2007. Youtube. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=nY-8qXTWC1U&list=PL78524590FE40983A>> Acesso em: 04 de ago. de 2021.

¹³ DESDE 1909. **DIA DE INTER RETRÔ #2 - BOCA JUNIORS 1X2 INTER - SUL AMERICANA 2008**. Argentina [s.n], 2008. Youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=R4zSc4gc54Y>>. Acesso em: 05 de ago. de 2021.

¹⁴ NSC TOTAL. **Inter bate boca em plena Bomboneira e vai às semis da Sul-Americana**. Redação NSC, 2008. Disponível em: <https://www.nscototal.com.br/noticias/inter-bate-boca-em-plena-bombonera-e-vai-as-semis-da-sul-americana>. Acesso em: 12 de jul. de 2021

¹⁵ TORCIDA SHOW. **Entrevista com Hierro Martins**. Futebol Brasileiro, 2011. Disponível em: <https://blogtorcidashow.blogspot.com/2011/12/entrevista-com-hierro-martins.html>. Acesso em: 26 jul. 2021.

murga confeccionada nos moldes tradicionais está na base de mil reais, contudo, não há informações sobre os valores que foram pagos nos instrumentos daquela época.

Uma das formas de legitimação de torcida que se autodenomina *barra* consiste em possuir instrumentos semelhantes aos das *barras* uruguaias e argentinas, como a *murga* rio-platense. Assim, a Guarda Popular é precursora não só em relação a *murga*, mas também com a aquisição dos instrumentos de sopro. Não podemos confundir a *murga* rio-platense com o estilo musical da *murga*. Esse estilo musical do Uruguai é uma expressão cultural e artística que combina a dança e o teatro, mesclando elementos carnavalescos espanhóis com a cultura afro-uruguaia, como o candombe, cujas apresentações trazem críticas sociais e políticas (AGUIAR, 2010).

Essa nova aquisição do instrumento foi uma maneira de legitimação da torcida enquanto *barra*, mais do que isso, uma forma de legitimação de uma *barra* brasileira perante outras *barras* do país, principalmente em relação à sua rival, a Geral do Grêmio, que utiliza *murga* de 24 polegadas e sua maioria de ferro.

A banda¹⁶ da Guarda Popular iniciou com Alexandre Barea, ex-baterista de uma das principais bandas do rock gaúcho, Os Cascavelletes¹⁷. Assim, Barea desmontou sua bateria e levou as partes para a arquibancada no estádio Beira-Rio, no ano de 2005¹⁸. Logo depois, pessoas ligadas a escolas com bandas marciais levaram instrumentos, como bumbos ou caixas, para ir aumentando a banda da torcida, sendo influenciados pelas torcidas que compõem os países da região platina.

Essa diferente forma de torcer pode ser analisada em relação à cultura material (da forma como se posicionam nas arquibancadas e a estética dos seus trapos), considerando os instrumentos de sopro e a *murga*. As *barras* possuem características peculiares, por meio de um estilo musical inspirado na *cumbia villera*, que se diferem das torcidas brasileiras (que tem o samba e o *funk* como influência). São levados para o estádio trapos (faixas com nomes de bairros ou frase de apoio), tirantes ou barras (faixas verticais esticadas desde o topo das

¹⁶ Diferentemente das torcidas organizadas brasileiras, que chamam os instrumentos de bateria, as *barras* chamam os instrumentos de banda. A marcação dessas bandas é diferente dos ritmos carnavalescos, sendo acompanhadas de viradas e paradinhas (RODRIGUES, 2012). Outro ponto importante é que as principais lideranças das *barras* costumam ficar ao lado da banda, sendo que a segunda linha (líderes secundários) dessas torcidas ficam mais acima, sendo respeitada a hierarquia da torcida.

¹⁷ OS CASCAVALLETES. In: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Os_Cascavelletes. Acesso em: 05 de ago. de 2021.

¹⁸ ALEXANDRE BAREA É CHAPA 04 - Nosso Clube Sem Barreiras. O Povo Fez o Inter. Alexandre Barea fala sobre seu contato com a banda da Guarda Popular. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=oMm7R2sRLN4>. Acesso em 05 de ago. de 2021.

arquibancadas até o final delas), sombrinhas e instrumentos de sopro, sem possuir uniformes padronizados (LOZANO, 2022).

Sabemos que a rivalidade entre as duas instituições do Grêmio e Internacional, bem como de suas respectivas torcidas, é uma das principais do país. Com a formação das duas *barras*, modificou-se o formato das festas nas arquibancadas, criando uma rivalidade de quem faz a festa mais bonita ou qual *barra* era considerada mais *barra* que a outra. É necessário pontuar que essa rivalidade já existia entre as torcidas organizadas. Com a criação das *barras*, ficou nítido o conflito não somente entre as torcidas, mas o conflito intra-torcidas¹⁹, como brigas entre as próprias torcidas – tanto do Grêmio, quanto do Internacional. As brigas aconteceram entre as torcidas organizadas contra as *barras*, seja contra a Geral do Grêmio (BAIBICH, 2016) ou contra a Guarda Popular (BAIBICH, 2015).

Por consequência dessa influência, as *barras* gaúchas acabaram negando as formas mais tradicionais de manifestações organizadas nos estádios. O samba não é mais o principal ritmo dos estádios de Porto Alegre, assim como podem ser encontradas as bandeiras da Argentina e do Uruguai sendo tremuladas nas arquibancadas gaúchas, um gesto que pode ser dedicado a algum jogador do país vizinho, que veste a camisa do time, ou por uma identificação com esses países. Da mesma forma, o modo de torcer estilo *barra* carrega um regionalismo muito forte, cujos tirantes apresentam as cores do estado do Rio Grande do Sul, faixas com trechos do hino Rio-Grandense, ou até mesmo entoando o canto do hino gaúcho por cima do hino nacional brasileiro.

Para termos uma melhor compreensão desse fenômeno, apresentaremos a estrutura desta Dissertação e iremos expor, brevemente, cada capítulo. Para além desta introdução, a qual consideramos como capítulo um, e da conclusão final, intitulada “Recolhendo os Trapos” que compõe o capítulo cinco, dividimos a presente Dissertação em outros três capítulos. No segundo, “Início das torcidas organizadas no Rio Grande do Sul”, abordaremos o início do futebol nos países da região platina e o advento do futebol no estado. Também discorreremos sobre o início do torcer, sobre a violência no Brasil e historicizaremos as torcidas uniformizadas e as torcidas organizadas. Sob o mesmo ponto de vista, discutiremos sobre as práticas embrionárias torcedoras no Rio Grande do Sul e a consolidação das torcidas organizadas. Ainda nesse capítulo, buscamos compreender a gênese das primeiras associações torcedoras, do

¹⁹ As rivalidades intra-clubes de torcedores podem ser resultado de disputas simbólicas e materiais pelo controle das arquibancadas, pode ser disputa de forma pessoalizada de liderança ou entre grupos, ocasionando enfrentamentos físicos e diretos (HOLLANDA, 2017).

mesmo modo em que debatemos sobre a consolidação das torcidas organizadas gaúchas na segunda metade do século XX.

Já o terceiro capítulo é denominado “O processo do novo torcer: a criação dos torneios da Conmebol, as práticas violentas e a crise das torcidas organizadas gaúchas”. Aqui, entendemos tratar-se de um capítulo-chave. Iniciamos historicizando os torneios organizados pela Confederação Sul-americana de Futebol (Conmebol), considerando a ampliação da demanda televisiva na medida que eram criados os torneios internacionais, acarretando também no aumento dos patrocinadores. Do mesmo modo que a equipe do Grêmio disputava todas as competições internacionais, os torcedores passaram a ter acesso a viagens para acompanhar o time devido à criação do Mercado Comum do Sul (Mercosul), uma vez que já não mais se exigia o passaporte para ingressar nos países parceiros. Ainda nesse capítulo, analisamos a década de 1990, que foi extremamente violenta, aspecto que se refletiu nas arquibancadas gaúchas. Nesse período, algumas torcidas foram punidas ou até mesmo “extintas”, o que resultou em um vácuo nas organizações torcedoras, ocasionando a criação da primeira *barra*.

No capítulo quarto, chamado “A criação do novo torcer: Geral do Grêmio e Guarda Popular”, debateremos sobre o início da platinização do torcer no estado do Rio Grande do Sul. Igualmente, as *barras* buscavam uma identidade de pertencimento da Região Platina, como cantar em espanhol ou buscar instrumentos de percussão da Argentina. Ainda, nos desafiamos a analisar as músicas entoadas nos estádios, compreendido como fonte histórica de memórias compartilhadas. Assim, com a popularização da internet, conseguimos fazer a análise a partir da plataforma digital do YouTube. Também utilizamos as redes sociais para compreender as estéticas dos novos movimentos: a partir das fotografias, foi possível analisar as faixas que as torcidas levam como cultura material, criando uma nova estética torcedora muito similar a das torcidas rio-platenses.

Esta Dissertação intitula-se “*Pasos al costado*”: *Uma história do processo de constituição das barras e a platinização do torcer no Rio Grande do Sul (2001-2011)*, inserido na linha de pesquisa Fronteira, Política e Sociedade do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Maria. Convidamos os (as) leitores (as) amantes da cultura de arquibancada para conhecer a história do início das *barras* no Rio Grande do Sul.

Esperamos que façam uma boa leitura.

2 INÍCIO DAS TORCIDAS ORGANIZADAS NO RIO GRANDE DO SUL

2.1 A INFLUÊNCIA DO FUTEBOL PLATINO E O INÍCIO DO ESPORTE NO RIO GRANDE DO SUL

Para entendermos o nosso problema de pesquisa, compreendendo como se deu o processo de identificação por parte de algumas torcidas do Rio Grande do Sul com as formas de torcer das chamadas *barras*, típicas da região rio platense, vamos discorrer sobre o início das torcidas organizadas no Rio Grande do Sul. Além disso, para compreender o advento do futebol no estado, iremos refletir a partir de leituras ancoradas na historiografia atual. Na própria historiografia do futebol brasileiro, ainda existem lacunas acerca da entrada do futebol no país, apesar do esforço empregado por historiadores e historiadoras, considerando que a maioria das pesquisas acadêmicas têm como eixo a região Rio-São Paulo como principais fontes de estudos.

Neste capítulo, iremos explorar algumas obras importantes que apresentam o futebol como um esporte pioneiro a partir de uma perspectiva da região sudeste. No livro de Mário Filho (2003), *O negro no futebol brasileiro*, um dos principais livros sobre o futebol e a questão racial, foram entrevistados apenas dirigentes e jogadores dos principais times cariocas. Nessa obra, foram entrevistados apenas seis negros, entre as 58 pessoas.

Outra obra importante é de autoria do jornalista Thomás Mazzoni (1950), o qual publicou o livro intitulado *História do Futebol no Brasil 1894-1950*, que foi lançado no início da Copa do Mundo, em 1950, no Brasil. O autor afirma que a cidade de São Paulo foi pioneira no futebol brasileiro, construindo uma narrativa de disputa contra o Rio de Janeiro para ser o “pioneiro do futebol no país”. Ainda, no ano de 1982, foram publicadas duas coletâneas importantes sobre futebol, uma em São Paulo e outra no Rio de Janeiro. No Rio de Janeiro, os autores são: Roberto Da Matta, Luiz Felipe B. Neves, Simoni L. Guedes e Arno Vogel (1982a) com a obra *Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira*. Já em São Paulo, o livro foi organizado por José Carlos Sebe Bom Meihy e José Sebastião Witter (1982), intitulado *Futebol e cultura: coletânea de estudos*, tornando-se a primeira obra debatida por acadêmicos do campo da História.

Na área da Sociologia, durante a década de 1990, o pesquisador Waldenyr Caldas (1990) contribuiu com uma obra importante, porém, foram cometidos alguns equívocos, como (re)afirmar que o futebol brasileiro se deu com a vinda de Charles Miller. Sabemos que cada região brasileira teve um contato com o futebol de maneira diferente, entretanto, também sabemos que no início da década os estudos sobre o esporte ainda estavam surgindo.

No ano de 2000, a obra de Leonardo Pereira, considerada umas das principais obras historiográficas daquele decênio, reproduziu a mesma narrativa que Charles Miller, em São Paulo, e Oscar Cox, no Rio de Janeiro, com o mito de que eles iniciaram o futebol no Brasil. Ainda, João Malaia Santos e Maurício Drumond (2013), no artigo *Construção de histórias do futebol no Brasil (1922-2000): reflexões*, nos apresentaram com um balanço historiográfico sobre as principais obras que abordam o futebol, no qual confirmam que as principais publicações eram voltadas para o eixo Rio-São Paulo.

Outra obra que faz a crítica em relação ao futebol do eixo Rio- São Paulo é a do professor Gilmar Mascarenhas (2014). O autor entende que o advento do futebol brasileiro variou de região para região, em sua tese, ele se debruçou no futebol do sul do país, afirmando que a entrada do futebol nessa região se deu pela relação com as colônias inglesas e a ligação do Rio Grande do Sul com os países da região platina.

Apesar de existirem importantes trabalhos sobre o futebol no Rio Grande do Sul, livros como *Escola Gaúcha de Futebol*²⁰, lançados pelo Ludopédio²¹, além de uma coletânea de artigos do intitulado livro *À Sombra das Chuteiras Meridionais*²², envolvendo o esporte no extremo sul do país. A maioria dos trabalhos historiográficos tem o esforço destinado ao estudo do esporte para fenômenos que aconteceram na região sudeste do Brasil.

Com base nessas reflexões, podemos afirmar que a entrada do futebol no Brasil aconteceu de maneira não homogênea em seus primeiros anos. Alguns fatores, como a vasta extensão territorial, as correntes migratórias ou as áreas pouco populosas contribuíram com a entrada do esporte nos estados brasileiros. No caso do Rio Grande do Sul, a partir de 1912 houve a tentativa de uma primeira liga organizando as diferentes equipes no estado, porém, não foi concluída (CORREIA, 2014). Em 1916, ocorreu a primeira edição do campeonato organizado pela Liga Rio Grandense, na cidade de Rio Grande, sendo umas das primeiras ligas (RIGO; MACKENDANZ, 2021).

Em relação ao futebol na região platina, de forma breve, apresentaremos o início do esporte na Argentina e no Uruguai para que, a partir disso, possamos compreender o advento do futebol no estado do Rio Grande do Sul. Não abordaremos de forma detalhada por não ser o

²⁰ O livro escrito pelo jornalista Filipe Duarte tem como exercício entender se existe uma especificidade e uma diferença no futebol do Rio Grande do Sul, se existem mitos ou verdades que o futebol gaúcho é mais “pegado”, mais “acirrado”, ou que possuem mais combate físico do que propriamente técnica. O livro traz luz à tona em relação ao imaginário do futebol gaúcho.

²¹ O Ludopédio é o maior portal de divulgação científica sobre futebol da América Latina. Disponível em: <https://ludopedio.org.br>. Acesso em 30 jan. de 2022.

²² O livro foi organizado por referentes pesquisadores nos estudos sobre o futebol no Rio Grande do Sul, como os professores Cesar Augusto Barcellos Guazzelli, Gérson Wasen Fraga, Miguel Enrique Stédile e Rafael Hanses Quinsani, caracterizado num compilado de artigos acadêmicos sobre o futebol no estado.

objetivo deste trabalho, mas entendemos a necessidade de apresentar um panorama geral sobre o futebol na região platina.

Na América do Sul, somente no eixo do Prata (compreendido por Argentina e Uruguai), aconteceram eventos futebolísticos com certa regularidade na virada do século XIX para o século XX (LONER, 1999). Nesses países, a difusão do futebol foi menos complexa se comparado ao Brasil, em razão da facilidade do acesso ao interior dos territórios pelas ferrovias. Nessa época, ocorreram diferentes práticas culturais inglesas devido ao porto e à própria implementação das malhas ferroviárias que ligavam a capital ao interior desses países (FRYDENBERG, 2017).

No Rio Grande do Sul, o futebol foi influenciado pelos países da região platina devido à sua proximidade geográfica, que facilita a entrada de pessoas, as trocas culturais e linguísticas. Na Argentina e no Uruguai, o início do futebol se deu pela presença numerosa da colônia inglesa, fomentado inclusive pelos estabelecimentos educacionais, de modo que essa prática esportiva se desenvolveu a partir da segunda metade do século XIX (ARCHETTI, 1995).

O Rio Grande do Sul se constituiu como zona de fronteira durante todo seu processo de formação histórica, pois foi permanente a expansão de seu território pela coroa portuguesa, desde o século XVIII, em direção às terras do sul. O termo fronteira remete à vila de Rio Grande, ficando ao extremo sul da colonização portuguesa (THOMPSON FLORES, 2012).

Este espaço fronteiriço é marcado pelo forte intercâmbio cultural, promovendo a integração de diferentes povos, países e culturas. É possível entender esse espaço platino como um espaço de afirmação de identidades coletivas, que podem incluir invenções territoriais e culturais (BENTO, 2015). Existe uma “cultura de fronteira” que liga Brasil, Uruguai e Argentina, ocasionando em um relacionamento intrafronteiriço com a criação de uma identidade comum nas cidades de fronteira (HARTMANN, 2006). A economia desses países girava em torno da produção agropecuária, sendo o plantio de arroz e/ou criação de gado de corte (HARTMANN, 2011).

Desse modo, a história do futebol na região platina se deu a partir das trocas culturais, que fizeram parte de uma primeira onda do que se convencionou chamar de globalização e integração no mercado capitalista (RINKE, 2007). Essas trocas culturais são atribuídas a uma circularidade cultural, em que podem ser percebidas trocas que ultrapassa a ideia de uma mera transferência, uma vez que os conhecimentos vão se ressignificando, (re) apropriando e retransmitindo, o que caracteriza um processo em movimento (GINZBURG, 1987). Logo, tanto o processo de circularidade cultural como de hibridismo cultural é envolto em trocas realizadas por sujeitos dicotômicos e heterogêneos, em processos de longa duração (BURKE, 2003).

O futebol foi difundido pelo mundo por três fatores, a saber: imitação, relações e transplante. No processo de imitação, os nativos assistiam às partidas dos ingleses e posteriormente iniciaram o esporte; já no campo das relações, o esporte foi incentivado pelas interações sociais de locais com ingleses; por fim, no transplante, os ingleses que moravam em diferentes países acabaram incentivando a prática futebolística, com a criação de instituições voltadas para o esporte (RAVANEL, 1998).

Em Buenos Aires, o futebol se popularizou para o interior do país devido às malhas ferroviárias, principalmente entre os séculos XIX e XX, quando o futebol deixou de ser uma prática exclusiva da elite e passou a ser disseminado nas classes operárias (ALABARCES; RODRIGUES, 1996). A capital argentina foi a pioneira no cenário esportivo, sendo precursora na profissionalização de diferentes esportes por influência da colonização inglesa e das instituições de ensino dos filhos de funcionários ingleses (ARCHETTI, 1995). Assim, foi criada uma divisão para as equipes do interior da Argentina, constituindo um importante elemento na vida urbana dos trabalhadores (classe que crescia no início do século XX) e da modernização do país, principalmente da capital.

Já no Uruguai, a partir da segunda metade do século XIX, também houve influência inglesa, considerando o alto número de imigrantes que se estabeleceram na capital, Montevideú, o que estimulou as elites do país e influenciou as práticas esportivas na cultura urbana (CABO, 2011). Nesse sentido, o primeiro clube criado foi o de *Criquet*, um esporte de origem britânica, denominado de *Montevideo Cricket Club*.

O futebol uruguaio foi disseminado no final do século XIX, entre filhos de ingleses da elite comercial e industrial, entre jovens estudantes que retornaram da Europa e jovens filhos das elites montevidéanas que frequentavam escolas de origem inglesa, tornando-se um esporte da moda (CARRIL, 1990). O primeiro clube de esporte foi criado em 1891 e, mesmo tendo o *Criquet* como principal atividade, foi uma ferramenta importante para impulsionar as práticas futebolísticas no país. Assim, em menos de cinquenta anos, o futebol passou ser o principal esporte do país, sendo adotado pelas classes operárias:

O futebol se desenvolve então no Uruguai a partir da massificação dos costumes e desportos ingleses na segunda metade do século XIX (remo, críquete, rugby), porém insere-se em uma sociedade em transformação, na qual conflitos e disputas de poder entre as elites estão presentes. Mas a paulatina adesão das camadas populares a este esporte dentro do processo de urbanização do país consolida nas primeiras décadas do século XX o futebol como esporte mais praticado e com maior identificação nacional (CABO, 2011, p. 7).

Assim, no início do século XX, os recém criados times uruguaio participaram da primeira “Liga”, um torneio internacional chamado de *La Copa Competencia*, que se

aproximava da Copa da Inglaterra²³, em que os times do Uruguai enfrentaram seus vizinhos do Rio da Prata (CABO, 2011). Com isso, foi dado o pontapé inicial para a abertura dos campeonatos internacionais da região rio-platense, ao mesmo tempo incentivando a criação de mais times a partir de apresentações das equipes em diferentes locais do país.

Nesse sentido, a região platina foi a pioneira na adoção do futebol. Como o Rio Grande do Sul está geograficamente afastado dos principais centros econômicos do país e espacialmente mais próximo das metrópoles Buenos Aires e Montevideú, intensificaram-se o comércio e as trocas fronteiriças com a região (RODRIGUES, 2012). Ademais, somente no decorrer do século XX surgiram projetos de integração nacional²⁴ com o objetivo de unificar os extremos com o resto do Brasil.

Para a historiadora Helen Osório (1995), em *O Espaço Platino: fronteira colonial no século XVIII*, a região platina tinha um modelo organizacional parecido com o Brasil, que estava em um momento de ocupação humana instável. Ainda, a historiadora afirma que, ao longo dos anos, foram construídos culturalmente e historicamente laços entre os países da região devido a algumas características, como escassos núcleos urbanos, grandes estâncias e atividade pastoril rudimentar.

No Rio Grande do Sul, o esporte foi criado de forma singular, com forte influência platina. Importa destacar que os principais times, no início do século XX, encontravam-se nas cidades de fronteira e, por conta do porto, nas cidades de Pelotas e Rio Grande²⁵. Uma das cidades de fronteira da campanha gaúcha que iniciou o futebol foi Santana do Livramento. Distante dos portos, com pouca importância econômica e demográfica, sem condições de atração de investimentos estrangeiro, fundou-se o Sport Club 14 de Julho, em 1902, criado a partir da influência platina, se notabilizando pela adoção de forma precoce do futebol no Brasil (MASCARENHAS, 2001).

Por influência das vias platinas, surgiram equipes de futebol pelas fronteiras setentrionais, como o extinto Sport Club Bagé (1906) e o Guarany Futebol Clube (1907)²⁶,

²³ A Copa da Inglaterra é o torneio de futebol mais antigo do mundo, sendo criado em 1871-1872, ainda na Era Vitoriana pela *Football Association Challenge Cup*. No episódio 193 do *Podcast O Som das Torcidas* (2021), intitulado de “Copa da Inglaterra”, o programa é dedicado a esse torneio inglês.

²⁴ Ver mais sobre o processo de integração nacional a partir do artigo *Efeito da Integração Nacional e Difusão de Conhecimento sobre a Trajetória de Crescimento Econômico*. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ee/a/sbTLwwZvwQS9FQxCC8Ym5Xx/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 04 de mar. de 2022.

²⁵ Ver mais em: CORREA, Jones; LIMA, Fernando; Rigo Luiz. **Contexto e organização do futebol em Rio Grande (1900-1916): histórias sobre amistosos, torneios, fundação de ligas e os primeiros campeonatos municipais**. Revista Didática Sistemática. Rio Grande, 2014.

²⁶ O Guarany Futebol Clube ainda está em atividade, depois de 14 anos retornou para a elite do futebol gaúcho disputando o Campeonato Gaúcho de 2022, porém, caindo no mesmo ano.

também da cidade fronteiriça de Bagé (PRODANOV, 2008). Outro ponto para entender o advento do futebol no RS, para além da comunidade platina e a influência dos ingleses, são as contribuições dos imigrantes alemães com uma “base esportiva”, que influenciaram as regiões onde residiam. As primeiras equipes, como Sport Club Rio Grande (1900)²⁷ e o Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense (1903), foram fundadas por ingleses e alemães, sobretudo o segundo time.

Assim, podemos afirmar que diferentes povos foram precursores do futebol no RS, como os alemães, os ingleses e os platinos. A imigração, a região dos portos, devido ao comércio com ingleses, e a região de fronteira do Rio Grande do Sul que foram subordinadas a Montevideo, contribuíram com o advento do esporte. Logo, a influência da pluriculturalidade na formação do esporte reflete a própria formação do RS, marcado pela diversidade. No decorrer dos anos, o futebol foi se popularizando, principalmente pela classe de trabalhadores (MASCARENHAS, 2001).

2.2 O INÍCIO DO TORCER E A VIOLÊNCIA

Entendemos que o estudo da prática torcedora é importante para interpretar o mundo onde vivemos, pois podemos ter uma compreensão múltipla em torno do passado e os reflexos na contemporaneidade dos modos de torcer. Como historiadores(as), é primordial realizar um estudo epistemológico das formas de torcer ao longo do século XX e XXI, principalmente no que diz respeito ao estado do Rio Grande do Sul²⁸, uma vez que se observa a necessidade de desenvolver trabalhos com maior fôlego para a compreensão desse fenômeno.

No Brasil, o primeiro público em “campo desportivo” surgiu para presenciar as touradas. No início do século XIX, esse era o esporte que mais atraía pessoas, principalmente na capital da colônia, o Rio de Janeiro. Esse movimento cresceu após a chegada da família Real Portuguesa no Brasil, em 1808, momento em que a cidade passou por múltiplas transformações (MELO et al., 2012). Além disso, os autores afirmam que, a partir de 1820, “empresários”

²⁷ Ver mais em: AMOS, Miguel Glaser. S.C. **Rio Grande, Centenário do Futebol Brasileiro**. Rio Grande: Editora da FURG, 2000.

²⁸ Monografias de conclusão de curso que falam sobre torcidas organizadas no Rio Grande do Sul, a saber: *Que rosa nada, elas usam azul! Um estudo sobre a participação das mulheres na Torcida Jovem do Grêmio Foot-ball Porto Alegrense*, de Francine Morim Menegotto; *As vozes e os silêncios sobre a torcida Geral do Grêmio nas páginas de um jornal*, de Vinicius Sant'Ana Machado; *Amizade, trago e alento. A torcida Geral do Grêmio (2001-2011) da rebeldia à institucionalização: mudança na relação entre torcedores e clubes no campo esportivo brasileiro*, de Francisco Carvalho dos Santos Rodrigues.

Ver mais em: <<https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/32296/000784152.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>; <<https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/56826/000825469.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>; <<https://www.historia.uff.br/academico/media/aluno/1610/projeto/Dissert-francisco-carvalho-dos-santos-rodrigues.pdf>>.

começaram a investir nas touradas, com a construção de arenas maiores e venda de ingressos com preços diferentes, de acordo com o conforto e os recursos dos “clientes”.

Assim, com o formato de pagantes, o público cobrava a organização do evento para bons espetáculos, o que ocasionava em cenas de violências nas arenas esportivas. Em relação à violência, os espectadores pautavam a respeito da qualidade dos touros, que não eram tão ferozes, das instalações do local e da desorganização do evento. Logo:

No novo formato, o público pagante sentia-se no direito de cobrar um espetáculo melhor e isso por vezes significou a destruição das arenas, que eram, na verdade, estruturas provisórias de madeira (...). O problema é que, para satisfazer os aficionados, os promotores tinham que importar os touros da raça adequada, bem como toureiros que apresentassem melhor performance, e isso tornava cada vez mais cara as funções, o que acabava por reduzir o número de dispostos a pagar (MELO, 2012, p.27).

Essa foi uma organização anterior a um “campo esportivo”, porém, já se instaurava um movimento com o público, em que as pessoas pagavam para assistir e se organizavam para pautar seus direitos como público pagante. Essas touradas não tiveram uma continuidade durante o século XX, devido ao processo de modernização da cidade, que tinha como objetivo se afastar de práticas rurais e não mais ser o único movimento de lazer. Ainda, no ano de 1852, ocorreram confusões nos eventos das touradas, de modo que tais práticas foram confiscadas e os espetáculos foram interrompidos por um tempo (MELO, 2012). Ressaltamos que, nesse momento, o público ainda não era chamado de torcida, mas os espectadores já pagavam por “eventos esportivos”.

Para começarmos o debate sobre a torcida no RS, é necessário entender o seu início e a forma como o termo foi utilizado. No artigo “Torcer, torcedores, torcedoras, torcida: 1910-1950”, que compõe a obra *A Torcida Brasileira*, Malaia (2012) afirma que a palavra “torcida” passou a ser utilizada pela imprensa das grandes capitais, principalmente do Rio de Janeiro e São Paulo. No estado do Rio de Janeiro, os clubes começaram a dividir o estádio em três setores, sendo eles: cadeira numerada (destinado aos sócios), arquibancadas e gerais, cobrando ingressos aos não associados dos clubes. Naquele contexto, os preços do setor das gerais eram acessíveis, se comparado a outras práticas de lazer daquele período, como o circo, o teatro ou até mesmo a um almoço no centro da cidade (MALAIA, 2012). Inclusive, o autor elucida que o ato de apoiar uma equipe de maneira festiva, com cantos e gritos, configura o “torcer”; logo, o sujeito que pratica esse ato é o “torcedor” ou “torcedora”; já um grupo que pratica esse ato de forma conjunta é intitulado “torcida”.

Sob o mesmo ponto de vista, o autor coloca o exemplo da véspera da Copa do Mundo em 1950, no qual o verbo torcer ganhou um novo significado, sendo designado como “animar

com gesto a vitória do jogador”, “desejar a vitória” ou até mesmo “trabalhar para favorecer alguém” (MALAIA, 2012, p.82). Nesse sentido, o torcer ganhou nova conotação, de modo que os indivíduos passaram de meros espectadores para torcedores. Assim, o crescimento das torcidas nos estádios potencializou a criação das torcidas uniformizadas, fenômeno que veremos mais adiante.

Nossa investigação parte dos jornais gaúchos e porto-alegrenses “A Federação”, “Diário De Notícias”, “Correio do Povo”, além dos maranhenses “A Pacotilha”²⁹ e “O Jornal”, utilizando o instrumento da Hemeroteca Digital para buscar pelas palavras torcida/torcedora. Assim, é possível formar uma noção do que era compreendido como os torcedores daquele período. Os três jornais (principalmente os dois primeiros citados) tinham uma circulação hegemônica no Rio Grande do Sul, retratando o cotidiano do estado.

Sobre o uso da ferramenta digital, como a Hemeroteca Digital, entendemos que essa prática de pesquisa modifica positivamente a interpretação dos processos históricos, uma vez que as tecnologias digitais proporcionam mudanças em nossa prática de historiadores. Em vista disso, concordamos que:

Essa ferramenta digital tem ampliado de maneira exponencial a possibilidade de fazermos novas perguntas e responder a elas com o auxílio dessa tecnologia. Sem a busca nominativa por palavras-chave disponibilizada pela HDB, os pesquisadores alcançariam os mesmos resultados por métodos analógicos? [...]à Hemeroteca Digital Brasileira (HDB), um repositório de jornais, revistas, almanaques, anuários, boletins com acesso livre de qualquer equipamento conectado à internet. Nela, encontramos desde as primeiras publicações da imprensa brasileira no início do século XIX até os jornais impressos extintos do século XX. Além de ser livre e gratuita, com acesso de qualquer lugar do mundo, o diferencial da HDB é sua ferramenta de busca, avançada e bastante eficaz ao acessarmos o site (BRASIL; NASCIMENTO, 2020, p. 205)

Portanto, destacamos que o uso de ferramentas digitais nos ajuda a acessar jornais que, de outra forma, poderiam não ser encontrados. No caso desta Dissertação, teríamos que nos deslocar para o Arquivo Histórico de Porto Alegre e destinar muito tempo para procurar essas edições de jornais. Nesse momento, tal atitude seria inviável, afinal, os arquivos ficaram fechados por dois anos durante a pandemia.

²⁹ Conforme indicado na introdução, também utilizamos os jornais maranhenses como parte de uma pesquisa que teve o objetivo de apresentar o futebol brasileiro durante a pandemia da Gripe Espanhola, em 1918, situação que forçou a paralisação de jogos ou a realização de jogos sem torcida em diversos torneios metropolitanos pelo país. A partir dessa investigação, podemos ter contato com jornais que informavam sobre a formação dos primeiros torcedores nos estádios e sua relação com os times ou com outros torcedores.

A parte deste momento, pretendemos fazer um exercício para compreender os casos de violência³⁰ envolvendo o início do futebol³¹, antes mesmo da criação das torcidas uniformizadas³², que são o embrião das torcidas organizadas. Ou seja, antes da profissionalização do esporte no Brasil, já existiam casos de violência que eram alertados pelos periódicos locais³³, que acabaram se tornando manchetes. O propósito é indicar que, desde cedo, a imprensa já descrevia o torcedor como um elemento de violência, que desvirtuava os valores “puros do jogo”.

Nesse primeiro momento, em relação à palavra “torcida”, podemos descrever que muito próximo ao seu surgimento as cenas de violência aconteciam nos campos de futebol, seja entre os torcedores, jogadores ou até mesmo entre torcedores e jogadores. Esse pequeno panorama que foi apresentado ajuda a ressaltar que a violência esteve presente desde o início do esporte, e não como um fenômeno fruto das torcidas organizadas, que ainda não existiam no futebol brasileiro.

Além dos casos citados – que podem ser conferidos nas notas de rodapé – outras situações de violência ocorreram em diferentes estados brasileiros. Neste momento, trataremos de dois casos simbólicos que marcaram os maiores clubes da década de 1920: o Palestra Itália (atual Palmeiras) e o Vasco da Gama, do Rio de Janeiro. Os dois clubes foram formados pelas

³⁰ Em relação à violência nos estádios, citamos casos que também ocorrem em outros estados brasileiros. Esses atos de violência que serão mencionados ocorreram antes de existirem as torcidas uniformizadas e/ou organizadas. Nesse exemplo, destacamos uma briga que aconteceu no Campeonato Maranhense de 1918, com o Clube Luzo Brasileiro contra o Football Athletic Club (F.A.C). Ver mais em: **O Jornal**, 12 de agosto de 1918, p. 4. Em outro jornal em 1924, o autor da crônica do jornal “A Federação”, do Rio Grande do Sul, utiliza o termo “torcedor” a partir de uma briga que aconteceu no campo de jogo entre um torcedor que invadiu o gramado para discutir com o juiz, ocasionando cenas de violência. Ver mais em: *Jornal A Federação (RS)* 4 de nov. de 1924, p. 4.

³² Ainda, o jornal *A Federação*, reproduziu uma reportagem do Rio de Janeiro (RJ), no dia 19 de dezembro de 1933, ao retratar uma briga entre torcidas envolvendo armas de fogo. Segundo a notícia destacada pela matéria, um torcedor do Americano do RJ, disparou contra torcedores do Goitacaz que comemoravam uma vitória. O torcedor do Americano alvejou três torcedores, sendo preso logo em seguida. Ver mais em: *A Federação (RS)*, 19 de dez. 1933, p.2.

³³ Em diferentes edições do jornal “A Federação”, os autores da matéria esportiva pediam calma aos torcedores. Esse mesmo pedido aconteceu outras três vezes, nas edições de 12 de março, 19 de março e 30 de março do mesmo ano. Na edição de 8 de janeiro de 1932, os clubes afirmam que tomariam “severas” decisões sobre os torcedores exaltados, afirmando que, se houvesse desordem novamente, iriam colocar para fora do local, sendo chamada a polícia.

Ver mais em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=388653&Pesq=%22torcedor%22&pagfis=55611>. Acesso em 22 de set. de 2022.

<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=388653&Pesq=%22torcedor%22&pagfis=55659> Acesso em 22 de set. de 2022.

<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=388653&Pesq=%22torcedor%22&pagfis=55731> Acesso em 22 de set. de 2022.

<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=388653&Pesq=%22torcedor%22&pagfis=70446> Acesso em 22 de set. de 2022.

maiores colônias de imigrantes em seus respectivos estados, além de possuírem os maiores estádios do Brasil (MALAIA, 2012).

Há registros jornalísticos datados do ano de 1920, quando houve uma tentativa de homicídio entre torcedores do Palestra Itália e do Paulistano, no estado de São Paulo (MALAIA, 2012). Na situação, os torcedores das duas equipes debatiam sobre os lances do jogo que tinha acontecido. Após a discussão, um torcedor do Palestra Itália, um imigrante italiano que trabalhava como barbeiro, sacou uma navalha, seu instrumento de trabalho, acertando quatro vezes o torcedor, chamado Galdino de Assis. O torcedor do Paulistano era operário de profissão.

Já no Rio de Janeiro, diversas ocorreram brigas entre torcedores do Vasco da Gama e do Villa Izabel. A diretoria do Vila Izabel chegou a punir os sócios do clube depois de uma briga com torcedores do Vasco, devido a brigas com trocas de tiros que causaram a prisão do próprio treinador do time, um uruguaio chamado de Ramón Platero (MALAIA, 2012). O jornal ainda fez críticas à diretoria do Vasco da Gama por proteger seus sócios e não ter a mesma postura em relação à diretoria do Villa Izabel.

Assim, reiteramos que a violência já estava presente antes do surgimento das torcidas uniformizadas, ponderando que a violência no esporte acompanha a violência em nossa sociedade. A partir de então, é preciso refazer a trajetória do torcer, desde o seu surgimento até a contemporaneidade, a fim de compreender que esses grupos se reinventam a partir da conjuntura social colocada. Entender o torcer como fenômeno de massa³⁴ é essencial para debater não somente o fenômeno da torcida, mas a cultura juvenil, as classes sociais, o estereótipo e a excitação pela violência. Estudar o torcer é entender, sobretudo, a história da população brasileira

Além disso, destacamos que as primeiras pesquisas encontradas sobre torcida no Rio Grande do Sul foram referentes à organização de mulheres, que estavam organizando uma reunião dançante. O que nos chamou atenção foi que esse movimento iniciou em 1918, quando as mulheres ainda eram protagonistas no início de uma organização de torcedores.

Tal informação foi encontrada em uma reportagem datada do dia 28 de dezembro de 1918, cuja matéria retratava um grupo de torcedoras³⁵ gremistas que organizaram uma reunião

³⁴ No artigo intitulado *Torcidas Organizadas de Futebol: Metamorfoses de um fenômeno de massa* (2013), os autores debatem as transformações que o torcer teve no século XX, bem como debate sobre o futebol e suas evoluções no estado do Rio Grande do Norte.

³⁵ Para saber mais sobre o contexto das torcedoras nos estádios de futebol, indicamos a monografia de conclusão da pesquisadora Taiane Anhanha Lima, sobre a representação de torcedoras nos jornais cariocas e paulistas no início do século XX. Disponível em: https://www.academia.edu/44037671/_TORCEDORAS_REPRESENTA%C3%87%C3%95ES_DE_MULHERES_BRANCAS_E_NEGRAS_PELA_IMPrensa_NOS_CAMPOS_DE_FUTEBOL_DO_RIO_DE_JANEIRO_E_S%C3%83O_PAULO_NO_IN%C3%8DCIO_DO_S%C3%89CULO_XX. Acesso em 10 de mar. de 2022.

dançante na sede do Grêmio Football Porto-Alegrense (G.F.P.A). Na notícia, estava escrito que “[...] Improvisada por um grupo de torcedoras alvi-azues, realizar-se-á hoje, na magnífica sede social do Veterano Grêmio de Foot-Ball Porto-Alegrense, numa reunião dansante [sic], para a qual reina muito entusiasmo [...]”³⁶.

Conforme a reportagem, podemos observar que, nesse período, as torcedoras ainda tinham uma abertura nos clubes. Esse panorama mudou após o início da profissionalização do futebol no Brasil, a partir do ano de 1930. Existiam proibições em relação às mulheres se tornarem sócias, mas as filhas solteiras e as esposas de associados poderiam frequentar os clubes sem precisar pagar mensalidades, na posição de dependente, de modo que seus ingressos não eram cobrados (MALAIA, 2012).

Consequentemente, os jogos de futebol ainda possuíam um grande público feminino, facilitando arranjos de casamentos ou flertes durante as partidas. Além disso, o comportamento das mulheres chamava a atenção da imprensa, acarretando o surgimento da expressão torcedora e torcedor (MALAIA, 2012). Embora a expressão “torcida” tenha surgido a partir do público feminino, na segunda metade da década de 1920, as fotos com mulheres no estádio se tornaram mais raras, sendo substituídas por fotos em ruas e parques. A hipótese do autor constata que, após a abolição da gratuidade, os sócios não poderiam levar suas filhas e esposas sem pagar o ingresso, aliado a uma narrativa de que os espetáculos esportivos eram ambientes considerados não familiares. Entendemos, então, ser este um dos fatores que contribuíram para o afastamento da presença feminina nos estádios.

2.3 A ORIGEM DA PRÁTICA TORCEDORA

Antes do surgimento da palavra “torcedores”, o público era chamado de “assistência”, remetendo aos indivíduos que frequentavam teatros, assistiam a óperas e apresentações

No artigo “*O que é uma torcedora?*” *Notas sobre a representação e auto-representação do público feminino de futebol*, Leda Maria da Costa nos presenteia com reflexões importantes sobre representação do público feminino no futebol brasileiro. Ver mais em: <https://periodicos.uff.br/esportesociedade/article/view/48008>. Acesso em 10 de mar. de 2022.

Em *O futebol feminino, a sensação do momento: o futebol das mulheres da imprensa paranaense (1934-1983)*, a pesquisadora Fernanda Haag debate a relação da imprensa do estado do Paraná em relação às mulheres torcedoras. Ver mais em: https://www.academia.edu/70217034/_Futebol_feminino_a_sensa%C3%A7%C3%A3o_do_momento_o_futebol_de_mulheres_nas_p%C3%A1ginas_da_imprensa_paranaense_1934_1983. Acesso em: 10 de mar. de 2022.

Na dissertação de mestrado, intitulada *As torcedoras querem (poder) torcer*, do Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade, da Universidade Federal da Bahia, Carolina Farias Moraes compreende a participação das mulheres nas duas principais torcidas organizadas do estado da Bahia, a “Bamor” do Esporte Clube Bahia e “Os Imbatíveis” do Esporte Clube Vitória. Ver mais em: https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/30758/3/MORAES%20CF_%20As%20torcedoras%20querem%20%28poder%29%20torcer.pdf. Acesso em: 10 de mar. de 2022.

³⁶ Reportagem do jornal “A Federação”, 28 de dez. de 1918, p. 2.

musicais, de modo que essa palavra estava voltada para a elite carioca (HOLLANDA, 2008). Porém, quando a mídia esportiva utilizava o termo, se atribuía um caráter de grande público, em contraposição ao indivíduo. Além disso, a palavra “torcedores” também iniciou o significado de públicos populares, antagônico ao público elitizado composto por sócios (TOLEDO, 2000).

No início das primeiras décadas do século XX, principalmente nos centros urbanos como São Paulo e Rio de Janeiro, o futebol começou a ganhar mais popularidade do que o teatro e o turfe (MALAIA, 2012). Do mesmo modo, as formas de torcer foram se modificando conforme a profissionalização do futebol brasileiro foi se consolidando.

Nas cidades de Rio de Janeiro e São Paulo, iniciaram-se os primeiros agrupamentos de torcedores na década da profissionalização do futebol no Brasil, em 1933. Antes das primeiras organizações torcedoras, os frequentadores se reuniam em pequenos grupos, formados por familiares e amigos. A partir da criação das “torcidas uniformizadas”, também conhecidas como “Torcidas Charangas”, o torcer ganhou algumas particularidades que atraíram mais participantes. Assim, esses integrantes passaram a fazer parte do espetáculo futebolístico, assumindo representações identitárias de grupo e a compor estéticas pouco comuns para os estádios da época (PIMENTA, 1997; TOLEDO, 2000).

A geração uniformizada torcedora que iniciou essa prática desenvolveu uma identidade de grupo justamente por meio dos uniformes, mas também a partir de performances como pular, cantar e inserindo instrumentos carnavalescos nas arquibancadas, conhecidos como “charangas” (SOUZA, 2020). Os primeiros registros a respeito das festas³⁷ dessas torcidas ocorreram nos estádios do eixo Rio-São Paulo, contudo, vale ressaltar a existência das festas no Rio Grande do Sul, especialmente em Porto Alegre.

A criação das primeiras organizações torcedoras tinha como objetivo tentar controlar as massas, impondo disciplina entre os torcedores, evitando palavras de baixo-calão, brigas e controle de discussão (HOLLANDA, 2012). A partir desse controle, pretendia-se realizar uma uniformização do comportamento, uma atitude que muitas vezes era cobrada pela direção do

³⁷ Alguns trabalhos descrevem a relação do carnaval com as torcidas uniformizadas e organizadas. Artigos como *Escolas de samba e torcidas organizadas de futebol: análise de um caso de sincretismo no carnaval paulistano*, do Bernardo Buarque de Hollanda e Jimmy Medeiros (2018); *Reflexão sobre as torcidas organizadas no samba e a espetacularização do carnaval carioca*, de Carlos Pimenta; *A trajetória das associações de torcedores de futebol da cidade de São Paulo: de torcidas de futebol a escolas de samba*, de Hugo Campos e Roberto Louzada são alguns exemplos. Ver mais em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/mosaico/article/view/73873>; <https://anatorg.com.br/torcida-organizada-e-carnaval-contornos-de-uma-aproximacao/>. Acesso em: 28 de abr. de 2022.

clube, que se intensificou após o Campeonato Sul-Americano de 1919³⁸, quando os torcedores foram obrigados a assistir aos jogos sentados em poltronas numeradas (MALAIA, 2012).

Ainda sobre o controle das massas, destacamos que as primeiras torcidas nasceram pelas motivações ideológicas da época, ideias que giravam em torno de raça, moralidade, nação e ordem (TOLEDO, 2000). Contudo, é importante lembrar que, apesar desse ideal, as torcidas surgiram como um embrião das festividades dentro dos estádios. Assim, Toledo (2000), pontua que, em 1943, a Rádio Gazeta e a Gazeta Esportiva promoveram o primeiro campeonato paulistano de torcidas, buscando normatizar a conduta dentro do estádio. Esses concursos premiavam as melhores torcidas que se alinhavam com a ideologia do estado novista³⁹. As primeiras organizações torcedoras não tinham objetivos reivindicatórios, pois faziam parte dos departamentos, ou seja, era um órgão dos clubes. Nesse sentido, é possível estabelecer uma comparação com os órgãos do governo de Getúlio Vargas, que midiaticizavam exclusivamente os aspectos positivos das instituições (FLORINDO, 2015).

Segundo Toledo (2012), as torcidas uniformizadas tinham dois objetivos, a saber: controlar o torcedor comum (prezando pela moralidade da época) e organizar o incentivo à equipe. Significa que o início das torcidas uniformizadas não esteve relacionado apenas com a carnavalização do torcer, mas com uma preocupação sobre o controle das pessoas, uma vez que o futebol estava se popularizando cada vez mais entre as classes trabalhadoras. Assim, o objetivo era “formar um núcleo civilizado no meio da massa” (TOLEDO, 2012 p.178), articulando um tipo de controle devido à preocupação dos clubes e de seus dirigentes.

As torcidas uniformizadas surgiram no final da década de 1930 e início de 1940, com a presença de líderes como torcedores símbolos, que faziam parte de departamentos dos clubes. Esses torcedores símbolos controlavam as massas e, geralmente, eram pessoas conhecidas popularmente entre os torcedores, ou mesmo figuras públicas. No próximo subcapítulo, abordaremos a respeito de tais torcedores e a prática organizada do torcer aqui no RS.

2.4 O EMBRIÃO DAS TORCIDAS ORGANIZADAS NO RS: AS TORCIDAS CARNAVALIZADAS OU UNIFORMIZADAS

³⁸ O decreto nº 14.529, de 09 de dezembro de 1920, legislava sobre a normatização do comportamento em teatros, prados de cavalo, campos de football, entre outros esportes. No capítulo XII, no seu artigo 33, são estabelecidos deveres aos espectadores de espetáculos públicos (BRASIL, 1920).

³⁹ As relações entre as torcidas uniformizadas e o período de Getúlio Vargas foram reflexões de Bernardo Buarque de Hollanda e Aníbal Martinot Chaim (2020), na obra com o título de *Ordem e progresso nas arquibancadas: O jornalismo esportivo e a gênese das torcidas uniformizadas de futebol durante o regime político do estado novo (1937-1945)*.

Conforme já havíamos destacado, entre o final da década de trinta e início da década de 1940 surgiram as primeiras torcidas uniformizadas, como a Torcida Uniformizada do São Paulo (TUSP), criada em 1939. Da mesma forma, outra organização pioneira foi a Charanga Rubro-Negra, do Flamengo, em 1942 (SOUZA, 2020). Essas associações torcedoras substituíram a sociabilidade que costumava ser exclusiva a familiares durante as partidas.

As primeiras organizações torcedoras no Rio Grande do Sul nasceram na primeira década de 1940, tais como: o Departamento de Cooperação e Propaganda do Sport Club Internacional (S.C.I), em 1940 (SILVA, 2021); o Departamento pela Pujança do Grêmio, que se tornou o Departamento do Torcedor Gremista, em 1946, do Grêmio Foot-Ball Porto Alegre (DUARTE, 2012); e o Departamento de Torcida do extinto Grêmio Esportivo Renner, também em 1946 (HORN; MAZO, 2009).

Vamos iniciar pela primeira organização torcedora no RS, o Departamento de Cooperação e Propaganda (DCP) do Sport Club Internacional. Um de seus fundadores foi Vicente Lomando Rao⁴⁰, nascido em 4 de abril de 1908, na mesma data de nascimento do seu time do coração, porém, um ano antes do clube ser fundado. Vicente Rao era conhecido em Porto Alegre por ter sido Rei Momo do carnaval porto-alegrense, tornando-se um torcedor símbolo⁴¹, atuando como chefe de torcida. Na década de 1940, as lideranças se institucionalizaram, o que ocasionou no nascimento das Charangas ou das Uniformizadas. Os “embaixadores”, como eram conhecidos os torcedores símbolos, eram chamados pela imprensa como “chefes” porque, naquela época, essa palavra era sinônimo de disciplina e hierarquia, a exemplo das nomenclaturas chefe de Estado, chefe de repartição, chefe de polícia, chefe de família, entre outros (HOLLANDA, 2012).

O jornal “Diário de Notícias”, na data de 14 de junho de 1940, convocou todos os torcedores do Sport Club Internacional para uma reunião na sede do clube, para criação de uma organização da “maior torcida da cidade”:

Por iniciativa, de Carlos Dilorenzi, desenvolver-se-á outra campanha dentro da família colorada, no intuito de estimular os crâques e coordenar a “**maior torcida da cidade**”. Reclamam contra a torcida, que às vezes achincalha o jogador em vez de incita-lo. Acusa-se, muito frequente, sem motivos plausíveis, o arbitro, indispondo-o contra o clube. A propria diretoria não compensa á altura, talvez em face de outros compromissos, os exitos registrados. Por estes e muitos outros motivos, os colorados

⁴⁰ Ver mais em: <https://internacional.com.br/noticias/conheca-a-historia-de-vice-rao-torcedor-simbolo-da-essencia-popular-colorada-e-que-completaria-112-anos>. Acesso em: 20 de jan. de 2022.

⁴¹ Os torcedores símbolos eram os representantes das torcidas, no qual organizavam as festas nos estádios. Não eram presidentes de torcidas como conhecemos a partir da década de 1980 com a estruturação das torcidas organizadas, mas representavam o agrupamento torcedor. O artigo *As Torcidas Uniformizadas (Organizadas) de Futebol no Rio de Janeiro nos anos 1940* (BRAGA, 2010) exemplifica o papel dos torcedores símbolos.

vão convocar uma reunião de todos os associados, com o apoio incondicional do primeiro mandatário, no sentido de congregar as forças. Será organizado uma “comissão de 40 que procurará cooperar com a diretoria, na “hora dos sacrifícios”. Afirma-se, abertamente, que a colaboração não será material, mas sim moral. A reunião está marcada para hoje às 20, 30 horas. Todos os associados torcedores estão convocados para a reunião de logo á noite na séde, á rua Capitão Montanha⁴²

A partir dessa notícia, podemos observar um convite para estabelecer um incentivo ao Internacional de forma organizada, sendo a própria movimentação da organização a primeira torcida uniformizada. Aliás, segundo a notícia, foi constituída uma comissão de quarenta pessoas para cooperar com o clube. Assim, todos os associados da entidade foram convocados para a reunião, que estabeleceu a primeira forma organizada de torcer do Rio Grande do Sul.

Na data de 16 de junho de 1940 (OS COLORADOS, 1940, p. 16), dois dias depois da reunião, foi criado o Departamento de Cooperação e Propaganda (DCP), presidido por José Azevedo e Silva com o seguinte regimento:

Compareceram a reunião de anteontem, promovida por sócios do Internacional apesar do mau tempo, 104 associados e simpatizantes do clube colorado. A reunião foi aberta pelo desportista Peri Azambuja Soares, que convidou o presidente do Internacional, sr. Hoche de Almeida Barros para presidi-la. Após, por espaço de mais de uma hora, falou o desportista Pery Azambuja Soares, que em linhas gerais dissertou com referencia a nova iniciativa dos “aficionados” do —mais querido clube da cidade. Os pontos principais que o novo Departamento que se denominará “Pró cooperação e propaganda” defenderá são os seguintes:

- 1º - Estreita ligação com a direção do clube;
- 2º - Incentivo por todas as formas ao “onze” colorado.
- 3º - Disciplina ferrea na “torcida rubra”.
- 4º - Apoio decisivo a todas as iniciativas do clube.
- 5º - Creação de um “bureau de Propaganda”
- 6º - Reiniciar imediatamente a Campanha dos “Dez Mil”. Tendo sido aprovado esse programa de ação foi então procedido a eleição dos membros da grande Comissão. O desportista Peri Azambuja Soares indicou para presidente da referida comissão o conhecido desportista dr. José Azevedo e Silva, o qual foi delirantemente aclamado pelos presentes. A seguir foram escolhidos os demais componentes⁴³.

Segundo a reportagem do “Diário de Notícias”, no dia 16 de junho foi criada a torcida uniformizada do Internacional com o objetivo de apoiar os “onze” jogadores, ter uma forte relação com a direção, ser uma torcida disciplinada, apoiar o clube em suas ações e ajudar na criação da propaganda do clube. A partir do trecho “disciplina férrea na torcida rubra”, podemos

⁴² Para preservar a escrita original, foram mantidos alguns desvios gramaticais. Grifos do autor. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=093726_02&pasta=ano%20194&pesq=%22%20capit%C3%A3o%20montanha%22&pagfis=1637. Acesso em 20 jan. 2022.

⁴³ Na Hemeroteca Digital não estava nítido, de modo que a informação foi obtida por meio da monografia intitulada de “*Imitando os negrinhos, hein?*” *O Departamento de Cooperação e Propaganda do Sport Club Internacional no contexto do Estado Novo (1940-1942)*, de César Marcelo Caramês da Silva. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=093726_02&pasta=ano%20194&pesq=%22%20capit%C3%A3o%20montanha%22&pagfis=1667 Acesso em: 20 jan. 2022.

compreender uma tentativa de controlar a torcida colorada, o que constituía uma característica das torcidas daquele período. O que diferencia a DCP das outras torcidas, sobretudo, a Charanga Rubro Negra e a Torcida Uniformizada do São Paulo (TUSP), era a forma como a torcida atuava dentro do clube, ajudando até na campanha de arrecadação de sócios, com a campanha dos “dez mil sócios” (OS COLORADOS, 1940).

Em relação à atuação do DCP no Estádio dos Eucaliptos⁴⁴, no que diz respeito à festa nas arquibancadas – intitulada de carnaval –, podemos observar a partir de uma matéria realizada pela Revista do Globo (1945, p.58 apud SILVA, 2021, p. 42):

A entusiasmada turma do Ráo também está encarregada de organizar o “carnaval”. O “carnaval”, de acordo com a gíria esportiva, significa: manifestações de apoio aos jogadores em campo. Êsse apoio é concretizado com o auxílio de serpentinas, rojões, foguetes, confetis, papel picado, etc., o que vem emprestando certo cunho de originalidade aos nossos prêmios esportivos. [...] Ainda compete ao “Departamento”, neutralizar a torcida adversária. É com essa finalidade que surgem os desenhos, as caricaturas, os dísticos e as piadas que, impressas ou mimiografadas, são distribuídas pelos cafés e outros pontos de reunião dos esportistas da cidade.

Nesse sentido, o apoio, a festa e o torcer estavam sendo organizados pelo DCP no antigo Estádio dos Eucaliptos, momento em que a festa nos estádios ainda era chamada de carnaval. No trecho da notícia, podemos observar alguns elementos que são utilizados pelas torcidas organizadas atuais, como rojões, foguetes, confetes e papéis picados. Nesse sentido, a rivalidade com torcidas adversárias era expressa a partir de provocações, como a criação de caricaturas dos rivais para distribuir em diversos pontos da cidade, atitude que ainda era vista com bom humor pela mídia. Essa prática⁴⁵ continua sendo utilizada até hoje pelas torcidas.

Outra característica do Departamento de Cooperação e Propaganda consiste na atuação através da imprensa, como notas em jornais para neutralizar ou deslegitimar torcidas adversárias ou com a utilização da propaganda, algo que ainda não tinha sido visto em nenhuma outra torcida daquele decênio (SILVA, 2021). Esse agrupamento investiu na imagem do Internacional pelos meios de comunicação, com o objetivo de expandir essa paixão para mais pessoas na capital gaúcha e ajudar na campanha de arrecadação de sócios (SILVA, 2021).

Neste momento, iremos discorrer novamente sobre o torcedor Vicente Rao, que foi se consolidando como “torcedor símbolo” do Internacional. Essa designação ganhou força

⁴⁴ O Estádio do Eucaliptos foi o segundo estádio do Internacional, fundado em 15 de março de 1931, sendo palco para jogos da Copa do Mundo em 1950. No trabalho intitulado *Clubes, Estádios e Torcidas: A elite e o “povão” na história do Sport Clube Internacional*, narra-se sobre o referido estádio. Ver mais em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/21333/000736986.pdf>. Acesso em: 03 de abr. de 2022.

⁴⁵ A criação de caricaturas é uma prática atualmente utilizada pelas torcidas organizadas de todo Brasil. Ver mais em: <https://onefootball.com/pt-br/noticias/torcida-do-flamengo-provoca-vasco-e-espalha-cartazes-de-zoacao-aorival-em-pontos-do-rio-31360110>. Acesso em: 03 de abr. de 2022.

principalmente depois de disputas internas pelo DCP, somado a sua figura pública carnavalesca como Rei Momo e ao seu carisma, digno do título de líder da torcida:

Com apenas dois meses de existência do novo departamento colorado, José de Azevedo e Silva, dirigente que havia sido indicado por Peri Azambuja Soares para presidência do DCP, pediu demissão. O desportista alegou —motivos de ordem particular e evitar os “aborrecimentos”. As fontes não nos dão maiores indícios sobre quais aborrecimentos levaram à saída do presidente, mas nos permitiremos ventilar uma hipótese. De toda forma, fica um indício de que os “aborrecimentos” de José Azevedo e Silva possam ter sido gerados por algum atrito com Rao, o líder da torcida, ao que pese que este último continuou no DCP mesmo com a saída do dirigente. (...) Por outro lado Vicente Rao passa a aparecer cada vez mais nas manchetes, inclusive representando o clube para receber a “Taça Diário de Notícias”, instituída pelo jornal ao vencedor de uma série de cinco clássicos grenais no ano de 1939, ou ainda falando ao jornal sobre suas expectativas com relação à equipe colorada para a temporada de 1941 (SILVA, 2021, p. 44).

A partir do momento em que Vicente Rao se tornou o principal nome do DCP, a torcida ganha mais notoriedade, fato que se deve às boas relações estabelecidas com os dirigentes e a imprensa em razão do seu *status* na cidade. O líder da torcida chegou a representar o Internacional, recebendo a Taça Diário de Notícias, que foi dada após uma vitória em um Grenal. A partir de então, Vicente Rao foi chamado para dar entrevistas e representar a torcida, apresentando suas expectativas para a temporada de 1941, que estava prestes a iniciar. Com as desavenças internas dentro da DCP, o torcedor conseguiu se tornar o grande representante da torcida, contribuindo com o seu crescimento atuando na organização torcedora.

Em relação às festas mencionadas no jornal “Diário de Notícias”, podemos citar a festa realizada no dia 3 de novembro de 1940⁴⁶, em que a DCP realizou e organizou uma carreata de comemoração do título do Campeonato Citadino. Com a leitura da reportagem, é possível entender que, no início do decênio de 1940, já estavam sendo organizadas festas pela torcida do Internacional: “[...] tendo o Departamento de Cooperação e Propaganda organizado uma passeata para depois do jogo, a diretoria solicita a todos os sócios que compareçam à passeata, que partirá do campo do jogo [...]” (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 1940, p. 3).

Como podemos observar na Figura 1 a seguir, o jornal apresenta a única fotografia relacionada à festa da DCP nas arquibancadas do Estádio dos Eucaliptos, no momento que os jogadores entraram em campo em uma partida entre Internacional x São José de Porto Alegre, em 5 de novembro de 1940⁴⁷.

⁴⁶Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=093726_02&pasta=ano%20194&pesq=%22departamento%20de%20coopera%C3%A7%C3%A3o%20e%20propaganda%22&pagfis=3248. Acesso: 22 jan. 2022.

⁴⁷Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=093726_02&pasta=ano%20194&pesq=%22departamento%20de%20coopera%C3%A7%C3%A3o%20e%20propaganda%22&pagfis=3286. Acesso: 22 jan. 2022.

Figura 1 – Festa do DCP com a entrada dos jogadores colorados



Fonte: (OS COLORADOS, 1940, p. 5).

Com a leitura documentária, analisamos a imagem a partir das categorias quem/onde/como/quando, destacando a necessidade de responder a essas questões para obter uma compreensão histórica sobre a produção fotográfica (MANINI, 2002). Nesse sentido, faremos a análise documental para elaborar as representações da fotografia para podermos recuperar as informações pertinentes (MANINI, 2002).

A partir da análise documentária dessa imagem, podemos observar a festa dos torcedores durante a entrada dos jogadores, no antigo estádio do Internacional. O que chama atenção é a inovação dos torcedores, utilizando de materiais que não eram comuns à época para festejar a entrada de equipes na década de 1940. A festa da torcida no Estádio dos Eucaliptos era comparada ao carnaval da cidade, já que, conforme a reportagem, a torcida levou “Flores, Confetis e Serpentinhas” para o estádio. Essa forma diferenciada de torcer foi pioneira⁴⁸ nos estádios de futebol do Rio Grande do Sul, abrindo portas para outras torcidas da cidade.

Naquele decênio de 1940, surgiu outro torcedor símbolo do Internacional, que, de forma indireta, foi um dos responsáveis pelo apelido de “Clube do Povo”. Esse torcedor chamava-se Charuto, um torcedor frequente no Estádio dos Eucaliptos (RODRIGUES, 2012). O colorado Charuto era negro, analfabeto e apresentava sintomas de embriaguez, por vezes ficando de costas para o gramado durante os jogos; além disso, Charuto era acompanhado de uma cabra,

⁴⁸ Entendemos como pioneira esse tipo de festa, pois não encontramos registros de outras torcidas, até porque a torcida mais antiga surge somente em 1946, sendo o Departamento de Pujança do Grêmio, que foi criado após o Departamento de Cooperação e Propaganda.

chamada de “Cabrita Chica” (RODRIGUES, 2012). Nesse mesmo decênio, a entrada de negros nas dependências do Grêmio⁴⁹ não era permitida, o que ilustra o antagonismo da criação de identidade clubísticas. Sobre o torcedor Charuto, o autor descreve:

Um negro bonachão, simples e pobre. É grande figura dos Eucaliptos, onde a cada domingo se confraterniza com outros torcedores. A cada cerveja aberta no estádio, pelo menos um copo é oferecido a Charuto, descrito como não apenas o torcedor mais apaixonado, como também o mais elegante, pois sempre trajava um terno de linho branco. Chica, que sempre o acompanhava, era uma cabra preta, com pequenas manchas brancas e a sua presença era certeza de vitória colorada. Considerada um talismã, sua presença ao lado de Charuto era constante e ocupava inclusive arquibancadas em dias de jogos fora do Estádio dos Eucaliptos (RODRIGUES, 2012, p. 34).

O torcedor Charuto ajudou a criar essa identidade de Clube do Povo devido aos torcedores rivais, principalmente o arquirrival Grêmio, que menosprezava a então desconhecida forma de torcer do Inter, mas também desqualificava o clube por sua relação com as classes populares. Apesar disso, deixamos registrado que devemos cair na dicotomia de que somente pobres torciam para o Internacional ou somente ricos torciam para o Grêmio – sabemos que existiam diferentes pertencimentos clubísticos dos sujeitos de distintas classes sociais.

Por outro lado, vamos discorrer brevemente sobre duas torcidas que também surgiram no decênio de 1940, O Departamento de Pujança do Grêmio e o Departamento de Torcida do extinto time de futebol Renner, em 1946. A discussão sobre essas duas torcidas uniformizadas será breve porque elas existiram por poucos anos, acarretando na falta de fontes encontradas.

No Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense (G.F.P.A), de forma institucional, surgiu o Departamento de Pujança do Grêmio, criado em 10 de junho de 1942, tornando-se, em 1946, o Departamento do Torcedor Gremista (SILVA, 2021). Nesse período, foi criada a primeira torcida no tricolor gaúcho:

No Grêmio, porém, como na grande maioria dos clubes a iniciativa para esta organização parte do próprio clube. Em 1942 o clube oficializa a criação do departamento Pela Pujança do Grêmio, o P.P.G., que era organizado por torcedores e associados e tinham o papel de divulgar e propagandear o clube. Este foi o primeiro indício de organização de torcedores em prol único de incentivar o clube no Grêmio e serviria de precursor para outros movimentos (DUARTE, 2012, p.34).

⁴⁹ Em relação à proibição de pessoas negras no Grêmio, existe a monografia de Gianluca De Melos Serrano, intitulada *Não é só futebol: Uma análise de como o racismo é abordado em campanhas institucionais pela dupla Gre-Nal*. Ver mais em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/211984/001115965.pdf?sequence=1>. Acesso em 03 de abr. de 2022.

Para discutirmos a respeito do início da organização torcedora do Grêmio, temos que trazer a figura de Salim Nigri⁵⁰, torcedor símbolo que dedicou boa parte da vida ao Departamento do Torcedor Gremista (DTG), visando uma maior participação da torcida gremista em jogos. Salim era branco, alto e descendente de italianos, foi o torcedor que levou a faixa com os dizeres que se tornaram parte do hino do clube: “com o Grêmio, onde o Grêmio estiver” (RODRIGUES, 2012). Além disso, Salim também foi um dos responsáveis por levar artefatos para jogos, como instrumentos musicais, faixas e bandeiras (DUARTE, 2012).

Em 1945, Salim Nigri organizou uma viagem de trem com os torcedores para acompanhar o Grêmio no jogo contra o Floriano, da cidade de Novo Hamburgo, vizinha da capital gaúcha (DAMO, 1998). Na ocasião, dezoito vagões saíram da capital gaúcha, transportando dirigentes, jogadores e, claro, os torcedores. Sobre esse jogo, Arlei Damo realizou uma entrevista com o próprio Salim Nigri, em que ele relata:

Uma vez levamos dezoito vagões de trem lotados de torcedores a Novo Hamburgo [...]. Se conseguíssemos uns cinquenta ou sessenta torcedores, a Viação Férrea levaria toda a delegação de trem. Num iriam os jogadores, a direção, aquela coisa toda e se eu conseguisse uns cinquenta torcedores iria outro vagão. Aí, na segunda-feira eu saí com uma folha de papel almaço: quando chegou na sexta-feira, tchê, começou a fazer fila lá na sede do Grêmio prá comprá passagens prá ir a Novo Hamburgo [...]. Prá te encurtar a história, tchê, de hora em hora eu telefonava pro cara da Viação e dizia: olha, mais um vagão [...] e a fila não acabava nunca. Foram dezoito vagões, com gente sentada e em pé às pampas. [...] Acho que foram mais de duas mil pessoas (DAMO, 1998, p. 150).

Como podemos observar na Figura 2, essa foi uma das maiores excursões da torcida gremista. Eram esperados sessenta gremistas, mas compareceram cerca de duas mil pessoas. Essa situação ajuda a compreender o início de uma organização torcedora, já que naquele período não era comum realizar excursões para acompanhar o time – essa prática começou a acontecer a partir das torcidas uniformizadas.

⁵⁰ Sobre Salim Nigri, ver mais no livro *A Fonte: A incrível história de Salim Nigri*, de Léo Gerchmann, que se dedica a falar sobre o torcedor símbolo do G.F.P.A.

Figura 2 – Torcida gremista em excursão para acompanhar o jogo da equipe



Fonte: Instagram Oficial do G.F.P.A (2022).

Com o desenvolvimento da organização torcedora, o Departamento do Torcedor Gremista foi se estruturando cada vez mais, cujo representante era Francisco Maineri, embora Salim Nigri fosse o mais conhecido torcedor (DUARTE, 2012). Logo, entendemos que a forma de torcer do Grêmio foi inspirada em seu rival, na torcida liderada por Vicente Rao, uma vez que o DTG também começou a levar foguetes e bandeiras nos jogos. Podemos observar a notícia veiculada no jornal *Correio do Povo* (1946, p. 9):

Assim, em uma atmosfera plena de confiança e de idealismo, gremistas e diabo-rubros irão a Timbauva, com seus simpatizantes devidamente concentrados, com faixas e dísticos⁵¹ característicos e pronto a fazerem um barulho infernal, daqueles que só eles – os tricolores e os colorados – sabem fazer.⁵²

Podemos notar que o Departamento de Cooperação e Propaganda influenciou a nova torcida gremista a partir das festas que eram realizadas nos estádios. Um fato curioso que aconteceu entre o DCP e o DTG foi quando Vicente Rao levou uma faixa para o estádio dos Eucaliptos sobre a torcida gremista, imitando a torcida colorada. O fato pode ser conferido no trabalho de Silva, a partir das fontes da *Revista do Globo*, na edição de 1945 (apud SILVA, 2021, p. 58).

⁵¹ Dístico, segundo o dicionário, significa estrofe que contém somente dois versos. Provavelmente diz respeito às canções entoadas nos estádios.

⁵² “Correio do Povo”, Porto Alegre, 05 de maio de 1946, p. 9.

[em] certa ocasião, informaram a Ráo que a torcida de um clube rival iria ao campo, no dia seguinte, disposta a fazer maior “carnaval” do que seria capaz de imaginar a “hinchada” dos rubros. O “chefe” do DCP não comentou a notícia. Mas na hora da partida, quando os torcedores rivais, efetivamente, iniciaram a barulhada, Ráo desdobrou e fez circular pelo campo um enorme dístico assim redigido: “imitando os negrinhos, hein!”. Arrefeceu completamente o entusiasmo dos contrários.

A faixa foi colocada, provavelmente, por causa das torcidas adversárias que intitulavam a torcida do Internacional como o “time dos negrinhos”, já que a equipe permitia a entrada de jogadores negros, ou ainda devido ao carnaval nas arquibancadas (SILVA, 2021). Assim, quando a torcida gremista levou instrumentos musicais para o estádio, de forma sagaz, Vicente Rao e o DCP abriram a tão simbólica faixa.

O Departamento do Torcedor Gremista foi de curta existência, desaparecendo dos noticiários do período após a demissão de sua diretoria – composta por Adail Borges e Afonso Robles – e dos conselheiros e dirigentes (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 1942, p. 6 apud SILVA, 2021). Contudo, é importante compreender que, apesar do pouco período de existência, havia uma semelhança entre DCP e o DTG, no que diz respeito ao esforço da propaganda e do apoio ao clube. Além disso, podemos apontar diferenças entre as torcidas do eixo Rio-São Paulo, pois essas torcidas tinham como objetivo controlar o comportamento dos torcedores. Por sua vez, na capital gaúcha, os objetivos também envolviam o crescimento institucional dos clubes (campanha de sócios), realizando ações em conjunto que envolviam torcida e agremiação.

Já no clube Grêmio Esportivo Renner, existiu o Departamento de Torcida, fundado em 1946, sendo a terceira torcida mais antiga do RS. O clube foi fundado por industriários do Grupo Renner, em 1931⁵³, existindo até 1957. Após a profissionalização do clube Renner, um grupo de torcedores organizou o “Livro Golo”, com o objetivo de arrecadar valores para os jogadores após suas atuações (HORN; MAZO, 2009).

Após a fundação do Departamento de Torcida, a equipe do Renner disputou o Torneio Municipal de Porto Alegre, em 1946. Em um jogo contra o Internacional, a equipe conseguiu o maior público, superando até mesmo a torcida do clássico Gre-Nal que havia ocorrido no campeonato (HORN; MAZO, 2009).

Como era marca daquela década, o Departamento de Torcida do Renner também tinha um torcedor símbolo, o senhor Darci Ferreira, que foi patrono da torcida em 1953 e em 1954 (HORN; MAZO, 2009). Portanto, Darci Ferreira era um dos “chefes” de torcida, buscando por ordem, educação e cordialidade da torcida para com os atletas.

⁵³ Existe um documentário no YouTube sobre o time Renner, intitulado *Papão de 54* em alusão ao título de 1954. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FG8Paldslhg>. Acesso em: 21 de jan. de 2022.

Devido ao fechamento do clube em 1957, o Departamento de Torcida do Renner também foi extinto. Assim, podemos observar que o fenômeno das formas organizadas do torcer estiveram presentes em diversos times, dos grandes aos pequenos. Entendemos ter sido essa a primeira geração das torcidas organizadas, em que a disciplina e a ordem familiar eram as principais características. Desse modo, podemos apontar que o período compreendido entre a década de 1940 até o começo do decênio de 1970 formou uma “Tríplice Trindade” – um Clube, uma Torcida, um Chefe (HOLLANDA, 2012).

Do mesmo modo, os “chefes de torcida” ou os “embaixadores” eram responsáveis pela torcida e a moralidade imposta aos seus integrantes. Além disso, os “chefes de torcida” tinham vínculo com os dirigentes e policiais. Essa forma mais pacífica e submissa dos dirigentes foi mudando quando os mais jovens passaram a mudar a dinâmica das torcidas – assunto que será mais debatido no próximo subcapítulo.

2.5 A JUVENILIZAÇÃO DO TORCER: AS TORCIDAS JOVENS OU TORCIDAS ORGANIZADAS

A partir da segunda metade da década de 1960, as torcidas uniformizadas iniciaram uma convivência com outras torcidas do mesmo clube, já que elas não eram mais as únicas, tampouco as principais. Assim, grupos de torcedores criaram torcidas dissidentes, a partir de críticas sobre a forma de atuação dos líderes das torcidas uniformizadas. As principais críticas eram voltadas para os chefes de torcida (torcedores símbolos), devido aos vínculos desses líderes com políticos e dirigentes do clube (TOLEDO, 1996).

O período da criação das torcidas jovens coincide com o momento de maior repressão da Ditadura Civil-Militar no Brasil. No ano de 1968, foi promulgado o Ato Institucional 5 (AI-5), que intensificou a censura e a repressão, sobretudo em relação aos jovens. Para entendermos a falta de democracia que o país viveu, é preciso lembrar que a União Nacional dos Estudantes (UNE) funcionou de maneira clandestina desde o início do período ditatorial, em 1964 (SANFELICE, 2015).

Desse modo, as torcidas uniformizadas (carnavalescas) passaram a ser substituídas por uma nova forma de torcer, que foi inspirada em uma cultura juvenil, de caráter militar, criando estratégias de confronto e defesa (PIMENTA, 2004). O Brasil, durante a década de 1970, ficou marcado pelo processo de urbanização e industrialização dos grandes centros urbanos. Além disso, essa forma de torcer ganhou espaço, pois:

Esse modelo de assistência instituído e incrementado por estas torcidas uniformizadas perdeu até os anos 1970, quando outra modalidade de participação, nitidamente

mais popular e contendora, de uma certa perspectiva, ganhou significativo espaço e apelo entre torcedores das classes populares. É relevante correlacionar o surgimento dessas instituições torcedoras num período em que os direitos políticos e a cidadania estavam cerceados pelo então regime militar. Seguindo um modelo autoritário no que concerne ao gerenciamento do futebol, grupos torcedores mobilizam-se em torno de instituições mais alternativas de participação nas franjas do futebol profissional (TOLEDO, 2000, p. 151-152).

O crescimento dos grandes centros urbanos refletiu na participação dos componentes das novas organizadas, já que muitos jovens começaram a procurar por uma identidade de grupo, intensificando a participação nas associações torcedoras (SILVA, 1996). Um fator importante a ser considerado é que as torcidas refletem diferentes padrões da sociedade. Significa que elas podem reproduzir até mesmo a gestão do regime ditatorial dentro de suas agremiações, pois:

A mudança de comportamento das 'organizadas' levou de dez a quinze anos desde sua gestação até sua presença nas páginas policiais. De carnavalizadas passaram a ser militarizadas, seguindo as doutrinas e os padrões do militarismo então vigente, que se entranhava em todos os setores da sociedade. Estas torcidas, em decorrência, foram se estruturando em 'pelotões', 'destacamentos', 'esquadrões', 'tropas-de-choque', 'comandos', 'exército', 'famílias' ... sim, família, mas no sentido mafioso do conceito. Além disto, seus líderes são chamados 'capitães', 'tenentes', 'sargentos'. Seus símbolos são militares, como também o são suas relações de poder, hierarquia interna e coesão grupal (MURAD, 1996, p. 96-97).

Com a maior participação das juventudes nas torcidas e o rápido acompanhamento do processo de industrialização, os grupos associativos foram se tornando cada vez maiores. Nesse contexto, os líderes das torcidas organizadas eram chamados com nomes militares, já que o Brasil era regido por um governo ditatorial. Assim, a estrutura das torcidas organizadas era hierárquica num sentido militar, de modo que foram formados, dentro das torcidas, pequenos grupos de choque. No decorrer da década de 1980, esses grupos se tornaram cada vez mais violentos, com atitudes que passaram a estampar manchetes dos jornais.

Além disso, uma característica que marcou o final da década de 1960 diz respeito às lutas da juventude pelo mundo, como o surgimento dos movimentos de Maio de 1968⁵⁴, na França, que se distribuíram em diferentes partes do mundo (VARELA; DELLA SANTA, 2018). Essa inquietação do decênio também influenciou as torcidas organizadas, de forma direta ou indireta, a notar pelos protestos, pichações e ebulições nas arquibancadas (HOLLANDA, 2012).

⁵⁴ Em relação à Maio de 1968, Michel Thiollent apresenta fontes inéditas a partir de um olhar da juventude universitária francesa, a respeito do processo ocorrido em Paris. Ver mais em: <https://www.scielo.br/j/ts/a/444DQVn33fzbR57dbgDDWWy/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 12 de set. de 2022.

Denominamos esse novo período do torcer como “juvenilização” das torcidas, também conhecido como torcidas jovens (devido ao grande número de jovens que a compõem). Uma terceira nomenclatura é justamente torcida organizada, devido à forma articulada desses grupos, que não se limitam apenas a torcidas que fazem festa, mas que criaram uma organização formal, hierárquica e burocrática. Também são chamadas de torcidas dissidentes, pelo fato de ex-membros terem criado associações paralelas às torcidas uniformizadas oficiais. A primeira torcida jovem que temos registros é a Poder Jovem do Flamengo, de 1967, criada como um grupo dissidente da Charanga Rubro Negra (HOLLANDA, 2012). Em 1968, a torcida dissidente no Botafogo também criou a Poder Jovem e, nesse mesmo ano, foi criada a Jovem Flu do Fluminense. Já em relação ao Vasco da Gama, em 1969 foi criada a Força Jovem do Vasco, que permanece atuante nos dias atuais (HOLLANDA, 2012).

No Rio Grande do Sul, a primeira torcida nesse formato mais “juvenil”, ou propriamente como torcida organizada, foi a Torcida Organizada Camisa 12, do Internacional, fundada⁵⁵ em 12 de outubro de 1969 por Hernani Becker, Jorge Brilho, Victor Tavares dos Santos e Vicente Rao (o mesmo chefe de torcida da DCP)⁵⁶. Durante a década de 1980 e 1990, a torcida se consolidou como a maior do clube, passando de cento e cinquenta para dois mil associados⁵⁷.

Em 12 de outubro de 2019, em uma entrevista pelo site oficial do clube, o vice-presidente da torcida daquele ano, Carlos Augusto Moisés (de 65 anos), relatou sobre o seu surgimento:

Já existia um prenúncio da torcida nos Eucaliptos. Quando o Internacional veio para o Beira-Rio, aquela torcida que existia veio para cá. Na época, surgiu a ideia de criar o décimo segundo jogador, então veio a Camisa 12. A gente foi crescendo, o pessoal foi vendo uma nova maneira de torcer, em um outro tipo de estádio, conta. “Foi uma inovação aqui no sul do país” (SPORT CLUB INTERNACIONAL, 2020).

Além disso, durante a década de 1990, a entidade recebeu o prêmio de melhor torcida do RS⁵⁸, sendo a pioneira em introduzir instrumentos de sopro na sua bateria, além de ter confeccionado a maior bandeira já vista nos estádios da época, com 3.800 metros⁵⁹. Sobre os instrumentos de sopro, é importante destacar que eles são característicos das torcidas platinas,

⁵⁵ Informações no site oficial do Sport Clube Internacional. Disponível em: <https://legado.internacional.com.br/conteudo?modulo=2&setor=18&codigo=46091>. Acesso em: 25 de jan. de 2022.

⁵⁶ Em relação ao fim do Departamento de Cooperação e Propaganda, não temos mais informações. Pela escassa bibliografia, também não sabemos se a nova torcida do Internacional foi formada como dissidente.

⁵⁷ De acordo com site oficial do S.C.I.

⁵⁸ Na década de 1990, existia no Rio Grande do Sul uma premiação para as melhores torcidas organizadas. Durante o decênio, a Camisa 12 sagrou-se campeã três vezes. Ver em: <https://pasquimcolorado.com.br/2021/04/04/ontem-hoje-e-sempre-pelo-internacional-camisa-12-a-torcida-que-nasceu-junto-ao-beira-rio/>. Acesso em: 25 de jan. de 2022.

⁵⁹ De acordo com site oficial do clube.

de modo que a Camisa 12 era uma das poucas torcidas do estado que possuía esse tipo de instrumento. A torcida também foi pioneira na escolha democrática da primeira presidente mulher de uma torcida organizada, durante seis anos consecutivos⁶⁰.

Na sequência, iremos apresentar fotografias para ilustrar as características das torcidas organizadas, já que, a partir da década de 1970, as organizadas passaram a torcer de maneira similar no Rio Grande do Sul. Os acervos que foram coletadas as fotografias foram através do site *Organizadas Brasil*, na página *Acervo Super Raça Gremista* e do site oficial do Sport Clube Internacional. Essas torcidas possuem bandeirões e bandeiras com hastes de bambu, instrumentos de escolas de samba, uniformes e líderes. A partir das fotografias, é possível ter uma noção sobre o estilo e as características das torcidas organizadas.

O trabalho de fotografia como fonte histórica nos coloca o desafio de recorrer a uma multiplicidade de técnicas e documentos, em que é necessário estabelecer um diálogo da História com outros campos de conhecimento, mas com o cuidado de não imergir neles, respeitando assim as distintas ciências (LE GOFF, 2002). Nesse sentido, consideramos a fotografia como fonte histórica que demanda de nós, historiadores, um novo tipo de crítica, sem importar se o registro teve a intenção de documentar um fato ou representar o estilo de vida de alguém (MAUAD, 2004).

A fotografia tem diferentes sentidos de interpretações, mas seu ponto de partida deve a realidade apresentada na imagem, pois o desconhecimento sobre o contexto pode levar a erros. Por esse motivo, destacamos a importância da intertextualidade com diferentes fontes, permitindo uma contextualização histórico-social e cultural (SONEGO, 2010). De acordo com Sonego (2010), a fotografia é um traço da realidade, isto é, um fragmento recortado a partir do seu tempo e espaço. Assim, entendemos tratar-se de técnica que deve ser apresentada em nosso trabalho, com o objetivo de comparar similitudes e diferenças das formas de torcer ao longo do tempo histórico.

⁶⁰Segundo o site oficial, a entidade recebeu por seis anos consecutivos o prêmio de melhor torcida.

Figura 3 – Bandeirão da Torcida Organizada Camisa 12 do Internacional



Fonte: Organizadas Brasil (s/d).

A torcida Camisa 12 foi a principal torcida do clube até o início dos anos 2000, mas devido a algumas punições acabou perdendo espaço nas arquibancadas para uma nova torcida. A divergência com a direção do clube e as brigas constantes com as torcidas do G.F.P.A fizeram com que a torcida fosse punida, causando fissuras internas. Sobre esse assunto, iremos discorrer com mais detalhes no capítulo terceiro.

Ainda no Internacional, surgiram duas torcidas de suma importância: uma das mais antigas é a Força Independente Colorada (Super Fico), fundada em 1977, e a Nação Independente Comando Vermelho (N.I.C.V), em 1992. Ambas apresentam semelhanças de torcidas organizadas, como instrumentos musicais de escolas de samba, bandeirões e uniformes padrões. No entanto, as duas torcidas possuem menos componentes e conselheiros no clube. A torcida Nação Independente apresenta as características das torcidas criadas na década de 1990, pois o *funk*⁶¹ é o principal ritmo colocado na arquibancada do Beira-Rio. A esse respeito, compreendemos que:

Do ponto de vista do gosto e da sociabilidade juvenil, lócus da arregimentação em larga escala de torcedores, a década de 1990 testemunhará uma nova subjetividade jovem, expressa numa corporalidade multiplicada em variadas formas e manejos de ser, a produzir vasos comunicantes entre comportamentos, estilos, ideias, condutas e juízos estéticos. Será cada vez mais comum, por exemplo, observar a linguagem do rap, ou do funk para o contexto carioca, nos estádios de futebol onde há décadas

⁶¹ TORCIDA NAÇÃO INDEPENDENTE. **Nação Independente – Sou Nação 27 anos – (Funk Torcida) N.I.C.V** [S.I.], 2019. Youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XqJd3f9ztDY&list=PLcMglC9KP8e-58WLHVlKcJ8Vo687vovB5>. Acesso em: 26 jan. 2022.

predominavam os cânticos e gritos de guerra mais tradicionais palavras de ordem, sambas e marchinhas que inspiravam as coreografias (TOLEDO, 2012, p. 127-128).

Na década de 1990, principalmente no Rio de Janeiro, o *funk* se tornou um estilo musical popular, sendo influenciado pela cultura negra dos Estados Unidos com bases musicais brasileiras (BELART, 2021). Esse ritmo musical foi disseminado para todo Brasil, principalmente nas periferias, influenciando jovens de torcidas organizadas que traziam para os estádios essa cultura juvenil.

No Rio de Janeiro, era muito comum a grupos de jovens da década de 1990 frequentar bailes *funks*, fossem bailes de comunidade ou bailes de corredor⁶², de modo que os jovens cantavam em alusão pelos seus bairros, favelas ou territórios (CECHETTO, 2003). Nos estádios, a dinâmica não foi diferente. Para entendermos como era forte a influência do *funk* nos anos 90 e início dos anos 2000, dentro das torcidas organizadas, podemos encontrar um vasto material de músicas gravadas em estúdios por essas entidades, com conteúdo de incentivo a jogadores, exaltação de bairros, apologia à violência ou pedindo paz para os bairros (BELART, 2021).

As torcidas organizadas do S.C.I apresentam características diferentes entre si. A Super Fico tem como particularidade ser uma torcida familiar, enquanto a Nação Independente tem como marca o fato de seus integrantes serem das periferias de Porto Alegre e região metropolitana. Destacamos que as duas torcidas foram muito importantes em diferentes momentos e campeonatos do Internacional.

Figura 4 – Camisa 12 anos 90



Fonte: Organizadas Brasil (s/d).

⁶² Sobre essa diferenciação de bailes *funks* que existem, o trabalho *Da valentia à neurose: Criminalização das galeras funk "paz" e (auto) regulações das condutas nas favelas*, de Carla dos Santos de Mattos (2012), aborda os chamados bailes de corredor e bailes da paz.

Figura 5 – Super Fico durante a década de 1990



Fonte: Organizadas Brasil (s/d).

Figura 6 – Nação Independente 2010



Fonte: Organizadas Brasil (s/d).

De forma geral, as três fotografias das torcidas organizadas coloradas nos apresentam similitudes, como a presença de bandeirões, fumaça ou pirotecnia, além de um grande contingente de componentes. Os elementos apresentados nas fotografias são características da forma organizada de torcer brasileira, uma vez que, em geral, são apresentadas bandeiras grandes e símbolos da torcida. É possível encontrar similitudes nas fotografias porque elas apresentam mais o símbolo da própria torcida do que o símbolo do clube – esse é um dos principais signos das torcidas organizadas brasileiras, evidenciar mais o símbolo da torcida do que propriamente do clube.

As torcidas organizadas do Grêmio também seguem esse padrão. A mais antiga é a Torcida Jovem do Grêmio (TJG), fundada em 23 de outubro de 1977 por um grupo de amigos

que saíram da torcida Real Tricolor⁶³. Dentre eles, dois nomes se destacam como os mais importantes: José Maria de Oliveira, o Zezão, e Nilson Correia (MENEGOTTO, 2011). Entre os anos de 1994 e 1995, a torcida chegou ao seu ápice, com cerca de três mil integrantes no Estádio Olímpico (MENEGOTTO, 2011). Contudo, poucos anos depois, a torcida perdeu componentes por disputas internas, de modo que, já no decênio dos anos 2000, passou a contar com trezentos torcedores, no máximo.

Na década de 1990, a principal torcida foi a Super Raça Gremista (SRG), fundada em 23 de setembro de 1981 por treze torcedores que acompanhavam os jogos do tricolor na arquibancada do setor social⁶⁴. Muitos ex-integrantes do TJG foram para Super Raça, pois “possuía uma ampla estrutura e grande quantidade de dinheiro para custear as despesas necessárias. E desta forma muitos torcedores migraram para a Super Raça Gremista, tornando-a a maior torcida do Grêmio” (MENEGOTTO, 2011, p. 26).

No decênio de 1990, a partir da boa fase de títulos do Grêmio⁶⁵, os símbolos e rituais das torcidas organizadas gremistas eram vistos nas arquibancadas do Estádio Olímpico, em que as bandeiras “Jovem” e “Raça” ocupavam de maneira hegemônica as arquibancadas gremistas (MACHADO, 2011). Apesar do apogeu das torcidas organizadas do tricolor terem acontecido na década de 90, o declínio ocorreu já no início dos anos 2000. Atualmente, a principal torcida no estilo organizada que o Grêmio possui ainda é a Jovem⁶⁶, mesmo com poucos membros nas arquibancadas.

⁶³ Torcida organizada já extinta do G.F.P.A, ainda na década de 1970.

⁶⁴ Ver mais no site Organizadas Brasil. Disponível em: <http://www.organizadasbrasil.com/torcida/SUPER-RACA-GREMISTA-664.html>. Acesso em: 29 jan. de 2022.

⁶⁵ A década de 1990 foi a melhor em relação a títulos da instituição. No âmbito regional, o time conquistou cinco estaduais nos anos de 1990, 1993, 1995, 1996 e 1999, além da extinta Copa Sul (1999); já as conquistas nacionais aconteceram em duas Copa do Brasil (1994 e 1997) e o Brasileiro, em 1996. As conquistas continentais vieram em 1995, com uma Taça Libertadores da América e a Recopa Sul-Americana; no âmbito mundial, o Grêmio foi vice-campeão do Mundial interclubes, perdendo nos pênaltis para Ajax da Holanda, em 1995.

⁶⁶ Torcida Jovem do Grêmio. [S.I] 2007. (1m:36s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=_rTZdG6DM-w. Acesso: 29 jan. de 2022.

Figura 7 – Torcida Jovem do Grêmio nos anos 2000



Fonte: Organizadas Brasil (s/d).

Figura 8 – Super Raça do Grêmio no ano 2000



Fonte: Acervo Super Arca Gremista (2000).

Na análise das fotografias das organizadas gremistas, podemos encontrar semelhanças nas formas de torcer. Os bandeirões tremulando no local onde se concentravam as festas da torcida, por exemplo, são um dos principais símbolos. Além disso, podemos observar que os emblemas e nomes das organizadas são mais proeminentes do que os do clube, situação que ocasionava desentendimentos entre os integrantes.

Sobre a rivalidade entre as torcidas, podemos afirmar que a Super Raça foi uma histórica rival da Camisa 12, já que as duas eram as maiores de seus respectivos clubes. As duas principais torcidas do Grêmio (TJG e SRG), depois do seu auge e de diversos títulos do G.F.P.A, iniciaram rupturas com a direção do clube e até mesmo entre si. Já existiam algumas fissuras entre as torcidas, a notar pelos conflitos na semifinal do Campeonato Brasileiro de 1996, quando as torcidas organizadas lotaram cinco ônibus para acompanhar o jogo em São Paulo, no estádio

do Morumbi (MACHADO, 2011). Em entrevista para o trabalho de Arlei Damo (1998, p. 162), o vice-presidente da Super Raça sinalizava que existia muita rivalidade entre as duas torcidas:

É sempre assim [...]. A Jovem sempre é favorecida por este sujeito [o diretor Departamento Eurico Lara] que não tem gabarito para o cargo que ocupa. [...] A Raça sempre é prejudicada, eles têm ciúmes da gente [...], eles não conseguem admitir que a Raça é a melhor, que bota mais gente no estádio, que vota prá presidente [...].

Durante os anos 1990, era muito comum nos estádios a famosa *ola*⁶⁷, em que grande parte do público puxava ou as próprias torcidas organizadas. As disputas nas arquibancadas do Estádio Olímpico aconteciam até mesmo com quem puxava a *ola*. Em relação a essa disputa, Damo (1998, p. 127) afirma:

As "organizadas", tendo suas próprias coreografias, dificilmente iniciam a "ola" e dela nem sempre participam ou, quando a Super Raça o faz a Jovem não, e vice-versa. Só quando a "ola pega", e isto requer uma certa insistência, é que as "organizadas" aderem. Trata-se de uma espécie de "narcisismo das pequenas diferenças", às vezes levado às últimas consequências.

Com o aumento de disputas das torcidas organizadas do Grêmio e a péssima relação com as torcidas organizadas do Internacional, o âmbito do torcer foi modificado. Durante a década de 1990, o Grêmio começou a jogar cada vez mais as competições da Conmebol, principalmente a Taça Libertadores da América, de modo que as torcidas começaram a ser influenciadas por um novo modo de torcer. Veremos mais sobre esses aspectos no próximo capítulo.

⁶⁷ A conhecida *ola* mexicana tem sua origem dividida entre Canadá e Estados Unidos da América. Porém a *Ola* ganhou destaque nas arquibancadas mexicanas com a Copa do Mundo do México, em 1986. Ver mais na coluna Papo Azteca. Disponível em: <https://www.futebolnaveia.com.br/a-popular-ola-e-a-copa-do-mundo-de-1970/#:~:text=Contudo%2C%20a%20cria%C3%A7%C3%A3o%20da%20popular,sendo%20%C3%A0%20suposi%C3%A7%C3%A3o%20mais%20prov%C3%A1vel>. Acesso em: 08 de mai. de 2022.

3 O PROCESSO DO NOVO TORCER: A CRIAÇÃO DOS TORNEIOS DA CONMEBOL, AS PRÁTICAS VIOLENTAS E A CRISE DAS TORCIDAS ORGANIZADAS GAÚCHAS

Neste capítulo, iremos debater sobre o aumento das competições Sul-Americanas organizadas pela Conmebol. De maneira concomitante, nesse período foram ampliadas as transmissões televisivas, tanto de canais em rede aberta como por assinatura. É importante perceber que, devido a tais competições, os clubes brasileiros viajaram mais e suas torcidas tiveram mais contato com as torcidas de língua espanhola. Além disso, os tratados regionais ou bilaterais constituídos por países integrantes do Mercado Comum do Sul (Mercosul) contribuíram com a facilidade de circulação, bem como as parcerias binacionais de integração entre Argentina e Brasil.

O contexto dessa ampliação de vagas em competições Sul-Americanas também foi considerado dentro da criação do Mercosul⁶⁸, com o objetivo de facilitar o deslocamento de torcedores para diferentes países, principalmente aqueles que compõem o bloco (Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai), refletindo geopoliticamente a união dos Estados. Além disso, outro elemento importante para compreender os modos de torcer diz respeito à crise das torcidas organizadas tradicionais de Grêmio e Internacional, que foram marcadas pela violência no final da década de 1990 e início dos anos 2000. Com a punição das torcidas organizadas hegemônicas, foi necessário adaptar um novo torcer a partir da lacuna deixada por elas. Além disso, a questão geográfica e cultural do RS contribuiu com a proximidade da forma de torcer das torcidas argentinas e uruguaias, cujos elementos influenciaram significativamente para a criação do estilo *barra*, que surgiu no RS em 2001.

Dentro dessa perspectiva, torna-se importante analisar o contexto em que o Brasil se encontrava naquele período, principalmente com a formação do Mercosul e a possibilidade de ampliação das relações sociais na América do Sul. Dessa forma, podemos compreender o contexto econômico do Brasil no período e entender como essas relações influenciaram a geopolítica da região, considerando a ampliação dos torneios da Conmebol, o aumento de patrocinadores e a ênfase nas transmissões esportivas. Ainda, a criação do bloco econômico no Cone Sul⁶⁹ ampliou não somente as relações econômicas, mas também as relações sociais e, sobretudo, culturais dos países.

⁶⁸ Iremos contextualizar a respeito do Mercosul nas próximas páginas.

⁶⁹ O Cone Sul representa o triângulo geográfico formado por Argentina, Chile, Uruguai e Brasil. O artigo *O grande manancial do Cone Sul*, de Gerônimo Albuquerque Rocha (1997), debate aspectos geográficos e políticos dos

3.1 INÍCIO DA CONFEDERAÇÃO SUL-AMERICANA DE FUTEBOL (CONMEBOL) E O MERCADO COMUM DO SUL (MERCOSUL)

O início da criação da Confederação Sul-Americana de Futebol (Conmebol) ocorreu logo após o cancelamento dos Jogos Olímpicos de Berlim (durante a Primeira Guerra Mundial 1914-1918) e após o Campeonato Sul-Americano em homenagem ao centenário da independência da Argentina, em 1916 (CONMEBOL, 2022). O referido campeonato foi considerado a primeira Copa América, construindo uma tradição na América do Sul em celebrar os centenários da independência com disputa entre seleções, como aconteceu pela primeira vez na Argentina.

Além do país sede (Argentina), esse primeiro torneio Sul-Americano contou com a presença do Brasil, Chile e Uruguai. Após o torneio, dirigentes propuseram a criação de uma Federação Sul-Americana de futebol (MAGALHÃES, 2016). Conseqüentemente, no dia nove de julho de 1916, os países mencionados criaram a Conmebol, a qual teve participação no cenário brasileiro das instituições, tais como: entidades de Automóvel Clube Brasileiro, Aeroclube Brasileiro, Comissão Central de Concursos Hípicos e das Sociedades de Remo (SARMENTO, 2006).

Em 1919, foi organizado o Campeonato Sul-Americano de futebol no Rio de Janeiro, constituindo a primeira grande competição internacional esportiva, com as modalidades de futebol, *water polo* e natação (MALAIA, 2011). No tocante ao futebol, o evento foi um espetáculo organizado para grandes multidões, com a inauguração do estádio das Laranjeiras do Fluminense com lotação para 22 mil pessoas. A partir desse ano, o futebol passou a ser visto e vivido de outra forma pelos clubes e pela própria Confederação Brasileira de Desportos (CBD) (MALAIA, 2012). O campeonato também foi crucial para a formação do termo torcida, muito ligado ao público feminino, que acompanhava os jogos do Campeonato Sul-Americano.

Em 1922⁷⁰, o Brasil comemorou o centenário da independência por meio do VI Campeonato Sul-Americano, com o Torneio Rodrigues Alves contra o Paraguai e a Taça Rio

países que compõem o triângulo e do extremo sul do país. Ver mais em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/QWCXpKssqLRg6yY6yWqyHxg/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 12 de jan. de 2023.

⁷⁰ Além do torneio, temos que nos recordar que o ano de 1922 marca a fundação do Partido Comunista, a Semana de Arte Moderna, o movimento Tenentista e a Revolta dos 18 do Forte. Além disso, a imprensa ainda auxiliou a construir uma ideia de nação brasileira. É necessário registrar que o Campeonato Sul-Americano de 1922 foi um "pontapé" inicial para os torcedores carnalizarem suas expressões torcedoras, que eram mostradas pela imprensa da época. Após o evento, o futebol se tornou um espaço de participação popular, tornando-se mais frequente no decorrer dos anos. Ver mais em: SANTOS, J. M.; DRUMOND, M.; MELO, V. A. Celebrando a nação nos gramados: o campeonato sul-americano de futebol de 1922. **História: Questões e debates**, v. 57, p. 151-174, 2012. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/historia/article/view/30578/19768>. Acesso em: 29 de out. de 2022.

Branco contra o Uruguai. Por sua vez, o Uruguai comemorou seu centenário sediando a primeira Copa do Mundo, em 1930 (MAGALHÃES, 2016). Esse Sul-Americano de 1922 fez com que o Brasil entrasse de vez no cenário internacional do esporte mundial, mesmo passando por um período político conturbado, como o levante do Forte de Copacabana e as eleições presidenciais. Ao mesmo tempo, o país tentava transmitir uma ideia de modernidade para o exterior (MALAIA, 2011).

Ao todo são dez⁷¹ associações nacionais que pertencem à Conmebol, dentre as quais Argentina (AFA), Brasil (CBF), Chile (FCF) e Uruguai (AUF) foram filiadas em 1916. O Paraguai (APF) se filiou em 1921; Peru (FPF), em 1925; Bolívia (FBF), em 1926, Equador (FEF), em 1927; Colômbia (FCF), em 1936; por fim, Venezuela (FVF) foi filiada em 1952.

Acrescenta-se também que a Guiana, a Guiana Francesa e o Suriname, mesmo sendo países geograficamente pertencentes à América do Sul, disputam competições pela Confederação de Futebol da América do Norte, Central e Caribe (CONCACAF), entidade que representa as confederações das respectivas regiões do continente americano. As equipes desses países participam da CONCACAF⁷², pois os campeonatos da América do Sul são extremamente competitivos; logo, para equilibrar as competições, esses times disputam os campeonatos da América do Norte, Central e Caribe.

A principal competição da Conmebol é a disputa entre as seleções, denominada Copa América, nome adotado oficialmente em 1975⁷³. Em relação ao espaço físico, sua sede fica no Paraguai, na cidade de Luque, próxima a capital federal Assunção. O presidente máximo da entidade é o paraguaio Alejandro Domínguez, que foi reeleito por unanimidade de votos para o período de 2023-2027⁷⁴.

Em relação aos clubes, o principal torneio é a Taça Libertadores da América, mas a entidade também coordena a Copa Sul-Americana, a Copa América e as Eliminatórias para a Copa do Mundo, sendo filiada à Federação Internacional de Futebol (FIFA), entidade máxima do futebol mundial.

Com as trocas comerciais se intensificando, também cresceu o intercâmbio entre pessoas do Cone Sul. Para deixar registrado, os países dessa região estavam passando por um

Ainda nesse período, utilizava-se o futebol para construir uma sonhada identidade nacional, que abarcasse os dilemas de um país de tamanho continental. Ver mais em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/6703/1669.pdf?sequence=1>. Acesso em: 29 de out. de 2022.

⁷¹ Site oficial da Conmebol. Disponível em: <https://www.conmebol.com/>. Acesso em 03 out. 2022.

⁷² Ver mais em: <https://www.concacaf.com/>.

⁷³ Informações obtidas no site oficial da Conmebol.

⁷⁴ Informação disponível em: <https://www.conmebol.com/pt-br/noticias-pt-br/alejandro-dominguez-e-eleito-por-unanimidade-presidente-da-conmebol/>.

processo de redemocratização pós-ditadura. Desse modo, a atuação conjunta evitou tentativas de golpes de Estado, com o envio de observadores de países vizinhos (BAUMANN; MUSSI, 2006). Porém, essa não foi a primeira vez que os países da América Latina tiveram tentativas de integração: em alguns momentos houve fracasso, enquanto em outros contextos históricos se obteve êxito.

Na América do Sul, a experiência de integração que teve êxito no Cone Sul foi o Mercosul, criado no dia 26 de março de 1991 (VAZ, 2002). Além disso, também se iniciaram os primeiros debates sobre a integração econômica entre os países latino-americanos a partir de propostas da CEPAL (Comissão Econômica para a América Latina e Caribe), passando pelas experiências da ALALC (Associação Latino-Americana de Livre Comércio), da ALADI (Associação Latino-Americana de Integração) e de acordo bilaterais entre Argentina e Brasil durante os anos de 1980 (DATHEIN, 2005).

Nesse sentido, as trocas comerciais cresceram após a formação do Mercosul, constituído por blocos regionais para impulsionar a economia da América do Sul, em meio a um processo de globalização que reflete uma tendência mundial. Assim, esse bloco econômico teve como objetivo instituir a livre circulação de bens e serviços, criando uma taxa comum para mercadorias desses países, com o estabelecimento de uma política comercial que visava favorecer o intercâmbio de produtos e pessoas (CHIAPPINI, 2012).

Essa integração é uma estratégia de defesa em relação aos impactos do capitalismo, ao passo que contribuiu para aumentar a competitividade da economia dos países envolvidos (FILHO, 2009). Além disso, o Mercosul preserva uma identidade cultural em níveis nacionais e continentais, relacionados a sonhos e aspirações de uma unidade de integração de nação americana (BAROM, 2018).

Assim, o Mercosul emerge de forma importante na intensificação das relações dos países da região. Dentro desse contexto, e a partir do aumento dos campeonatos da Conmebol, as relações esportivas entre times de futebol e torcedores organizados também se intensificaram. Consequentemente, a própria Confederação Sul-Americana de Futebol chegou a criar um campeonato, intitulado Copa Mercosul⁷⁵, entre os anos de 1998 a 2001, cujo objetivo era integração esportiva dos clubes que compõem o bloco econômico. No próximo subcapítulo, iremos abordar de forma mais detalhada essas relações.

⁷⁵ Em relação à Copa Mercosul, veremos nos próximos subcapítulos.

3.1.1 Criação dos Torneios da Conmebol e as Transmissões Televisivas: a busca pela relação latino-americana e a dinâmica futebolística

A partir de 1960, foi criado o principal torneio Sul-Americano de clubes, a Taça Libertadores da América, que foi idealizado em 1958 pelo brasileiro José Ramos de Freitas, presidente da Conmebol daquele ano. Esse torneio foi inspirado na Liga dos Campeões da Europa⁷⁶, tendo o mesmo formato (HOLLANDA, 2017).

O nome da Taça Libertadores da América foi inspirado na luta do processo de Independência da América Latina, ocorrida no início do século XIX. Os principais nomes dessa libertação foram: José de San Martín, José Gaspar Rodríguez de Francia, Antônio José de Sucre, Juan Antônio Lavalleja e Simón Bolívar (CASTRO, 1988). Esse torneio potencializou o contato de diversas torcidas brasileiras com as torcidas de outros países latinos.

Pioneira e experimental na década de 1960, a Libertadores consolidou-se ao longo dos anos de 1970 e 1980, com a transmissão regular pela televisão. A fase profissional de mercantilização se deu em fins dos anos 1990, com a agregação a seu nome original da marca de seus patrocinadores. Em 1998, a empresa automobilística Toyota foi a patrocinadora oficial que chancelou o evento, fato que se estendeu até 2007 (HOLLANDA, 2017, p.34).

Ao longo de 55 anos de existência, mais de 170 equipes já jogaram a Taça Libertadores da América. Entre as equipes mais vencedoras, estão as argentinas e as brasileiras, com 25 e 22 conquistas, respectivamente. Atualmente, pelo menos quatro equipes por país participam do torneio, porém, a Argentina possui seis representantes e o Brasil possui sete vagas (CONMEBOL, 2022). Existem três fases: a primeira, chamada de Pré-Libertadores; a segunda, fase de grupos; e a fase eliminatória⁷⁷.

A primeira edição, em 1960⁷⁸, contou com apenas sete equipes, que foram as campeãs dos torneios nacionais em suas associações Sul-Americanas. Com o passar das décadas, com a ampliação do número de vagas para a disputa, mais clubes foram inseridos no torneio. No início da competição, somente os campeões nacionais participavam, o que justifica a criação do

⁷⁶ Existem críticas em relação a disparidade de premiações entre a Liga dos Campeões e a Libertadores da América. Apesar do formato parecido, as premiações são muito diferentes financeiramente. Além disso, destaca-se o fato de que o continente americano é muito maior, acarretando viagens cansativas, jogos na altitude, gramados em condições difíceis, entre outros fatores. Ver mais em: <http://revista.universo.edu.br/index.php?journal=gestaoesportiva&page=article&op=view&path%5B%5D=1073&path%5B%5D=788> e <https://www.scielo.br/j/rbefe/a/YG3g7SBkkCQPQwLYMmmbpbv/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 20 de ago. de 2022.

⁷⁷ De acordo com o site oficial da Conmebol.

⁷⁸ Nesse ano foi a primeira disputa da Copa Intercontinental. O Real Madrid foi campeão na disputa contra o Peñarol do Uruguai. Assim, clubes sul-americanos começaram a confrontar com campeões europeus, reorganizando a relação futebolística entre América do Sul *versus* Europa, criando mais competitividade e entretenimento para milhares de espectadores.

primeiro nome ter sido Copa dos Campeões da América. Em 1961, pela primeira vez, ingressou um vice campeão e o torneio passou a ter dez equipes. Em 1964, a competição foi ampliada para 11 equipes, uma novidade que incluía a entrada das equipes venezuelanas disputando o torneio pela primeira vez.

Na década de 1960, existiam dificuldades para realizar transmissões televisivas. Nesse decênio, o campeonato brasileiro de futebol foi organizado de forma semelhante aos moldes atuais, ou seja, foi um período em que o futebol se tornou mais profissionalizado, ao mesmo tempo que a produção de conteúdo e a profissionalização de gerência televisiva também despertou (SANTOS, 2019). Também na década de 1960, surgiram as origens⁷⁹ do Mercosul, quando se iniciaram as discussões ligadas à constituição de um mercado econômico regional para a América Latina. O tratado que remonta ao início do bloco econômico é a Associação Latino-Americana de Livre Comércio (ALALC), criado pelo Tratado de Montevideú⁸⁰, em 1960. Essa associação teve o objetivo de acelerar o desenvolvimento econômico da região, ampliando o comércio para chegar a um mercado comum latino-americano a partir de zonas livres de comércio, o que seria alcançado em no máximo doze anos (DATHEIN, 2005).

O bloco criou acordos progressivos entre os países, abrindo espaço para uma perspectiva industrial. Os países que compuseram a ALALC foram a Argentina, o Brasil, o México, o Paraguai e o Peru, que se comprometeram a eliminar toda e qualquer barreira comercial entre os países membros, com acordos de reciprocidade e multilateralização (FEITOSA; ESCUDER, 2016). Ainda, em 1969, houve a criação da Comunidade Andina das Nações (CAN), também chamada de Pacto Andino, justificada pela falta de êxito na implementação de suas dinâmicas econômicas entre os países da região. Logo, Bolívia, Colômbia, Equador, Peru e Venezuela iniciaram o bloco, porém, atualmente ele não se encontra em execução.

Em 1965, a Copa dos Campeões da América recebeu o nome de Taça Libertadores da América, também impulsionada pelas medidas de integração que estavam acontecendo na América do Sul. Então, a partir de 1966, os vice-campeões começaram a participar do torneio que, no ano seguinte, passou a ter nove representantes, com o acréscimo das equipes campeãs

⁷⁹ Os primeiros debates sobre uma integração latino-americana foram desencadeados por Simón Bolívar no movimento de independência política dos países, lutando pela união das Repúblicas. No entanto, o projeto não foi unânime entre os países. A primeira experiência na contemporaneidade foi a Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL), em 1948, organizado pelo Conselho Econômico e Social das Nações Unidas, sendo uma comissão da Organização das Nações Unidas (ONU) fundamental para impulsionar um movimento de integração econômica. Ver mais em: https://repositorio.cepal.org/bitstream/handle/11362/2799/S2005051_es.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 14 de jan. de 2022.

⁸⁰ Ver mais em: <http://www.ehu.eus/ceinik/tratados/10tratadosobreintegracionycooperacionenamerica/101aladi/ic1011esp.pdf>. Acesso em 14 de jan. de 2023.

nacionais do Peru e do Equador. Ainda em 1966, o torneio foi ampliado para 17 equipes, quando todos os vice-campeões disputaram a competição. No mesmo ano, as equipes brasileiras e colombianas não participaram, pois nessa época apenas os campeões disputaram a competição. Já em 1967, a Libertadores teve mais uma ampliação, contando com 19 equipes. Na ocasião, o Brasil teve apenas um representante, já que o Santos desistiu de participar.

Em 1968 houve mais uma ampliação, o torneio passou a ter 21 equipes. Entre os anos de 1969 e 1970, no entanto, as equipes brasileiras não disputaram⁸¹, o que também acarretou em um decréscimo de equipes, com 17 e 19 times, respectivamente. Já nos torneios ocorridos entre 1971 até 1997, a competição variou entre 19 a 21 equipes.

Para apresentar de maneira mais ilustrativa, na sequência iremos indicar tabelas com dados de jogos de acordo com cada década das disputas de brasileiros contra argentinos e uruguaios. Foram encontradas oito equipes brasileiras que mais disputaram jogos contra as equipes platinas, são elas: Cruzeiro, Flamengo, Grêmio, Palmeiras, São Paulo, Santos, Corinthians, Internacional e Atlético Mineiro.

Os dados foram divididos da seguinte forma: Tabela 1 – Entre a década de 1961-1970; Tabela 2 – Entre a década de 1971-1980 e Tabela 3 – Entre a década de 1981-1990. Após o final do decênio de 1980, iremos apresentar outras três tabelas, considerando o período entre 1961-1990, divididas entre: Tabela 4 – Brasileiros x Argentinos/Uruguaios; Tabela 5 – Equipes do Sudeste x Argentinos/Uruguaios e Tabela 6 – Gaúchos X Argentinos/Uruguaios.

Após a assinatura do Tratado do Mercosul, em março de 1991, houve um aumento de jogos e competições da Conmebol. Para compreender esse fenômeno, iremos dividir as tabelas da mesma forma anterior, considerando cada década: Tabela 7 – Entre a década de 1991-2000; Tabela 8 – Entre a década de 2001-2010 e Tabela 9 – A somatória de todos os jogos das equipes gaúchas entre 1991-2020.

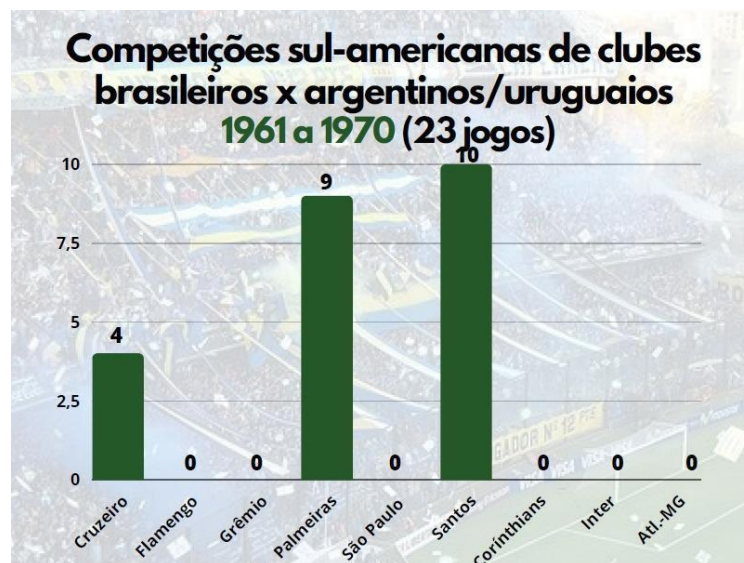
Já as próximas tabelas a serem apresentadas estão localizadas temporalmente no período entre 1991-2020, sendo divididas da seguinte forma: A Tabela 10 indica o número de jogos entre times do Sudeste x Argentinos/Uruguaios; na Tabela 11 consta o número de jogos entre Equipes Brasileiras x Argentinos/Uruguaios; enquanto a Tabela 12 possui os dados de 1961-

⁸¹Na verdade, foram três edições em que as equipes brasileiras não participaram da Taça Libertadores. Em 1966, após a mudança do regulamento, foi estabelecido que os vice-campeões nacionais também participassem da competição. Essa decisão não foi aceita pela Confederação Brasileira de Desportos (CBD) e pelos clubes. Em 1969, o campeonato nacional, chamado de Taça Brasil, durou quatorze meses, não tendo tempo hábil para indicar representantes. As equipes do Internacional e Santos foram convidadas, mas recusaram o convite. Em 1970, a justificativa foi de que a violência das outras equipes poderia prejudicar os jogadores que iriam para a Copa do Mundo no México. Ver mais em: <https://www.torcedores.com/noticias/2019/08/saiba-por-que-a-libertadores-nao-teve-brasileiros-em-1966-1969-e-1970>. Acesso em: 12 de jan. de 2023.

1990 (em cor verde) e 1991-2020 (em cor rosa), estabelecendo uma relação mais didática. A Tabela 13, por sua vez, apresenta um gráfico de linha geral, indicando o aumento dos jogos a partir de 1990, ocasionada pela ampliação de torneios da Conmebol e pelo acordo do Mercosul. Mesmo após uma queda, podemos perceber uma estabilidade do número de partidas. Todos esses dados serão discutidos em suas respectivas tabelas.

Inicialmente, iremos discorrer sobre o número de jogos entre brasileiros x argentinos/uruguayos entre a década de 1961-1970. Como já foi mencionado anteriormente, essa foi uma década de formação de acordos multilaterais, com ênfase na economia, marcada pela Ditadura Civil-Militar. Além disso, o período também remete ao início da Libertadores da América, cujos jogos estão representados na Tabela 1, a seguir.

Tabela 1 – Número de jogos entre 1961-1970



Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

Segundo os dados indicados na tabela, podemos perceber que, entre a década de 1961 até 1970, os brasileiros enfrentaram as equipes argentinas e uruguayas 23 vezes. Apenas o Santos, o Palmeiras e o Cruzeiro jogaram contra times de países que compõem a região platina, entre eles, o Santos foi a equipe que mais disputou – em dez ocasiões –, seguido do Palmeiras, com nove jogos, e do Cruzeiro, em 4 jogos.

A década de 1970 foi marcada por um evento importante: a primeira transmissão televisiva de um grande evento internacional, o tricampeonato mundial da seleção brasileira na Copa do Mundo, no México, que foi responsável pela “futebolização do mundo” para a indústria cultural (WISNIK, 2008). Assim, no final dos anos 1970 e início dos anos de 1980, as

torcidas dos times do Rio de Janeiro e São Paulo cresceram⁸². A partir desse momento, os times dos referidos estados foram mostrados para o Brasil todo, já que as sedes das redes de TV estavam situadas em São Paulo e no Rio de Janeiro.

Em relação à conjuntura política da América do Sul, vivia-se um período conturbado. Durante a década de 1970, apesar de existirem os acordos da ALALC, as relações dos países do Cone Sul ainda eram incipientes. Afinal, os países da região viviam ditaduras militares, que se articulavam em cooperação através da Operação Condor, na luta contra a “subversão”. Assim, enquanto as vagas da Taça Libertadores da América estavam sendo ampliadas, torneios mundiais como a Copa do Mundo⁸³ aconteciam concomitante a regimes ditatoriais. Esses regimes utilizavam métodos de tortura e morte, até mesmo dentro dos estádios⁸⁴, durante as partidas da Copa do Mundo.

Segundo Quadrat (2002), a Operação Condor funcionou como uma cooperação dos países do Cone Sul, sendo considerado um “Mercosul do terror” cujo objetivo era combater e exterminar grupos e partidos de esquerda. No dia 29 de outubro de 1975, o Chile – representado pelo ditador Augusto Pinochet – convocou uma reunião com os países vizinhos para debater sobre os métodos utilizados contra “grupos subversivos”. É possível afirmar que existia um intercâmbio de informações entre os países, como reuniões bilaterais dos exércitos, auxílio nas ações de golpes, circulação de materiais impressos e mapeamento de ações “subversivas”. A Operação Condor teve apoio direto dos Estados Unidos da América, que tinha como objetivo combater ideias e movimentos comunistas (CERVEIRA, 2011). A luta dos norte-americanos visava a disputa pela hegemonia mundial no período da Guerra Fria contra a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS). Essa Operação ceifou a vida de milhares de pessoas, resultando em desaparecimentos, torturas, prisões e estupros de militantes revolucionários que ousavam se colocar contra tais ditaduras. Os trabalhadores do campo e da cidade, artistas, intelectuais e estudantes lutaram das mais variadas formas, movendo desde abaixo-assinado até a luta armada, a fim de resistir ao regime (CERVEIRA, 2011).

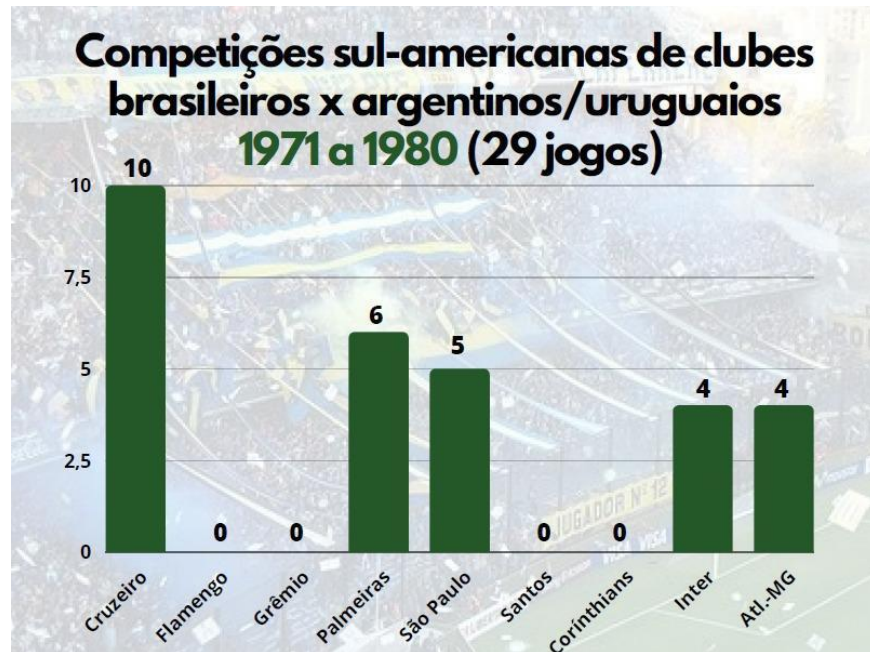
⁸² A partir da tese *Por que Flamengo?*, é possível ter uma ideia sobre o crescimento acelerado do torcer pelos times dos estados do Rio de Janeiro e São Paulo. Esse trabalho é importante para entender como o Rio de Janeiro, principalmente o Flamengo, tem a maior torcida do Brasil (KOWALSKI, 2001).

⁸³ Existe um manancial de trabalhos e livros sobre o futebol e as ditaduras na América do Sul. Deixamos em destaque a obra da professora Lívia Gonçalves Magalhães, intitulada *Com a Taça nas mãos: Sociedade, Copa do Mundo e Ditadura no Brasil e na Argentina*.

⁸⁴ Existe a produção documentária produzida por Lúcio Castro pelo canal ESPN BRASIL, chamada *Memórias do Chumbo: o futebol nos tempos do Condor*, produzida em 2012 e composta de quatro episódios, que contextualizam a ditadura a partir do futebol. O documentário percorreu a história dos países sul-americanos da Argentina, Brasil, Chile e Uruguai, remontando a relação do esporte com o regime ditatorial.

Esse decênio ainda foi marcado pela ampliação de vagas para Libertadores da América, o que conseqüentemente resultou em mais equipes brasileiras jogando nessa competição. A Tabela 2, apresentada a seguir, indica quais foram as equipes estreantes, bem como ilustra o aumento de jogos de brasileiros contra argentinos e uruguaios.

Tabela 2 – Entre os anos 1971 a 1980



Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

De acordo com os dados, nessa década as equipes do Atlético Mineiro, Internacional e São Paulo estrearam contra as equipes platinas. Houve um total de 29 jogos, entre os quais se destaca o Cruzeiro como a equipe que mais jogou, totalizando 10 partidas. Em seguida estão o Palmeiras e o São Paulo, com seis e cinco jogos, respectivamente, enquanto as equipes do Internacional e do Atlético MG jogaram quatro vezes. Se compararmos com a década anterior, foram seis jogos a mais contra as equipes platinas.

Já a década de 1980 foi marcada pela mercantilização do futebol, a notar pela publicidade nos uniformes dos jogadores; a venda de espaços publicitários nos estádios; a comercialização de camisas e adornos, por exemplo. Os clubes pioneiros em ações de *marketing* foram o Grêmio e o Internacional, juntamente com o São Paulo (CAPINUSSÚ, 1997). Além disso, o período também ficou conhecido pela crescente onda capitalista envolvendo o futebol. A partir da segunda metade dos anos 1980, o futebol já tinha se consolidado como uma mercadoria, contando com a fundamental participação das indústrias culturais, como o rádio, jornais, revistas e especialmente a televisão. Desse modo, juntamente com a venda de ingressos,

de espaços publicitários e nas fileiras audiovisuais, o futebol se tornou um negócio lucrativo, intensificando a publicização de marcas mundiais que antes não se envolviam com o esporte (BOLAÑO, 1999). Também foi nesse período que os “atravessadores” de contrato de jogadores surgiram, visando empresariar os atletas de futebol.

Ainda nessa década, o cenário do futebol brasileiro foi de reestruturação, que se intensificou a partir da criação do Clube dos 13. Segundo Settani e Santos (2021), em 1987 os presidentes de 13 clubes brasileiros tinham a intenção de criar uma liga desvinculada da CBF, ao passo que a ideia era tornar o futebol mais empresarial. Nesse contexto, o processo da criação do Clube dos 13 envolveu mudanças na legislação e na administração do futebol, passando por diferentes leis, como a Lei Zico e a Lei Pelé⁸⁵. Assim, o surgimento do Clube dos 13 foi fruto da articulação de dirigentes que buscavam preservar suas receitas comerciais a partir dos direitos de transmissão (LOPES 2020). Cabe destacar que esse movimento ocasionou disputas internas no futebol brasileiro entre a CBF, os dirigentes e o Clube dos 13 (SETTANI; SANTOS, 2021), uma vez que estava em construção uma remodelação da dinâmica futebolística, em um momento de modernização conservadora da administração do esporte no país.

Em relação ao âmbito político latino-americano, iniciou-se uma nova rede de articulação entre os países. Em agosto de 1980, foi assinado um novo tratado na América do Sul (Tratado de Montevideu)⁸⁶, que aprovou a criação da Associação Latino-Americana de Integração (ALADI), que substituiu a antiga Associação Latino-Americana de Livre Comércio (ALALC). Esse novo tratado tinha como objetivo fortalecer os laços entre os países da América do Sul, Cuba e México, reunindo 12 países⁸⁷ articulados em tratados sub-regionais ou bilaterais (CASTILHO, 2012). A substituição da ALALC pela ALADI ocorreu por diferentes motivos, tais como: falta da definição de tarifa externa comum; Ditadura Civil-Militar; redução na liquidez internacional para financiar projetos, políticas liberais da Argentina e Chile, em 1970, entre outros fatores que contribuíram para o fracasso do bloco econômico (GONÇALVES, 2011; DI FILIPPO, 1998).

Como já foi apresentado, o bloco econômico da ALADI tinha como objetivo acelerar o desenvolvimento político e social na região latino-americana (FEITOSA; ESCUDER, 2016). Esse novo tratado foi substituído pelo Tratado de Assunção, também conhecido como Tratado

⁸⁵ Em relação a Lei Pelé, ver mais em: <https://andi.org.br/wp-content/uploads/2020/09/Lei-Pele-no-9.615-de-24-de-marco-de-1998.pdf>. Acesso em 13 de jan. de 2023.

⁸⁶ Disponível em: <https://www.intrabid.org/data-repository/DocsPdf/Acuerdos/ALADI%20-%20Tratado%20de%20Montevideo%201980.pdf>. Acesso em 15 de jan. de 2023.

⁸⁷ Os países são: Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Equador, México, Paraguai, Peru, Uruguai, Venezuela e Cuba.

do Mercosul, sobre o qual iremos discutir ao longo desta Dissertação. Por ora, importa destacar que a ALADI foi muito criticada, pois tinha um enfoque estritamente comercialista. Assim, uma das principais críticas foi relacionada à não integração/cooperação industrial e à não harmonização das políticas econômicas ou em áreas sociais, como a educação e a saúde (DATHEIN, 2005). Outro elemento que prejudicou a integração foi a profunda crise econômica na América Latina na segunda metade da década de 1980, uma vez que a recessão⁸⁸ acarretou péssimas consequências para a exportação no interior do bloco.

Ainda na segunda metade dos anos de 1980, em uma perspectiva de redemocratização dos países, Argentina e Brasil se propuseram a integrar bilateralmente seus mercados centrais. Assim, foi instituída a Declaração de Iguazu, em novembro de 1985, assinada por José Sarney e Raúl Alfonsín, a qual tinha como objetivo promover o debate sobre a consolidação democrática de ambos países, além da união em foros internacionais (BUENO; VIGEVANI; RAMAZINI JR, 2014). Outra relação comercial importante foi o Programa de Integração e Cooperação Bilateral Argentina-Brasil (Picab), que se estendeu até o ano de 1988. Dois anos depois, foi assinada a Ata de Buenos Aires, consolidando o Grupo Mercado Comum, também numa perspectiva binacional (CAMARGO, 1989). Da mesma forma que os acordos bilaterais eram desenvolvimentistas, em um sentido de preferências comerciais, também estavam ocorrendo ideias de integração entre os países.

Nessa década, a Conmebol formulou um novo torneio para criar mais atrativos comerciais e televisivos aos seus espectadores, abrangendo somente os principais times daquele período. Essa escolha se justifica porque a Confederação entendia como melhores times apenas os vencedores da Taça Libertadores da América⁸⁹. Então, entre 1988 e 1997, a Conmebol criou a Supercopa Libertadores, reunindo os campeões da competição. Assim, as equipes passaram a ser sorteadas em jogos de ida e volta, com o objetivo de disputar o título de melhor da América.

Em relação à Supercopa Libertadores, somente o Grêmio disputou a competição entre os times gaúchos, jogando em todas as dez edições⁹⁰ por ter sido campeão da Taça Libertadores, em 1983⁹¹. Consequentemente, a Conmebol encerrou a Supercopa Libertadores⁹², já que não havia muita heterogeneidade de equipes, limitando a participação de outros clubes do

⁸⁸ Em relação a recessão econômica na América Latina na década de 1980, ver mais em: <https://www.scielo.br/j/ee/a/z4zFPpKpmwFcfxk5sf63BYK/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 15 de jan. de 2022.

⁸⁹ Também conhecida como Supercopa- Sul Americana ou Supercopa João Havelange.

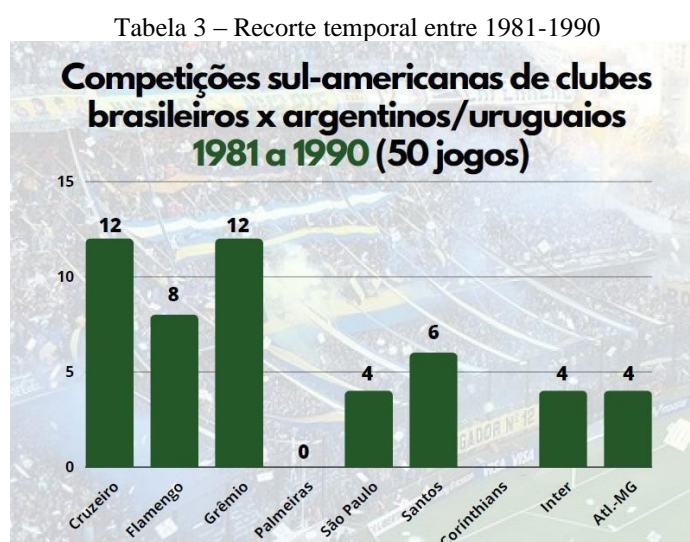
⁹⁰ Ver mais em: https://www.gremiopedia.com/wiki/Supercopa_Sul-Americana.

⁹¹ Ver mais em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=885959&pesq=%22supercopa%20Libertadores%22&past a=ano%20199&hf=memoria.bn.br&pagfis=120937>. Acesso em 23 de dez. de 2022.

⁹² Ver mais em: <https://trivela.com.br/sem-categoria/torneios-defuntos-da-conmebol/>. Acesso em 23 de dez. de 2022.

continente. A saída encontrada foi a criação da Copa Conmebol, na tentativa de democratizar e abranger mais equipes, até pela necessidade de possuir mais conteúdo para o mercado dos canais esportivos da América do Sul. Outro motivo que justifica o fim desse torneio foi a desorganização do calendário de jogos, que coincidia com partidas importantes dos torneios nacionais e da própria Taça Libertadores da América.

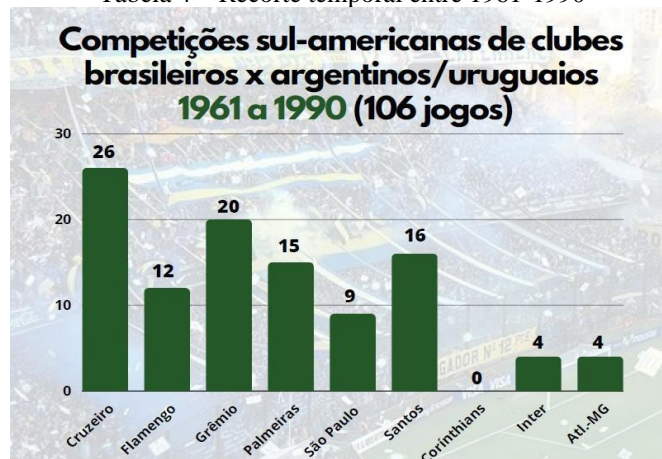
Na Tabela 3 a seguir, estão somados os jogos da L.A e da Supercopa entre a década de 1981 até 1990. Nesse período houve a ampliação de jogos pelos torneios da Conmebol, ao passo em que foi criada a competição da Supercopa, em 1988.



Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

Foram realizados 50 jogos de brasileiros contra argentinos/uruguayos, o que corresponde a um aumento de 11 jogos a mais do que a década anterior. As equipes do Cruzeiro e Grêmio foram as que mais jogaram, totalizando 12 jogos. Flamengo e Santos, com oito e seis partidas respectivamente, vêm logo em seguida. Já o Atlético Mineiro, o Internacional e o São Paulo disputaram quatro partidas cada. Na Tabela 4, é possível observar o total do número de jogos entre brasileiros x argentinos/uruguayos entre 1961 a 1990.

Tabela 4 – Recorte temporal entre 1961-1990

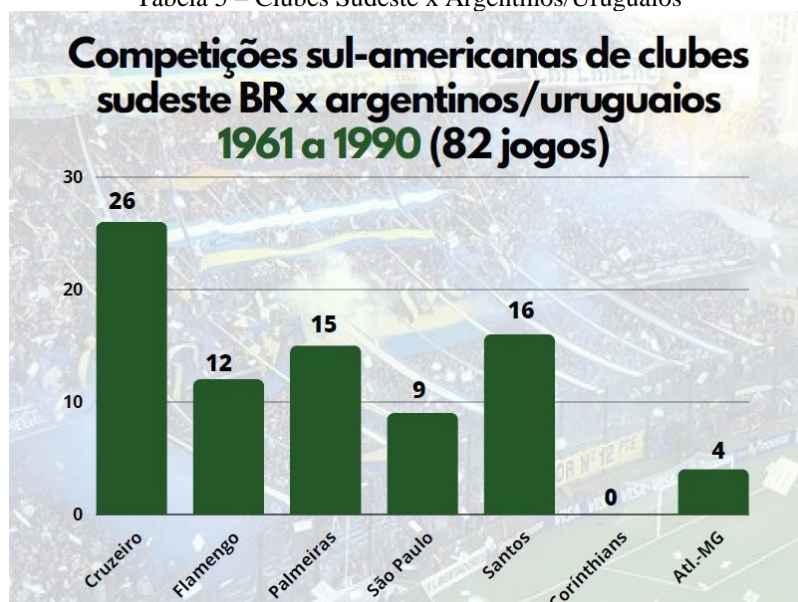


Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

Em quase 30 anos de torneios da Conmebol (L.A e Supercopa), os times brasileiros enfrentaram 106 vezes as equipes dos países platinos. Já as equipes do Cruzeiro e do Grêmio lideraram a quantidade de jogos, sendo 26 e 20 vezes, respectivamente. A equipe do Santos teve 16 jogos, o Palmeiras apenas 15, foram 12 jogos do Flamengo, 9 do São Paulo e, por fim, Internacional e Atlético MG empataram com 4 partidas.

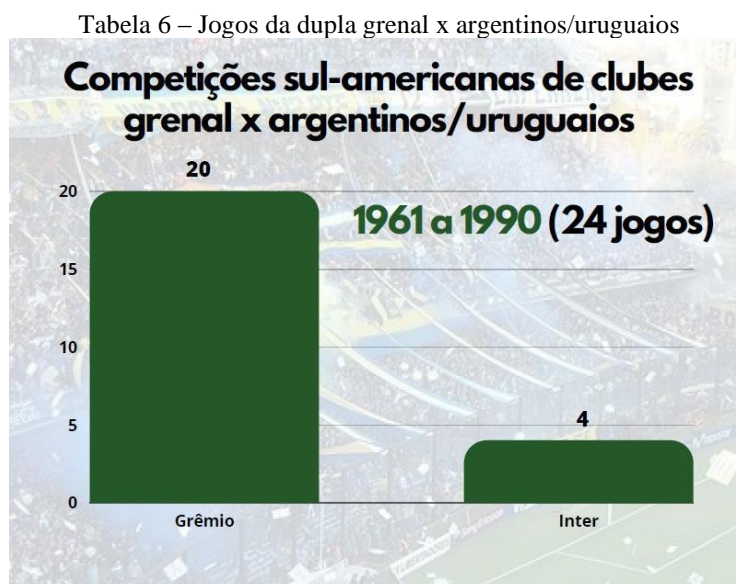
A partir desse momento, iremos fazer um recorte por região. Dividimos as próximas duas tabelas entre a soma de jogos das equipes do sudeste x argentinos/uruguaios e a soma de partidas dos times gaúchos x argentinos/uruguaios. Iniciamos pela somatória de jogos das equipes do sudeste, representada por: Cruzeiro, Flamengo, Palmeiras, São Paulo, Santos e Atlético Mineiro. Vale ressaltar que, até 1990, o Corinthians não disputou nenhuma partida contra argentinos ou uruguaios. Essas informações podem ser conferidas na Tabela 5, a seguir.

Tabela 5 – Clubes Sudeste x Argentinos/Uruguaios



Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

A partir das informações contidas na Tabela 5, podemos constatar que os clubes da região sudeste, entre 1961 a 1990, jogaram 82 jogos contra as equipes platinas. O Cruzeiro lidera as partidas disputadas, com 26 jogos, seguida de Santos (16), Palmeiras (15), Flamengo (12), São Paulo (9) e Atlético Mineiro, com 4 jogos. Já a dupla GreNal conta com menor quantidade de jogos, ainda que a equipe gremista tenha disputado maior número de partidas, conforme indica a Tabela 6.



Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

De acordo com as informações da tabela anterior, percebemos que Grêmio e Internacional jogaram 24 vezes contra equipes platinas, entre os anos de 1961 a 1990. O Grêmio liderou o número de partidas, sendo 20 jogos contra 4 do Internacional. Ressaltamos que, a partir de 1988, a equipe gremista jogava concomitante a Libertadores da América e a SuperCopa dos Campeões, consequentemente encontrando-se mais vezes com as equipes argentinas e uruguaias. A partir de 1990, esses números aumentaram não somente para os times do sul, mas também para as equipes da região sudeste, devido ao posterior surgimento de novas competições.

Logo, podemos afirmar que a década de 1990 foi marcada pela ampliação esportiva, já que em 1991 o futebol ganhou espaço na grade de programação, sendo transmitido até mesmo partidas do campeonato inglês. A partir da segunda metade da década, já existiam canais como ESPN Brasil, SporTV e mais duas emissoras via satélite ligadas a operadoras de TV a cabo: a DirecTV e a SKY (SANTOS; DRUMOND, 2013). Além disso, também nessa década houve o

maior número de competições simultâneas, como a Taça Libertadores da América, a Supercopa Libertadores (1988-1997), a Copa Conmebol (1992-1999) e a Copa Mercosul (1998-2001).

Dessa forma, o período foi marcado pela comercialização dos direitos de transmissão de jogos e venda de TV a cabo por empresas que negociavam contratos de exclusividade com a FIFA. Nesse sentido, podemos considerar a existência de um mercado de “bens simbólicos” durante a década, com a busca pela valorização dos produtos futebolísticos, já que o futebol é um tipo de espetáculo (DAMO, 1998). Conseqüentemente, essa espetacularização se refletiu nas torcidas organizadas. Ou seja, os torcedores começaram a direcionar suas festas para as câmeras, mostrando o seu poder em relação às outras torcidas adversárias (HOLLANDA, 2012; SOUZA, 2020), um comportamento que ficou conhecido como “espetacularização do torcer” (SOUZA, 2020).

Já em março de 1991, foi iniciado um novo tratado, o Tratado de Assunção, com a criação do Mercado Comum do Sul (MERCOSUL), entre Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai. Essa nova relação surgiu a partir de mudanças no processo de integração entre Argentina e Brasil, que se ampliou para o Uruguai (DATHEIN, 2005). No Tratado, previu-se que, até 31 de dezembro de 1994, os países membros deveriam coordenar suas economias para implantar uma tarifa externa comum (MERCOSUL, 2010). Segundo Lafer (1997), o acordo do Mercosul surgiu após o consenso dos países pioneiros em pautas acerca da geopolítica da região. O primeiro ponto consensual foi o acordo trilateral sobre a utilização das águas do Rio Paraná, em 1979, seguido de outros acordos: o processo de democratização, a partir do controle civil dos militares; a relação de transparência no âmbito de armas nucleares; a posição do Brasil em relação à Guerra das Malvinas. Em conjunto, esses elementos potencializaram o Tratado de Assunção, dando origem ao Mercosul.

A Confederação Sul-Americana de Futebol criou, em 1992⁹³, uma competição considerada o segundo nível⁹⁴ das competições na América do Sul: a Copa CONMEBOL⁹⁵, que foi o torneio precursor da Copa Sul-Americana. Essa competição visava agregar os clubes que não tinham sido classificados para a Copa Libertadores da América, possibilitando que o Grêmio disputasse o torneio em duas ocasiões: na primeira edição, em 1992, e em 1994. Na

⁹³ Ver mais em: https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=364568_18&pesq=%22Copa%20CONMEBOL%22&pagina=ano%201999&hf=memoria.bn.br&pagfis=19739. Acesso em 23 de dez. de 2022.

⁹⁴ Ver mais em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=112518_06&Pesq=%22Copa%20CONMEBOL%22&pagfis=11025. Acesso em 23 de dez. de 2022.

⁹⁵ Em relação a Copa Conmebol: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=112518_06&pesq=%22Copa%20CONMEBOL%22&pagina=ano%201999&hf=memoria.bn.br&pagfis=11708. Acesso em 18 de dez. de 2022.

estrela do torneio, as equipes brasileiras convidadas⁹⁶ foram⁹⁷ o Atlético Mineiro, o Bragantino, o Fluminense e o Grêmio, que tinha sido vice-campeão⁹⁸ da Copa do Brasil do ano anterior.

No ano de 1992, o Grêmio venceu o Bragantino na primeira fase, mas na segunda fase foi eliminado⁹⁹ pelo El Nacional do Equador. Em 1994, o time gaúcho também participou da competição, já que foi novamente vice-campeão da Copa do Brasil, porém não passou da primeira fase contra a equipe do São Paulo¹⁰⁰. No decorrer do campeonato, as equipes sul-americanas foram boicotando esse torneio, atitude que culminou no ano de 1999, quando diversos times se recusaram¹⁰¹ a participar. Na ocasião, houve uma final de times com pouca expressão nacional¹⁰², entre *Talleres*, da Argentina, contra o CSA, de Alagoas.

Em relação à Taça Libertadores da América, a partir de 1998 houve um aumento de 21 para 23 equipes. Pela primeira vez¹⁰³, as equipes mexicanas entraram no torneio e consolidaram uma integração latino-americana. Além disso, nesse período a competição começou a ser patrocinada, o que aumentou ainda mais o poder aquisitivo e atraiu equipes devido às premiações aos participantes e aos campeões.

Após serem instauradas as medidas econômicas e políticas do Mercosul, como o direito aos cidadãos circularem pelos países parceiros sem passaporte, foi possível perceber o aumento dos campeonatos e a ampliação de vagas dos torneios da Conmebol. Com a falta de obrigatoriedade do passaporte, os torcedores foram favorecidos e puderam acompanhar suas equipes nos campeonatos internacionais:

Os nacionais de um estado parte do MERCOSUL podem utilizar determinados documentos de identificação pessoal como documentos de viagem hábeis para o

⁹⁶ A Copa Conmebol era destinada aos melhores clubes classificados em torneios nacionais, mas que não garantiram vaga na Libertadores. No ano de 1992, houve boicotes a alguns clubes brasileiros que entraram com equipes reservas ou desistiram. Ver mais em: <https://trivela.com.br/sem-categoria/torneios-defuntos-da-conmebol/>. Acesso em 20 de dez. de 2022.

⁹⁷ Não foram encontrados dados sobre o motivo pelo qual as demais equipes brasileiras foram convidadas a participar da primeira edição. Encontramos somente o motivo a respeito da participação do Grêmio.

⁹⁸ Ver mais em: https://www.gremiopedia.com/wiki/Copa_Conmebol_de_1992. Acesso em 18 de dez. de 2022.

⁹⁹ Ver mais em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=153931_04&pesq=%22copa%20Conmebol%22&hf=memoria.bn.br&pagfis=63818. Acesso em 18 de dez. de 2022.

¹⁰⁰ Ver mais em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_11&pesq=%22copa%20conmebol%20s%C3%A3o%20paulo%22&pasta=ano%20199&hf=memoria.bn.br&pagfis=153172. Acesso em 18 de dez. de 2022.

¹⁰¹ Reportagem da Folha de São Paulo. Disponível em: <https://archive.is/peqxG>. Acesso em 18 de dez. de 2022.

¹⁰² Reportagem sobre a final entre *Talleres* x CSA. Disponível em: <https://ge.globo.com/al/futebol/times/csa/noticia/o-csa-e-os-20-anos-do-vice-na-conmebol-creolina-no-vestiario-treino-em-praca-e-rival-argentino.ghtml>. Acesso em 18 de dez. de 2022.

¹⁰³ As equipes mexicanas disputaram contra as venezuelanas vagas nas preliminares, entrando duas equipes. A Conmebol convidava as equipes do México, pois considerava um mercado promissor e em expansão, no qual geraria mais lucro para entidade. Ver mais em: <https://alambrado.net/as-melhores-participacoes-de-mexicanos-na-libertadores/>. Acesso em 13 de jan. de 2023.

trânsito pelo território dos demais estados partes, sem necessidade de utilizar seus passaportes (MERCOSUL, 2010).

Ainda no bloco do Mercosul, outras regras tiveram impactos econômicos e sociais, como a facilidade em relação a imigração, a integração educacional, a Seguridade Social e os acordos de residência. A partir da consolidação do bloco regional, tornou-se ainda mais fácil residir nos países do Mercosul, da mesma forma que facilitou estudar e até mesmo realizar cursos de pós-graduação nesses países. Logo após a consolidação do bloco, constatou-se que surtiu efeito não somente em relação a uma integração econômica, mas social e cultural (MERCOSUL, 2010).

Em 1998, a Conmebol criou a Copa Mercosul¹⁰⁴, com duração até 2001¹⁰⁵. Essa era a segunda competição mais importante da Conmebol, sendo substituída em 2002 pela Copa Sul-Americana. A ideia inicial do torneio era estreitar laços culturais entre os países-membros do Mercosul, além do Chile, um país associado. As equipes que não participavam do Mercosul disputaram a Copa Merconorte¹⁰⁶, juntamente com as equipes da América Central e América do Norte. Dessa forma, os clubes eram convidados para participar a partir de alguns critérios, como a obtenção de títulos nacionais e por possuírem as maiores torcidas do Brasil – critérios que foram contestados. Nessa perspectiva, o único clube do Rio Grande do Sul que disputou essa competição foi o Grêmio.

Já nos anos 2000, a Taça Libertadores teve ampliação de vagas e chegou ao maior número de participantes até então, com 34 equipes. A novidade incluiu o aumento dos grupos, passando de cinco para oito, além do fato de que as equipes da Venezuela ficaram de fora do torneio, pois foram eliminadas pelas equipes mexicanas. Com a ampliação de vagas e aumento dos torneios da Conmebol, somado às disputas dos campeonatos nacionais, aumentou-se a demanda por mais canais esportivos que transmitissem as partidas futebolísticas, bem como noticiários do cotidiano de treinos das equipes.

¹⁰⁴ Ver mais em: <http://www rankingdeclubes.com.br/campeoes-da-copa-mercosul.htm#:~:text=A%20Copa%20Mercosul%20foi%20uma,para%20substituir%20a%20Supercopa%20Libertadores>. Acesso em 18 de dez. de 2022.

¹⁰⁵ No *Jornal do Brasil* a preocupação se dava por conta do calendário apertado de mais uma competição da Conmebol. Ver mais em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_11&pesq=%22Copa%20Merconorte%22&pasta=ano%20199&hf=memoria.bn.br&pagfis=274422. Acesso em 18 de dez. de 2022.

O jornal *O Pioneiro* chamou de “torneio caça níquel”. Ver mais em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=885959&pesq=%22Copa%20Merconorte%22&pasta=ano%20199&hf=memoria.bn.br&pagfis=261134>. Acesso em 18 de dez. de 2022.

¹⁰⁶Copa Merconorte. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=885959&pesq=%22Copa%20Merconorte%22&pasta=ano%20199&hf=memoria.bn.br&pagfis=261134>. Acesso em 18 de dez. de 2022.

Assim, a partir dessa década, houve um *boom* nas transmissões via TV a cabo, concomitante à ampliação de campeonatos e vagas para equipes disputarem torneios da Conmebol. Logo, também surgiram no Brasil canais que transmitiam o esporte 24 horas por dia, ao exemplo da criação do canal SportsNetwork, que transmitia com exclusividade a seus assinantes a Copa Libertadores da América, o futebol europeu e a Copa do Mundo de 2002. Nesse ano, dias antes da Copa, foi lançado o canal BandSports, do grupo Bandeirantes, que investiu em transmissões pagas para a própria Copa do Mundo e para os Jogos Olímpicos (SANTOS, 2013).

O aumento das transmissões de partidas futebolísticas foi marcado pela ascensão das televisões a cabo, não sendo coincidência que o primeiro canal pago do Brasil tinha conteúdos exclusivos de esportes (SANTOS, 2013). Nesse sentido, o autor ainda afirma que a cidade de São Paulo foi a pioneira em transmissões televisivas por assinatura, sendo seguida pelo Rio de Janeiro. De acordo com Santos (2013, p. 150):

Podemos definir as televisões pagas, ou por assinatura, como serviços de comunicações que oferecem a espectadores, via cabo ou satélite, canais de televisão só passíveis de recepção mediante o pagamento de uma taxa de adesão e assinatura mensal. Com o desenvolvimento deste tipo de serviço, criaram-se inúmeros canais com conteúdo específicos de filmes, seriados, desenhos animados, documentários e esportes. Os canais de esporte sempre tiveram um papel importante na difusão da televisão por assinatura. No caso do Brasil [...] as transmissões de televisão por assinatura começaram com a venda de um canal de esportes.

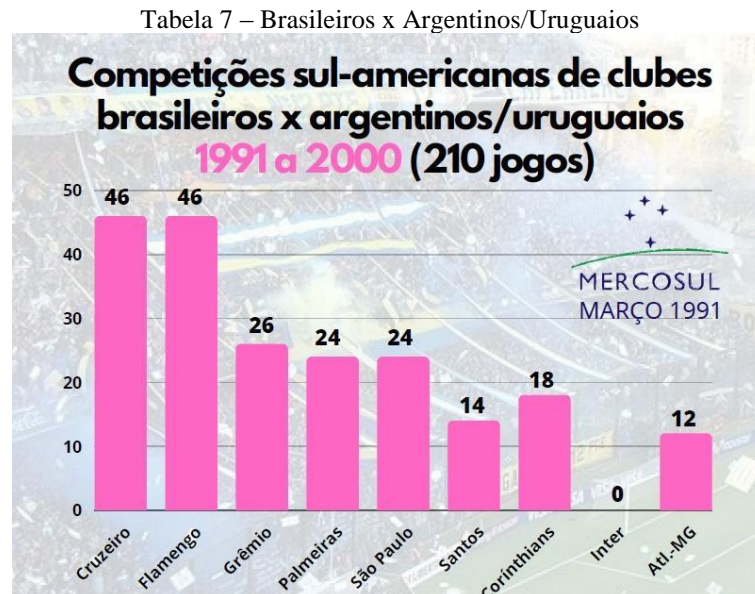
Com uma grade televisiva se estabelecendo não somente no Brasil, mas em toda América do Sul, começaram a surgir cada vez mais patrocinadores para campeonatos internacionais. Assim, no ano de 2002 a Conmebol criou a Copa Sul-Americana para substituir a Copa Mercosul, que já tinha cumprido seu papel de integração do Cone Sul. O campeonato foi considerado o segundo mais importante da Confederação, ocupando o lugar das extintas Copas Mercosul e Copa Merconorte (ambas entre 1998-2001), que por sua vez substituiu a Supercopa Sul-americana (1988-1997) e a Copa Conmebol (1992-1999)¹⁰⁷.

Com o crescente aumento de patrocinadores e transmissões televisivas¹⁰⁸, a Sul-Americana foi supervalorizada. Para esse torneio, foram destinadas 12 vagas para as equipes eliminadas da Libertadores da América, além de vagas para as equipes terceiras colocadas na fase de grupos e as equipes eliminadas na pré-Libertadores. São seis vagas para o Brasil e seis para a Argentina, enquanto o restante dos países sul-americanos se divide em quatro vagas cada. No campeonato, o vencedor da Libertadores disputa contra o vencedor da Copa Sul-Americana

¹⁰⁷ Site oficial da Conmebol. Disponível em: <https://www.conmebol.com/>.

¹⁰⁸ Veremos melhor no próximo subcapítulo.

pelo título da Recopa Sul-Americana, cuja primeira edição ocorreu em 1998. Na Tabela 7, a seguir, ilustra-se o número de vezes em que os times brasileiros jogaram contra os platinos, considerando o período entre 1991 a 2000.



Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

Conforme os dados indicados na tabela anterior, identificamos 210 jogos entre os times brasileiros x argentinos/uruguaios. Esse número representa quase o dobro dos jogos que foram analisados na Tabela 4, que considera a disputa entre brasileiros x argentinos/uruguaios nos anos de 1960 até 1990. Ou seja, em uma década, as equipes brasileiras enfrentaram quase o dobro de vezes as equipes platinas se comparada ao contexto de 30 anos atrás. Conforme explicado anteriormente, esse fato se deve ao aumento das competições da Conmebol, impulsionada pela ampliação das vagas e de canais esportivos.

Ainda de acordo com a Tabela 7, observamos que a equipe do Cruzeiro e do Flamengo lideraram o número de jogos disputados, com 46 partidas, seguida do Grêmio (26), Palmeiras e São Paulo (24), Santos (14), Corinthians (18) e Atlético Mineiro, com 13 partidas disputadas. O que chama atenção é o fato do Internacional não ter disputado nenhuma vez, devido à falta de competições fora do país, disputando apenas campeonatos regionais e nacionais.

Em relação à conjuntura política na América do Sul, a partir do ano de 2001 se iniciava a consolidação do bloco econômico. Dessa forma, em 18 de fevereiro de 2002, entrou em vigor o Protocolo de Olivos com o objetivo de solucionar possíveis divergências e proporcionar uma jurisprudência do bloco econômico. A criação desse tratado evidenciava a intenção de estreitar as relações entre os Estados partes do bloco, bem como de resolver os conflitos emergentes (GOMES, 2002). Assim, o Protocolo de Olivos indicava que os Estados deveriam resolver as

controvérsias em negociação direta e, em caso de não resolução, era solicitado um procedimento perante o Tribunal Arbitral Ad Hoc (CRUZ, 2010). Diante desses termos, é possível perceber um esforço para evitar ou solucionar conflitos, de modo que as possíveis controvérsias não poderiam prejudicar a integração do Mercosul.

Em 2004, houve uma nova ampliação da Copa Libertadores, com 36 equipes, tornando-se, até então, a edição com maior número de representantes. Argentina e Brasil tiveram cinco representantes cada, enquanto as outras federações tiveram três representantes, seguido do México com duas equipes. Em 2005, a Conmebol ampliou suas vagas para 38 representantes, tornando-se o maior número de equipes até o momento. Coincidentemente, quanto maior a integração do bloco regional, mais se ampliaram as vagas destinadas para os demais países pela Conmebol.

Em 2008, foi assinado o Tratado Constitutivo da União de Nações Sul-Americanas (UNASUL), representando uma nova concepção de integração regional. O documento foi composto por 12¹⁰⁹ estados da América do Sul, ressaltando os objetivos culturais, sociais e políticos dessa integração para além de uma questão meramente econômica, como ocorria em outros tratados (FIGUEIREDO, 2014). Além disso, também foram conjugadas três regiões aduaneiras: o Mercosul, a Comunidade Andina e a Aliança Bolivariana para as Américas (ALBA). Importante destacar que esse novo tratado foi influenciado pela nova conjuntura política na América Latina, em que grupos de esquerda chegaram ao poder com uma proposta de economia neodesenvolvimentista que refletia novas práticas e construções regionais (RIGGIROZZI, 2012).

Em 2010, a L.A passou a ter 40 representantes, já que duas equipes mexicanas entraram nas oitavas de final para compensar o ano anterior, quando não houve participação das equipes devido à pandemia da gripe suína¹¹⁰. Nesse ano, a cobertura da Libertadores e de outros campeonatos da Conmebol foi ampliado, ao mesmo tempo em que aumentou o número de patrocinadores. Assim, diversos canais esportivos transmitiam todas as modalidades de esporte e de diversos torneios, como os canais da SporTV (já consolidado), ESPN (representados pelo ESPN Brasil, ESPN, ESPN + e ESPN Extra), Fox Sports (representado pela Fox Sports 1 e Fox

¹⁰⁹ Os países que compõem o Tratado são: Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Equador, Guiana, Paraguai, Peru, Suriname, Uruguai e Venezuela. Ainda existem países observadores, como o México e o Panamá (FIGUEIREDO, 2014).

¹¹⁰ Reportagem da *Folha de São Paulo* sobre o posicionamento da CONMEBOL em relação à participação de equipes mexicanas da Taça Libertadores da América. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte/fk3004200905.htm>. Acesso em: 20 de dez. de 2022.

Sports 2) e o Esporte Interativo, que deixou de existir em 2018. Atualmente, existem 17¹¹¹ canais fechados sobre esporte, os quais falam, na maior parte do tempo, sobre futebol.

Conseqüentemente, quanto mais emissoras transmitiam as partidas, mais patrocinadores se interessavam pela competição. Até o ano de 2010, a Libertadores foi patrocinada pela empresa japonesa *Nissan*. Posteriormente, a competição foi patrocinada pela fabricante de pneus, também japonesa, *Bridgestone* e, em 2014, pela petroquímica Total¹¹². Entre 2008 e 2012, o banco espanhol Santander patrocinou a competição e, a partir de 2013, a multinacional japonesa *Brigstone*¹¹³ também patrocinou a principal competição da América do Sul. A lógica funcionava da seguinte maneira: quanto mais patrocinadores, mais transmissões seriam realizadas, gerando mais jogos e mais consumidores.

Então, a partir da primeira década dos anos 2000, surgiu uma nova era. Os canais de *streamings* se popularizaram, o campo da internet evoluiu e se tornou ainda mais democrático¹¹⁴, contando ainda com o surgimento da tecnologia *Over The Top* (OTT), que transmite via internet áudio e vídeo para os aparelhos tecnológico dos usuários (HOOPER; MOYLER; NICOLL; 2010). A tecnologia que permite os serviços de OTT é chamada de *streaming*, cujo serviço pode ser acessado por qualquer meio digital com acesso à internet. Ainda que seja uma plataforma paga, elas possuem valores inferiores em comparação à TV por assinatura (REVOREDO, 2017). Em relação à internet, discutiremos de maneira mais aprofundada no próximo capítulo, uma vez que a sua ascensão também foi um fator importante para disseminar o modo como as torcidas rio-platenses atuavam.

Com a ampliação de vagas e a inclusão das equipes mexicanas, a Libertadores da América foi se tornando mais competitiva, de modo que sobraram mais vagas para a Copa Sul-Americana. Por outro lado, com o fim da Copa Conmebol, da Copa Mercosul e da SuperCopa dos Campeões, houve uma pequena queda nos jogos realizados entre equipes brasileiras ou argentinas/uruguayas, como pode ser percebido na Tabela 8 a seguir.

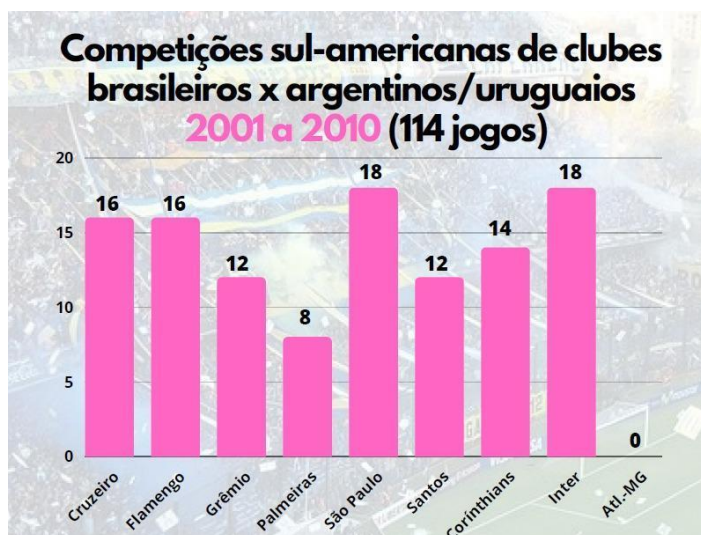
¹¹¹ Número disponibilizado pelo jornal *Gazeta do Povo*. Ver mais em: <https://infograficos.gazetadopovo.com.br/esportes/canais-de-tv-esportivos/>. Acesso em 22 de ago. de 2022.

¹¹² Site oficial da Conmebol.

¹¹³ Ver mais em: <https://www.conmebol.com/noticias/ford-nuevo-patrocinador-oficial-de-la-conmebol-libertadores/>. Acesso em 12 de ago. de 2022.

¹¹⁴ Quando falamos sobre democratização digital, ou de igualdade digital, é preciso fazer as seguintes provocações: existem iniciativas de acesso coletivo; subsídios do custo dos equipamentos; capacitação de pessoas; infraestrutura; e distribuição de software livre para os usuários? Além disso, a disseminação acontece de forma igualitária para todos os níveis socioeconômicos da sociedade? (CAZELOTO, 2008). Assim, entendemos que a democratização da rede não acontece simplesmente com a universalização do acesso, mas a partir de um conjunto de fatores já citados (SILVEIRA, 2003). Ainda, é preciso pensar a nível Brasil, sabendo que a questão da educação digital do nosso país é mais restrita para as classes sociais subalternas. Entendemos a subalternidade a partir do conceito gramsciano, que caracteriza os grupos em condições de exploração ou sem perspectiva para uma vida digna, uma categoria que está dialeticamente envolvida com a sociedade civil, a hegemonia e o Estado (GRAMSCI, 2002).

Tabela 8 – Brasileiros x Argentinos/Uruguaios entre 2001-2010



Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

Entre os anos de 2001 a 2010, é possível notar que as equipes brasileiras enfrentaram as equipes platinas 114 vezes. Esse número é menor do que o indicado na Tabela 7, que representa a década de 1991-2000. Com a extinção dos torneios já mencionados, também houve uma diminuição no número de possibilidades de encontros das equipes. Nessa década, os times que lideraram o número de jogos foram o São Paulo e o Internacional, com 18 partidas. Vale lembrar que, na década passada, a equipe colorada não tinha disputado nenhuma vez. Já as equipes do Cruzeiro e Flamengo jogaram 16 partidas, Corinthians jogou 14, Grêmio e Santos 12, Palmeiras 8 e o Atlético Mineiro não jogou nenhuma vez contra as equipes platinas.

Em relação à Libertadores da América, de 2011 até 2016, o torneio voltou para 38 representantes, já que as duas vagas estendidas para as equipes mexicanas ficaram ociosas. De 2017 até 2022, o torneio contou com 47 equipes, dentre os quais o Brasil se destacou com o maior número de times, nove equipes, seguido da Argentina, com seis vagas e outras federações, com quatro vagas cada uma.

Atualmente foi fechada uma nova parceria com a *The Walt Disney Company Latin America*, que deterá os direitos de transmissão da Libertadores, da Sul-Americana e da Recopa, a partir de 2023 até 2026¹¹⁵, a ser reproduzido pelo canal fechado ESPN e pelo *streaming Star+*. A CONMEBOL TV possuía os direitos televisivos somente até 2022. Além disso, a Rede Globo

¹¹⁵ Sobre a nova parceira dos direitos das competições da Conmebol, ver mais em: <https://www.meiahora.com.br/esportes/2022/06/6415584-grupo-disney-anuncia-direitos-da-libertadores-sul-americana-e-recopa-ate-2026.html>.

voltará a ter direito de transmissão da Libertadores e o SBT irá assumir a transmissão da Copa Sul- Americana.

3.2 AS EQUIPES GAÚCHAS NOS TORNEIOS SUL-AMERICANOS: O GRÊMIO COMO VIAJANTE PLATINO

Pela Libertadores, em uma somatória dos times gaúchos (Grêmio, Internacional e Juventude), o campeonato foi disputado em 36 oportunidades. A equipe do Grêmio disputou 21 vezes, seguida do Internacional, 19 vezes, e do Juventude, apenas uma vez. A primeira equipe gaúcha a estreiar na Libertadores foi o Internacional, em 1976, participando do campeonato apenas mais duas vezes na década de 1980.

No decênio de 1980, o Internacional jogou pela Libertadores em 1980 e em 1989, quando chegou até a semifinal da competição. Já na década de 1990, o time colorado disputou apenas no ano de 1993, ficando em último lugar em sua chave. Entre os anos de 2006 e 2010 houve as maiores conquistas, já que a equipe acabou vencendo duas vezes a competição. Entre 2010 e 2020, o time disputou a competição mais nove vezes.

A década de 1980 foi marcante para o Grêmio, que disputou três vezes e tornou-se campeão em 1983. No período compreendido entre 1990 e 2000, o time disputou cinco vezes e foi campeão em 1995. Já na década entre 2000 e 2010, o tricolor disputou quatro vezes, sendo vice-campeão em 2007. Entre 2010 e 2020 foram nove disputas, conquistando novamente o título de campeão em 2017, alcançando o tricampeonato.

Por sua vez, o Juventude disputou a Libertadores em 2000, já que foi campeão da Copa do Brasil em 1999. A equipe fez uma boa campanha, mas ficou em terceiro lugar, sendo eliminado na primeira fase da competição.

De 1970 até 2001¹¹⁶, o Grêmio enfrentou cinco vezes as equipes da Argentina e do Uruguai, sendo três vezes as equipes argentinas e duas vezes as uruguaias. Posteriormente, em 2002, foram dezessete vezes: onze jogos contra argentinos e seis contra equipes uruguaias, totalizando 22 confrontos.

Já o Internacional conta com menos jogos disputados: desde a primeira participação até o ano de 2001 foram três jogos, dois contra uruguaios e um contra equipes argentinas. Depois de 2006, foram 11 jogos, sendo seis contra uruguaios e cinco contra argentinos, totalizando 14 jogos. Ao total, somando os jogos das competições da Conmebol, o Grêmio disputou 66 vezes

¹¹⁶ O recorte temporal até o ano de 2001 foi determinado pelo início da Gera do Grêmio.

contra equipes argentinas e 22 jogos contra os uruguaios. Já o Internacional disputou 22 jogos contra argentinos e 14 vezes contra uruguaios.

Em relação à SuperCopa dos Campeões, a equipe gremista enfrentou diversas vezes as equipes dos países da região platina entre os anos de 1988 e 1997, principalmente as argentinas, fazendo com que muitos torcedores gremistas circulassem entre esses países. Ao todo, foram 13 jogos contra equipes argentinas e dois jogos contra a equipe do Peñarol, única equipe uruguaia que o Grêmio enfrentou. Embora fosse uma competição muito prestigiada, ela acabou sendo desvalorizada. Ainda assim, a experiência fez com que a equipe do G.F.P.A ficasse conhecida na América do Sul e nos países vizinhos, principalmente na Argentina, devido à quantidade de jogos disputados.

Como indicamos, desde a década de 1980, o G.F.P.A. frequentou todas as competições organizadas pela Conmebol e, conseqüentemente, circulou demasiadamente pela América do Sul. É provável que essa circulação tenha influenciado a torcida do tricolor a partir do contato com as torcidas de língua espanhola, já que o time gremista teve a primeira torcida *barra* do Brasil. Apesar da vitória do Internacional no campeonato mundial de 2006, somente na primeira década dos anos 2000 houve maior participação no principal torneio do continente. Na Tabela 9 a seguir, iremos ilustrar os dados das equipes gaúchas entre 1991 a 2020, em relação às competições da Conmebol.

Tabela 9 – Jogos da dupla Grenal x Argentinos/Uruguaios entre 1991 a 2020

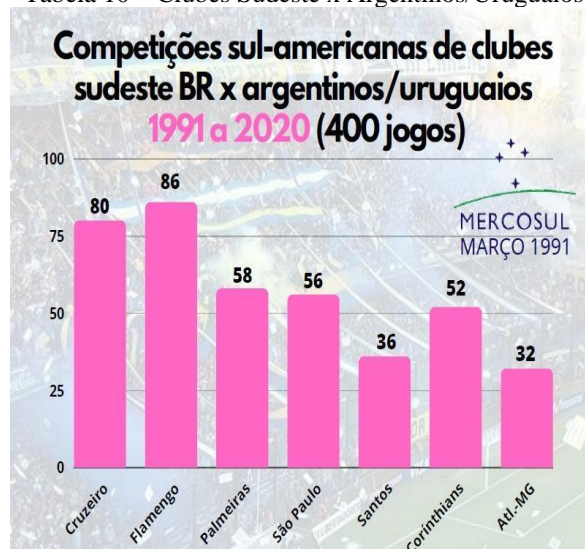


Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

Os times da dupla GreNal disputaram 92 jogos contra os times platinos, no período de 1991 a 2020. A equipe do Grêmio jogou 60 partidas e o Internacional 32 jogos. O fato da equipe gremista ter disputado mais torneios sul-americanos ajuda a explicar a possibilidade de ter havido influência com a forma de torcer platina, adaptando o estilo *barra* para a cidade de Porto Alegre.

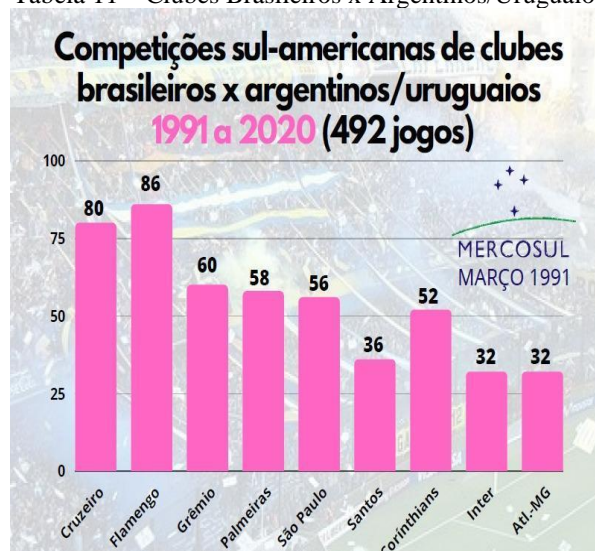
A partir desse entendimento, faremos o esforço de analisar o número dos jogos totais dos times da região sudeste. Em seguida, analisaremos as equipes brasileiras para compreender as razões pelas quais essa influência recaiu apenas nas torcidas gaúchas, e não nas torcidas do restante do país. Pode ser observada, a seguir a análise das Tabelas 10 e 11:

Tabela 10 – Clubes Sudeste x Argentinos/Uruguaios



Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

Tabela 11 – Clubes Brasileiros x Argentinos/Uruguaios



Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

Após a assinatura do bloco econômico do Mercosul, em março de 1991, as equipes da região sudeste foram as que mais disputaram partidas contra os times platinos. A partir da análise da Tabela 10, podemos observar que foram jogadas 400 partidas. Ademais, analisando a Tabela 11, encontramos um total de 492 partidas disputadas pelas equipes brasileiras. Significa que as equipes do sudeste foram responsáveis por cerca de 80% dos jogos disputados, entre 1991 até 2020. Entretanto, mesmo com esse número significativo, os times do sudeste não foram influenciados pela forma *barra* de torcer. Essa situação nos ajuda a compreender que, mesmo com a maioria dos jogos realizados com equipes do sudeste, foi justamente a questão geográfica e cultural que influenciou os gremistas no estilo *barra* de torcer.

Pela proximidade com Argentina e Uruguai, no Rio Grande do Sul aconteceram mais viagens e trocas culturais, já que Porto Alegre fica a 1.306 km de Buenos Aires, capital da Argentina, e a 805 km de Montevidéu, capital uruguaia. Do mesmo modo, se compararmos a distância dos principais centros futebolísticos do país, encontramos os números de 1.129 km em relação à São Paulo, 1.569 km do Rio de Janeiro e 1.727 km de Belo Horizonte. Ainda nessa lógica, vamos procurar compreender a distância e o valor das passagens das rodoviárias das cidades mencionadas até Buenos Aires e Montevideo.

Não existe linha direta de Belo Horizonte e Rio de Janeiro até Buenos Aires e Montevideo. Os passageiros devem fazer uma viagem até São Paulo, onde é possível encontrar um ônibus que vai até Porto Alegre. De Porto Alegre, o passageiro faz o traslado para essas capitais. O tempo de viagem varia de um dia e meio e, dependendo da linha, pode chegar a dois dias e meio de viagem. O custo de transporte varia de R \$1.306 até R\$2.000,00, considerando somente a passagem de ida.

Se fizermos uma comparação com a fronteira do Rio Grande do Sul, essa quilometragem diminui mais ainda, já que nas cidades de Alegrete, Santana do Livramento, Uruguaiana e São Borja existem os consulados¹¹⁷ de torcedores da dupla Gre-Nal, ou núcleos¹¹⁸ das torcidas organizadas dos respectivos times. Do ponto de vista geográfico, a capital do Rio Grande do Sul é mais próxima das capitais dos países platinos do que os grandes centros de futebol no Brasil.¹¹⁹

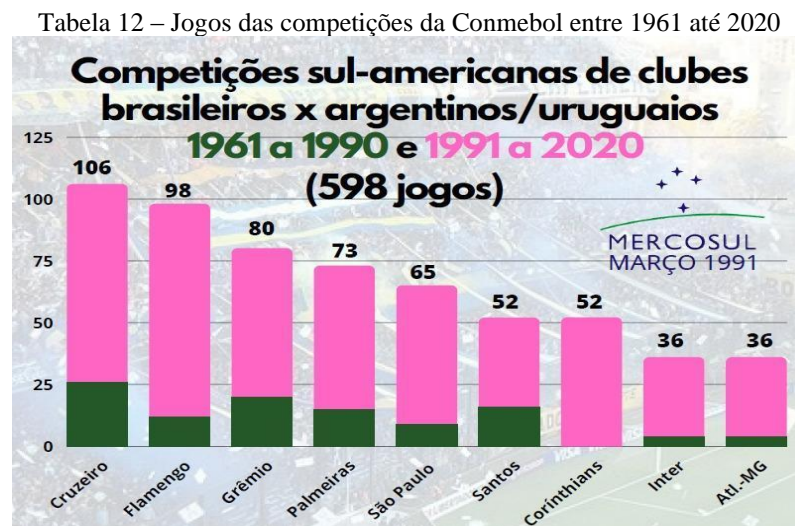
¹¹⁷ Os Consulados constituem-se em representações dos associados do Clube de determinada localidade ou região, sendo um canal de comunicação de seus integrantes com o clube. Ver mais em: <https://internacional.com.br/consulados/funcoes>. Acesso em: 17 de jan. de 2023.

¹¹⁸ Os núcleos ou sub sedes de torcidas organizadas são compostos por torcedores que não residem na cidade em que o Clube está. Assim, os núcleos são responsáveis por organizar as excursões para acompanhar os jogos da equipe.

¹¹⁹ Em relação à nossa capital federal, Brasília, Porto Alegre está a 2.115 km de distância. Esse número é o dobro da distância de Montevideo e mais da metade da distância em relação à Buenos Aires.

A partir de uma análise das Tabelas 12 e 13, apresentadas na sequência, podemos compreender melhor a ampliação de jogos e torneios da Conmebol a partir de 1991. De 1961 até 2020, as principais equipes brasileiras disputaram 598 jogos contra argentinos e uruguaios. Entretanto, de 1991 a 2020 foram 492 jogos, sendo quase 80% dos jogos disputados a partir da década de 1990, influenciado pelos fatores que já delimitamos. Com mais jogos nessa década, somado à livre passagem de pessoas entre os países do Mercosul, possibilidades de amizades entre torcidas foram crescendo.

A equipe que mais jogou contra argentinos e uruguaios foi o Cruzeiro, então, nesse período cresceu a amizade¹²⁰ da torcida organizada do Cruzeiro, a torcida Máfia Azul, com a barra argentina da equipe do *San Lorenzo del Almagro*, a *La Gloriosa Butteler*. Desse modo, o período entre 1991-2010 foi crucial para desenvolver as possibilidades de amizades, mas foi a partir do ano de 2008 que se intensificou o contato entre as torcidas de Cruzeiro e San Lorenzo, um fenômeno ocasionado pelas disputas dos torneios da Conmebol.



¹²⁰ Ver mais em: https://www.youtube.com/watch?v=Jo_dYwhS5Ps. Acesso em: 19 de fev. de 2023.

Tabela 13 – Gráfico em linha que ilustra os jogos das competições da Conmebol entre 1961 até 2020



Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

De acordo com os dados da Tabela 13, apesar de haver uma ligeira queda dos jogos a partir dos anos 2000, ocasionada pelo fim de algumas competições, podemos identificar que já estava formado – ou em processo de formação – o contato de torcidas brasileiras com as torcidas argentinas e uruguaias.

Com a realização dos torneios Sul-Americanos, as amizades¹²¹ entre as torcidas dos times brasileiros e argentinos/uruguaios se intensificaram no final da década de 1990¹²², início dos anos 2000. Podemos citar a amizade do Grêmio com o Nacional do Uruguai, por exemplo, que não está mais restrito às torcidas organizadas, mas se consolidou institucionalmente nas direções dos clubes. As amizades entre torcidas existem por diferentes motivos, porém destaca-se a necessidade de proteção, já que muitas vezes não são seguidas ideias cromáticas ou ideológicas, em que se desenvolve a “Síndrome do Beduíno”, – o amigo do meu amigo é meu amigo e o inimigo do meu amigo é meu inimigo (MOREIRA, 2001).

Ademais, a partir da popularização dos meios de comunicação durante o final da década de 1980, mais jogos passaram a ser transmitidos em razão do interesse de patrocinadores em apresentar suas marcas. Assim, os torneios foram ampliados e se tornaram cada vez mais valorizados, ao passo que a venda de televisão por assinatura também aumentou. Nesse contexto, milhares de pessoas por toda América do Sul puderam acompanhar seus times sem

¹²¹ Em relação a amizades de torcidas organizadas, indicamos a Dissertação de Mestrado, intitulada *Alianças Entre Torcidas Organizadas: análise a partir da união estabelecida entre a Torcida Organizada Galoucura, a Mancha Alverde e a Força Jovem* (SOUZA, 2018).

¹²² Com esse mapa interativo temos uma dimensão das amizades entre torcidas organizadas espalhadas pela América do Sul. Assim, com a ampliação dos torneios organizados pela Conmebol a circulação e o diálogo entre as torcidas cresceram. Ver mais em: <<https://trivela.com.br/america-do-sul/libertadores/que-viva-la-amistad-as-aliancas-fraternais-entre-clubes-da-america-do-sul/>>. Acesso em 27 de dez. de 2022.

precisar sair de casa, apenas com a assinatura de canais fechados. Já os torcedores mais fanáticos puderam viajar pelos seus times, acompanhando em excursões que foram facilitadas por meio de acordos comerciais de integração, como a entrada em países que compõem o Mercosul sem a necessidade de passaporte.

Em relação às torcidas, importa destacar que na década de 1980 os meios de comunicação começaram a dar visibilidade para os torcedores violentos, dentro e fora do Brasil, travestindo os estádios como lugares perigosos e iminentes à barbárie (TAVARES; PRIOLI, 2015). Porém, o auge da espetacularização das brigas de torcidas organizadas foi durante a Batalha do Pacaembu¹²³, em 1995. Esse processo de midiaticização da violência no futebol culminou na segunda metade da década de 1990, quando foram investigadas pela mídia as brigas de torcidas organizadas. Com esses destaques em relação à violência no futebol, a imprensa passava a sensação de que a maioria dos torcedores organizados eram violentos (MURAD, 2007). Atualmente, para evitar que a espetacularização da violência incentive mais torcedores, a FIFA não autoriza que a invasão de campo ou as cenas de violência sejam transmitidas.

Contudo, no final da década de 1990, os diversos casos de violência ainda eram transmitidos, tanto pelos canais de esportes quanto pelos canais policiais, acarretando em uma perseguição às torcidas organizadas no Brasil. Logo, no Rio Grande do Sul, a conjuntura também foi de perseguição aos torcedores e às próprias torcidas organizadas, o que causou uma crise institucional nas entidades – aspecto que iremos discutir no próximo subcapítulo.

3.3 CRISE DAS TORCIDAS ORGANIZADAS NO RIO GRANDE DO SUL

Explosões de fúria. Código de ética tácito. Caravanas. Prisões preventivas. Tribunais. Júri popular. Cassetetes que rasgam a pele. Barras de ferro que afundam os crânios. Policiais corruptos. Policiais honestos. Busca por audiência. Busca por reconhecimento. Busca por favorecimento. Busca por excitação. Provocações entre grupos rivais. Pedradas. Rótulos que estigmatizam. Números oficiais. Explicações científicas. Narrativas jornalísticas. Sensacionalismo. Humilhações que permanecem na penumbra. Despreparo das forças de segurança. Descaso das autoridades. Cumplicidade com a violência. Câmeras de segurança por toda parte. Estádios remodelados. Assentos que viram armas. Gás de pimenta que cega por minutos. Balas de borracha que cegam para sempre. Defesa do endurecimento penal. Críticas ao rigor da legislação. Seminários de torcidas organizadas. Políticas públicas inadequadas. Políticas públicas por fazer. Reuniões antes dos clássicos. Encontros acidentais. Encontros agendados. Hospitais. Cirurgia. Velas que queimam junto ao último fio de esperança. Lágrimas que correm no velório do filho. Felicitações ao policial que matou um “vagabundo”. Roubos de bandeira. Roubos de vida. Alianças de última hora. Inimigos de longa data. Práticas racistas. Cantos homofóbicos. Modelos

¹²³ Em relação ao confronto, apresentaremos no próximo subcapítulo.

internacionais de prevenção da violência. Ideias de masculinidade. Modos de vida execrados. Modos de vida celebrados (LOPES, 2020, p. 687).

Essas frases, as palavras que foram reescritas no excerto, (re)afirmam emaranhados de sujeitos e fatores que são responsáveis, direta ou indiretamente, pela violência. Além disso, são frases ou palavras que se tornam consequência da violência. É possível afirmar que esses enunciados se cruzam e formam a subjetividade do torcer. O torcer é uma prática humana, cheia de contradições, dilemas e consequências. Do mesmo modo que a vida se apresenta para cada um de nós.

Neste subcapítulo, debateremos de forma panorâmica a respeito da violência no futebol. Trata-se de um debate central para compreendermos a crise das torcidas organizadas no Rio Grande do Sul. É necessário salientar que um dos motivos para justificar o declínio das formas organizadas tradicionais de torcer gaúchas é justamente a violência na sociedade da época, que se refletiu dentro e fora dos estádios. Aqui, registramos que não existe uma data ou um marco específico, mas sim um processo que foi ocorrendo por toda a década de 1990 no Brasil e, mais especificamente, no Rio Grande do Sul.

Segundo Bucci (2004), a década de 1990 também ficou conhecida pelo início dos programas sensacionalistas e policiaescos. Em 1991, o Sistema Brasileiro de Televisão (SBT) iniciou um programa que foi a gênese desses moldes televisivos, chamado “Aqui Agora”. Esse programa tinha acesso até mesmo à frequência de rádio dos órgãos de segurança, tudo em busca de matérias inéditas. Em 5 de julho de 1993, chegou a televisionar um suicídio ao vivo, de uma adolescente de 16 anos de idade. No ano de 1997, o programa mostrou o assassinato de um sequestrador também ao vivo, reproduzindo várias vezes a morte do indivíduo. A fórmula dos programas deste segmento é sempre a mesma: a busca por audiência utilizando o sensacionalismo, o medo e a espetacularização da violência.

Nesse período, houve uma explosão¹²⁴ de programas em que a violência servia de principal atrativo. Com isso, foi construída uma cultura do medo, que se converteu em uma barreira do inimigo imaginário e fez com que as pessoas não confiassem em outros indivíduos, temendo a tudo e a todos (KOURY, 2011). Entre as centenas de reportagens sensacionalistas produzidas pela mídia brasileira em busca de audiência, uma das mais icônicas foi a falsa entrevista com a maior facção brasileira, transmitida pelo programa “Domingo Legal”, do SBT, em 2003. Nessa entrevista forjada, os “bandidos” ameaçaram sequestrar e matar celebridades,

¹²⁴ Durante toda a década de 1990 e anos 2000, outras emissoras também criaram seus programas, como o “Cidade Alerta” em 1995 pela Rede Record, Brasil Urgente em 1997, exibido pela Rede Bandeirantes, Linha Direta (segunda edição), em 1999 na Rede Globo, entre dezenas de programas dessa gênese espalhados pelo Brasil. Ver mais em: <<https://periodicos.ufpb.br/index.php/tematica/article/view/28607>>. Acesso em 18 de jan. de 2022.

apresentadores de outras emissoras, sacerdotes religiosos, entre outros, causando pânico geral no Brasil, mas principalmente no estado de São Paulo (KOURY, 2011). A reportagem foi desmascarada, já que a própria produção do programa foi responsável por contratar os “bandidos” para a entrevista.

Assim, entendemos que a cultura do pânico foi construída como um sustentáculo para a ampliação da indústria midiática, contribuindo com a criação de um imaginário social dos cidadãos. De um modo geral, essa indústria é voltada para a categoria jovem, principalmente as classes mais vulneráveis, como suspeitos de serem considerados bandidos ou marginais (KOURY, 2011). Do mesmo modo, para a categoria torcida organizada também foi criado um imaginário social de temor, como se fossem sujeitos perversos e naturalmente violentos. Para o cidadão médio, o imaginário do medo também é construído através de um ódio às classes populares, com recortes raciais, a partir da premissa de que seriam “classes perigosas”.

Essa expressão, classes perigosas¹²⁵, foi empregada na metade do século XIX para designar os trabalhadores que não se adaptaram às novas relações de trabalho, – também chamado de superpopulação (MARX, 2017). A consequência sofrida por esses sujeitos foi a criminalização e a repressão. Nos dias atuais, o termo é designado às classes populares e às pessoas em condição de pobreza, entendidas como potencial criminogênico, constituído a partir do sentimento de insegurança e moldado pelo medo de classe (FRANÇA, 2017).

Em relação ao jornalismo esportivo, a década de 1990 também contaminou esse setor. Os debates no jornalismo verificavam, e ainda o fazem, quem era considerado “torcedor de verdade”. Toda vez que aconteciam cenas de violência nos estádios brasileiros, os velhos jargões¹²⁶ de que se tratava de “bandidos travestidos de torcedores”, “eles não são torcedores” ou “vagabundos infiltrados nas torcidas”, apenas para mencionar algumas frases que mais repercutiram. A mídia quer mostrar, assim, que a prática da violência não é aplicada por “torcedores de verdade”, pois um torcedor teria a função exclusiva de apoiar o time.

Retornando para o final da década de 1980, podemos perceber que a cobertura da mídia esportiva tinha se voltado para as torcidas organizadas, devido a festas nos estádios, mas principalmente em decorrência do aumento de casos de violência (PIMENTA, 1997). Em 17 de outubro de 1988, o torcedor Cleofas Sóstenes da Silva, o Cléo, então presidente da torcida Mancha Verde do Palmeiras, foi assassinado. Esse fato foi catalizador para a década seguinte,

¹²⁵ Termo preconceituoso utilizado para se referir a pessoas pobres com potencial a vícios e ao crime. Para um maior aprofundamento ver em Chalhoub (2006).

¹²⁶ Jornal de Minas Gerais, ver mais em: <https://diariodemanhuacu.com.br/colunas/bandidos-travestidos-de-torcedores-ameacam-jogadores-e-seus-familiares-com-a-esperanca-de-que-os-resultados-dentro-de-campo-possam-melhorar/>. Acesso em: 30 de dez. de 2022.

a qual foi marcada pela violência e assassinato entre torcedores no estado de São Paulo, gerando uma maior cobertura midiática¹²⁷ (CANALE, 2020).

Na década de 1990, com uma vasta cobertura da mídia sobre casos de violência envolvendo as torcidas organizadas, o debate sobre esse fenômeno surgiu com intensidade na sociedade brasileira, ao passo que, para parcelas da sociedade, esses torcedores deveriam ser “controlados” (PIMENTA, 1997). Nesse momento, a mídia construiu um imaginário social sobre o fenômeno da violência e dos torcedores organizados, reproduzindo representações sociais estigmatizantes.

Na área das Ciências Sociais, existe um vasto manancial de trabalhos que abordam a violência e as torcidas organizadas. Aqui, daremos destaques para trabalhos como o do pesquisador Marcelo Palhares (2015), autor do título *Não é só torcida organizada: O que os torcedores organizados têm a dizer sobre a violência no futebol?*. Nessa obra, ele problematiza a violência no futebol brasileiro e desconstrói aquilo que havia sido construído pela mídia hegemônica em relação à imagem do torcedor organizado, como: “todo torcedor organizado é violento”, “não são torcedores, são vândalos travestidos de torcedores”, o que simplifica e reduz problemas complexos da nossa sociedade, a exemplo das próprias brigas de torcidas. Um ponto importante dessa obra é a realização de entrevistas, em que os sujeitos filiados nas torcidas organizadas colocam seu ponto de vista sobre a violência, tanto nas torcidas como na sociedade brasileira.

Como vimos no primeiro capítulo, a violência acompanha o futebol desde os seus primórdios – aliás, antes mesmo da fundação das torcidas organizadas (HOLLANDA, 2009). Quando falamos sobre a violência no futebol, temos que pensar na violência num sentido mais global e complexo. O Brasil é um país marcado pela violência¹²⁸, desde a sua estruturação do nascedouro, que foi baseada na escravização de povos nativos e sequestrados de África, com

¹²⁷ Em relação ao Rio de Janeiro, na década de 1990, foi diferente de São Paulo ou do próprio Rio Grande do Sul. A obra *Os Perigos da Paixão: Visitando Jovens Torcidas Cariocas*, de Rosana da Câmara Teixeira, também contribui com o debate no âmbito de torcida e violência, na área da Ciências Sociais. A autora realiza um trabalho de campo no qual desconstrói mitos e nos ajuda a compreender melhor o fenômeno do torcer. Um ponto de diferença foi um pacto de paz, realizado em 1994, com o Grupamento Especial de Policiamento em Estádios (GEPE) e as torcidas organizadas cariocas. A escalada de violência nas organizadas do Rio de Janeiro foi a partir de 1998.

¹²⁸ Segundo o último Atlas da Violência do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), em parceria com o Fórum Brasileiro de Segurança Pública e com o Instituto Jones dos Santos Neves, publicado em 2021, o Brasil diminuiu o número de mortes violentas. Porém, não podemos comemorar esses números. O país teve um aumento de Mortes Violentas por Causas Indeterminadas (MVCI), principalmente nos estados do Acre (185%), Rio de Janeiro (2325%) e Rondônia (178%). Essas mortes são aquelas que não podemos identificar a motivação, podendo incluir: assassinatos, agressões letais, acidentes ou suicídios, que entram nas estatísticas como indefinidas, puxando para baixo o número de homicídios. Ver mais em: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/publicacoes/213/atlas-2021-em-infograficos>. Acesso em: 30 de dez. de 2022.

base nas relações de poder e uma miscigenação forçada (MUNANGA, 1999). Esses aspectos não são levados em conta quando falamos sobre a violência no futebol, pelo menos não de maneira séria pelos veículos jornalísticos.

Para entendermos a violência nas torcidas, temos que compreender melhor o conceito de violência. Conforme afirma Riches (1988), falar de violência acarreta um certo julgamento ou avaliação sobre o objeto estudado. Aqui, temos de entender que o fenômeno da violência pode ser, para certo grupo, legítimo, enquanto para outro não é aceitável. Por esse motivo, o conceito de violência é relativo, dependendo do contexto social, gênero, faixa etária ou instrução escolar (ODÁLIA, 1991).

No Brasil, existem diferentes trabalhos que debatem sobre a violência¹²⁹¹³⁰, dentre os quais existem convergências, divergências e múltiplas respostas sobre esse fenômeno, além de existirem múltiplas respostas sobre o tema. São muitos estudos, em diferentes áreas, como a violência contra a mulher (PASINATO, 2012), contra a criança e o adolescente (NUNES; SALES, 2016)¹³¹, a violência policial (FLAUZINA, 2006)¹³², contra movimentos sociais (SANTOS; SOUZA, 2017)¹³³, entre outros.

Existem diversos trabalhos, em diferentes áreas do conhecimento, sobre torcida organizada e a violência. Os primeiros trabalhos que debateram sobre a violência e a torcida vieram do Reino Unido, devido ao fenômeno do *hooliganismo*¹³⁴. Esse fenômeno ficou conhecido como “doença inglesa” (DUNNING, 2006). Assim, no decorrer das décadas, o *hooliganismo* passou a ser estudado por diferentes campos dos saberes, tanto no âmbito europeu quanto na América Latina. Da mesma forma, devemos compreender que existem esportes com

¹²⁹Uma obra interessante do campo da sociologia para debatermos esse tema é o livro *O que é violência?*, de Nilo Odália (1991), que debate a violência desde os primórdios da humanidade, quando o ser humano iniciou sua organização em grupo e disputou com outros grupos. Além disso, o autor percorre as violências contemporâneas e suas dimensões nos âmbitos econômicos, sociais, raciais, entre outros.

¹³⁰Outro trabalho essencial que nos ajuda a refletir sobre o tema é *As raízes da violência no Brasil: reflexões de um antropólogo social*, do Roberto Da Matta (1982b). Essa obra interpreta a violência brasileira, como fruto de uma construção social baseada e construída no meio da força e do abuso.

¹³¹Nesta obra, os autores destacam que a maioria das agressões que crianças e adolescentes sofrem é cometida por um membro da família. As agressões muitas vezes são negligenciadas, afetando, além da saúde física desses jovens, a sua saúde mental.

¹³²Nesta obra, Ana Luiza Pinheiro Flauzina, além de abordar a violência policial, aborda questões como o racismo institucional, criminologia, seletividade penal, genocídio da população negra e sistema penitenciário.

¹³³Aqui, o Comitê Brasileiro de Defensores e Defensoras dos Direitos Humanos (2017) traz reflexões sobre a defesa de militantes dos movimentos sociais que estão tanto na cidade como no campo.

¹³⁴Não existe consenso da etimologia da palavra *hooligans*. Autores apontam que o termo iniciou com uma família de irlandeses, conhecidos pelas brigas em bares e nas ruas, a família era chamada de *Houlihan* (PERSON, 1983; PIMENTA, 2004). Outros autores afirmam que o nome é em homenagem ao livro do escritor Clarence Rook, chamado *Hooligan Night*, escrito em 1899, no qual o personagem *Patrick Hooligan* era conhecido por ser violento e não cumprir as regras impostas pela sociedade (PIMENTA, 2004). Ainda, outro autor estabelece que esse termo se refere a ladrões irlandeses do final do século XIX, o líder do grupo era chamado de *Hooley* e seu grupo de *Hooley's gang* (CANCIO, 1990).

um nível maior de tensão, seja por aspectos como competitividade, recompensa financeira ou pela violência aceitável em nossa sociedade. Assim:

Todos os desportos são, por natureza, competitivos e conduzem, deste modo, ao aparecimento da agressão e de violência. Contudo, em alguns, por exemplo, o rugby, o futebol, e o boxe, a violência é, sob a forma de "representação de uma luta" ou "confronto simulado" entre dois indivíduos ou grupos, um ingrediente central. Esses desportos constituem oportunidades para a expressão da violência física socialmente aceitável e ritualizada (ELIAS; DUNNING, 1992, p. 331).

Aqui, não estamos relativizando a violência, mas buscando entender o fenômeno da violência no futebol e nos estádios, ressaltando que não se trata de um expoente estrito ao Brasil, mas sim um problema mundial. Sabemos que a violência deve ser combatida em todos os âmbitos, porém, a violência nos estádios deve ser pensada em um sentido de prevenção, para que não mais exista repressão e violência. É possível perceber que o combate à violência nos moldes repressivos não tem surtido efeito nas últimas décadas.

Em relação à violência no futebol, o sociólogo Maurício Murad (2007) compreende que é necessário entender o indivíduo, mas também o grupo no qual o sujeito está inserido. Ainda, o autor acrescenta que a violência do corpo e da palavra se agravam quando se está em grupo, possibilitando ainda mais a violência. Já para o sociólogo Norbert Elias (1994), o problema acontece pelo sentimento de excitação que move os indivíduos, o que pode causar a perda do autocontrole devido à carga emocional a qual estão submetidos. A partir do conceito de civilização, essa excitação pode acarretar em descontrole, tendo como consequências as transgressões na sociedade, a exemplo dos atos de violências. Nesse mesmo sentido, o autor afirma que a nossa sociedade passou por um processo civilizatório, que contribuiu com a sua pacificação. Assim, a humanidade buscou o controle e o autocontrole de suas atitudes e emoções, de modo que a agressividade foi cortada e passou a ocorrer apenas em situações isoladas, consideradas patológicas, ou em sonhos dos indivíduos.

No Brasil, de forma geral, os anos de 1990 foram marcados pela violência na sociedade urbana e rural. Além disso, essa década era regida pelo projeto neoliberal do presidente Fernando Henrique Cardoso, que teve como características: o alto número de desemprego; o país no mapa da fome; as desigualdades educacionais, sociais e raciais, além da extrema violência, como chacinas, massacres e homicídios não esclarecidos (PICCELLI, 2013)¹³⁵.

¹³⁵É nessa década que as milícias brasileiras, especialmente do Rio de Janeiro, apresentaram uma crescente e consolidou-se na década seguinte como grupos paramilitares.

Um dos casos que causou maior indignação popular foi o assassinato¹³⁶ brutal do indígena da etnia Pataxó, Galdino Jesus dos Santos, conhecido como índio Galdino. O indígena foi a Brasília para a comemoração¹³⁷ do Dia do Índio, onde se reuniria para debater sobre a demarcação de terras indígenas. Contudo, no dia 19 de abril de 1997, cinco jovens brancos de classe média alta – por diversão – atearam fogo no corpo do indígena, que estava dormindo em uma parada de ônibus, já que não pôde dormir no local que seria hospedado por ter chegado antes do horário. Embora tenham sido condenados, os assassinos contaram com regalias do sistema judiciário de Brasília. Atualmente, os criminosos trabalham no alto escalão do funcionalismo público, ocupando os cargos de analista judiciário da Corte Distrital; agente de trânsito do Departamento Estadual de Trânsito (DETRAN); fisioterapeuta da secretaria de saúde do Distrito Federal; até mesmo um deles trabalha na corporação da Polícia Rodoviária Federal, chegando a ser agraciado,¹³⁸ em 2020, como chefe da Divisão de Testes, Qualidade e Implantação. Os salários que eles recebem variam entre dez mil a quase 22 mil reais.

É possível podemos pontuar outros acontecimentos que marcaram o Brasil naquela década: o *impeachment* de Fernando Collor de Mello, em 1992; o Massacre do Carandiru no mesmo ano; a Chacina da Candelária, em 1993, com a execução de oito crianças em situação de rua pelas mãos de policiais militares, no Rio de Janeiro; na mesma cidade e ano, houve a Chacina de Vigário Geral, quando um grupo de extermínio assassinou 21 pessoas; em 17 de abril de 1996, aconteceu o Massacre de Eldorado dos Carajás¹³⁹, com o assassinato de dezenove trabalhadores do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) pela Polícia Militar. Além disso, nesse período cresceram grupos intolerantes, conhecidos na mídia como *skinheads*¹⁴⁰, que agrediam nordestinos, negros e homossexuais em São Paulo. Houve ainda o aumento de homicídios na mesma cidade, cujas evidências acusam a ROTA¹⁴¹ (Rondas

¹³⁶Ver mais em: <https://jus.com.br/jurisprudencia/16290/o-caso-do-indio-pataxo-queimado-em-brasilia>. Acesso em: 19 de jan. de 2023.

¹³⁷ Em relação ao assassinato do índio Galdino, indicamos a Dissertação intitulada *Memórias e imagens em torno do índio pataxó hãhãhãe Galdino Jesus dos Santos (1997 a 2012)*. Disponível em: https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/11836/1/2012_RodrigoPiubelli.pdf. Acesso em: 12 de jan. de 2023.

¹³⁸Ver mais em: <https://oglobo.globo.com/brasil/assassino-do-indio-galdino-foi-nomeado-para-cargo-comissionado-na-policia-rodoviaria-federal-25180898>. Acesso em: 19 de jan. de 2023.

¹³⁹ Sobre o massacre, existe um vasto material de reportagens e um livro intitulado de “*Os sobreviventes do massacre de Eldorado do Carajás: um caso de violação do princípio da dignidade da pessoa*”. Ver mais em: https://books.google.com.br/books/about/Os_sobreviventes_do_massacre_de_Eldorado.html?id=Fj2iNwAACA-AJ&redir_esc=y. Acesso em: 20 de set. de 2022.

¹⁴⁰ Apesar de serem vinculados à extrema direita, o início do movimento skinhead era totalmente contrário. Era formado junto a imigrantes jamaicanos, tinham postura antirracista, gostavam de futebol e de músicas vindo da Jamaica, como o reggae music e o ska. Além disso, eram influenciados pela subcultura dos *rudboys*, grupos de jovens pobres jamaicanos, que tinham como a violência seu ponto central (BRACHT, 2003; CARMO, 2001).

¹⁴¹ Ver o livro de Caco Barcellos *Rota 66 – A História da Polícia que Mata*.

Ostensivas Tobias de Aguiar) como principal alvo de suspeitas (TOLEDO, 2012), sem mencionar o tráfico de drogas da região.

Como o futebol e o torcer estão vinculados à sociedade numa perspectiva dialética, as arquibancadas do país também foram marcadas pela violência. Em 1992, Rodrigo de Gáspari, de 13 anos,¹⁴² foi assassinado dentro do estádio do Nacional Atlético Clube, durante a partida entre Corinthians e São Paulo pela Copa São Paulo de Futebol Júnior. Essa foi a primeira morte por violência em estádios, de modo que a punição¹⁴³ foi o fim dos bandeirões em qualquer estádio paulista.

O evento que marcou o decênio de 1990, em relação à violência nas arquibancadas, foi a famigerada “Batalha do Pacaembu”¹⁴⁴, na final da Supercopa São Paulo de Juniores, em 20 de agosto de 1995, disputada entre São Paulo x Palmeiras. Esse evento deixou 102 feridos, além da morte do jovem Márcio Gasparin (TOLEDO, 1996). O confronto ocorreu ao vivo, transmitido para todo Brasil, durante o conflito entre as duas principais torcidas organizadas: a Mancha Verde, do Palmeiras, e a Torcida Independente, do São Paulo. Podemos compreender que:

A tragédia do Pacaembu em 1995 tornou-se ápice, mas também o turning point desse processo, cabendo a promotoria pública de São Paulo instaurar uma cruzada contra as TO's, no limite os únicos atores responsabilizados diretamente pelas ondas de violência. A proibição às aglomerações identificadas nos estádios (faixas, bandeiras, camisas próprias) se impôs como medida necessária ainda nesse ano e que se manteve por muitos outros, afrouxada no início do século XXI. A extinção de algumas torcidas em 1996 e 1998, embora sem efeitos repressivos esperados pelas autoridades, foi outra medida polêmica e de impacto (TOLEDO, 2012, p. 148).

Logo, essa onda de violência não ficou somente nos estádios de São Paulo, mas em diversos estados do Brasil e no próprio Rio Grande do Sul, de modo que as arquibancadas também refletiram a violência da sociedade. Desde a metade dos anos de 1990 até o início dos

¹⁴² Reportagem da Uol sobre os 20 anos da morte do jovem que não foi encontrado o culpado. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2012/03/28/morte-de-corintiano-ha-20-anos-segue-sem-culpado-e-com-familia-esperando-indenizacao.htm>. Acesso em: 08 de set. de 2022.

¹⁴³ O ano de 2022 foi marcado pela vitória das torcidas organizadas paulistas, momento em que foi utilizado o Estatuto do Torcedor para sua defesa, conquistando a volta das bandeiras com mastros. De acordo com o estatuto, é permitida a entrada de hastes e suportes de bandeiras nos estádios brasileiros. Ver mais em: <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2022/09/28/estado-de-sp-volta-a-permitir-o-uso-de-bandeiras-com-mastro-nos-estadios.htm#:~:text=Um%20objeto%20comum%20entre%20as,foi%20publicada%20no%20Di%C3%A1rio%20Oficial>.

¹⁴⁴ A Batalha do Pacaembu foi um marco para o debate sobre a violência nos estádios brasileiros, pois modificou a relação do Poder Público com as torcidas organizadas. Para além disso, a academia começou a dar mais ênfase a pesquisas envolvendo o assunto. Diversos pesquisadores e pesquisadoras se debruçaram sobre o tema, que passou a ser estudado em diferentes áreas do conhecimento, sobretudo na área das Ciências Humanas (LOPES, 2019).

anos 2000, as torcidas organizadas gaúchas estavam sendo marcadas por conflitos¹⁴⁵, principalmente entre as torcidas do Grêmio e do Internacional. No estado do RS, as brigas¹⁴⁶ eram comuns nos estádios ou nas cercanias, porém, esses confrontos se intensificaram e tornaram-se ainda mais violentos na década de 2000.

3.3.1 O início do fim

Como a cidade de Porto Alegre possui apenas dois clubes que disputam campeonatos de grandes níveis, a rivalidade entre eles também é grande. Além de uma rivalidade social, a rivalidade clubística se torna um catalisador de diferentes ações (DAMO, 1998). Para Damo (1998), o torcedor sente-se pertencente ao clube, assumindo riscos a ponto de sua vida tornar-se secundária, o que pode ser uma experiência agradável ou não. Assim, é necessário compreender que o futebol, mas principalmente o torcer, adquire um papel primordial na vida desses indivíduos, pois também configura sua vida social.

A era dos anos 2000 foi considerada o “início do fim”, já que, nesse momento, as torcidas gaúchas começaram a ter punições sumárias e prisões. Desde o final da década de 1999, os jornais¹⁴⁷ gaúchos já noticiavam o rastro de violência das torcidas, não somente da dupla GreNal, mas também do Juventude e da torcida da Sociedade Esportiva e Recreativa Caxias do Sul, popularmente conhecida como Caxias.

Nesse contexto, a relação entre as torcidas organizadas do Internacional e a direção do clube estava péssima. No Campeonato Gaúcho de 2001, o Inter não fazia uma boa campanha, causando indignação entre os torcedores. Durante a partida entre Esportivo e Internacional, em Bento Gonçalves, sua principal torcida, a Camisa 12, colocou as faixas de ponta-cabeça, em forma de protesto (SANTOS; OLIVEIRA, 2021). O vice-presidente do clube, Paulo Mubarak, afirmou que havia “marginais” infiltrados nas torcidas e decidiu pelo corte de subsídios¹⁴⁸ à torcida Camisa 12. O presidente da entidade, Flávio Ilha, com 45 anos naquele ano, anunciou que iria processar Mubarak¹⁴⁹.

¹⁴⁵ Em relação aos confrontos entre as torcidas organizadas da dupla GreNal, existem entre outros trabalhos, uma dissertação que fala quase exclusivamente sobre a violência desse período. A dissertação é intitulada “Posso morrer pelo meu time: A construção da rivalidade clubística entre Grêmio e Internacional e a sua relação com as violências”, de Cristina Corderio Alves (2014).

¹⁴⁶ Em relação às brigas da década, o jornal gaúcho *Zero Hora* fez uma reportagem com o histórico de brigas no Rio Grande do Sul. Ver mais em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/esportes/noticia/2015/09/paixao-que-mata-a-barbarie-das-organizadas-4846428.html>>. Acesso em 25 de dez. de 2022.

¹⁴⁷ AS TORCIDAS. **O Pioneiro**. Caxias do Sul/RS. 21 mai. 2002, p. 6. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=885959&pagfis=328844>. Acesso em: 19 de jan. de 2023.

¹⁴⁸ Em relação a subsídios, entendem-se como auxílio a ingressos e ajuda financeira para excursões da torcida.

¹⁴⁹ INTER e Camisa 12 brigam. **O Pioneiro**. Caxias do Sul/RS. 2 mai. 2001, p. 34. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/885959/310453>. Acesso em: 8 out. 2022.

Em relação ao Grêmio, um episódio que levou à extinção da maior e principal torcida do clube, a Super Raça Gremista, foi a morte de Geferson da Silva Machado, de 19 anos, integrante da torcida (SANTOS; OLIVEIRA, 2021). No dia 19 de maio de 2002, após uma partida entre Internacional e Juventude pelo Campeonato Gaúcho, em Caxias do Sul, ocorreu uma confusão nas imediações do estádio Alfredo Jaconi. O conflito envolveu torcedores do Internacional e membros da Super Raça que estavam assistindo ao jogo junto da torcida Mancha Verde, do Juventude. Após a confusão, a Brigada Militar foi acionada e passou a revistar os torcedores.

Na revista policial, Geferson morreu devido à explosão de uma bomba caseira que carregava junto ao corpo (SANTOS; OLIVEIRA, 2021). O policial militar (PM), Cleomar Vargas, perdeu a mão por conta dos estilhaços da bomba. Ainda, após a morte de Geferson, o torcedor gremista Alex Sandro Verli Vieira foi encontrado baleado nas imediações onde ocorreu a explosão da bomba. O jovem Alex Sandro, com 18 anos na época, foi levado para Unidade de Tratamento Intensivo (UTI), onde foi tratado e conseguiu sobreviver¹⁵⁰. Segundo o jornal “O Pioneiro”, foi indiciado um torcedor que fazia parte da torcida organizada Falange Grená, da equipe do Caxias, já que, na época, a instituição tinha amizade com a Camisa 12 do Internacional.

O vice-presidente da Super Raça, Deomar Brandão, com então 48 anos, afirmou o seguinte, em entrevista ao jornal “O Pioneiro”, de Caxias do Sul: “Acho que vai ser o fim da torcida. Houve uma morte. Que explicação poderemos dar à direção do Grêmio?”¹⁵¹. No dia seguinte ao ocorrido, a direção do Juventude anunciou a suspensão temporária das duas principais torcidas, a Mancha Verde e Nação Verde¹⁵². Já a direção do Grêmio anunciou a “extinção sumária de todas as torcidas organizadas do clube”¹⁵³.

De acordo com as reportagens realizadas pelos jornais “O Pioneiro”, “Zero Hora”¹⁵⁴ e com o site do Jornal Hoje, programa da Rede Globo (a reportagem afirma que o PM tinha

¹⁵⁰ AS VÍTIMAS. **O Pioneiro** [Caderno Especial]. Caxias do Sul/RS. 21 maio 2002. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=885959&pagfis=328842>. Acesso em: 8 out. 2022.

¹⁵¹ BOMBA. **O Pioneiro**. Caxias do Sul/RS, 20 maio 2002, p. 20. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/885959/328818>. Acesso em: 8 out. 2022.

¹⁵² AS TORCIDAS. **O Pioneiro** [Caderno Especial]. Caxias do Sul/RS, 21 maio 2002. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=885959&pagfis=328844>. Acesso em: 8 out. 2022.

¹⁵³ O IMPACTO. **O Pioneiro** [Caderno Especial]. Caxias do Sul/RS, 21 maio 2002. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/885959/328841>. Acesso em: 8 out. 2022.

¹⁵⁴ FAMÍLIAS desoladas pela impunidade. **Zero Hora**. Porto Alegre/RS, [s.d]. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/especiais/zh-paixao-que-mata/familias-desoladas-pela-impunidade.html>. Acesso em: 08 out. 2021.

simplesmente ajudado na revista)¹⁵⁵, afirma-se que a morte do torcedor ocorreu após a revista policial. Porém, o inquérito¹⁵⁶ judicial movido pelo Ministério Público divulgou outra versão, em que o policial Vargas teria retornado à paisana vestido um abrigo do Inter, o que gerou uma importunação por torcedores do time adversário.

Assim, minutos depois, o policial retornou ao local com amigos policiais militares, momento em que os torcedores alegam ter iniciado as agressões. Segundo essa versão, a explosão ocorreu após Geferson ser agredido com um soco na cabeça durante abordagem policial. Ainda, após a sua recuperação, o PM afirmou que o grupo deu um soco em sua esposa¹⁵⁷, fazendo com que ela caísse no chão (fato que não foi comprovado), motivo pelo qual ele teria chamado o resgate. O inquérito concluiu que houve excesso por parte dos policiais, indiciando o PM Vargas por homicídio culposo e lesão corporal culposa, sendo responsável pela morte do torcedor Geferson. O policial militar foi absolvido das acusações.

Ainda na mesma partida, houve a morte de um torcedor colorado¹⁵⁸. O jovem Anderson Levi, de 16 anos, integrante da torcida Nação Independente, foi atingido por um tijolo dentro do estádio, sofrendo traumatismo craniano, que causou sua morte dias depois. No inquérito da polícia civil, foi considerada a hipótese de que o jovem teria caído após uma bomba caseira ter sido jogada no meio da torcida do Internacional, o que, em tese, causou a lesão cerebral. Essa tinha sido a primeira viagem do jovem para fora de Porto Alegre, de modo que a situação abalou seus familiares a ponto de pedirem, durante o enterro, pelo fim das torcidas organizadas. A morte do jovem foi manchete¹⁵⁹ de jornais, além de iniciar um debate sobre a violência nas torcidas organizadas de Caxias do Sul e de Porto Alegre.

Com as diversas punições e prisões de lideranças de integrantes das organizadas do Internacional e do Grêmio, ocorreu um esgotamento das torcidas. Além disso, no estádio Olímpico do Grêmio, já estava em curso um projeto de elitização, no qual se encerrava a distribuição de ingressos para as TO's, proibindo instrumentos musicais, símbolos das torcidas e bandeiras com mastro de bambu (RODRIGUES, 2012). O controle da polícia militar também

¹⁵⁵ BRIGA de Torcedores. **Portal de notícia G1**. Disponível em: <http://g1.globo.com/jornalhoje/0,,MUL1136182-16022,00-BRIGA+DE+TORCEDORES.html>>. Acesso em: 8 out. 2021.

¹⁵⁶ Disponível em: <https://ssp.rs.gov.br/policia-civil-de-caxias-do-sul-indicia-policial-militar-por-morte-de-torcedor>. Acesso em: 8 out. 2021.

¹⁵⁷ MISTÉRIO na explosão da bomba. **O Pioneiro** [Polícia]. Caxias do Sul/RS, 1º e 2 de junho 2002. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=885959&pagfis=329463>. Acesso em: 8 out. 2021.

¹⁵⁸ MORRE torcedor ferido no Jaconi. **O Pioneiro**. Caxias do Sul/RS, 27 de maio de 2002, p.1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=885959&Pesq=%22anderson%20livi%22&pagfis=329164>. Acesso em: 19 de janeiro de 2023.

¹⁵⁹ MORRE outra vítima da barbárie. **O Pioneiro**. Caxias do Sul/RS, 27 de maio de 2002. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=885959&Pesq=%22anderson%20livi%22&pagfis=329127>. Acesso em: 19 de jan. de 2023.

aumentou, e os torcedores foram obrigados a possuir em suas camisas uma numeração individual, deixando ainda mais vulneráveis a penalidades:

A numeração de camisas, não funcionava somente como mecanismo de vigilância policial, mas também para conselheiros do clube e até mesmo outros integrantes da própria torcida “entregarem” aqueles que não se comportavam de acordo com o que era exigido pelas lideranças, seja protestando nos portões do Estádio, ou não cantando as canções puxadas pela torcida. A expulsão era a sanção mais comum, que afastava os inconvenientes não só da torcida, mas dificultava sua ida aos jogos, já que a maioria pouco poderia pagar além das mensalidades (RODRIGUES, 2012, p.47).

Foi nesse contexto de repressão, punição e declínio das torcidas organizadas que se iniciou, nas arquibancadas do estádio Olímpico, uma nova forma de torcer. Esse fenômeno ainda era inédito no Brasil e procurou se identificar com as formas de torcer de seus vizinhos platinos, o estilo *barra*. Iniciaram, assim, disputas pelo poder nas arquibancadas do estádio Olímpico. Fatores como dinheiro, política e territorialidade são algumas das razões para as disputas entre torcidas. Destacamos que essas disputas “intraclube” não configuram uma novidade entre as torcidas, pois:

para um estudioso brasileiro, que acompanha o assunto em seu país, esse dado convergente é bastante importante e sintomático, uma vez que o mesmo se passa no Brasil- fissões internas, inimizades frontais e brigas entre torcedores de um mesmo clube-, há pelo menos uma década, embora já existisse, latente e em menor escala, em tempos anteriores (HOLLANDA, 2017, p.50).

Desse modo, a hegemonia das torcidas organizadas no RS sofreu um declínio considerável, uma vez que as TO's perderam espaço, tanto nas arquibancadas quanto no número de componentes, na relação de poder e articulação com os próprios dirigentes de clubes. Apontamos alguns fatores que contribuíram com a decadência das organizadas gaúchas, como a violência, a ruptura com as direções, prisões/ condenações, mortes e criminalização de componentes das torcidas.

Um elemento importante no que tange o combate à violência foi a criação do Estatuto do Torcedor (EDT). A Lei 10.671, de 2003, serviu como um instrumento para balizar as relações entre o estado, as entidades e os organizadores de eventos esportivos (BRASIL, 2013). Desse modo, a referida lei tem o objetivo de prevenir atos de violência nos estádios, bem como garantir a proteção e a defesa dos consumidores. No ano de 2013, que marca os dez anos da lei, foram adicionados novos artigos e articuladas algumas mudanças. O Estatuto existe justamente para aperfeiçoar a sociabilidade torcedora, que ocorre nos espaços públicos ou privados. Desde que foi promulgado, os torcedores contam com normas relacionadas a seus direitos e deveres,

que está sob a responsabilidade dos organizadores e clubes (RIGO; KNUTH; JAHNECKA; TAVARES, 2006).

Com o EDT em vigor, os cadastros de todos os torcedores gremistas passaram a ser atualizados, situação que gerou algum receio. Assim, todo membro de torcida organizada era obrigado a realizar o cadastro. No artigo segundo do EDT, afirma-se que:

A torcida organizada deverá manter cadastro atualizado de seus associados ou membros, o qual deverá conter, pelo menos, as seguintes informações: I – nome completo; II – fotografia; III – filiação; IV – número do registro civil; V – número do CPF; VI – data de nascimento; VII – estado civil; VIII – profissão; IX – endereço completo; e X – escolaridade (BRASIL, 2013, p. 10).

Nesse período, as organizadas tradicionais enfrentavam-se pela hegemonia das arquibancadas do estádio Olímpico. As torcidas Super Raça e Torcida Jovem enfrentavam críticas dos seus associados, em razão das suspeitas de casos de corrupção, sendo acusados de favorecimento pessoal devido à diminuição de ingressos (RODRIGUES, 2012). No interior da Torcida Jovem, existiam subgrupos divididos em núcleos de cidades da região metropolitana, no interior do estado, além de bairros e vilas. Nesses espaços, ocorriam internamente disputas e violência internas.

Com os constantes conflitos entre as TO's, um grupo dissidente saiu da Torcida Jovem do Grêmio e formou um movimento *barra*. O grupo que iniciou a formação era composto por seis lideranças da Torcida Jovem, que decidiram concentrar-se nas arquibancadas inferiores, ao lado direito das cabines de televisão do estádio Olímpico (RODRIGUES, 2012). Esse movimento fugiu da institucionalidade, da burocracia e da dependência com a diretoria do clube. Seu objetivo era entoar cantos o jogo todo, mesmo perdendo, algo que não acontecia nos jogos do tricolor. Um fator que contribuiu para a criação do movimento foi o anonimato na forma de torcer. Diferente das organizadas, o torcedor que frequentava o setor da Geral do Grêmio não utilizava vestimentas vinculadas a torcidas, apenas a camisa da equipe, fugindo da criminalização das TO's. O anonimato no modo de torcer foi uma forma de manter a sobrevivência e proteção dos integrantes, como uma estratégia de defesa.

O início dessa nova forma de torcer foi uma ruptura com as organizadas. Para termos uma dimensão simbólica¹⁶⁰, o primeiro “trapo”¹⁶¹ que a nova torcida utilizou foi uma antiga bandeira da Torcida Jovem do Grêmio, pintada do avesso, onde estava escrito “Imortal Tricolor” e “Lara Vive”, em homenagem ao antigo jogador (RODRIGUES, 2012). Na

¹⁶⁰ Em relação ao simbólico, partimos do pressuposto do conceito do poder simbólico de Pierre Bourdieu (2010), constituindo uma forma de coerção de acordos, códigos ou símbolos não institucionais, no qual existem acordos não conscientes entre as estruturas mentais e as estruturas objetivas.

¹⁶¹ Abordaremos este e outros elementos da cultura material torcedora no próximo capítulo.

subcultura das torcidas, essa violência simbólica representa uma ruptura ao mesmo tempo em que demonstra poder de força, por indicar uma vitória no campo de batalha (ARAGÓN, 2007).

Um elemento que contribuiu com a decadência das torcidas organizadas do RS foram os meios de comunicação¹⁶², principalmente a Rede Globo¹⁶³. A esse respeito, percebeu-se uma tentativa da mídia em modificar as estratégias relacionadas às torcidas organizadas, desvinculando o estilo *barra* das torcidas tradicionais a fim de buscar um novo público para os estádios. Logo, podemos entender que:

Não se sabe ainda se esse novo modelo, que faz apelo também às origens e a uma retórica da tradição, irá superar o modelo das Torcidas Jovens. Sabe-se, no entanto, que elas têm o apoio dos meios de comunicação, dentro de um projeto pedagógico e de um interesse capitalista que requer um remodelamento de estádios. No Brasil, a preparação para a Copa do Mundo de 2014 é uma excelente ocasião para a formação de um novo público torcedor (HOLLANDA, 2009, p. 13).

Por conseguinte, os meios de comunicação estimularam o torcer das *barras* gaúchas, entendendo que se tratava de um perfil social diferente das torcidas organizadas. Até mesmo a “avalanche”¹⁶⁴, da Geral do Grêmio, era estimulada pelos meios de comunicação devido aos efeitos visuais que eram produzidos com a comemoração (HOLLANDA, 2009). Assim, a partir de 2001, iniciou-se um novo movimento de torcer que levou alguns anos para sua consolidação. Esse novo “movimento”, inédito no Brasil, é conhecido como *barra*, que modificou o torcer no Rio Grande do Sul, no interior e até mesmo em muitos estádios do Brasil. Veremos, no próximo capítulo, mais sobre essa cultura torcedora que se tornou hegemônica nos estádios da dupla GreNal.

¹⁶² Após a formação das *barras* no RS, as câmeras não focavam mais nas organizadas tradicionais, mas nas festas desses novos movimentos. Eram colocadas até mesmo legendas nas músicas para os espectadores acompanharem, como aconteceu com a Geral do Grêmio em 2007. Ver mais em: <https://www.youtube.com/watch?v=LIXSbhI9yuE>. Acesso em: 20 de jan. de 2023.

¹⁶³ Ainda, a Rede Globo fez uma reportagem especial sobre as músicas da Guarda Popular, mostrando oito principais canções que embalavam o Beira-Rio e eram inspirados em músicas nacionais e internacionais. Ver mais em: https://www.youtube.com/watch?v=X9D__x-96yU. Acesso em: 20 de jan. de 2023.

¹⁶⁴ Abordaremos a avalanche no próximo capítulo.

4 A CRIAÇÃO DO NOVO TORCER: GERAL DO GRÊMIO E GUARDA POPULAR

(...) *Se viene el fin de semana, todos a la cancha, vamos a ir
Ya está todo preparado, el bombo y el trapo para salir
Al equipo que tiene más aguante
Lo llevo dentro del corazón
Saltando, cantando, prendidos a los trapos
Dejamos el alma en el tablón
Borracho, yo voy cantando
Con mis amigos, voy festejando un triunfo más
Loco soy por mi trapo
Te sigo a muerte por donde vas
Porque la vuelta queremos dar
Queremos dar*

O trecho da música do grupo argentino *Yerba Brava*, chamada *Cumbia de los Trapos*, é a canção mais conhecida pelas *barras* da América Latina, que é reinterpretada pelas torcidas em suas arquibancadas, entoando como canção de alento. Essa música ficou conhecida mundialmente depois da final da Copa do Mundo de 2022, no Catar. A final aconteceu entre Argentina e França, quando a seleção argentina consagrou-se campeã depois de 36 anos.

Durante a premiação do título mundial, a canção foi entoada no Estádio *Lusail*, na cidade de *Al Daayen*, para cerca de 89 mil torcedores. A música já era popular na Argentina, mas tornou-se conhecida para todos os torcedores que acompanharam a final. Entretanto, para quem acompanha futebol, essa música ficou marcada quando Diego Maradona foi treinador da equipe do *Dorados* do México, time da segunda divisão. Após uma vitória da equipe, o treinador argentino dançou no vestiário junto aos jogadores, sendo o centro das atenções. O vídeo¹⁶⁵ viralizou para o mundo todo, inclusive estampando a manchete dos principais jornais.

A partir da canção, podemos analisar palavras que farão parte da cultura torcedora do Rio Grande do Sul: *bombo*, *trapo*, *aguante*, *borracho* são expressões que irão implicar no torcer, a partir de noção de masculinidade estabelecida como forte, viril e agressiva. Não é novidade que a masculinidade nas torcidas é violenta e racista (BANDEIRA, 2019), porém, não são utilizados esses termos em espanhol, além do termo *aguante* ser desconhecido na língua portuguesa, mas ser utilizado de maneira copiosa a partir da formação das *barras* gaúchas.

Após a formação desse novo torcer, os referidos termos passam a ser conhecidos não somente nas arquibancadas do estado, mas de todo o Brasil, pois essa forma de torcer espalhou-se por todo país e está presente em quase todos os estados da Federação. Importa destacar que

¹⁶⁵Após uma vitória do Dorados do México, Diego Maradona dança junto aos jogadores. Ver mais em: <https://www.youtube.com/watch?v=mTOzNTmkK5k>. Acesso em: 29 de jan. de 2023

as *barras* gaúchas se inspiram nos ritmos da *Cumbia Villera* como forma de legitimação e afirmação enquanto *barra*.

Esse estilo musical¹⁶⁶ é uma mescla de música eletrônica, devido aos arranjos de teclado, e do *rap* norte-americano (CRANGNOLINI, 2010). Na Argentina, a *Cumbia Villera* se tornou uma música das classes populares, dos trabalhadores, dos *villeros* – moradores das zonas periféricas do país (SILBA, 2011). Podemos comparar esse ritmo com o *funk*, muito ouvido nas periferias brasileiras, também como um ritmo que embala, na maioria das vezes, as torcidas organizadas.

Da mesma forma que ocorre no Brasil, em que o *funk* é estigmatizado como som de pobre e periférico, a *Cumbia* na Argentina recebe o nome de *Cumbia Villera* justamente por ser um ritmo estigmatizado, sendo inclusive chamado de *músicas de negros* (ALABARCES; SILBA, 2014). Aqui, é importante compreender¹⁶⁷ que o termo “negro” não significa o afro, mas a forma como as classes dominantes se refere às classes populares, racializando sua discriminação classista.

As letras desse ritmo musical misturam a cotidianidade dos moradores das periferias, os *villeros*. São narradas histórias de delitos, consumo de drogas, sexo, amores, além de denunciar o abuso das instituições policiais (ALABARCES; SILBA, 2014). Dentre os jovens periféricos, essas músicas passaram a ser escutadas porque os “jóvenes pobres y vivir en barrios populares propicia de manera directa la identificación con relatos sobre robos, drogas y sexismo, sería aplicar de manera rápida los mismos prejuicios con los que queremos confrontar” (ALABARCES; SILBA, 2014, p. 66).

Desse modo, a *cumbia* é fortemente identificada com as classes trabalhadoras, com os imigrantes mestiços e os afrodescendentes. Por esse motivo, trata-se de um ritmo desconfortável para as classes médias e altas, uma vez que não causa uma identificação. A *cumbia* é definida da seguinte forma:

Una música de negros sin raza o etnicidad; una música de clase obrera donde la clase obrera ha desaparecido, dejando lugar a la pura marginalización; una música que hace afirmaciones de género sin políticas de género; una música que hace afirmaciones políticas por fuera de cualquier politicidad moderna. (ALABARCES; SILBA, 2014, p.71).

¹⁶⁶ A origem da *Cumbia* é da Colômbia, sendo criada no final do século XX, em uma mistura de ritmos indígenas e afro-colombianos. Esse ritmo se popularizou por toda a América Latina, possuindo variações a depender do país, que foi potencializado pela indústria cultural (SILBA, 2011).

¹⁶⁷ O livro *Cosas de Negros*, do escritor afro argentino Washington Cucurto, nos revela uma sociedade argentina extremamente racista, tanto com as classes populares quanto com imigrantes dos países limítrofes. Ainda, de forma irônica, o autor mostra como a branquitude argentina trata “os negros argentinos”, que seriam os moradores de periferias, e os imigrantes bolivianos, paraguaios e peruanos. Esses imigrantes são excluídos da sociedade, sofrendo racismo e sendo estereotipados como violentos, maníacos ou bandidos em potencial.

Assim, a partir dos anos 2000, esse ritmo se espalhou por todo país, sendo ouvido pela juventude de diferentes classes sociais, sobretudo os moradores das *villa miserias*. Não demorou muito para se espalhar pelos estádios, tornando-se um instrumento apropriado pelas *barras*, que modificaram a letra e a transformaram em canções de *alento* para apoiar seu clube. Desse modo, as *barras* argentinas e uruguaias utilizam canções adaptadas de grupos *cumbieros* para cantar nas arquibancadas. Após a criação das *barras* gaúchas, esse estilo musical também passou a ser conhecido no Brasil, espalhando-se em diferentes torcidas.

4.1. A PLATINIZAÇÃO DO TORCER NO RIO GRANDE DO SUL

O início da década de 2000 foi um marco mundial. Em 2001, iniciou-se uma nova era, um novo século para a sociedade global. Existiam expectativas tecnológicas relacionadas à criação de computadores, robôs e carros voadores que compunham o imaginário social do novo milênio. Além disso, existiam profecias sobre o fim do mundo¹⁶⁸, que ganharam os noticiários e programas de auditório sensacionalistas. Nesse período, era difícil encontrar algum colega com computador ou internet em casa, logo, todos ficávamos "à mercê" dos programas tradicionais da televisão.

O mundo estava em constante mudança e adaptação tecnológica, assim como as pessoas também se encontravam em constante mudança, em diferentes aspectos sociais e políticos. Nas arquibancadas não foi diferente: houve transformações nas formas de torcer no Brasil, acontecendo inclusive um processo inédito que se iniciou em Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul, como veremos a seguir.

4.1.1 Geral do Grêmio: O pioneirismo no estilo barra

Conforme apresentado no capítulo anterior, a principal mudança ocorreu no antigo estádio Olímpico do Grêmio *Foot-Ball* Porto Alegrense. Na ocasião, um grupo de líderes com anos de militância de arquibancada saiu da Torcida Jovem do Grêmio, questionando a burocratização e as hierarquias institucionais das torcidas organizadas gremistas (RODRIGUES, 2012). O novo grupo se estabeleceu no espaço que havia atrás do gol, um dos mais baratos na época, não era apenas para cantar, mas para alentar. O *alento* era vinculado a uma expressão utilizada pelas torcidas da Argentina e do Uruguai para mostrar a sua festa na

¹⁶⁸ Apesar da virada do século acontecer apenas em 2001, os noticiários especularam o final do mundo para o início do ano 2000, como profecia deixada por Nostradamus, além de uma possível Terceira Guerra Mundial. Ver mais em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/rfi/2019/12/31/ha-20-anos-o-bug-do-ano-2000-e-o-fim-do-mundo-que-nao-aconteceu.htm>. Acesso em 26 de jan. de 2023.

arquibancada, cujo significado é demonstrar apoio para a equipe durante o jogo todo, até mesmo quando se está perdendo.

Assim, surgiu um novo movimento, intitulado *Geral do Grêmio*. De início, havia poucos integrantes, mas com experiência em torcida, por serem torcedores acostumados a realizar viagens pela América do Sul para acompanhar o tricolor de Porto Alegre. A partir da ruptura com a torcida mais antiga do Grêmio, foram escritas frases em cima de uma bandeira da Torcida Jovem, de modo que o nome “faixa” ou “bandeira” foi ressignificado.

Agora, o antigo artefato passou a ser chamado de *trapos*, da mesma forma que as *barras* sul-americanas as intitulam. Segundo Rodrigues (2012), no segundo trapo confeccionado foi escrito “Os Borrachos da Geral”, utilizando um termo hispânico, mas muito utilizado no Rio Grande do Sul, para se referir a pessoas que utilizam demasiadamente bebidas alcoólicas. Aqui, é importante frisar que não se trata de consumir bebida alcoólica para ficar em situação de altamente alcoolizado, mas sim de possuir a expressão *aguante*¹⁶⁹, ou seja, beber e mostrar que tem o corpo resistente ao álcool ou às drogas.

No quesito estético, a forma como as *barras* se apresentam nas arquibancadas dos estádios é bem marcante, exatamente pelas faixas conhecidas como *trapos* (ARAGON, 2007). Diferente das organizadas brasileiras, os *trapos* platinos não carregam (geralmente) o nome da torcida, em vez disso, são escritas mensagens de apoio ao time, dizeres com nomes do bairro ou mensagens de provocação. Além disso, são utilizadas faixas verticais e horizontais, conhecidas como tirantes, com as cores da equipe. Essas barras ficam esticadas do topo até o final da arquibancada, promovendo uma estética diferenciada que os espectadores podem facilmente visualizar no estádio onde elas estão concentradas.

No período próximo a formação da Geral, a cidade de Porto Alegre sediou o Fórum Social Mundial (FSM), que contou com a circulação de milhares de pessoas de todo Brasil. Com a vinda de argentinos, chilenos e uruguaios para o FSM, a torcida convidou esses grupos para um churrasco, além de assistirem a uma partida do Grêmio no Estádio Olímpico (RODRIGUES, 2012), conquistando um “reconhecimento” e legitimidade enquanto um grupo platino de torcer.

Assim, a estrutura organizativa da Geral do Grêmio dentro do estádio tinha como finalidade estabelecer uma distinção em relação às torcidas organizadas, aproximando-se dos vizinhos platinos. Logo, a formação do novo movimento era similar a uma *barra*, que difere das torcidas organizadas brasileiras. Enquanto essas possuem uma estrutura formal,

¹⁶⁹ Veremos nas próximas páginas o significado desse termo.

burocratizada, associativa e hierárquica institucional, as *barras* são o oposto, apesar de serem estritamente hierarquizadas, com códigos invisíveis que são respeitados por todos.

Esses agrupamentos de torcedores não contam com um presidente escolhido democraticamente, mas sim com um representante, chamado de *capo* ou líder de torcida. Podemos elencar três categorias de torcedores, segundo Alabarces (2012): os *barras*, que são as torcidas organizadas; os torcedores militantes (que são responsáveis pela festa nas arquibancadas, conhecida como alento); e os torcedores comuns, que assistem aos jogos em lugares destinados para ficar sentados.

Os *capos* possuem influência nos bairros onde os clubes estão inseridos, o que constitui uma prática histórica no futebol argentino. Assim, os *capos* realizam alianças com base territorial, sendo muito respeitados dentro dos clubes e na torcida, mas principalmente na região do clube (GARRIGA ZUCAL, 2005). Ao fim e ao cabo, esses chefes se tornam homens influentes para cartolas, dirigentes e jogadores, logo:

Los capos se destacan por ser excelentes negociadores en el trato con los dirigentes y los jugadores del club, quienes les entregan dinero que posteriormente ingresa a la red de distribución interna en forma de bienes como comida (sandwiches, hamburguesas, asado), bebidas (gaseosa, vino, cerveza), viajes y entradas gratis para los hinchas. Este hecho resulta sumamente relevante, pues la distribución generosa de bienes funciona como uno de los mecanismos centrales para el consenso y la reproducción de la posición dominante dentro de la hinchada. En este sentido, la autoridad de los jefes se concibe en relación a la toma de decisiones, al tiempo que corresponde a aquellos que controlan los recursos, y que por lo tanto están en condiciones de asignarlos. El control de los recursos es uno de los significados y una de las medidas del poder (MOREIRA, 2006, p. 3).

Assim, na continuação da estrutura hierárquica de uma *barra* está a “segunda linha” da torcida, que “están secundados por no más de 15 hinchas de suma confianza a los que frecuentemente les delegan funciones diversas vinculadas a la manutención del grupo (MOREIRA, 2006, p. 3)”. São homens de confiança da *barra* que possuem afeto mútuo, além de compor uma relação de *status quo* dentro da torcida. Ademais, essa “segunda linha” tem melhores posições na hierarquia interna, um lugar que foi conquistado e pode trazer vantagens, inclusive financeiras (CABRERA, 2020).

Já os *hinchas* de menor grau compõem o que se chama de “tropa”, formados geralmente por torcedores militantes. Um torcedor militante se caracteriza por assistir a todas as partidas, dentro e fora de casa e deixar de forma secundária os aniversários, casamentos, velórios ou nascimento de filhos para assistir a partidas do seu clube do coração (ARCHETTI, 1995). Os torcedores militantes também são conhecidos como *pibes* (CABRERA, 2020), que são descritos da seguinte forma:

[...] generan sus propios recursos para costear las entradas, los viajes cuando el equipo juega como visitante y para adquirir los objetos vinculados al desarrollo del combate simbólico. Se distinguen por su participación activa en lo concerniente al aspecto estético y visual de la tribuna; por ejemplo, el despliegue de banderas, el uso de pirotecnia, la creación y la entonación de los cantos. El sacrificio del viaje, del gasto, del tiempo entregado, representan la fuerza de la pasión y el lazo sentimental con el club (MOREIRA, 2006, p. 4).

Os torcedores militantes conhecem os códigos e signos de comportamentos que devem ser desempenhados para estar junto das *barras*, assim como sabem qual o seu lugar, a sua função e o que pode ser dito. Desse modo, os torcedores expressam sua lealdade e fidelidade com o *capo* e a tropa. Logo, atrás do gol no antigo Estádio Olímpico, centenas de pessoas começaram a fazer parte da *barra*, um número que foi se multiplicando até formar um conjunto de novos torcedores.

Apesar da torcida ter iniciado em 2001, os primeiros instrumentos de percussão foram liberados regularmente apenas em 2005, durante a campanha do clube na disputa da segunda divisão. Assim, a forma como esse novo movimento encontrou para se distinguir das organizadas tradicionais foi através das músicas. Enquanto as torcidas organizadas cantavam apenas em momentos importantes da partida, com músicas baseadas em marchinhas de carnaval, *rap* ou *funk*, o novo movimento cantava de forma mais cadenciada durante o jogo todo (RODRIGUES, 2012).

Grande parte dos torcedores que começaram a frequentar o novo movimento derivavam das organizadas, mesmo porque o valor do ingresso era mais barato naquele setor, principalmente em jogos da Taça Libertadores da América. Os meios de comunicação começaram a chamar a torcida de “argentinos do Grêmio”, que posteriormente recebeu a alcunha de “Alma Castelhana”, que nunca foi aceita pelos integrantes (RODRIGUES, 2012).

Uma das hipóteses para justificar essa nomenclatura, além das estéticas similares das *barras*, foi a forma como cantavam. A torcida entoava músicas em espanhol, inspiradas nas torcidas argentinas dos Los Borrachos del Tablón (do River Plate) e La 12 (do Boca Juniors). A música inspirada era cantada em *portonhol*, intitulada *Quiero que legalizen la marijuana*¹⁷⁰. Outro motivo de chamarem de “argentinos do Grêmio” foi a inspiração pelas torcidas argentinas, principalmente a La 12, do Boca Juniors, afinal, nos primeiros anos da torcida, quando o estádio estava lotado, era cantado: "E vai virar La Bombonera, e vai virar La Bomboneeera" (RODRIGUES, 2012).

¹⁷⁰ Os cânticos podem ser vistos em diversos canais da plataforma Youtube, com vídeos produzidos pelos próprios torcedores (CARP LBDT, 2017).

Um dos elementos estéticos que chamou a atenção da nova forma de torcer gremista foi a avalanche, hoje proibida¹⁷¹. A avalanche costumava ocorrer quando o Grêmio fazia gol, em que todos corriam para baixo da arquibancada e parecia que, de fato, estava acontecendo uma avalanche. Na verdade, a Geral do Grêmio fazia esse movimento para demarcar as diferenças com as organizadas tradicionais, já que essa comemoração é típica da Argentina e do Uruguai. Com isso, cada vez mais os torcedores eram chamados de “cópia de argentinos” (RODRIGUES, 2012).

A consolidação da Geral aconteceu no final de 2005, com o título da Série B, momento em que houve a cooptação de milhares de novos sócios para o Grêmio. Nesse período, a própria imprensa os legitimou como principal torcida do Clube, já que eram colocados microfones atrás do gol para captar o áudio da torcida cantando durante os jogos. Naquele ano¹⁷², a Geral do Grêmio ajudou o Clube a multiplicar o número de sócios, considerando que naquele ano ainda existia a política dos torcedores não serem vinculados à torcida, apenas sócios do time. Assim, constituiu-se uma importante campanha do time na Série B.

A primeira dissidência da torcida ocorreu em 2008, quando a torcida se institucionalizou e passou a eleger conselheiros para o Clube, não sendo mais um movimento espontâneo. No dia 16 de novembro de 2008¹⁷³, houve uma briga entre a Geral e a Máfia Tricolor, ocasionando em um tiroteio próximo ao estádio Olímpico que atingiu um torcedor na cabeça. Depois disso, antigas lideranças romperam com a torcida e formaram um novo movimento de *barra* dissidente, a Velha Escola ou o Portão 18. Esse movimento carregava uma exacerbação da cultura gaúcha, com trapos e bandeiras do Uruguai. Contudo, logo as antigas lideranças se reconciliaram e voltaram para a torcida.

4.1.1.1 Guarda Popular: O pioneirismo das *murgas* aos instrumentos de sopro

No Internacional, os torcedores também fundaram uma *barra*: a Guarda Popular,¹⁷⁴ que teve seu início em 2004, quando o setor mais famoso e mais barato do estádio, conhecido como “Coreia”, foi fechado. Neste setor, os torcedores assistiam em pé aos jogos, chegando até mesmo a acontecer, em diversas ocasiões, de os portões serem abertos no segundo tempo para assistir aos jogos de forma gratuita. O nome “Coreia” remete a favelas localizadas entre São

¹⁷¹ A avalanche está proibida, pois a mureta de proteção da Arena do Grêmio cedeu durante a comemoração do gol, ocasionando quedas nos torcedores.

¹⁷² Informações do canal Peleja (2021).

¹⁷³ Ver mais em: <http://diariogaucha.clicrbs.com.br/rs/noticia/2008/11/briga-entre-torcidas-do-gremio-teria-motivacao-racista-2297344.html>. Acesso em: 28 de jan. de 2023.

¹⁷⁴ GUARDA POPULAR. **Atrás do gol – Guarda popular, a Barra do Internacional**. [s.n.] 2019. Youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QhGHB5DCprk>. Acesso em 11 out. 2021.

Leopoldo e Novo Hamburgo, que possuíam a mesma nomenclatura, além de remeter a uma vila em Porto Alegre que se chamava “Coreia” por ser longe do centro e extremamente pobre (FONSECA, 2000).

Segundo Tempass (2003), o setor da Coreia possuía características próprias, como ser localizada abaixo das arquibancadas inferiores, constituindo estilo de um valo, um fosso. A visão era péssima, por estar abaixo do nível do gramado. Em relação ao sujeito “coreano”, era majoritariamente negro e pertencente às classes mais pobres – uma minoria, mesmo não sendo pobre, gostava de frequentar aquele setor. Alguns sócios do Internacional e pessoas que não frequentavam o setor estigmatizavam esses torcedores como usuários de drogas e homens violentos. Apesar de já ter sido sentido o cheiro de maconha durante os jogos, poucas cenas de violência foram vistas no setor da Coreia. Até 2003, o Internacional era o único time da Série A do Campeonato Brasileiro que ainda possuía o setor popular

Com o início da elitização do futebol¹⁷⁵, a Coréia foi fechada. Assim, alguns movimentos que ficavam no setor, como os “Malditos da Coreia” e os “Diabos Vermelhos”, subiram para a arquibancada inferior, onde o valor do ingresso era o mais barato¹⁷⁶ do estádio, sendo chamado de setor Popular. Esses grupos de torcedores configuravam movimentos mais espontâneos e menos burocráticos, e não tinham como característica o estilo das torcidas organizadas.

Após a nova configuração no estádio Beira-Rio, surgiram dois novos movimentos de torcedores: a Guarda Colorada e a Popular do Inter, de modo que cada grupo ficava em um lado do estádio. Em meados de 2004, esses grupos se uniram e formaram a torcida Guarda Popular, que se localizava atrás do gol sul do Beira Rio. O último¹⁷⁷ jogo em que esses dois grupos se posicionaram em locais separados foi contra o Rosário Central, em 2005. Existiam diferenças entre esses dois movimentos, por exemplo, a Popular do Inter possuía ex-integrantes das torcidas organizadas ou indivíduos que tinham sido expulsos delas, possuindo uma característica mais relacionada com a torcida organizada. Já a Guarda Colorada era composta por estudantes e indivíduos com vivência de Beira Rio, além de ideias de *barra*. Ainda, segundo o “Podcast

¹⁷⁵ Entendemos por elitização o aumento do valor das entradas, a ampliação de bens consumíveis dentro do estádio e o sócio torcedor como instrumento de segregação, utilizado por quem tem condições sociais de ser associado a um clube futebolístico (CARVALHO JÚNIOR, 2020).

¹⁷⁶ Quando existia o setor “Coreia”, o valor do ingresso custava três reais, sendo 1,15% do salário mínimo. Após o fechamento, em 2004, no setor Popular, o ingresso custava dez reais e, em 2007, o mais barato era 25 reais. Ver mais em: <https://portaldocolorado.com.br/coreia/>. Acesso em: 26 de fev. de 2023.

¹⁷⁷ Episódio do programa Podcast de Arquibancada (2020), intitulado *Junção Guarda e Popular em 2005, Ataques da Mancha do Avaí, São Januário Território Hostil*.

de Arquibancada”, as lideranças da Popular avisavam que, se a Guarda Colorada cantasse em espanhol, haveria confronto entre esses movimentos.

Uma música cantada pela Popular do Inter para provocar a Guarda Colorada era: “Oh Guarda não bebe e dorme cedo, Colômbia¹⁷⁸, cheira, fuma, rouba e não tem medo”. Ainda no ano de 2005, as antigas lideranças da Guarda Colorada e da Popular do Inter chegaram a um acordo e decidiram, novamente, pela união dos dois movimentos, tornando-se a Guarda Popular. Uma das formas de legitimação das *barras* é a *cultura do aguante*, justamente o que a nova *barra* do Internacional queria demonstrar, seja para as relações intra-torcida ou para os inimigos exógenos.

Esse termo, *aguante*, possui diferentes significados a depender do contexto em que o interlocutor está inserido. Como a palavra *aguante* é multifacetada e cheia de emaranhamentos, o termo tem diferentes conotações sociais para sujeitos da mesma torcida. Mas para as *barras*, a categoria *aguante* funciona como um sistema de honra e prestígio, que está vinculada a enfrentamentos físicos (ALABARCES, 2012); GARRIGA ZUCAL, 2005). Dentro da *barra*, torcedores que *tienen aguante* têm mais prestígio e são mais respeitados dentro dos signos da torcida.

O objetivo de uma *barra* é parecido com o de qualquer torcida: é torcer. É fazer uma festa bonita e empurrar o seu time de coração para a vitória. Esses torcedores disputam contra seus rivais para comprovar quem tem mais *aguante*. Existe um padrão de festa e de cânticos nas arquibancadas promovidas pelas *barras*, no qual divulgam seus bairros, seu *aguante* e suas masculinidades. Em relação à festa:

Sus integrantes llevan decenas de banderas y usan bombos para acompañar los cánticos que ellos mismos dirigen desde el centro de la tribuna. Así, participan junto a los hinchas militantes del aliento al equipo y de los cantos, cargados de metáforas e imágenes de guerra, conquista y sometimiento sexual, destinados a la hinchada rival. Este duelo verbal que se juega desde las tribunas tiene un correlato directo con las luchas que se originan fuera de los estadios entre las barras enfrentadas (ALABARCES, ZUCAL, MOREIRA, 2008, p.117).

Assim, ter o *aguante* significa colocar o corpo, o que pode ser feito de diferentes formas, como ficar dias em uma fila na busca de ingresso; alentar o jogo inteiro; viajar para acompanhar o time; resistir à chuva, frio, calor e qualquer tipo de adversidade (ALABARCES; ZUCAL; MOREIRA, 2008). Ainda, na maioria das vezes, o *aguante* significa colocar o corpo em violência física, seja contra adversários ou contra rivais da própria torcida, de modo que o termo objetiva a violência. Assim, o *aguante* também significa:

¹⁷⁸ Colômbia era a forma como se autointitulava a Popular do Inter.

[...] el aguante se define no sólo en el despliegue de las habilidades y las técnicas corporales de lucha sino también en la capacidad de soportar el dolor sentido por los golpes y los daños producidos en el cuerpo. En los combates, los hinchas buscan acertar los golpes y producir heridas en los cuerpos de los contrincantes; los luchadores tienen que saber dar pero también saber recibir y resistir. La tolerancia al dolor hace de los sujetos valerosos luchadores que no se amedrentan ante situaciones dispares en cuanto al número y a la fuerza de los contrincantes (ALABARCES, ZUCAL, MOREIRA, 2008, p. 188-189).

Nesse sentido, podemos entender que o *aguante* não se trata unicamente de agredir o oponente, mas de saber resistir aos golpes e aos ferimentos da batalha. O *aguante* é, sobretudo, resistir às dores corporais ocasionadas pela defesa das cores e da honra. Para ter prestígio entre seus pares, os torcedores precisam possuir o *aguante* a partir da violência, sem ser considerada qualquer outra forma de provar sua masculinidade (ALABARCES, 2012). Logo, na categorização dentro da *hinchada*, o *aguante* da violência é destinado para as *barras* se consolidarem enquanto uma organização de homens, com a manutenção da permanência na *barra* (GARRIGA ZUCAL, 2001), enquanto o *alento* é destinado para os torcedores militantes e simpatizantes. Isso mostra que os espaços sociais dentro da torcida são construídos, de modo que todos os sujeitos sabem seu papel na informalidade da *hinchada*.

A torcida Guarda Popular também queria se legitimar como *barra*, da mesma forma que as torcidas platinas. Para tanto, buscou fugir da burocratização das torcidas organizadas e, assim, ter estruturas similares como de uma *barra*. Conforme apresentado anteriormente, o líder de uma *barra* é intitulado de *capo* sendo respeitado por todos. Na Argentina, esses líderes de torcida são inclusive conhecidos pela mídia, tornando-se quase celebridades devido à “grabiologia” dos meios de comunicação¹⁷⁹.

Esse *capos* de torcida são homenageados até mesmo por faixas nas arquibancadas onde ficam localizadas as barras, como por exemplo “La barra del Loco Tito”¹⁸⁰, da torcida do Berlgrano de Córdoba, o “Abuelo” histórico *capo* da torcida do Boca Juniors, que possuía um trapo intitulado “La barra de José”¹⁸¹, entre tantos outros trapos com líderes históricos¹⁸² da *barra* La 12. O *ex-capo* da barra do Internacional, Hierro Martins, se inspirou nesses modelos

¹⁷⁹ Existem programas televisivos que se dedicam exclusivamente a noticiar a vida dos líderes das *barras*, que acabam se tornando celebridades e são extremamente conhecidos na Argentina. Além disso, o periódico argentino de grande circulação, o *Infobae*, criado em 2002, possui colonistas especialistas em informar sobre o "submundo" das *barras*, sendo Gustavo Grabia o principal colonista acerca desse tema. Ver mais em: <https://www.infobae.com/tag/barra-brava/>. Acesso em: 14 de fev. de 2023.

¹⁸⁰ Ver mais em: <https://viapais.com.ar/cordoba/la-bandera-en-la-popular-de-belgrano-dedicada-al-loco-tito/>. Acesso em 09 de jan. de 2022.

¹⁸¹ Ver mais em: <https://mobile.twitter.com/barraabuelo>. Acesso em 09 de jan. de 2022.

¹⁸² Ver mais em: <https://barrabrava.net/img/trapos/la-12-boca-juniors/trapo-faixa-bandeira-la-12-boca-juniors-9-162300-vieja-guardia-de-la-12-barrabrava-net.jpg>. 09 de jan. de 2022.

e colocou a faixa¹⁸³ “A Barra do Hierro”, que não foi tão aceita¹⁸⁴, causando desconforto entre outras lideranças e pela própria tropa. É possível que essa não aceitação esteja relacionada com motivos culturais, já que no Brasil as torcidas não pertencem a indivíduos, mas a uma instituição que possui o Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica (CNPJ).

Esse episódio também aconteceu na Geral do Grêmio, porém sem envolver uma faixa, e sim uma música¹⁸⁵. No período em que a torcida ainda estava no Estádio Olímpico, era cantada a música “A Banda louca de Paulão”, que remete ao histórico *capo* da torcida, um dos fundadores do movimento, conhecido como Paulão da Geral. A música era: “A banda louca de Paulão/ A banda louca de Paulão/ A banda invade o chiqueiro/ Queima banheiro/ Fazendo confusão”. Atualmente a canção não é mais cantada, talvez devido a desavenças internas.

É preciso analisar essa música a partir da referência ao passado e à celebração a um evento histórico, que foi singular para a consolidação da *barra* gremista. Muitos jovens que entoavam essa canção não estavam no incêndio dos banheiros químicos e não conheceram o “Paulão”. Mas a canção representava duas coisas: a imposição da força da torcida e o poder do seu líder, o Paulão da Geral. Esse é um exemplo de como as músicas de torcidas podem ser utilizadas como fontes, pois acessam o passado da torcida, celebrando momentos de sua história e gerando novas identificações, tanto nos modos de torcer quanto entre integrantes do grupo.

A Guarda Popular revolucionou a forma de torcer no Beira Rio, assim como a Geral do Grêmio fez no Olímpico, já que também “platinizou” as arquibancadas e a cultura torcedora. A torcida foi a precursora em utilizar a *murga rioplatense* e os instrumentos de sopro, em 2006 e 2007, respectivamente. Até esse ano, apesar da Geral do Grêmio já existir, eles não utilizavam a *murga*, nem instrumentos de sopro, que foram fundamentais para legitimar o estilo *barra* perante outras torcidas. O instrumento é uma “marca das *barras*”, sendo conhecido também como *bombo platillo*, caracterizado por possuir um prato acoplado em cima (ALABARCES, 2012) O lugar onde fica a banda da torcida é conhecido por seus torcedores como o coração do estádio.

Na Guarda Popular também ocorreram disputas internas por poder. Durante o jogo de despedida do ex-jogador Fabiano, em 2011, a Guarda Popular estava em um conflito interno com a dissidência Popular do Inter, quando as torcidas entraram em confronto: dois integrantes

¹⁸³ Ver mais em: <https://blogtorcidashow.blogspot.com/2011/12/nota-oficial-da-gurda-popular-do-inter.html>. Acesso em 09 de jan. de 2022.

¹⁸⁴ A faixa, além de não ser aceita, causou confusão com outras lideranças da Guarda Popular. Ver mais em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/esportes/inter/noticia/2016/02/antigos-desafetos-ex-lideres-da-popular-anunciam-retorno-e-buscam-retomar-controle-da-organizada-4978989.html>. Acesso em: 19 de jan. de 2022.

¹⁸⁵ HAENSEL, Cristine. **Grêmio x Botafogo 04/10/08 Banda Louca do Paulao**. [s.n.], 2009. Youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fuex10Qc5p4>. Acesso em: 02 fev. 2023.

da dissidência foram feridos à faca, cujo acusado foi o *capo* Hierro Martins. Assim, a direção do Internacional decidiu pela exclusão da torcida, que novamente se separou entre Guarda Colorada e Popular do Inter. Mesmo após a “exclusão”, o Beira Rio voltou a possuir duas *barras*. Semelhante ao processo que aconteceu com a Geral do Grêmio, foram períodos de violência intra-torcida dentro dos seus respectivos estádios.¹⁸⁶

Em relação à violência entre as *barras*, podemos afirmar que existem códigos informais. Há uma forte relação de poder, prestígio e honra, que se conquista, entre outras formas, pela violência – mas não se trata de uma violência gratuita. É uma violência com a *cultura do aguante*, cujos confrontos acontecem com outros *barras* e não com torcedores simpatizantes e ou militantes das torcidas (MOREIRA, 2006). Além disso, a violência contra crianças e mulheres, mesmo de outras torcidas, é criminalizado e penalizando dentro da *barra*:

[...] En la lógica del honor, un hecho que está claramente cuestionado y penalizado es la violencia hacia la mujer, ya sea en el marco de la propia hinchada como fuera de la misma. Es decir, los hinchas deben respetar a las mujeres de la propia hinchada como a las que participan en otros grupos o asisten de forma individual a las tribunas del estadio, e incluso a las mujeres representantes del equipo rival (MOREIRA, 2006, p. 11).

Essa é uma relação semelhante entre as torcidas organizadas brasileiras, pois se torna ilegítimo para um grupo de homens organizados roubar ou brigar com outro grupo não organizado. Por exemplo, se uma torcida organizada se envolve num confronto contra consulado, grupos antifascistas ou grupo de mulheres, pode ser que aconteça o roubo de faixas. No entanto, para os rivais esse confronto é ilegítimo, pois não foi contra outra torcida organizada. Nesse caso, as pessoas não organizadas são chamadas de “povão”. O confronto pode acontecer, mas não terá honra.

Em relação aos troféus de guerra (roubo de faixas, bonés, camisas e instrumentos da cultura torcedora), se apropriar de bandeiras, faixas ou materiais de outras torcidas é visto como positivo e mostra o *aguante* que a torcida possui. Nesse sentido, se realiza um movimento contrário para quem perde, pois a perda material é vergonhosa. Assim,

Las banderas robadas a la hinchada contraria son conocidas por los hinchas como trofeos de guerra, los que se exponen en la tribuna popular con la intención de humillar a sus propietarios. Incluso, para incrementar la vergüenza, puede suceder que los bienes sean quemados en presencia de sus dueños y del público en general, aunque en la actualidad esta práctica está prohibida y resulta excepcional (MOREIRA, 2006, p. 12).

¹⁸⁶ Ver mais em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/geral/noticia/2011/12/lider-da-guarda-popular-presta-depoimento-sobre-briga-envolvendo-torcidas-do-inter-3596059.html>. Acesso em 30 de jan. de 2023.

Esse é um código para qualquer torcida de qualquer parte do mundo. Os materiais da torcida são sagrados¹⁸⁷ e devem ser defendidos por todos. Um elemento que vem acontecendo nos últimos anos, com o advento da internet e das páginas de redes sociais, são as brigas de torcida no formato online, já que, atualmente, muitos torcedores filmam as próprias brigas para postar em redes sociais¹⁸⁸. No Brasil, existem páginas¹⁸⁹ que se dedicam a mostrar esses confrontos, com interações nos comentários para que o público possa julgar quem apanhou ou quem venceu.

O movimento das *barras* gaúchas foi potencializado pelo início das redes sociais, em que a internet era o principal instrumento dos torcedores. Para ser legitimado como *barras*, era preciso cantar, alentar, ter instrumentos similares ao das torcidas dos países da região platina, aspectos que eram verificados através de redes sociais e por vídeos na plataforma do Youtube. Uma das principais redes sociais do início do século XXI foi o Orkut, que possuía comunidades de membros onde eram postados vídeos de outras torcidas e, principalmente, onde eram divulgados vídeos das próprias torcidas.

Nesses registros, é possível observar¹⁹⁰ muitas bandeiras do Rio Grande do Sul nas arquibancadas do Grêmio e do Internacional, em uma busca pela integração com a região platina. Assim, o sentimento de pertencimento era uma forma de legitimar o torcer conforme os países vizinhos, em contraposição ao restante do país.

4.2 A (RE)AFIRMAÇÃO DO SER GAÚCHO EM BUSCA DO PERTENCIMENTO DA REGIÃO PLATINA

Em busca de legitimação, as *barras* gaúchas procuravam nos países referência – Argentina e Uruguai – um modo de torcer que identificasse a região platina. A forma de torcer, os instrumentos musicais, o posicionamento nas arquibancadas e a organização hierárquica nas torcidas são similares às *barras* rio-platenses, bem como a reafirmação do orgulho gaúcho de maneira exacerbada fazem parte dessa nova cultura.

¹⁸⁷ Em relação à cultura das torcidas, o Canal Peleja fez uma reportagem com a Guarda Popular sobre a importância dos trapos na cultura torcedora. É POR ISSO QUE NINGUÉM PODE ENCOSTAR NAS BANDEIRAS DO INTER | #Subculturas 20. [S.1]. 2020. (6M11S). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=78pIzembC9g>. Acesso em: 29 de mai. De 2023.

¹⁸⁸ A principal página que se dedica para divulgar confrontos entre torcidas se chama “E.T Torcida”. Ver mais em: https://www.instagram.com/ettorcida_oficial/. Acesso em: 10 de fev. de 2023.

¹⁸⁹ Um dos principais canais que fala sobre o mundo de torcidas, é de um ex integrante de uma torcida organizada do Botafogo. O canal se chama *Papo Fuleiro*, mostra festa, brigas, ação social e debate a consciência torcedora. Ver mais em: <https://www.youtube.com/@papofuleiro>. Acesso em; 10 de fev. de 2023.

¹⁹⁰ Veremos melhor no próximo subcapítulo.

O que legitima as *barras* gaúchas é o pertencimento ao extremo sul do Rio Grande do Sul, ao ponto de que, em entrevistas realizadas pelos meios de comunicação¹⁹¹, fala-se sobre a cultura do chimarrão e da bombacha, somada a uma busca pela região imaginada do ser gaúcho. Provavelmente, essa procura por autoafirmação do gaúcho se justifique pela busca de uma legitimidade enquanto uma *barra* pertencente à região platina. Entretanto, na década de 1991, as torcidas organizadas gaúchas também carregavam o “orgulho gaúcho” através de bandeiras e cantando o hino do estado nos estádios. Aparentemente, as *barras* potencializaram esse orgulho.

Assim, para se tornarem *barras* da região platina, são negadas as formas culturais brasileiras de torcer e assumidas as maneiras de torcer desses países. Pela proximidade geográfica com Argentina e Uruguai, o Rio Grande do Sul teve – e ainda tem – trocas econômicas e culturais com esses dois países, gerando intensas integrações na região. Seja por características geográficas (como o relevo do pampa) ou por hábitos culturais (como chimarrão ou o mate, como é conhecido na região platina), existe uma proximidade regional entre os três países (HARTMANN, 2011).

A forma platinizada de torcer pode ser vista dentro de um amplo leque de elementos culturais, que aproximam gaúchos de seus vizinhos da região platina. Podemos citar como exemplo as músicas entoadas, tanto da Guarda Popular, como da Geral do Grêmio. Na torcida colorada, uma canção que mostra o forte bairrismo é “sou gaúcho e sou peleador”¹⁹². Já na torcida tricolor, uma das diversas músicas cantadas na arquibancada é “Eu sou do Sul”¹⁹³.

A partir dessas canções, podemos analisar frases inspiradas na cultura gaúcha, como “eu sou do Sul”. Nota-se que o orgulho das raízes e a cultura do estado são colocados em músicas e em faixas. Além disso, o termo “peleador” é utilizado para referenciar um gaúcho lutador, que não teme, carregado de sentimentos masculinizados.

O estado do Rio Grande do Sul possui uma extensa zona de fronteira com a Argentina e o Uruguai, um espaço que permite diversas trocas culturais e econômicas, em uma região que é conhecida como espaço platino (BENTO, 2015) ou região platina, como chamou Mascarenhas (2001) para se referir ao futebol neste espaço.

Dessa forma, destaca-se a manutenção de uma identidade muito forte entre a comunidade de fronteira da região platina. Para analisar as características de fronteira dos três

¹⁹¹ Veremos no decorrer das próximas páginas.

¹⁹² Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GZgaSL8LTo4>>. Acesso em: 11 out. 2021.

¹⁹³ Geral do Grêmio - Eu sou do Sul. 2018. (2m15s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZooDvyf1aM0&t=16s>. Acesso em: 11 out. 2021.

países, temos que identificar o *ethos* gaúcho/*gaucho* a fim de compreender aspectos como o hábito do mate, a relação com o cavalo e/ou o desprendimento em relação à nacionalidade (HARTMANN, 2011). Esses sujeitos têm hábitos comportamentais parecidos, bem como dialetos ou gírias, postura corporal, ligação com o campo, até mesmo a população que reside nas zonas urbanas das cidades.

Aspectos históricos e geográficos potencializaram a construção da imagem do gaúcho um homem forte, guerreiro, que cavalga pelo pampa manejando o gado. Essas características são similares com a dos moradores do pampa da Argentina e do Uruguai, em cujos países se intitulam *gaucho*, já no Rio Grande do Sul é utilizado o termo gaúcho (DALMORO, 2013). Na região platina, cria-se uma “comunidade imaginada” que foi constituída devido à semelhança da cultura popular, dos costumes, hábitos, das trocas comerciais e políticas. O termo “comunidades imaginadas” foi criado por Benedict Anderson (1983), ao produzir estudos sobre o processo de formação dos Estados Nacionais do século XIX, mas também nos auxilia a pensar sobre grupos populacionais (neste caso, as pessoas que vivem na região platina) que procuram criar laços para se sentirem parte de comunidades que, na verdade, são apenas imaginadas.

Nesse sentido, os grupos da região platina que se identificam fazem parte de uma “comunidade imaginada”, pois utilizam o território, a língua (composta de suas variações) e a temporalidade, “conferindo um certo sentido às fatalidades diárias da existência” (ANDERSON, 1983, p.69). Cria-se, assim, uma relação imaginada a exemplo da cultura gaúcha, a qual compartilha de tradições, códigos e signos que foram criados. Essas “comunidades imaginadas” correspondem a tradições e práticas culturais, como ferramentas que ajudam os indivíduos a criarem pertencimento em algum grupo a fim de “naturalizar” uma união. Desse modo, os sujeitos são estimulados a se identificar com os membros da nação até mesmo para cumprir as obrigações com o Estado (ANDERSON, 1983). Segundo o autor, esse conceito é uma construção:

São imaginadas porque mesmo os membros das menores nações nunca irão conhecer a maioria dos seus companheiros, encontrá-los, ou mesmo ouvi-los, ainda que nas mentes de cada um exista a imagem da comunhão deles. (...) De fato, todas as comunidades maiores que as vilas de contato cara-a-cara são imaginadas. Comunidades devem ser distinguidas, não por sua falsidade/ autenticidade, mas pela forma como foram imaginadas (ANDERSON, 1983, p.6).

As trocas culturais na região platina contribuíram para que os sujeitos de diferentes nações se imaginassem como parte de uma comunidade. Mesmo existindo a diferença do hino, da língua e das leis nacionais, os sujeitos se identificam como pertencentes a esta comunidade platina (HARTMANN, 2006). Dessa forma, pessoas que vivem em regiões fronteiriças criam

uma identidade também de fronteira, incentivada pelas relações de trabalho e pelos aspectos sociais. Do mesmo ponto de vista, devemos analisar a cultura, os conflitos culturais, sociais e políticos que ocorreram na região (GRIMSON, 2003).

Nessa perspectiva, são misturadas as heranças culturais, a forte ligação com o rural, os elementos simbólicos, o frio, o vento, o pampa e até mesmo os povos originários são elementos utilizados como ferramentas de identidade (RIBEIRO, 2020). Entendemos que, na região da fronteira, houve um processo de hibridação, de modo que as práticas socioculturais se combinaram e geraram novas estruturas de maneira não planejada, mas como resultado de esforços coletivos (CANCLINI, 2003).

No âmbito musical, também foi criada uma “cultura platina” que se aproxima da região de fronteira, em que são compartilhados aspectos artísticos e culturais entre argentinos, sul-riograndenses e uruguaios (RIBEIRO, 2020). Segundo o autor, as identidades sonoras foram importantes para forjar essa unidade:

No âmbito fronteiriço, esses elementos e hábitos se fundem entre diferenças e semelhanças de um espaço transnacional que, apesar das peculiaridades, estabelece importantes elementos de convivência cultural. As memórias culturais e musicais ultrapassam os limites nacionais e suas matrizes identitárias, constituem sonoridades que combinam uma ampla trama de elementos que se propagam. Essa propagação ocorre longe de preconceitos ou restrições, dialoga em ambiente aberto, algo nato na música, na arte e na cultura. Prestar a atenção nesse tipo de perspectiva de convivência menos conflituosa das músicas talvez seja necessário. Aceitar a grande variedade de influências e fatores que dialogam na composição das identidades sonoras reafirma a importância do contexto histórico e simbólico que rege o espaço sul americano e a vida dos artistas que protagonizam essa perspectiva (RIBEIRO, 2020, p.75).

Assim, as *barras* gaúchas buscavam se legitimar cada vez mais a partir da autoafirmação enquanto torcidas platinas e com um distanciamento das formas mais tradicionais de manifestação das torcidas organizadas brasileiras, a fim de serem legitimadas como tal. Na Geral do Grêmio, outra forma de legitimação através da música era cantando em espanhol, a exemplo da música *Soy de Grêmio*¹⁹⁴. No vídeo, podemos ver até mesmo uma bandeira do Uruguai tremulando na arquibancada. A torcida do Grêmio também cantava a música *Pasos Al Costado*, porém, em português. No vídeo¹⁹⁵, é possível observar a estética¹⁹⁶ da torcida, que possui uma bandeira do Uruguai, do Rio Grande do Sul e da Argentina lado a lado, indicando

¹⁹⁴ CANAL TORCIDAS. **Torcida Do Grêmio Cantando em Espanhol**. 2018. Youtube (4m23s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=MQzUYHreBo8>. Acesso em: 26 jul. 2021.

¹⁹⁵ GRÊMIO PAISANO. **Geral do Gremio - Pasos Al costado**. 2009. Youtube (3m:01s). Disponível: <https://www.youtube.com/watch?v=ekVNjAJ5-VQ>. Acesso em: 02 de ago. de 2021

¹⁹⁶ Apresentaremos fotografias da estética do novo torcer no último subcapítulo.

a influência desses países na construção de uma identidade da torcida gaúcha. A Guarda Popular também canta essa mesma música, mas com adaptações na letra¹⁹⁷.

Enquanto a Geral do Grêmio utilizava bandeiras do Uruguai em seu setor, com tentativas de cantar em espanhol, notamos que, apesar de utilizar a bandeira da Colômbia, a Guarda Popular combatia o uso da língua espanhola. Duas hipóteses podem justificar a utilização da bandeira: primeiro porque, a partir de 2006, o jogador colombiano *Wason Rentería*, conhecido como *Renteria*, se identificava com a torcida, pois, quando fazia gol, comemorava com uma touca e um cachimbo imitando o Saci-Pererê, símbolo do Internacional. A segunda hipótese se relaciona com a guerra civil que aconteceu no país, disputada pelo narcotráfico e guerrilhas. No Brasil existem *funks*¹⁹⁸ que mencionam a Colômbia, além de torcidas cujos núcleos¹⁹⁹ apresentam o rosto do narcotraficante Pablo Escobar e as cores da Colômbia, em uma identificação com as guerras, a violência e os mafiosos.

Apesar da Guarda Popular utilizar a bandeira colombiana, no setor da torcida se exibia uma faixa com os dizeres “Eu canto em Português”²⁰⁰, além de possuir uma faixa verde e amarela com o rosto dos cinco capitães que foram campeões da Copa do Mundo. Essa rivalidade material servia para demarcar o espaço de uma *barra* brasileira, que se identifica com a Colômbia.

Os meios de comunicação também produziram diversas reportagens sobre a criação das *barras* gaúchas, vinculando os aspectos geográficos de seu surgimento e ressaltando a cultura gaúcha. No canal do Youtube Peleja, que possui mais de 1 milhão de inscritos, existe uma série chamada “Claque Quente”, que se dedica a abordar a cultura de torcida. No episódio quatro, intitulado²⁰¹ “Por que essas barras brasileiras impressionam a gente”, aponta-se o Rio Grande do Sul como “porta de entrada” das *barras* por razões que vão além dos aspectos geográficos, como a identidade platina e a similaridade linguística. Ademais, a série faz um esforço histórico

¹⁹⁷ CANCHA COLORADA. **Inter 1x2 Atlético-MG - Pasos al Costado (Recepção) - Guarda Popular**. 2016. Youtube (2m:11s). Disponível: <https://www.youtube.com/watch?v=EB5dBgeNozQ>. Acesso: 02 de ago. de 2021.

¹⁹⁸ Os *funks* que se identificam com a Colômbia são estereótipos das guerrilhas e inspirados na violência do passado que o país sofreu. As canções fazem apologia ao crime. FUNKEIRO DA ZONA SUL. **Mc Frank- Tipo Colombia (Proibidão Antigo)**. [S.l.]. 2022. Youtube (2M50S). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=t0Kny7La5dA>. Acesso em: 18 de fev. de 2023.

¹⁹⁹ Dentre as diversas torcidas que possuem esses signos, até mesmo um núcleo da Geral do Grêmio tem Pablo Escobar como principal símbolo. A foto pode ser vista no perfil público “Cartel Tricolor Zona Norte do Gremio. Facebook [S.l.]. Disponível em: https://www.facebook.com/carteltricolorzn/?locale=pt_BR.

²⁰⁰ Uma foto desta faixa pode ser vista no perfil de Instagram “HISTÓRIA POPULAR: Perfil para mostrar momentos/histórias da Guarda Popular desde sua fundação”. HISTORIAPOPULAR2004. Instagram. [S.l.] 5 jul. 2020. Disponível em: <https://www.instagram.com/historiapopular2004/> Acesso em: 12 out. 2021.

²⁰¹ PELEJA. **Por que essas barras brasileiras impressionam a gente-#Claquequente04**. [S.l.]. Youtube (15m59s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XCLjfyqecKU&t=782s>. Acesso em: 17 de fev. de 2023.

para compreender o surgimento das duas *barras* gaúchas, apontando o fator geográfico como elemento principal. Destacamos que a série também mapeou outras *barras* pelo Brasil.

Em outro programa do Canal Peleja, também foi realizado o esforço de compreender o torcer no RS a partir de entrevistas com membros das *barras* e de outras torcidas. No episódio²⁰² “É por isso que até fogo já botaram durante o Gre-Nal”, da série rivalidades 01, que possui mais de um milhão e trezentas mil visualizações, os repórteres conversam com integrantes da Geral do Grêmio e da Guarda Popular. No vídeo, os membros da torcida gremista reafirmam a proximidade com a Argentina e o Uruguai, reforçando que possuem uma identidade do pampa, característica do sul do Brasil. Também há relatos de lideranças da Geral, que afirmam: “(...) a gente aqui no Sul é muito mais próximo do Uruguai, da Argentina então começou a rolar um intercâmbio entre torcida e visitar estádios lá (...) foi uma explosão a torcida que tinha oito cabeças foi pra 4, 5 mil, é mais ou menos pela identidade do pampa (...)”. Além disso, notamos que as duas torcidas reforçam tratar-se da maior rivalidade do país, trazendo aspectos de polarização da política gaúcha. Sobre o título da reportagem, ele se explica por ter sido um evento que nacionalizou a Geral do Grêmio, a ser discutido no próximo subcapítulo. De modo geral, essa análise evidencia que, para mostrar a formação das *barras* no RS, tanto os sujeitos quanto a imprensa destacam a questão geográfica e cultural.

Outra reportagem para constatar essa busca da aproximação ocorreu no episódio 18²⁰³ do canal Peleja, chamado “Fui entender o ritual sagrado que acontece fora dessa Arena”, na série subcultura, abordando o churrasco que acontece na volta do estádio do Grêmio. Em entrevista para a reportagem, o jornalista Marcelo Becker, com uma cuiá na mão, relata que o RS é mais próximo do Uruguai e Argentina nos aspectos culturais, climáticos e até mesmo em relação à vestimenta do que o resto do Brasil. Ele também afirma que o estado é muito próximo desses países pela pecuária e pelo culto ao cavalo.

No entanto, apesar de o pampa ser parte do RS e do cavalo ser utilizado para a labuta, não são todos os gaúchos que andam e cultuam o animal, principalmente na capital Porto Alegre. O que queremos indicar é a busca pela legitimação do ser platino, já que pessoas da zona urbana, em geral, não se deslocam para seu trabalho e/ou escola a cavalo. Durante a reportagem, outra torcedora afirmou que a diferença do churrasco é a “energia” do gaúcho. Quando entrevistado, um vendedor ambulante afirmou que “o pessoal que vem de ‘fora’ tira

²⁰² PELEJA. **É por isso que até fogo já botaram durante o Gre-Nal#Rivalidades01**. [S.1]. Youtube (29m16s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VYLW1yHu51Q>. Acesso em 17 de fev. de 2023.

²⁰³ PELEJA. **Fui entender o ritual sagrado que acontece fora dessa Arena#Subculturas18**. [S.1]. Youtube (7m14s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=w_7ocCKtJwA&t=81s. Acesso em: 17 de fev. de 2023.

foto e filma, além do pessoal do interior (do RS) não ‘vê’ tanta carne e churrasco/churrasquinho”. Para contrapor essas falas, retomamos o primeiro entrevistado, o jornalista Marcelo Becker, que afirmou ser a pecuária o forte do RS. Entretanto, os principais locais onde são produzidos o gado (pecuária) estão na região da campanha, ou seja, no interior do estado.

A partir dessas entrevistas, podemos notar um certo romantismo do churrasco e da figura do gaúcho, o que enfatiza a criação de uma comunidade imaginada relacionada aos países platinos. Afinal, será que somente no RS existem vendedores de churrasquinho na porta dos estádios? No final do vídeo, são apresentados dois gremistas dividindo um osso que passa de boca em boca. Essa reportagem, como diversas outras, reproduzem e reforçam o estereótipo do gaúcho como um campeiro e adorador de cavalos, uma imagem que os próprios indivíduos querem manter e reforçar, até mesmo para se diferenciarem da “cultura brasileira”.

A busca pela legitimação de uma identidade platina se encontra na justificativa com a posição geográfica do estado, de modo que os torcedores fazem um esforço para se legitimarem como *barras*. Por exemplo, as cidades de Buenos Aires e Montevidéu não fazem parte da região platina, mas da região do Rio da Prata, sendo capitais Rio-Platenses. Nessas capitais, a ligação com o cavalo, do homem do pampa ou mesmo como um amante da natureza acaba se tornando secundária, pois essas cidades são expressamente urbanas. O *gaucho* é uma figura arcaica, moradora do campo, que ainda trabalha de forma manual, em contraposição à modernização da cidade.

Figura 9 – Mapa da Região Platina



Fonte/reprodução: Wikipedia (s/d).

A parte mais clara do mapa indica a região rio-platense, onde estão as principais *barras* – ou pelo menos as que influenciaram o torcer no RS –, que não fazem parte da região cultural próxima ao RS. Entretanto, Porto Alegre é a capital brasileira mais próxima geograficamente dessas duas cidades. A região platina teve impacto na criação do estereótipo e de uma legitimação do ser *barra*, isto é, não foi esse espaço geográfico que influenciou o torcer. Como podemos observar no mapa, o espaço que influenciou o torcer foi a região rio-platense, mas, no imaginário coletivo das *barras*, pertencer à região platina confere uma legitimidade para torcer como uma *barra* rio-platense, já que seus países compõem o mesmo espaço.

Os indivíduos que moram na região rio-platense são os portenhos, ou seja, possuem cultura, identidade e língua diferentes dos conterrâneos que residem na fronteira, como os *gauchos*, ou de diferentes regiões da Argentina e Uruguai (COSTA, 2002). Compreendemos que a região rio-platense abrange locais banhados pelo Rio da Prata, como as capitais Buenos Aires e Montevideo

Assim, entendemos que a questão geográfica, a exacerbação do orgulho gaúcho e a busca da legitimação enquanto comunidade platina foram, também, fatores que influenciaram o novo modo de torcer. A forma de encontrar o pertencimento se deu pelas músicas cantadas em espanhol, o ritmo da *cumbia*, os instrumentos musicais, como o *bombo rio platense* e o afastamento de instrumentos com características brasileiras.

4.3. ANÁLISE DE MÚSICA COMO FONTE HISTÓRICA E O ADVENTO DA INTERNET A PARTIR DO NOVO TORCER

Apesar da escassa bibliografia²⁰⁴²⁰⁵, faremos o esforço teórico-metodológico de analisar as músicas da Geral do Grêmio e da Guarda Popular como fontes orais coletivas, pois acreditamos que, assim, é possível acessar elementos da memória, da identidade de grupo e da busca pela legitimidade enquanto torcidas *barras*. Além disso, entendemos que o passado da torcida é transmitido oralmente, de modo que a análise pode contribuir com a compreensão da

²⁰⁴ Colocamos a palavra escassa porque existem poucos trabalhos referentes à análise teórica e metodológica sobre músicas de torcidas organizadas. Podemos citar o trabalho de Hollanda e Rajão, de 2019, que apresenta um panorama sobre o desenvolvimento de pesquisas em História Oral no campo das práticas lúdicas e do esporte, apresentando que esse procedimento ainda está em desenvolvimento. Ver mais em: Os Usos Da História Oral no Estudo do Futebol: etapas metodológicas de uma experiência de pesquisa qualitativa com torcidas organizadas na cidade de São Paulo. **Publicatio UEPG: Ciências Sociais Aplicadas**, Ponta Grossa, v. 24, n. 2, p. 187-201, set. 2017.

²⁰⁵ Outro trabalho importante que analisa músicas de torcida é *Maloqueiro e Sofredor: memórias, identidades e oralidades de uma torcida de futebol*, de João Malaia e Alex Granja. Esse trabalho busca compreender de qual forma os torcedores guardam em suas memórias acontecimentos que reforçam a identidade dos grupos aos quais pertencem. Além disso, o trabalho apresenta um esforço teórico e metodológico de utilizar o canto das torcidas como fonte oral, que carrega a identidade de grupo dos torcedores.

forma como esses grupos enxergam seu passado, seu pertencimento e seu papel social como agentes, não somente nas arquibancadas, mas na sociedade civil organizada.

Os cânticos das torcidas evocam memórias coletivas de vitórias, derrotas, conquistas, brigas ou até mesmo para dedicar uma homenagem a integrantes importantes que faleceram. Assim, as canções são transmitidas de geração em geração de forma oral, contribuindo para a formação de suas identidades (SANTOS, 2021). Desse modo, as identidades são fontes importantes de definição simbólica por parte do ator social, com o objetivo da ação praticada pelos indivíduos (CASTELL, 2018).

Para Le Goff (1990), a memória é fruto de diversas funções por onde perpassam desde a experiência empírica às funções psíquicas, guardando informações passadas. Nesse sentido, a memória individual é entendida como a base da memória coletiva (HALBWACHS, 1968), de modo que a investigação da memória coletiva dos grupos representados se torna mais legítima do que a extração da memória individual. Isso justifica a importância de compreender, através dos cânticos, suas definições de identidades, além de conceder acesso ao passado dessas torcidas.

A maioria das canções evocadas pelas torcidas partiram de experiências vividas individualmente ou pelo grupo, ao passo que, para manter viva essa memória, é necessário que milhares de vozes cantem em conjunto, consolidando aquela memória como coletiva. Mesmo que o indivíduo não tenha vivenciado a experiência de maneira empírica, através da canção também se sentem pertencentes à situação evocada, [...] por eso, los aficionados se reúnen con el propósito de adaptar las canciones más escuchadas y, además, ensayar con los instrumentos musicales, ensayos que les permitirá mejorar lo ya conocido y aprender las nuevas composiciones (LOZANO, 2022).

A memória individual está próxima da memória coletiva, já que se torna mais fácil lembrar quando se está na presença de um grupo ou participando de um coletivo, onde existe uma memória compartilhada (HALBWACHS, 1968). Esse compartilhamento ocorre em diferentes momentos, aproximando os indivíduos por diferentes motivos, como culturais, étnicos, políticos ou religiosos (HALBWACHS, 1968).

Os grupos de torcida são geracionais, compostos por uma maioria jovem, assim, o coletivo está em constante transformação e circulação de novos membros. Para manter o grupo com os mesmos valores, é necessário existir uma memória coletiva perpétua, reproduzindo a tradição:

[...] os grupos mudam, seus membros mudam, mas criam-se elementos de memória que primam pela manutenção de tradições para que o grupo, enquanto grupo, siga

existindo, independentemente da mudança de seus integrantes. Quando considera seu próprio passado, o grupo sente fortemente que permaneceu o mesmo e torna-se consciente de sua identidade ao longo do tempo. Mas o grupo, que vive antes de mais nada para o seu próprio bem, visa perpetuar os sentimentos e as imagens que constituem a substância do seu pensamento. A memória coletiva é um registro de semelhanças e, naturalmente, está convencida de que o grupo permanece o mesmo porque focaliza a atenção no grupo, enquanto o que mudou são as relações do grupo ou os contatos com outros grupos (SANTOS, 2021, p. 5).

A partir da análise das canções dos coletivos torcedores, podemos entender a forma como eles procuraram se legitimar enquanto torcidas *barras*. O método utilizado é a História Oral, pois as canções nos ajudam a localizar histórias e eventos ocorridos por pessoas comuns, mas que foram importantes para certos grupos (HONEY, 2014). Assim, compreendemos que esses sujeitos são protagonistas em suas histórias, possuindo o reconhecimento do passado através de suas canções, bem como apresentando signos e códigos que todos do grupo devem seguir.

O nosso desafio é pensar como as músicas das barras desempenharam um papel fundamental na disseminação da forma de torcer rio-platense, uma vez que as torcidas buscavam elementos da identidade regional platina para se tornarem legítimas ou para se sentirem pertencentes a esse fenômeno. Como já apontamos no decorrer desta Dissertação, o contexto em que as barras surgiram remete ao aumento da capacidade de consumo da população, de disseminação do uso da internet e das redes sociais, aspectos que influenciaram o novo torcer.

Até o início dos anos 2000, para que um pesquisador conhecesse as músicas das torcidas organizadas, era necessário dirigir-se ao estádio. Além disso, se estivesse no setor de uma torcida, não poderia ficar calado, pois poderiam pensar que se tratava de algum indivíduo infiltrado. Já nos dias atuais, para ter acesso às tradições orais das torcidas basta ter acesso à internet pesquisando nas plataformas digitais gratuitas de vídeos online (SANTOS, 2021). O pesquisador também pode acessar as redes sociais das torcidas, já que elas compartilham suas festas nas arquibancadas através de páginas oficiais.

Ademais, após o advento dos celulares com câmeras, os próprios torcedores passaram a filmar suas torcidas cantando e mostrando sua própria festa, cujos vídeos também são postados em plataformas digitais, como o Youtube. Aqui, vale ressaltar que a análise não se restringe somente às canções, mas de toda a performance. Desse modo, o pesquisador deve estar atento para a posição em que os sujeitos estão, além de analisar os autores da performance (VANSINA, 1985).

No caso das *barras*, quem organiza as performances são as lideranças. Dentro desses coletivos, todos sabem seus lugares sociais. O grupo conhecido como *banda* tem a função de

tocar durante o jogo inteiro, enquanto os torcedores militantes têm a obrigação do alento. Já as lideranças organizam e fazem a “segurança” de toda a torcida.

A plataforma Youtube, criada em 2004, é um site de compartilhamento de vídeos que pode ser considerado uma rede social ou até mesmo site de marketing e publicidade (MILES, 2013). A proposta da plataforma é conectar pessoas de diferentes partes do mundo, funcionando como um arquivo “não oficial” porque possui arquivos de conteúdo de diferentes grupos (MORRIS, 2019). Contudo, não podemos reduzir o Youtube a um simples conjunto de arquivos de imagens em movimento, mas sim entendê-lo como um instrumento de memórias coletivas em formato digital, que são construídas tanto pela ação do sistema como do usuário (PUHL; ARAÚJO, 2012).

Essa plataforma digital combina vários elementos, constituindo uma rede social, um site de compartilhamento de vídeos ou ainda um site de publicidade e/ou marketing (MILES, 2013). Por se tratar de uma ferramenta gratuita, o Youtube foi rapidamente massificado, principalmente a partir da disseminação de *smartphones* com câmeras, em que qualquer indivíduo poderia filmar e publicar na plataforma, mesmo sem possuir uma pós-produção ou edição de vídeo.

Desse modo, o Youtube tem sido utilizado como canal oficial para arquivamento de conteúdo de várias torcidas espalhadas pelo mundo, então os canais da plataforma não podem ser considerados como arquivos não oficiais ou acidentais (SANTOS, 2021). Para Miller (2012), essas comunidades virtuais se dedicam à transmissão de conhecimento em diferentes áreas específicas, de modo que não podem ser tratadas apenas como registros de imagem com som.

As torcidas organizadas publicam seus vídeos de festa nas arquibancadas para fomentar seus cânticos e suas performances, assim, podemos entender que a plataforma digital fornece espaços de identidades e memórias compartilhadas das relações entre pessoas (BAYM, 2010). Nesse sentido, precisamos buscar informações sobre os cânticos com a identificação de quem os produziu, do contexto da produção, além de conhecer os ritmos e as músicas que deram origem à canção adaptada na arquibancada.

Com o advento da internet e das redes sociais, foi se potencializado o novo torcer e a busca pela legitimidade e pertencimento a essa nova cultura. Nesse sentido, a rede social que fomentou as *barras* gaúchas foi o *Orkut*, criado em 2004, em que os usuários reproduziam as festas das torcidas em grupos de comunidades das redes sociais. Com a popularização da internet, usuários/torcedores foram construindo o sentimento de pertença a partir da

visualização das barras rio-platenses. Em relação ao sentimento de pertencimento e às novas tecnologias:

[...] situamo-nos num tempo em que se fala constantemente de “globalização” ou de “comércio livre”, noções decorrentes principalmente da grande evolução tecnológica dos sistemas de informação. Este contexto sócio-histórico traz consigo, todavia, várias consequências que podem parecer paradoxais. Entre as mais importantes, que todos os dias se podem ouvir e ver nos noticiários que passam nos vários meios de comunicação social, emerge o discurso da pertença (SILVA, 2000, p. 20-21).

Com a consolidação das *barras* gaúchas – a Geral, em 2005, e a Guarda Popular, em 2006 –, as redes sociais e o Youtube promoveram um impacto na divulgação das festas dessas torcidas. Nesse sentido, o que mais chamava atenção eram as músicas e as festas na arquibancada desse novo torcer, que são característicos da cultura de torcida, como afirmam Malaia e Granja (2016, p.08):

As músicas, os cantos, cânticos e gritos de guerra são produto de uma tradição oral dos torcedores que acontecem desde os primórdios dos jogos de futebol com aglomeração de público. Estas manifestações sonoras podem ser elementos poderosos de análise de questões ligadas à identidade de grupo.

Iniciamos a análise das músicas pela Geral do Grêmio. No início deste capítulo, mencionamos brevemente a música *quiero que legalize la marijuana*. A letra é em espanhol, mas nem todos cantavam nesse idioma, mesclando com o português. Atualmente, a Geral não canta mais em espanhol, porém, até o ano de 2010, ainda cantavam. A letra da música era a seguinte: *Quiero que legalize la marijuana/ Para fumar un porro por la mañana/ Quiero beber un vino e una ceveza/ Para tener el Grêmio en la cabeza/ Yoooooooo soy de Grêêêêmio Yoooooooo soy de Grêêêêmio*.

Analisando a canção, além da apologia às drogas e ao álcool, observamos que se utiliza a língua espanhola para criar um sentimento de pertencimento ao movimento de *barras* rio-platenses. Além disso, como já afirmamos anteriormente, são adaptações das músicas das torcidas do Boca Juniors e do River Plate. O que também chama atenção é o setor atrás do gol, com milhares de pessoas cantando. Para alguém que não fala espanhol ou português, facilmente poderia ser enganado como se fosse uma torcida uruguaia nacionalista, já que a bandeira do “país de origem” está sendo tremulada.

Ainda analisando a torcida do Grêmio, um vídeo simbólico que representa a tentativa de aproximação mais genuinamente platina foi da torcida Velha Escola, dissidência da Geral, cujas lideranças se uniram novamente pouco tempo depois. No vídeo²⁰⁶, mostra-se a torcida

²⁰⁶ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qMBwZ9iTL54&t=14s>. Acesso em: 02 de fev. de 2023.

cantando a música *Pasos Al Costado* com todos os trapos e faixas horizontais e verticais, como exige o código de qualquer *barra*. Contudo, o que se destaca é a bandeira do Uruguai estendida, no meio uma bandeira do Rio Grande do Sul, com a bandeira da Argentina do outro lado.

Figura 10 – Bandeira do Uruguai, Rio Grande do Sul e Argentina no Estádio Olímpico em 2010



Fonte: Youtube (2010).

Essa atitude representa, simbolicamente, que os torcedores fazem parte da região platina. A foto é importante para compreendermos que as barras gaúchas buscavam uma identificação, um pertencimento a essa região. Na canção, os torcedores entoavam que: “Todos sabemos que *copero* só tem um nesse estado/ Que veste a Tricolor e nunca perde sem lutar/ Passam os anos jogadores e também campeonatos/ O sentimento nunca vai terminar/ Desde pequeno te venho a ver/ E deixo tudo para vim te apoiar/ Daria a vida por um campeonato uma copa a mais”.

Analisando a música, observamos uma palavra que é típica da Argentina – *copero* –, que remete a times com muitos títulos conquistados, muitas copas. Percebe-se, ainda, uma busca pela imagem de um time bravo, dos pampas, que é aguerrido, diferente do rival ou dos rivais brasileiros. No final da canção, os torcedores afirmam que entregariam a vida por um campeonato, mostrando o *aguante* que possuem.

No canal oficial da Geral do Grêmio, são disponibilizados vídeos com diversas músicas cantadas atualmente, ou que foram importantes desde o início da torcida. Uma música²⁰⁷ lançada em 2022, intitulada de “Desde pequeno eu te sigo”, relata a vida de um gremista que acompanha seu time desde pequeno, não importando o resultado. Na música, podemos analisar o sentimento do torcedor, ao lembrar-se do seu pai, que deixara, além do amor pelo time, a força da torcida.

A partir da música, podemos analisar o seguinte trecho: “Desde pequeno eu te sigo/ com o Grêmio sempre a todo lado/ sigo sempre cantando não importa qual o resultado/ não me esqueço do dia em que meu velho pai me dizia/ que pra mim deixaria a força da nossa torcida/ No Rio Grande o copero é só o Grêmio oh oh,/ o primeiro a conquistar o mundo inteiro oh oh,”. e a ti vermelho puto eu só te digo/tu és amargo e nosso filho, nós já queimamos o Beira Rio”.

A canção remete a uma memória compartilhada a partir dos títulos da equipe, o Mundial Interclubes, além de indicar uma rivalidade com o Internacional, quando afirmam ter sido o primeiro time a vencer o título máximo que um clube pode almejar. Além da rivalidade dentro de campo, a música carrega a memória coletiva da situação que nacionalizou a torcida. No final da canção, é lembrado o incêndio dos banheiros químicos que aconteceu no clássico Gre-Nal em 2006, em Porto Alegre, situação que projetou a Geral do Grêmio para o cenário nacional no mundo das torcidas.

Durante o jogo, torcedores do Grêmio atearam fogo nos banheiros químicos e os lançaram em chamas para dentro do campo. Segundo o jornal “O Estado de São Paulo”, a direção buscava os culpados pelo vandalismo ainda com dúvidas se “pertenciam a alguma organizada oficial, ou à Geral, uma aglomeração que não tem comando formal e é acusada de provocar adversários na internet e por refrões racistas nos estádios”. Assim, entende-se que o Grêmio tinha “organizadas oficiais”, que eram diferenciadas da Geral, “uma aglomeração que não tem comando formal”²⁰⁸. O jornal também chama atenção para os cânticos racistas que eram cantados no Estádio Olímpico²⁰⁹.

²⁰⁷GERAL DO GRÊMIO OFICIAL. **Desde pequeno te sigo**. [S.l.] 2022. Youtube (2m20s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=__UOrV9VV0Q. Acesso em: 02 de fev. de 2023.

²⁰⁸SELVAGERIA no jogo do Beira Rio. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, 31 jul. 2006:

²⁰⁹(1m50s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=gb10_Jfc2IM. Acesso em: 11 out. 2021. **Olha a festa macaco, música do grêmio**. [S.l.] 2019. (1m43s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fDqno3XQoiU&t=5s>. Acesso em: 11 out. 2021.

Macaco vai pra puta que pariu. [S.l.] 2018. (1m05s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wVrPluOubWk>. Acesso em: 11 out. 2021.

A partir da análise de outra canção²¹⁰, podemos observar que a torcida novamente reforça a memória de ter alcançado o título de campeões do mundo, além de provocar o rival, chamando-o de “macaco”. Observamos a letra da música: “Somos campeões do Mundo/E da Libertadores também/ Chora macaco imundo/Que nunca ganhou de ninguém/Somos a banda mais louca/A banda louca da Geral/ A banda que corre/ Os macacos do Internacional”.

Todas as músicas que a Geral do Grêmio utiliza o termo “macaco” foram proibidas de serem cantadas após as ofensas racistas que o goleiro Aranha, da equipe do Santos Futebol Clube, sofreu. Na partida válida pelas oitavas de final da Copa do Brasil, entre Grêmio e Santos no ano de 2014, torcedores que ocupavam o setor onde se localiza a torcida gritaram diversas vezes para o goleiro negro a palavra “macaco”²¹¹. Após o caso de injúria racial ser constatado, quatro torcedores foram indiciados, além da equipe gremista ter sido eliminada²¹² da competição, algo inédito no Brasil.

Já a Guarda Popular também canta músicas no estilo rio-platense. Vamos iniciar pela música que também é título desta Dissertação: *Pasos Al Costado*. Diversas torcidas *barras* cantam essa canção, com suas devidas adaptações, incluindo os torcedores gremistas. No vídeo²¹³, podemos observar diversas faixas verticais e horizontais, bandeirolas e braços semi estendidos, em sinal de alento.

Na música, a torcida canta: “E vamos Inter só te peço este Campeonato/ Atrás do gol eu canto, bebo e te quero mais/ Sou Colorado e nada muda este sentimento/ Porque é nas más que eu demonstro que te amo igual/ E vamos Inter não podemos perder/ E vamos Inter que temos que ganhar/ Daria a vida por um Campeonato, uma Taça a mais!”.

Com a análise da letra observamos que, apesar de perderem o título do campeonato, a torcida continua cantando. Além disso, também se nota a apologia ao álcool, no trecho em que se afirma estar atrás do gol, cantando e bebendo. Da mesma forma, a letra demarca a posição geográfica onde a torcida se encontra, no setor atrás do gol.

²¹⁰ As acusações são em relação ao termo “macaco” usado para caracterizar torcedores do rival Internacional. Grêmio 3x0 Corinthians - **Chora macaco imundo** - GERAL DO GRÊMIO. [S.l.] 2009.

²¹¹ Ver mais em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/07/17/deportes/1500309484_868649.html. Acesso em: 02 de fev. de 2023.

²¹² Ver mais em: https://brasil.elpais.com/brasil/2014/09/04/deportes/1409847233_297463.html. Acesso em: 02 de fev. de 2023.

²¹³ CANCHA COLORADA. **Inter 1x2 Atlético-MG - Pasos al Costado (Recepção) - Guarda Popular**. [S.l.] 2016. Youtube (2m11s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EB5dBgeNozQ&t=20s>. Acesso em 02 de fev de 2023.

Uma canção da torcida que relembra vitórias a partir de uma memória compartilhada é a música²¹⁴ “Tu és o grande amor da minha vida”. Na letra: “Tu és o grande amor da minha vida/ Colorado das glórias querido/ Por você, eu morro de amor/ Somos a torcida dos macacos/ Sempre levando o trago e o churrasco/ Com o Colorado aonde ele for/ Não posso me esquecer do gol do Tinga/ Numa noite de alegria/ 16 de agosto/ E hoje, querido Internacional/ Cantando eu sigo contigo/ Buscando o mundial”.

Podemos analisar a letra a partir da ressignificação do termo “macaco”, cantado pela torcida do Grêmio como forma de provocação. A torcida do Internacional incorpora um orgulho sobre o termo pejorativo, que passa a ser utilizado de forma positiva. Em relação à memória compartilhada, os torcedores lembram a primeira conquista da Libertadores da América de 2006, remetendo ao gol do jogador Tinga, na final da competição, no dia 16 de agosto. Ainda, a canção termina com a expectativa do Mundial de clubes, que seria disputado naquele ano.

Outra música²¹⁵ que evoca uma memória compartilhada é a canção que remete a uma briga entre integrantes das duas torcidas. Segundo a letra, nessa ocasião os torcedores do Internacional teriam vencido o conflito. Se de fato ocorreu a confusão, poucos foram os indivíduos que participaram. Ainda assim, em dia de jogos, todo setor atrás do gol entoava essa canção, mesmo que a maioria não saiba exatamente como o episódio aconteceu, nem com quem teria ocorrido, porém, todos se sentem pertencentes. A letra é: “Grêmio, tu não para de correr/ Correu da Popular lá na CB/ Pra sempre tu vai ser o nosso filho/ Também te corremos lá nos trilhos/ Grêmio puto vou te matar/ Essa é a Guarda Popular/ Maior do Sul/ Barra do Inter/ Que sempre irá te correr”.

Em relação à música, CB é a sigla de Cidade Baixa, bairro central de Porto Alegre, conhecido pela vida noturna e boêmia, onde provavelmente, os grupos se encontraram. Além disso, a letra também faz alusão a uma briga ocorrida na região metropolitana, pois as torcidas se deslocam de trem para assistir aos jogos na capital. Também podemos observar a provocação homofóbica ao tricolor, chamando-os de “puto”. Em seguida, o nome da torcida colorada é apresentada como a maior do Rio Grande do Sul, terminando com uma ameaça. Da mesma forma que destacamos o racismo proferido pela torcida do Grêmio, a torcida do Internacional canta músicas homofóbicas. Esse registro deve ser enfatizado como um fato que, infelizmente, ainda acontece e deve ser combatido.

²¹⁴ DESDE 1909. **Tu És O Grande Amor Da Minha Vida**. [S.1] 2018. Youtube (1m49s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Q-IB8MJ5NOo>. Acesso em: 02 de fev. de 2023.

²¹⁵ GUARDA POPULAR. **GreNAL 421 - grêmio tu não para de correr**. [S.1] 2019. Youtube (3m17s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UJ-qeypw9mA>. Acesso em 02 de fev, de 2023.

Para finalizar a análise das músicas da Guarda Popular, apresentamos uma canção que se distingue das organizadas tradicionais, pois se auto denomina como “banda”, nome também apropriado pelas torcidas platinas. A música²¹⁶: “Essa é a famosa banda do colorado/ a que te segue sempre a todo lado/ hoje pedimos raça aos jogadores/ pra ganhar a Copa Libertadores, Libertadores”. Além da música, no vídeo podemos observar a estética das torcidas, com os bumbos e a *murga* rio-platense nas escadas, enquanto os torcedores militantes cantam na volta da banda.

Em relação às melodias das músicas, tanto as torcidas da Geral quanto da Popular se inspiram na *Cumbia Villera*, ritmo que foi apresentado no início deste capítulo. Tocar o ritmo cadenciado, que remete a grupos musicais *villeros* são formas de buscar o pertencimento e a legitimidade dessas torcidas.

Entendemos a análise das músicas como tradições e expressões orais, sendo um patrimônio não físico (ARIMATEIA, 2010), uma vez que essas músicas rio-platenses foram adaptadas via transmissão oral. Assim, consideramos que a oralidade pode perpetuar e transformar os indivíduos e a cultura local, ao passo que a transmissão oral não se restringe apenas a comunicação, mas incorpora diversos elementos fora do âmbito da escrita (MOREIRA, 1996). Assim, a partir da análise das canções, conseguimos observar a busca por pertencimento e legitimidade da forma de torcer estilo *barra*.

4.4 A RENOVAÇÃO DA ESTÉTICA NA ARQUIBANCADA: O TORCER NA CULTURA MATERIAL

Para nós, historiadores, a cultura material é a possibilidade de analisar as relações interpessoais e de poder que existem na sociedade. Por meio da análise dos objetos (artefatos), podemos observar as práticas sociais e a organização do mundo material, de modo que podem ser percebidas até mesmo as hierarquias de determinados grupos (CARVALHO, 2003).

A partir da estética das torcidas, podemos observar as diferentes formas de torcer que surgiram. Como já foi apresentado no primeiro capítulo, as torcidas organizadas brasileiras possuem características próprias, como bandeirões com hastes de bambu e instrumentos de escola de samba. Depois da criação do movimento *barra*, a estética das organizadas começou a dividir espaço com a estética rio-platense.

²¹⁶ CANCHA COLORADA. FAMOSA BANDA DO COLORADO - GUARDA POPULAR NO TÚNEL (Vs Palmeiras 2019). [S.1] 2019. Youtube (2m46s). Disponível: <https://www.youtube.com/watch?v=VlRkJhS4iB4>. Acesso em: 02 de fev de 2023.

Essa nova forma de torcer inovou a cultura material e imaterial, ganhando milhares de adeptos e transformando os setores atrás das goleiras do Grêmio e do Internacional. As festas, a forma como as faixas são nomeadas, a importação de instrumentos, bem como o posicionamento das bandeiras e faixas chamaram a atenção da mídia²¹⁷. Assim, a disputa pelas arquibancadas também se tornou uma disputa estética.

Os estudos de Cultura Material apresentam-se como um campo transdisciplinar, preocupando-se com a investigação da produção material da humanidade, voltada para relação entre o material e o social (HICKS; BEAUDRY, 2010). Em relação à cultura material, podemos afirmar que sua expressão é polissêmica, ou seja, pode indicar o objeto de estudo ou uma forma de conhecimento (REDE, 1996). Em outros termos, a cultura material é um reflexo da cultura, concebida como patrimônio abstrato, referindo-se a todo o segmento do mundo físico.

A nossa sociedade atribui valores simbólicos para os objetos, porém, cada sociedade valoriza aquilo que considera importante para si ou para um determinado grupo. Esses valores simbólicos na cultura material são transmitidos pelos objetos, podendo expressar cuidado, zelo, orgulho, afeto entre outros sentimentos. Assim, os indivíduos se apropriam dos artefatos para pertencerem a determinado grupo (MILLER, 2004).

Da mesma forma como fizemos no primeiro capítulo, aqui iremos analisar as fotografias das torcidas que são consideradas *barras*. Além disso, iremos comparar a cultura material das *barras* gaúchas com as similitudes das *barras* argentinas e uruguaias.

Observamos, pelas fotografias, a estética similar das *barras* argentinas e uruguaias. É possível notar alguns elementos que não existiam nas torcidas brasileiras, como as bandeirolas e uso de guarda-chuvas²¹⁸. Em relação à estética nas arquibancadas:

En el carnaval, los hinchas que participan en la composición de canciones, en la elaboración trapos y en la adquisición de instrumentos musicales, papel, fuegos artificiales y sombrillas serán ubicados en diferentes posiciones en el orden interno en la jerarquía de la barrabrava. La composición, la elaboración y la consecución de cada uno de estos aspectos implica una reunión entre los seguidores para lograr componer nuevas canciones, elaborar nuevas banderas y conseguir papel, fuegos artificiales y sombrillas. En los encuentros, se plantean múltiples propuestas para la elaboración de trapos; quizá el uso de pintura para el rostro, el uso de máscaras o algunos hinchas decidirán tatuarse para exhibir su afiliación y su fidelidad futbolística y, asimismo, su pertenencia grupal (LOZANO, 2022, p. 41).

²¹⁷ No canal Peleja existe uma sub série chamada “Claque Quente”, no qual possui diversos episódios que provocam o início das novas formas de torcer no Brasil. PELEJA. **POR QUE AS BARRAS BRAVAS ASSUSTAM O MUNDO TODO | #ClaqueQuente 01**. [S.1]. 2020. Youtube (15m02s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Mrp-FBOZHM0&list=PLYAEd4Drj8YPxcAbi0OBhFEGy8ZYJt4Rk>. Acesso 03 de fev de 2023.

²¹⁸ No Rio Grande do Sul, existiu uma das primeiras torcidas LGBTQ+, a torcida Coligay, que torcia utilizando guarda-chuva, sendo único no estado. A torcida existiu entre 1977 a 1983, em plena Ditadura Civil- Militar, sendo um movimento contra hegemônico nas arquibancadas (ANJOS, 2022).

As *barras* gaúchas influenciaram-se não somente na forma de torcer, mas na cultura material das torcidas rio-platenses. Podemos observar a estética muito parecida das torcidas Geral do Grêmio e Guarda Popular. Essa similitude, muitas vezes, é rivalizada entre as torcidas, em uma disputa pela cultura material de quem é mais *barra* que a outra.

Figura 11 – Estética da torcida Geral do Grêmio.



Fonte: Página oficial da Torcida no Twitter (2019)

Figura 12 – Estética da torcida Guarda Popular.



Fonte: O Canto das Torcidas no Twitter (2019).

Nas duas torcidas, podemos observar as faixas verticais do topo até o fim da arquibancada, faixas horizontais, bandeirolas e faixas com o rosto de jogadores. Além disso, observamos o regionalismo nas arquibancadas, muito parecido com as torcidas argentinas. A diferença é que essas torcidas utilizam bandeiras com as cores da Argentina, enquanto as *barras* gaúchas carregam os símbolos e as cores do Rio Grande do Sul. Na torcida do Grêmio, podemos avistar a bandeira do RS; já na torcida do Internacional, são as faixas verticais que remetem às cores da bandeira do estado, além da faixa “Gaúchos e Peleadores”. Possivelmente, a utilização de bandeiras e faixas com as cores do Rio Grande do Sul indiquem mais do que uma mera aproximação geográfica com os países platinos, demonstrando também um “orgulho” regional.

Nesse sentido, entendemos que existe uma valorização sobre um conjunto de referências culturais rio-platenses, que são assumidas como elementos de diferenciação pelas *barras* gaúchas. Do mesmo modo, segundo Costa (2002, p.40), as identificações das culturas materiais são legitimadas: “[...] as coisas são transformadas em representações após um primeiro tratamento social das suas características que assim assumem o estatuto metonímico de signos, ou objetos mentais.” Logo, a criação de códigos e signos das *barras* rio-platenses remetem ao cotidiano desses indivíduos, que se sentem pertencentes a esse movimento.

Na estética das *barras* uruguaias, observamos a padronização dos elementos característicos dessa forma de torcer. Na torcida do Club Atlético Peñarol, por exemplo, os guarda-chuvas são um traço marcado da estética torcedora platina. Já na torcida do Nacional, observamos os tirantes que vão do topo até o fim da arquibancada, além das faixas verticais.

Figura 13 – Da esquerda para a direita. Torcida Barra Amsterdam do Club Atlético Peñarol. Fonte/reprodução: Site barrabrava oficial. Torcida do La Banda del Parque do Club Nacional de Fútbol



Fonte: Twitter (2017).

Em relação às torcidas argentinas, iremos analisar a partir da estética da torcida Los Borrachos del Tablón do River Plate. Na imagem, é possível visualizar faixas horizontais e verticais, que exprimem principalmente o sentimento nacional. Nas duas fotos apresentadas na Figura 13, encontram-se faixas com as cores da Argentina, uma estética utilizada na maioria das *barras*. Além disso, as torcidas carregam o mapa da ilha das Malvinas com as cores dos seus respectivos times. Nessa Guerra das Malvinas²¹⁹ ou *Falklands War*, envolvendo Argentina e Inglaterra, os argentinos saíram derrotados. Contudo, ainda existe uma comoção nacional pela derrota, que se reflete nas arquibancadas.

Figura 14 – Estética dos Borrachos del Tablón



Fonte: O Canto das Torcidas (2017).

Figura 15 – Bandeiras referentes a Guerra das Malvinas, das seguintes barras: La Banda Descontrolada, do Club Atlético Los Andes/ Peste Blanca do All Boys/ La 12 do Club Atlético Boca Juniors



Foto: Site Barrabrava Oficial (2018).

²¹⁹ Em relação a Guerra das Malvinas, existem diversos trabalhos com diferentes pontos de vista, aconselhamos o livro *Las guerras por Malvinas, 1982-2012*, de Federico Lorenz (2012).

Não iremos apresentar todas as *barras* argentinas e uruguaias, já que nosso objetivo nesse momento é entender a importância da cultura material, sob o ponto de vista estético, para esses movimentos. Na verdade, a cultura material é importante para qualquer forma coletiva de torcer. As torcidas organizadas brasileiras também compreendem seus materiais como sagrados, além de remeter a uma memória coletiva de suas equipes.

Após o surgimento de uma nova forma de torcer, a estética dos estádios gaúchos se modificou – não somente em Porto Alegre, mas no interior do Rio Grande do Sul. Depois da consolidação da Geral do Grêmio e da Guarda Popular, foram localizadas cerca de 17 *barras* pelo interior do estado, até mesmo *barras* com nome em espanhol, indicando como a simbologia platina foi reforçada na última década (SANTOS; OLIVEIRA, 2021).

5 RECOLHENDO OS TRAJOS

A frase recolhendo os trajos é muito utilizada pelas torcidas nos finais dos jogos. Quando o juiz aponta para o centro do campo, significa que um novo trabalho está iniciando. Então, os torcedores começam a recolher, dobrar e verificar se existe algum rompimento nas faixas, para encaminhar de pronto uma possível reforma do material no próximo jogo. Após a partida, esses torcedores realizam uma autocrítica da torcida, investigando se os cânticos foram entoados, se a equipe correspondeu à torcida ou se aconteceu tudo errado na arquibancada. Esse é um momento de reflexão, com debates sobre os resultados dentro e fora do campo, como em relação à festa da “bancada”.

Em um trabalho acadêmico, esse momento não pode ser diferente. É necessário analisar e refletir sobre o percurso de escrita da Dissertação, apresentando as hipóteses dos resultados que foram encontrados nesses quase três anos de pesquisa. A partir de levantamento historiográfico, que incluiu reportagens de jornais, análises de músicas como fonte histórica e investigação da estética da cultura material, buscamos historicizar os novos modelos da cultura torcedora no estado do Rio Grande do Sul. Assim, nos aproximamos de outras áreas das Ciências Humanas, ainda que nossa principal preocupação tenha sido com o tempo histórico, através da História do Tempo Presente.

No decorrer deste trabalho, fizemos um esforço teórico e metodológico sobre a mudança do torcer no estado do Rio Grande do Sul, partindo da inquietação sobre os motivos que influenciaram a mudança da cultura torcedora no estado. Assim, ao longo dessas páginas, traçamos narrativas de emaranhamentos teóricos, culturais e sociais sobre o nosso objeto de estudo, as *barras* gaúchas.

Nesse sentido, a proposta desta Dissertação foi entender como ocorreu o processo de identificação das torcidas gaúchas com as formas de torcer das chamadas *barras*, típicas da região rio-platense, bem como o fenômeno de negação de formas tradicionais das torcidas organizadas brasileiras por parte de algumas torcidas no Rio Grande do Sul. Como objetivos específicos, buscamos identificar as diferenças nas formas de torcer entre as torcidas rio-platenses e brasileiras; Analisar de que maneira este fenômeno se consolidou nas torcidas Guarda Popular e Geral do Grêmio; compreender como os elementos culturais da região platina influenciaram no processo de formação das barras no RS e contribuir para a compreensão de processos históricos contemporâneos, que configuram as práticas do torcer em relação às torcidas do RS.

A partir dessas questões, foram encontrados resultados que nos deram pistas para responder sobre a mudança da forma de torcer no RS, depois de 60 anos de torcidas organizadas com uma forte cultura de samba, carnaval e ritmo da juventude brasileira, como o *rap* e o *funk*. Logo, entendemos que esses resultados não são estanques, definitivos ou tidos como “verdades absolutas” (BLOCH, 2001), mas que respondem ao nosso problema de pesquisa, ao passo que rompem um estereótipo sobre o motivo pelo qual se iniciaram as *barras* no RS.

Em nosso panorama de hipóteses, apontamos a questão geográfica do Rio Grande do Sul. Considerando a situação de fronteira com os países platinos, existe um forte laço cultural entre essas regiões; entretanto, as *barras* desses países não estão localizadas na região platina, mas nas capitais da região rio-platense. Enquanto região platina, entendemos a área fronteira, que contribui com a intersecção cultural, sendo localizada em partes da Argentina, Uruguai e até a metade do RS. Assim, afirmar que as *barras* no RS existem somente devido à questão fronteira desses países não explica o fenômeno em sua totalidade, já que as trocas culturais e linguísticas com as capitais portenhas “pulam” a fronteira e chegam direto a Porto Alegre.

A partir da ampliação dos torneios organizados pela Conmebol, também apontamos uma aproximação mediante os campeonatos que envolveram as equipes durante a década de 1990. Com o início da Taça Libertadores da América em 1960, as equipes da América do Sul passaram a jogar constantemente entre si. À medida que essa competição se tornou cada vez mais valorizada, os campeões foram projetados para jogos contra os times vencedores da Liga dos Campeões da Europa.

De maneira concomitante à Libertadores da América, iniciaram-se os blocos econômicos que buscavam a integração entre os países latino-americanos. Como principais blocos, destacamos: ALALC, O Pacto Andino e a ALADI. Também foram criados acordos bilaterais entre Argentina e Brasil, como a Declaração de Iguazu, o Picab e a Ata de Buenos Aires. Esses acordos econômicos, durante a década de 1980, iniciaram debates para além da criação de um bloco comercial, mas considerando a integração social, política e cultural. De forma consciente ou não, a Conmebol criou diversos torneios durante a década seguinte, o que refletiu no estreitamento de laços, através do esporte, entre os países sul-americanos.

Com a criação da Supercopa dos Campeões, entre 1988 até 1997, os campeões da Copa Libertadores da América se enfrentaram em diversas ocasiões, formando um cenário de equipes “tradicionais”. No ano de 1991, surgiu o principal bloco econômico da América do Sul, o Mercosul, que permanece em vigência. A partir de então, os indivíduos residentes dos países parceiros do bloco já não precisavam possuir passaporte para se deslocar, facilitando uma integração cultural dos moradores do Cone Sul. Dessa forma, os torcedores puderam viajar por

diversos países do bloco portando apenas com um documento com foto, sendo possível acompanhar seus times em outros países.

Com a ampliação dos torneios, como a Copa Conmebol em 1992, a Copa Merconorte em 1998 e a Copa Mercosul, no mesmo ano (essa com o objetivo de potencializar a integração cultural) houve uma grande visibilidade televisiva. Diante disso, mais patrocinadores internacionais passaram a investir nas competições e se ampliaram os canais esportivos de televisão por assinatura. Numa relação quase dialética, percebeu-se um crescimento das competições esportivas, muito influenciada pelas transmissões televisivas e o aumento dos patrocinadores.

As partidas do Grêmio, único representante gaúcho disputando todas as competições dos torneios da Conmebol, também eram transmitidas quando a equipe jogava em outros países, como nas diversas vezes que enfrentou as equipes da Argentina. Assim, a forma de torcer das *barras* argentinas chamou a atenção. Ademais, na década de 1990 diversos times argentinos foram campeões, de modo que a festa daquelas torcidas durante o jogo ou após o título eram registradas pela mídia, divulgando o seu torcer.

Com os campeonatos da Conmebol sendo transmitidos por diversos veículos televisivos, a audiência não ficou restrita ao futebol. Ainda na década de 1990, o Brasil vivenciou um período neoliberal extremamente violento. Além da fome e do desemprego, o decênio ficou marcado por diversas chacinas, *impeachment* de presidente, repressão aos movimentos do campo e da cidade, assassinato de líderes comunitários, repressão policial e nascimento de organização narco-criminosa. Com tamanha violência, aumentaram os programas policiais que tinham como o objetivo a espetacularização da violência, a ponto de serem transmitidos até mesmo suicídios e assassinatos ao vivo. Esses programas televisivos foram líderes de audiência em todo Brasil.

Tal contexto se refletiu nas arquibancadas do Brasil e, por conseguinte, nos estádios do Rio Grande do Sul. Em 20 de agosto de 1995, pela primeira vez na história, houve uma transmissão ao vivo de uma briga de torcidas, situação que ficou conhecida como a “Batalha de Pacaembu”. Com essa espetacularização, as torcidas organizadas duplicaram e até mesmo triplicaram o número de associados, fazendo com que jovens ligados à violência buscassem se associar nas entidades torcedoras (TOLEDO, 2012).

No Rio Grande do Sul, o contexto de violência na sociedade chegou nas arquibancadas durante o final da década de 1990 e início dos anos 2000. Com as brigas entre torcedores organizados em diferentes pontos de Porto Alegre e interior, somado à reprodução de outras brigas em São Paulo, a mídia ajudou a construir um imaginário social das torcidas. Diante disso,

um dos marcos simbólicos da violência entre torcidas aconteceu em Caxias do Sul em 2002, culminando no assassinato de um torcedor colorado; um torcedor gremista, que teve sua cabeça esfacelada por uma bomba caseira; um policial militar, que acabou perdendo a mão; além de outro torcedor gremista ter sido baleado – tudo no mesmo jogo.

Após esse trágico episódio, as torcidas organizadas gaúchas foram “extintas” ou criminalizadas. Muitos integrantes das organizadas foram presos, gerando uma conotação negativa que se refletiu na ausência de novos associados, “abrindo” espaços vazios nas arquibancadas. Assim, um movimento que se iniciou em 2001, ganhou espaço no Estádio Olímpico, a Geral do Grêmio, sendo a primeira *barra*.

Poucos anos após a criação do movimento, essa forma de torcer ganhou espaço nas arquibancadas do estádio Beira-Rio. O fenômeno das *barras* cresceu através de jovens e ex-integrantes de torcidas organizadas, logo após o fechamento do setor mais popular do Rio Grande do Sul, o setor da Coreia. Essa forma de torcer ganhou espaço a partir da democratização da internet e do aumento dos usuários de redes sociais, que na época eram o Orkut e o Youtube. Assim, os vídeos dessa forma de torcer se popularizaram cada vez mais na internet, influenciando os jovens a se deslocarem para a festa que as *barras* faziam nos setores atrás das goleiras do Olímpico e do Beira-Rio em suas respectivas *barras*, a Geral do Grêmio e a Guarda Popular.

A partir da consolidação desses movimentos, os torcedores passaram a buscar a legitimidade de ser uma *barra*. A Geral do Grêmio cantava em espanhol, enquanto a Guarda Popular viajava até Buenos Aires para comprar os *bumbos platillos*. Dessa forma, as *barras* gaúchas procuravam pela identidade de uma comunidade pertencente à região platina, buscando a legitimidade de torcer enquanto uma *barra* rio-platense típica.

Em relação às músicas, analisamos aquelas entoadas pelas duas torcidas, que foram criadas a partir de inspirações da *cumbia villera*. Ainda, as torcidas entoavam canções simbólicas das *barras* com o nome em espanhol, como a *Pasos al costado*, que também compõe o nome desta Dissertação. Entendendo a musicalidade das *barras* a partir de uma História Oral e de uma memória compartilhada, identificamos que as respectivas *barras* gaúchas buscavam pertencimento e legitimidade para fazer parte de uma comunidade imaginada platina.

Já em relação à cultura material, analisamos a mudança que ocorreu a partir da criação do novo torcer. A estética das arquibancadas foi modificada com a entrada de tirantes verticais e horizontais, bandeirolas, com a inserção do instrumento da *murga* e a forma como os torcedores balançam os braços, fazendo movimentos semi estendidos inspirados nas *barras* rio-platenses.

Assim, entendemos que todos esses elementos ajudaram a criar uma nova forma de torcer no RS, fazendo que esses movimentos negassem as formas tradicionais brasileiras de torcer. Em poucos anos, essas manifestações da torcida se tornaram hegemônicas no estado, chegando até mesmo a se expandir pelo interior do Rio Grande do Sul.

Mesmo sabendo que esse não era o objetivo da nossa Dissertação, instiga-nos o modo como essa forma de torcer se espalhou pelo Brasil, cujas respostas dependem de pesquisas de fôlego. Entendemos a limitação do nosso trabalho para explicar o fenômeno da platinização pelo interior e pelo Brasil, mas também entendemos esta Dissertação como um pequeno retalho que irá contribuir para a colcha historiográfica. Assim, acreditamos que nossa pesquisa ajudará futuros (as) pesquisadores (as) a compreender esse fenômeno recente sobre as diferentes formas torcedoras que existem.

Além disso, acreditamos que este trabalho poderá contribuir com órgãos de segurança, com o Ministério Público, o Juizado do Torcedor, além dos próprios clubes. Com isso, tais instituições poderão compreender as diferentes formas torcedoras, entendendo suas dinâmicas e dilemas para pensar em medidas de segurança preventivas, assegurando o bem-estar e preservando a integridade física de torcedores – sejam eles organizados ou não.

Ainda sobre a contribuição deste estudo, ressaltamos que também foram considerados os próprios torcedores que se interessam pela cultura de *barra*. Entendendo os motivos e os contextos em que surgiu esse movimento, é de suma importância preservar o senso crítico de milhares de jovens que frequentam os setores atrás das goleiras. Nesse sentido, compreender e analisar onde o movimento nasceu, por que nasceu e quais são os caminhos que devem ser percorridos são questões que devem fazer parte da vida de qualquer jovem torcedor. Sabemos que centenas de jovens colocam a torcida e a cultura de arquibancada como prioridade em suas vidas, então, ter um estudo a respeito do “nascimento” do objeto que colocam como prioridade pode criar um próprio entendimento de sua subjetividade e identidade torcedora.

Portanto, a compreensão do fenômeno do surgimento das *barras* no Brasil contribui com os movimentos organizados do torcer e com a cultura torcedora. Da mesma forma, contribui no âmbito acadêmico para que possamos debater sobre a torcida com elementos críticos, fugindo do marasmo e do conservadorismo do senso comum. Quando falamos do senso comum, estamos falando de discursos prontos e rasos, que, além de não contribuir, prejudicam a compreensão da prática associativa torcedora. Ao fim e ao cabo, precisamos entender a lógica a partir desses grupos, que constituem um microcosmo dentro do macrocosmo (BOURDIEU, 1996) do futebol e da prática das associações da prática torcedoras.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, José Fabiano G. **“Yo vengo por aquellos que cayeron”** Poesia, política, engajamento e resistência na música popular uruguaia- o cancionero de Daniel Viglieti (1967-1973). 2010. 245 p. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2010, Porto Alegre, 2010.
- ALABARCES, Pablo. **Crónicas del aguante: fútbol, violencia y política**. Buenos Aires: Capital Intelectual, 2012.
- ALABARCES, Pablo; RODRIGUES, Maria. **Cuestión de Pelotas: fútbol, deporte, sociedad, cultura**. Buenos Aires: Atuel, 1996, 216 p.
- ALABARCES, Pablo; SILBA, Malvina. "Las manos de todos los negros, arriba": género, etnia y clase en la cumbia argentina. **Cultura y Representaciones Sociales**, v. 8, n. 16, p. 52-74, 2014.
- ALABARCES, P.; GARRIGA ZUCAL, J.; MOREIRA, M. V. El “aguante” y las hinchadas argentinas: una relación violenta. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 14, n.30, p.113-36, 2008.
- ALVES, Cristina Cordeiro. **“Posso morrer pelo meu time”**: A construção social da rivalidade clubística entre Grêmio e Internacional e a sua relação com as violências no futebol. 2014. 136 p. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2014.
- AMOS, Miguel Glaser S.C. **Rio Grande, Centenário do Futebol Brasileiro**. Rio Grande: Editora da FURG, 2000.
- ANDERSON, B. **Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e disseminação do nacionalismo**. Nova York, 1983.
- ANJOS, Luiza Aguiar dos. **Plumas, arquibancadas e paetês: Uma história da Coligay**". Santos: Dolores Editoras, 2022.
- ARAGÓN, Silvio. **Los trapos se ganan en combate: Una mirada etnográfica sobre las representaciones y prácticas violentas de la “barra brava” de San Lorenzo de Almagro**. Lanús: Antropofagia, 2007.
- ARCHETTI, Eduardo. In Search of National Identity: Argentinian Football and Europe. **The International Journal of History of Sport**, v.12, n. 3, dez. de 1995, pp. 201-19.
- ARIMATEIA, R. O Projecto Oralidades: um projecto europeu. In CONDE S. (coord.). **Proceedings of the International Conference on Oral Tradition**. Orality and Cultural Heritage. Volume 1. Concello de Ourense, 2010.
- BAIBICH, André. Geral do Grêmio e grupo rival entram em confronto no entorno da Arena. **Gaúcha Zero Hora**. Porto Alegre/RS, 23 mai. 2016. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/esportes/gremio/noticia/2016/05/geral-do-gremio-e-grupo-rival-entram-em-confronto-no-entorno-da-arena-5808242.htm>. Acesso em: 27 jul. 2021.

_____. Por briga antes do Gre-Nal, Popular e Camisa 12 são suspensas por 90 dias. **Gaúcha Zero Hora**. Porto Alegre/RS, 22 nov. 2015. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/esportes/inter/noticia/2015/11/por-briga-antes-do-gre-nal-popular-e-camisa-12-sao-suspensas-por-90-dias-4912855.html>. Acesso em: 27 jul. 2021.

BANDEIRA, Gustavo Andrada. **Uma história do torcer no presente: elitização, racismo e heterossexismo no currículo de masculinidade dos torcedores de futebol**. Curitiba: Appris, 2019.

BAROM, Wilian Carlos Cipriani. A reivindicação política da identidade regional: a identidade latino-americana nos documentos oficiais do Mercosul e Unasul. **Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 10, n. 24, p. 540 - 581, abr./jun. 2018.

BAUMANN, R.; MUSSI, C. Mercosul: Então e Agora. **Revista Brasileira de Comércio Exterior**, v. 88, p. 4-24, 2006.

BAYM, Nancy K. **Personal connections in the digital age**. Malden: Polity Press, 2010.

BELART, V. Carnaval, Futebol e Funk: Conexões entre as torcidas do Rio de Janeiro e a cultura musical da cidade. **Esporte e Sociedade**, v. 1, p. 1, 2021.

BENTO, F. R. O papel das cidades-gêmeas de fronteira na integração regional Sul-Americana. **Revista Conjuntura Austral**, v., n. 27 – 28, p. 40-53, Dez. 2014/Mar. 2015. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/ConjunturaAustral/article/view/51125>. Acesso em: 02 de jan. de 2023.

BLOCH, Marc. **Apologia da história ou o ofício de historiador**. Rio de Janeiro, Zahar, 2001.

BOLAÑO, César. **A capoeira e as artes marciais orientais**. Candeeiro, Aracaju, v.3, p.51-56, out. 1999.

BOURDIEU, P. **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. Campinas: Papiurus, 1996.

_____. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

BRACHT, Alessandro. **Skinheads: as origens britânicas de uma subcultura jovem (1968-1971)**. *Histórica*. Porto Alegre, n 7, p. 149-166, 2003

BRASIL. **Decreto n.º 14.529, de 9 de dezembro de 1920**. Dá novo regulamento às casas de diversões e espetáculos públicos. Coleção de leis do Brasil, Rio de Janeiro, RJ, v. 003, p. 20.700, 31 dez. 1920. Disponível em: <https://legis.senado.leg.br/norma/427342/publicacao/15797677>. Acesso em: 12 de dez. de 2022.

BRASIL. Lei 10.671. Estatuto de Defesa do Torcedor, 2013.

BRASIL, E.; NASCIMENTO, LEONARDO F. História digital: reflexões a partir da Hemeroteca Digital Brasileira e do uso de CAQDAS na reelaboração da pesquisa histórica. **Estudos Históricos**, v. 33, p. 196-219, 2020.

BRAGA, Jorge Luiz. As Torcidas Uniformizadas (Organizadas) de Futebol no Rio de Janeiro nos anos 1940. **Esporte e sociedade**, n. 14, mar./jun., 2010, p. 1-24. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/esportesociedade/article/view/48331/28040>. Acesso em: 12 de jan. de 2023.

BUCCI, Eugênio. Como a violência na TV alimenta a violência real da polícia. In: BUCCI, Eugênio; KEHL, Maria Rita. **Videlogias**. São Paulo: Boitempo, 2004.

BUENO, C.; RAMANZINI JR, H; VIGEVANI T. Uma perspectiva de longo período sobre a integração latino-americana vista pelo Brasil. **Contexto Internacional** (PUCRJ. Impreso), v. 3, n. 2, p. 549-583, 2014.

BURKE, P. **Hibridismo Cultural**. São Leopoldo: Unisinos, 2003.

CABO, Alvaro Vicente G.T.P do. Os primórdios do futebol uruguaio: da English high school à celestial garra charrua. **Anais ANPUH**, 2011.

CABRERA, Nicolas. **Que la cuenten como quieran**: Pelear, viajar y alentar en una barra del fútbol argentino. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2022.

CABRERA, NICOLÁS. **Las derivas del viajar: apuntes para un análisis itinerante de una barra del fútbol argentino**. REVISTA DE ANTROPOLOGIA Y SOCIOLOGIA DE LA UNIVERSIDAD DE CALDAS **JCR**, v. 23, p. 201-221, 2020.

CALDAS, Waldenyr. **O pontapé inicial**: memória do futebol brasileiro (1894-1933). São Paulo: Ibrasa, 1990.

CAMARGO, Sonia. Brasil e Argentina, a integração em questão. **Contexto Internacional**, Rio de Janeiro, n. 9, ano 5, jan./jun. 1989.

CANALE, V.S. **Um movimento em muitas cores: o circuito de relações das torcidas organizadas paulistas entre 1968 e 1988**: uma história da ATOESP (Associação das Torcidas Organizadas do Estado de São Paulo). 340 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Escola de Ciências Sociais da Fundação Getulio Vargas, Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais, Rio de Janeiro, 2020.

CANCIO, Miguel. **Sociologia da violência no futebol**. Cadernos de Ciencias Sociais Artísticas e da natureza, 1990.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas Híbridas**. Estratégias para entrar e sair da modernidade. 4. Ed. São Paulo. Edusp, 2003.

CAPINUSSÚ, José Maurício. **Comunicação e Transgressão no Esporte**. São Paulo: Ibrasa, 1997.

CARRIL, Juan A. **Capelán. Nueve décadas de gloria**. Montevideo: Estampas SRL Realizaciones, 1990.

CARMO, Paulo Sérgio. **Cultura da Rebeldia**: A juventude em questão. 2. ed. São Paulo: Senac, 2001.

CARP LBBDT. **Quiero que legalizen la marijuana – Los borrachos del Tablón**. [S.l.], 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=L7SiF3I3aiQ>. Acesso em: 23 mar. 2022.

CARVALHO JUNIOR, J. R. A. de; TEIXEIRA, L. C.; XAVIER, W. S. Programa Sócio Torcedor e a segregação social dos espaços nos estádios de futebol. **ENTRE-LUGAR**, [S. l.], v. 11, n. 22, p. 197–229, 2020. DOI: 10.30612/el.v11i22.12610. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/entre-lugar/article/view/12610>. Acesso em: 7 mar. 2023.

CARVALHO, Vânia Carneiro de. Gênero e cultura material: uma introdução bibliográfica. **Anais do Museu Paulista**, Brasil, v. v.8/9, p. 293-324, 2003.

CASTELLS, Manuel. Paraísos comunais: identidades e significado na sociedade em rede. In: CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade: a era da informação**. 9 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018.

CASTILHO, Marta. **Comércio internacional e integração produtiva**: uma análise dos fluxos comerciais dos países da ALADI. Brasília: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), 2012.

CASTRO, Moacir Werneck de. **O libertador**: a vida de Simon Bolivar. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.

CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

CERVEIRA, N. Rumo à operação condor - ditadura, tortura e outros crimes. **Projeto História**: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História, [S. l.], v. 38, 2011. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/5235>. Acesso em: 12 fev. 2023.

CHECHETTO, Fátima. As galeras funks cariocas: entre o lúdico e o violento. In: VIANNA, Hermano. (org). **Galeras cariocas: territórios de conflitos e encontros culturais**. Editora UFRJ, Rio de Janeiro, 2003.

CAZELOTO, E. **Inclusão digital**: uma visão crítica. São Paulo: SENAC, 2008.

CHALHOUB, Sidney. **Cidade Febril: Cortiços e Epidemias na Corte Imperial**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

CHIAPPINI, Ligia. Mercosul cultural e fronteiras. **Cadernos de Estudos Culturais**, Campo Grande, v. 4, n. 7, p. 83-102, jan./jun. 2012. Disponível em: < <https://periodicos.ufms.br/index.php/cadec/article/view/4704>>. Acesso em: 03 de jan. de 2023.

CRANGNOLINI, A. Articulaciones entre violencia social, signficante sonoro y subjetividad: la cumbia “villera” en Buenos Aires. **TRANS-Revista Transcultural de Música**, n. 10, 2006.

CORREIA, J.M. **Os vínculos clubísticos e as lógicas do jogo**: Um estudo sobre a emergência e o processo de (des) elitização do futebol na cidade de Rio Grande- RS (1900-1916). Pelotas: UFPEL (Dissertação de Mestrado- PPGEF), 2014.

COSTA, J. **Ser de Carlão**: o espaço de pertença e as representações da identidade como fundamentos da tomada de consciência cultural. Dissertação de Mestrado, Universidade do Minho – Instituto de Ciências Sociais, Braga, 2002.

CRUZ, Flávia Machado. **Direito internacional público**. Niterói, RJ: Impetus, 2010.

CRUZ, Heloisa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa. **Projeto História**, São Paulo, n.35, p. 253-270, dez. 2007.

DA MATTA, Roberto; FLORES, Luiz Felipe; GUEDES, Simoni; VOGUEL, Arno. **Universo do Futebol**: Esporte e Sociedade Brasileira. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982a.

_____. As raízes da violência no Brasil: reflexões de um antropólogo social. In: _____. et al. **A violência brasileira**. São Paulo: Brasiliense, 1982b.

DALMORO, Marlon. **Campereando Mercados**: práticas de resistência e cidadania medidas pelo mercado na cultura gaúcha. 2013. 343f. Tese (Doutorado em Administração), Escola de Administração, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2013. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/70382>. Acesso em: 12 de dez. de 2022.

DAMO, Alei Sander. **Para o que der e vier**: o pertencimento clubístico no futebol brasileiro a partir do Grêmio Foot- Ball Porto Alegrense e seus torcedores. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1998. Dissertação de Pós Graduação em Antropologia Social, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1998.

DATHEIN, Ricardo. MERCOSUL: antecedentes, origem e desempenho recente. **Revista de Economia** (UFPR), Curitiba/Paraná, v. 31, n. 1, p. 7-40, 2005.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves; FERREIRA, Marieta de Moraes. História do tempo presente e ensino de história. **Revista História Hoje**, v. 2, n. 4, 2013.

DIAS, Cleber. História e Historiografia do Lazer. **Revista Recorde**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, p. 1-26, jan./jun. 2018

DIA DE INTER RETRÔ #2. **Boca Juniors 1 x 2 Inter** - Sul Americana 2008. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=R4zSc4gc54Y>. Acesso em: 05 de ago. de 2022

DI FILIPPO, A. **Integración regional latinoamericana, globalización y comercio sur-sur**. Santiago do Chile: Cepal, 1998.

DUARTE, Vinicius Vidor. **Notícias que vêm da arquibancada**: a popularização da torcida do Grêmio FPBA expressa nas páginas do Correio do Povo (1933-1946). TCC (Graduação) – Curso de História, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

DUNNING, Eric. The social roots of football hooliganism: a reply to the critics of the ‘Leicester School’. In: GIULIANOTTI, Richard; BONNEY, N.; HEPWORTH, M. (Ed.). **Football, violence and social identity**. London: Routledge, 2006. p. 128-157.

ELIAS, N. **A Sociedade dos Indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

ELIAS, N.; DUNNING, E. **A busca da excitação**. Lisboa: DIFEL, 1992

FEITOSA, Raymundo J.; ESCUDER, Diego (Coords) **Direito Internacional II**. V Encontro Internacional do Conpedi Montevideu – Uruguai, 2016.

FIGUEIREDO, A. G. de B. A união de nações sul-americanas: institucionalidade e desafios. **Brazilian Journal of Latin American Studies**, [S. l.], v. 13, n. 24, p. 137-152, 2014. DOI: 10.11606/issn.1676-6288.prolam.2014.88786. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/prolam/article/view/88786>. Acesso em: 17 jan. 2023.

FILHO, José Soares. Mercosul: surgimento, estrutura, direitos sociais, relação com a Unasul, perspectivas de sua evolução **Revista CEJ**, Brasília, Ano XIII, n. 46, p. 21-38, jul./set. 2009.

FILHO, Mário. **O negro no futebol brasileiro**, 4 ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

FONSECA, Claudia. **Família, fofoca e honra**: a etnografia de violência e relações de gênero em grupos populares. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2000.

FLAUZINA, Ana Luiza P. **Corpo negro caído no chão**: o sistema penal e o projeto genocida do Estado Brasileiro. 2006. 145 p. Dissertação (Mestrado em Direito) – Universidade de Brasília, Brasília, 2006, DF, 2006.

FLORINDO, M. T. O Estado brasileiro e a repressão política na Era Vargas: montagem institucional do aparato de controle da sociabilidade operária. **Revista de Estudos Brasileiros**, v. 2, p. 36-48, 2015.

FRANÇA, M. A. A visibilidade da condição de classe: classes perigosas em um contexto urbano violento. In: IV ENGPECT e X FÓRUM ESTADO, CAPITAL, TRABALHO, 2017, São Cristóvão. IV ENGPECT e X FÓRUM ESTADO, CAPITAL, TRABALHO – **Anais [...]**. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, 2017.

FRYDENBERG, Julio. **História social del fútbol**: del amateurismo a la profesionalización. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2017.

GARRIGA ZUCAL, J. **El aguante**: prácticas violentas e identidades de género masculino en un grupo de simpatizantes del fútbol argentino. Tesis (Licenciatura en Antropología Social) – Facultad de Filosofía y Letras, Universidad de Buenos Aires, buenos aires, 2001.

_____. Soy macho porque me la aguanto: etnografías de las prácticas violentas y la conformación de las identidades de género masculinas. In: ALABARCES, P. et al. (Comp.). **Hinchadas**. Buenos Aires: Prometeo, 2005. p. 39-57.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes**: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela inquisição. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

GOMES, E. B. Protocolo de Olivos: alterações no sistema de soluções de controvérsias do Mercosul e perspectivas. **Revista de Direito Constitucional e Internacional**, São Paulo, v. 42, p. 78-88, 2002.

GONÇALVES, K. **Os efeitos da integração comercial sobre os fluxos comerciais dos países membros da Aladi**. 2011. Dissertação (Mestrado em Economia) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ, 2011.

GRAMSCI, A. **Cadernos do cárcere**. Tradução de Nelson Coutinho com a colaboração de Luiz Sérgio Henriques e Marco Aurélio Nogueira. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2002.

GRIMSON, Alejandro. **La Nación en sus límites: contrabandistas y exilados en la frontera Argentina-Brasil**. Barcelona: Editorial Gedisa, 2003.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1968.

HARTMANN, L. **Narrativas orais: uma porta de entrada para a cultura da fronteira entre Argentina, Fluxos, representações e Percepções**. São Paulo, Hucitec, 2006, v., p. 167-190.

HARTMANN, L. Performances culturais: expressões de identidade nas festas da fronteira entre Brasil, Argentina e Uruguai. **Etnográfica**, Lisboa, v. 15, n. 2, p. 233-259, 2011. Disponível em: <https://journals.openedition.org/etnografica/918>. Acesso em: 10 de dez. de 2022.

HICKS, Dan; BEAUDRY, Mary C. (Eds.). **The Oxford Handbook of Material Culture Studies**. Oxford: Oxford University Press, 2010.

HISTÓRIA DA COPA AMÉRICA. 2019. Disponível em: <https://copaamerica.com/pt/historia/>. Acesso em: 09/11/2022.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. Torcidas, hinchadas e barras: a problemática torcedora em escala continental. In: HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de; AGUILAR RODRIGUES, Onésimo (Org.) **Torcidas organizadas na América Latina: estudos contemporâneos**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2017, p. 11-64.

_____. **O clube como vontade e representação: o jornalismo esportivo e a formação das torcidas organizadas de futebol do Rio de Janeiro (1967-1988)**. 2008. 771 f. Tese (Doutorado em História) – Departamento de História, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

_____. Torcidas organizadas no Brasil e na França: considerações preliminares para uma comparação. **Razón y Palabra**, v. n.69, p. 1-18, 2009.

_____. A festa competitiva: formação e crise das torcidas organizadas entre 1950 e 1980. In: HOLLANDA, Bernardo B. B.; SANTOS, João M. C. M.; TOLEDO, Luiz H.; e MELO, Victor A. **A Torcida Brasileira**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012, p. 85-122.

_____.; MEDEIROS, Jimmy. Escolas de samba e torcidas organizadas de futebol: análise de um caso de sincretismo no carnaval paulistano. **Mosaico**, v. 9, n. 14, 2019, p. 23-47.

_____.; CHAIM, Aníbal Martinot. Ordem e progresso nas arquibancadas: o jornalismo esportivo e a gênese das torcidas uniformizadas de futebol durante o regime político do Estado Novo (1937-1945). **Revista de História**, n. 179, 2020, p. 1-27. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rh/a/4xCDxSnHzw8WcWbnHFxBF3p/?lang=pt>. Acesso em: 01 abr. 2022.

HONEY, Michael. “Sharecroppers’ Troubadour”: can we use songs and oral poetry as Oral History? **The Oral History Review**, Oxfordshire, v. 41, n. 2, p. 217-228, 2014.

HORN, L. G. R.; MAZO, J. Z. Um estudo histórico sobre a torcida do ‘Grêmio Esportivo Renner’ de Porto Alegre/RS (1945-1959). **Pensar a Prática**, [S. l.], v. 12, n. 2, 2009.

HOOPER, M.; MOYLER, A.; NICOLL, R. **Over The Top TV (OTT TV) delivery platforms review**, 2010. Disponível em: <http://www.bci.eu.com/over-the-top-tv/ott-tv-white-paper/>. Acesso em: 29 de dez. de 2022.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. Medos urbanos e mídia: o imaginário sobre juventude e violência no Brasil atual. **Sociedade e Estado**, v. 26, p. 471-486, 2011.

KOWALSKI, Marizabel. **Por que Flamengo?** 2001. Tese (Doutorado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 392 f, 2001.

LAFER, Celso. Relações Brasil-Argentina: alcance e significado de uma parceria estratégica. **Contexto Internacional**, v. 19, n. 2, p. 249-265, jul./dez. 1997.

LE GOFF, Jacques. Prefácio. In: BLOCH, Marc. **Apologia da História ou O Ofício de Historiador**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor Ltda, 2002, p. 15-40.

_____. **História e Memória**. Tradução de Bernardo Leitão, Campinas: Ed. UNICAMP, 1990.

LONER, B. A. **Classe operária: Mobilização e organização em Pelotas: 1888-1937**. Porto Alegre: UFRGS (tese de doutorado-PPGS), 1999.

LOPES, F. T. P. **Violência no futebol: ideologia na construção de um problema social**. Curitiba: CRV, 2019.

LOPES, Felipe Tavares Paes. Narrativas sobre violência no futebol: (des)construindo a categoria torcedor violento. In: GIGLIO, Sérgio S.; PRONI, Marcelo W. (Org.). **O futebol nas Ciências Humanas no Brasil**. 1ed.Campinas: Editora Unicamp, 2020, v. 1, p. 687-701.

LORENZ, Federico G. **Las guerras por Malvinas: 1982 – 2012**. Buenos Aires: Edhasa, 2012.

LOZANO, John Alexander Castro. Corpo, hierarquia e formas de agir: estética, política e ética nas “barras bravas” em Bogotá. **FuLiA/UFMG**. Belo Horizonte, v. 7, n. 1, p. 28-51, 2022.

LUCA, Tânia Regina. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2005.

MACHADO, V. S. **As vozes e os silêncios sobre a Torcida Geral do Grêmio nas páginas de um jornal**. 2011. 218 f. Monografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

MAGALHÃES, Livia G. O apito inicial: a institucionalização do futebol no Brasil e na Argentina. In: Renata Torres Schittino e Janaina Martins Cordeiro. (Org.). **Caminhos da História Política** - os 20 anos do NEC/UFF. 1ed. Niterói: PPG História/UFF, 2016, v. 1, p. 15-36.

MALAIA, João Manuel. Diplomacia do pé: o Brasil e as competições esportivas sul-americanas de 1919 e 1922. **Tempo e argumento**, v. 03, p. 43-76, 2011.

_____. "Torcer, torcedores, torcedoras, torcida (bras.): 1910-1950". In: HOLLANDA, Bernardo B. B.; SANTOS, João M. C. M.; TOLEDO, Luiz H.; e MELO, Victor A. **A Torcida Brasileira**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012a, p. 51-84.

_____. O Rio de Janeiro e os Jogos de 1922: economia de um projeto esportivo. In: MALAIA, João Manuel; MELO, Victor Andrade de. (Org.). 1922: **Celebrações Esportivas do Centenário**. 1ed. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012b, p. 58-80.

_____. JOÃO MANUEL; GRANJA, A. L. **'Maloqueiro e Sofredor': memórias, identidades e oralidades de uma torcida de futebol**. CADERNOS DE PESQUISA DO CDHIS (ONLINE), v. 29, p. 1-25, 2016.

MASCARENHAS, Gilmar. **A bola nas redes e o enredo do lugar: uma geografia do futebol e de seu advento no Rio Grande do Sul**, Tese (Doutorado em Geografia), Programa de pós-graduação em Geografia Humana, Universidade de São Paulo, 2001, 269 p.

_____. **Entradas e Bandeiras: a conquista do Brasil pelo futebol**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2014.

MANINI, Miriam P. **Análise documentária de fotografias: um referencial de leitura de imagens fotográficas para fins documentários**. São Paulo, 2002. Tese (doutorado) – Escola de Comunicações e Artes, USP.

MARX, Karl. O Capital. Crítica da Economia Política. Livro I: O processo de produção do capital. Trad. Rubens Enderle. 2. ed. São Paulo, Boitempo, 2017.

MATTOS, Carla dos Santos. Da valentia à neurose: Criminalização das galeras funk, “paz” e (auto)regulação das condutas nas favelas. **Dilemas: Revista de estudos de conflito e controle social**, v. 5, n. 4, 2012, p. 635-680.

MAZZONI, Thomás. **História do futebol no Brasil 1895-1950**. São Paulo: Edições Leia, 1950.

MAUAD, Ana Maria; LOPES, Marcos Felipe de Brum. História e fotografia. In: CARDOSO, Ciro F. & VAIFANS, Ronaldo (orgs). **Novos domínios da História**. Rio de Janeiro, Elsevier; Campus, 2012, p. 263-281.

MELO, Victor de Andrade; SANTOS, J. M. C. M.; TOLEDO, L. H.; HOLLANDA, B. B. B. **A Torcida Brasileira**. 1. ed. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012. v. 1. 162p.

MEMÓRIAS do Chumbo – O Futebol nos Tempos do Condor [Documentário]. Direção de Lúcio de Castro. Produtora: ESPN Brasil, 2012 (200 min), son., color.

MENEGOTTO, Francine Morim. **Que rosa nada, elas usam é azul! Um estudo sobre a participação das mulheres na torcida jovem do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense**. 2011. 61 f., Monografia – Faculdade em Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

MEIHY, José Carlos; WITTER, Sebastião. **Futebol e cultura**: coletânea de estudos. São Paulo: Imprensa Oficial Arquivo do Estado, 1982.

MERCOSUL – MERCADO COMUM DO SUL. Mercosul/DEC nº 64/10. **Estatuto da Cidadania do Mercosul – Plano de Ação**. Foz do Iguaçu, 2010. Disponível em: http://www.sice.oas.org/trade/mrcsrs/decisions/DEC6410_p.pdf. Acesso em: 14 de jan. de 2023.

MILLER, D. Pobreza da moralidade. **Antropolítica**: Revista Contemporânea de Antropologia e Ciência Política, n. 17, p. 21-43, 2004.

MILLER, Kiri. *Playing along: digital games, YouTube, and virtual performance*. Oxford: Oxford University Press, 2012.

MILES, Jason G. **YouTube marketing power**: how to use video to find more prospects, launch your products, and reach a massive audience. Nova Iorque: McGraw-Hill, 2013.

MOREIRA, A. F. A aprendizagem no grupo doméstico. In ITURRA, R. (org.) *O Saber das Crianças*. **Cadernos ICE**. Setúbal, Instituto das Comunidades Educativas, 1996.

MOREIRA, M.V. **Honor y gloria en el fútbol argentino**: el caso de la Hinchada del Club Atlético Independiente (tesis de grado). Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires, Argentina, 2001.

MOREIRA, Verónica. Trofeos de guerra y hombres de honor. In: ALABARCES, Pablo. **Hinchadas**. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2006, p. 75-89.

MORRIS, Jeremy Wade. Hearing the past: the sonic web from MIDI to music streaming”. In: BRUGGER, Niels; MILLIGAN, Ian (Ed.). *The SAGE handbook of web history*. Londres: SAGE Publications, 2019. p. 491-504.

MUNANGA, K. **Rediscutindo a Mestiçagem no Brasil**: Identidade nacional Versus Identidade Negra. Petrópolis: Ed.Vozes, 1999.

MURAD, Maurício. **A violência no futebol: dos estudos clássicos aos dias de hoje.** São Paulo: Ed. FGV, 2007.

MURAD, Maurício. **Dos pés à cabeça: elementos básicos de sociologia do futebol.** Rio de Janeiro: Irradiação Cultural, 1996.

NUNES, Antonio J.; SALES, Magda C. Violência contra crianças no cenário brasileiro. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 21, n. 3, p. 871-880, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/hbQG5xjXFgD6qBLw4D95NNg/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 24 nov. 2022.

ODÁLIA, Nilo. **O que é a violência?** São Paulo: Brasiliense, 1991.

OS COLORADOS, já campeões deste ano, jogam hoje sua última partida do certame cidadão. **Diário de Notícias (RS)**, 1940. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=093726_02&pasta=ano%20194&pesq=%22departamento%20de%20cooperacao%20C3%A7%20C3%A3o%20e%20propaganda%22&pagfiss=3248. Acesso em: 20 jan. 2022.

O SOM DAS TORCIDAS: **#193 Copa da Inglaterra.** [Locução de]: Matias Pinto e Leandro Iamim. [S./l.]: Central 3 Produções, nov. 2021. *Podcast*. Disponível em < <https://www.central3.com.br/o-som-das-torcidas-193-copa-da-inglaterra/> > Acesso em: 22 fev. 2022.

_____: **SDT Na Bancada #04 Hooliganismo na Rússia.** [Locução de]: Matias Pinto e Leandro Iamin. [S./l.]: Central 3 Produções, jun. 2018. *Podcast*. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/2dfECBVSbKE17bGurC4Sci>. Acesso em: 10 mar. 2021.

OSÓRIO, Helen. O espaço platino: fronteira colonial no século XVIII. Práticas de integração nas fronteiras: temas para o Mercosul. Porto Alegre: Ed. da UFRGS/ Goethe Institut e AEBa, 1995.

PASINATO, Wânia. **Acesso à justiça e violência contra a mulher em Belo Horizonte.** São Paulo: Annablume/FAPESP, 2012.

PELEJA. **É por isso que até fogo já botaram durante o GreNal | #Rivalidades 01.** [s. n.], 2021. Youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VYLW1yHu51Q&t=767s>. Acesso em: 27 jan. 2023.

PERSON, Geoffrey. **Hooligan: a history of respectable fears.** Londres: Macmillan, 1983.

PICCELLI, Aline Maria. **Neoliberalismo, crime organizado e milícia nos morros cariocas nos anos 1990 e 2000.** 2013. 81 p. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, PR, 2013. Disponível em: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=96141. Acesso em: 20 set. 2022.

PIMENTA, C. A. M. **Torcidas Organizadas de Futebol. Violência e Auto-afirmação. Aspectos da construção das novas relações sociais.** Taubaté: Vogal, 1997.

_____. La pasión en las gradas: identidad, fiesta y violencia en el fútbol. In: ALABARCES, P. (Comp.). **Futbologías: fútbol, identidad y violencia en América Latina**. Buenos Aires: CLACSO-ASDI, 2003.p. 39-55.

_____. Hooligans: barbárie e futebol. In: **Faces do fanatismo**. São Paulo: Contexto, 2004.

PODCAST DE ARQUIBANCADA. Arqubancada EP13 – Junção Guarda e Popularm 2005, Ataques da Mancha do Avaí, São Januário Território hostil. [Locução de:] Luiz Mattos. [S.l.]: Produtora, maio de 2020. **Podcast**. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/7D8LhDxaMsbqCpmFcFq0Tu>. Acesso em: 27 jan. 2023.

POLLAK, Michael. **Memória e Identidade Social**. Traduzido por Monique Augras, ed. Dora Rocha. Rio de Janeiro: Estudos Históricos, vol. 5, n°. 10, 1992.

PRODANOV, C. C. O futebol no extremo sul do Brasil e sua chegada na região alemã de Novo Hamburgo. **Lecturas Educación Física y Deportes** (Buenos Aires), v. 122, p. 01, 2008.

PUHL, Paula Regina; ARAÚJO, Willian Fernandes. YouTube como espaço de construção da memória em rede: possibilidades e desafios. **05**, Porto Alegre, v. 19, n. 3, p. 705-722, set./dez. 2012.

QUADRAT, S. V. Operação Condor: o “Mercosul” do terror. **Estudos Ibero-Americanos**, v. 28, n. 1, p. 167-182, 2002. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/iberoamericana/article/view/23793>. Acesso em: 12 de jan. de 2023.

RAVENEL, Loïc. **A Geografia do Futebol na França**. Paris: Editora Universitária da França, 1998.

REDE, Marcelo. História a partir das Coisas: Tendências Recentes nos Estudos de Cultura Material. **Anais do Museu Paulista**, São Paulo, v. 4, p. 265-282, 1996.

REIS, Heloisa Helena Baldy dos. **Futebol e violência**. Campinas: Autores Associados, 2006.

REVOREDO, T. T. P. A tecnologia “streaming” (fornecida pela Netflix, Spotify e outros) no contexto do direito tributário brasileiro e do direito digital. **Âmbito Jurídico**, n. 158, 2017.

RIBEIRO, Gadiego C. **Sonoridades Fronteiriças Contemporâneas: Conexões, diálogos e reconhecimento identitário em gêneros musicais platinos**. 2020. 183f. Tese (Doutorado em História), Programa de Pós Graduação em História, Universidade de Passo Fundo. Passo Fundo, 2020. Disponível em: <http://tede.upf.br/jspui/bitstream/tede/2113/2/2020GadiegoCarraroRibeiro.pdf>. Acesso em: 05 de jan. de 2023.

RICHES, D. **El fenómeno de la violencia**. Madrid: Ediciones Pirámide, 1988.

RIGGIROZZI, Pía. Re-territorializando consensos: hacia un regionalismo post-hegemónico en América Latina. In: SERBIN, Andrés; MARTÍNEZ, Laneydi; RAMANZINI JR., Haroldo (coord.). **El Regionalismo “Post-Liberal” en América Latina y el Caribe: Nuevos Actores, Nuevos Temas, Nuevos Desafíos**. Buenos Aires: CRIES, 2012.

RIGO, Luis C.; KNUTH, Alan G.; JAHNECKA, Luciano; TAVARES, Ricardo P. Estatuto de Defesa do Torcedor: um diálogo com o futebol pelotense. **Movimento**, v.12, n.2, p.223- 239, 2006.

RIGO, L. C.; MACKEDANS, C. F. A emergência de ligas de futebol em Pelotas e Rio Grande nas primeiras décadas do século XX. In: Guazelli, C. A. B; FRAGA, G. W; STÉDILE, M. E; QUINSANI, R. H. (Org.). **À sombra das chuteiras meridionais Uma História Social do futebol (e outras coisas...)**. 1ed. Porto Alegre: Editora Fi, 2021, v. 1, p. 40-63.

RINKE, S. ¿La última pasión verdadera? Historia del futbol en América Latina en el contexto global. **Iberoamericana**, v. 7, n. 27, p. 58-100, 2007.

ROCHA, Gerônimo Albuquerque. O grande manancial do Cone Sul. **Estudos avançados**, v. 11, n. 30, 1997, p. 191-212. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ea/a/QWCXpKssqLRg6yY6yWqyHxg/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 12 fev. 2023.

RODRIGUES, Francisco. **Amizade, trago e alento. A Torcida Geral do Grêmio (2001 – 2011) da rebeldia à institucionalização**: mudanças na relação entre torcedores e clubes no campo esportivo brasileiro. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal Fluminense da Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2012.

SANFELICE, J. L. A UNE na Resistência ao Golpe de 1964 e à Ditadura Civil-Militar. **Simbio-Logias**, Botucatu, v. 8, p. 127, 2015.

SANTOS, Anderson David Gomes dos. **Os direitos de transmissão do Campeonato Brasileiro de futebol**. Curitiba: Appris, 2019.

SANTOS, Layza Queiroz; SOUZA, Alice de Marchi P. (Orgs). **Vidas em luta**: criminalização e violência contra defensoras e defensores de direitos humanos no Brasil. Comitê Brasileiro de Defensoras e Defensores dos Direitos Humanos, 2017.

SANTOS, João Manuel Casquinha Malaia. “Recordar é viver!”: cânticos de torcida, memória e fontes orais. **História Oral**, São Paulo, v. 24, n. 2, p. 89-104, 2021.

_____. Televisão pagas e as 24 horas do mundo esportivo. In HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque; SANTOS, João Manuel Casquinha Malaia dos; TOLEDO, Luiz Henrique de; MELO, Victor Andrade de. **Olho no Lance**: Ensaios sobre Esporte e Televisão. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2013, p.148-167.

SANTOS, J. C. M; OLIVEIRA, E. C. Sou gaúcho e sou peleador?: barras bravas no Rio Grande do Sul e a hegemonia nas arquibancadas gaúchas. In: Cesar Augusto Barcellos Guazzelli; Gérson Wasen Fraga; Miguel Enrique Stédile; Rafael Hansen Quinsani. (Org.). **À sombra das chuteiras meridionais**: uma História Social do futebol (e outras coisas...). 1ed. Porto Alegre: Editora Fi, 2021, v. 1, p. 315-338.

SANTOS, J. C. M; DRUMOND, Maurício. A construção de histórias no futebol no Brasil (1922 a 2000): reflexões. **Revista Tempo**, v. 19, n. 34, p. 19-31, 2013.

SARMENTO, Carlos Eduardo. **A regra do jogo**: uma história institucional da CBF. Rio de Janeiro: CPDOC, 2006.

SCHURSTER, Karl. A História do Tempo Presente, o método comparativo e o debate sobre os fascismos. **Aedos**: Revista do Corpo Discente do Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS (Online), v. 7, p. 423-440, 2015.

SETTANI GIGLIO, S.; SANTOS, J. M. C. M. “Revolução com espírito empresarial”: a criação do Clube dos 13 e a modernização do futebol na Folha de S. Paulo. **Argumentos** - Revista do Departamento de Ciências Sociais da Unimontes, [S. l.], v. 18, n. 2, p. 45–82, 2021. Disponível em: <https://www.periodicos.unimontes.br/index.php/argumentos/article/view/4474>. Acesso em: 17 jan. 2023.

SILBA, Malvina. La cumbia em Argentina. Origen social, públicos populares y difusión masiva. In: SEMÁN, Pablo; VILA, Pablo (comps.). **Cumbia: Nación, etnia y género en Latino-América**. Buenos Aires: Gorla, Facultad de Periodismo de La Universidad Nacional de La Plata, 2011. p. 245-297.

SILVA, A. S. **Cultura e Desenvolvimento**: estudos sobre a relação entre ser e agir (pp. 1-41). Oeiras: Celta editora, 2000.

SILVA, E. M. **As torcidas organizadas de futebol. Violência e espetáculo nos estádios**. Dissertação de Mestrado, São Paulo: PUC-SP, 1996.

SILVA, Cesar Marcelo Caramês. **“Imitando os negrinhos, hein?”**: o Departamento de Cooperação e Propaganda do Sport Club Internacional no contexto do Estado Novo (1940-1942). TCC (Graduação) – Curso de História, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021

SILVEIRA, Sérgio Amadeu da. Inclusão digital, software livre e globalização contra-hegemônica. In: _____. (Org.). **Software livre e inclusão digital**. São Paulo: Conrad, 2003.

SPORT CLUB INTERNACIONAL. **Carlos Augusto Moisés – Camisa 12**. Porto Alegre: [s.n.], 2020. Youtube. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=SnODLv4U524&t=30s>>. Acesso em: 25 jan. 2022.

SÔNEGO, M. J. F. A Fotografia como Fonte Histórica. **Historiae**: revista de história da Universidade Federal do Rio Grande, v. 1, p. 113-120, 2010.

SOUZA, Adriano Lopes. **Alianças entre torcidas organizadas**: análise a partir da união estabelecida entre a Torcida Organizada Galoucura, a Mancha Alviverde e a Força Jovem. 2018. 77f. Dissertação (Mestrado em Estudos do Lazer) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, 2018. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/EEFF-BB5N6Z/1/souza__adriano_lopes_alian_as_entre_torcidas_organizadas__an_lise_a_partir__da_uni_o_entre_a_tog__fjv_e_a_mav_2018.pdf. Acesso em: 15 jan. 2022.

SOUZA, E. A. P. As gerações de grupos organizados de torcedores no Brasil: o caminho até as alianças. **CSOONLINE** (UFJF), v. 31, p. 192-2018, 2020.

TAVARES PAES LOPES, F.; PRIOLI CORDEIRO, M. Futebol, visibilidade e poder: lógicas da violência nos espetáculos futebolísticos. **Revista Comunicação Midiática**, Bauru, SP, v. 10, n. 3, p. 119–134, 2015. Disponível em: <https://www2.faac.unesp.br/comunicacaomidiatica/index.php/CM/article/view/129>. Acesso em: 18 jan. 2023.

TEIXEIRA, Rosana da Câmara. **Os perigos da paixão**: visitando jorvens torcidas cariocas. São Paulo: Annablume, 2004.

TEMPASS, M C. **Os malditos da Coréia: um estudo antropológico sobre os torcedores da arquibancada popular do estádio Beira Rio-Porto Alegre-RS**. Monografia (Graduação em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2003.

TOLEDO, Luiz Henrique de. **Torcidas organizadas de futebol**. Campinas: Autores Associados; Campinas: Anpocs, 1996.

_____. A invenção do torcedor de futebol: disputas simbólicas pelo significado de torcer. In: COSTA, Márcia Regina da. **Futebol, espetáculo do século**. São Paulo: Musa Editorial, 1999.

TOLEDO, Luiz H.; MELO, Victor A. **A Torcida Brasileira**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012, p. 85-122.

THOMPSON FLORES, M. F. C. **Crimes de fronteira**: a criminalidade na fronteira meridional do Brasil (1845-1889). Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012.

VANSINA, Jan. **Oral tradition as history**. Madison: The Wiscosin University Press, 1985.

VARELA, Raquel; DELLA SANTA, Roberto. O maio de 68 na Europa - Estado e Revolução. **Revista direito e práxis**, v. 9, p. 969-991, 2018.

VAZ, A.C. **Cooperação, Integração e Processo Negociador**: A construção do Mercosul. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2002.

WISNIK, José Miguel. **Veneno remédio**: o futebol e o Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.